

ALI SHAW

*A Garota
dos
Pes de Vidro*

LeYa

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

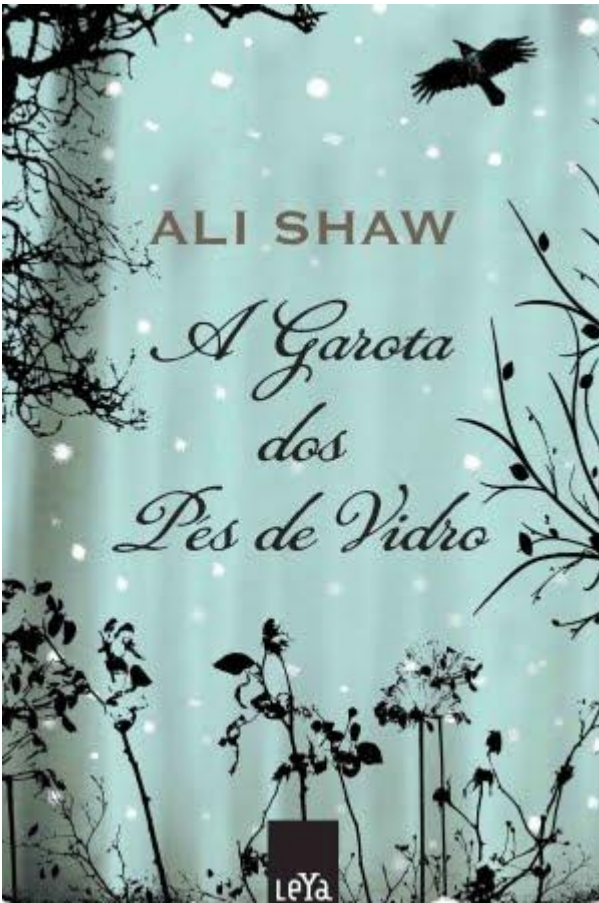
A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



eet





Esta obra foi digitalizada/traduzida pela Comunidade Traduções e Digitalizações para proporcionar,

de maneira totalmente gratuita, o benefício da leitura àqueles que não podem pagar, ou ler em

outras línguas. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca é totalmente

condenável em qualquer circunstância.

Você pode ter em seus arquivos pessoais, mas pedimos **por favor que não hospede o livro em**

nenhum outro lugar. Caso queira ter o livro sendo disponibilizado em arquivo público, pedimos

que entre em contato com a Equipe Responsável da Comunidade – tradu.digital@gmail.com

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará

incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Traduções e Digitalizações

Orkut - [http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?
cmm=65618057](http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057)

Blog – <http://tradudigital.blogspot.com/>

Fórum - <http://tradudigital.forumeiros.com/portal.htm>

Twitter - http://twitter.com/tradu_digital

Skoob - <http://www.skoob.com.br/usuario/mostrar/83127>



}}



{

A Garota

{ Dos

}

Pés de vidro

ALI SHAW



Você acreditaria que há uma criatura que transforma tudo o que olha em

branco puro? Que há corpos de vidro afundados na água do pântano? E vacas

do tamanho de insetos, com asas de borboleta? Então ainda não pode enfrentar

o que está acontecendo com você. Talvez ainda não tenha percebido, ou ache

que é apenas uma farpa no dedo do pé, mas a verdade é que você está, de fato, se

transformando em vidro, lentamente.

E embora, nesse ritmo, talvez pudesse seguir para sempre, tornando a

transformação derradeira tão vaga como a morte, nunca se sabe quando seu

corpo e sua razão se cansarão da batalha, e você terá de sucumbir

instantaneamente à mais fantástica das cristalizações. É hora de acreditar no

impossível. E, antes de mais nada, acreditar em si. Porque, se não é mais capaz

de surpreender-se e maravilhar-se com os mistérios dessa vida, talvez seu

coração já tenha endurecido.

}



{

Pântanos congelados com animais transformados em vidro,
florestas

brancas, penhascos monocromáticos, um oceano de baleias, lendas
e águas-vivas.

Cenários cinematográficos, paisagens paradisíacas — isso apresenta
uma nova

estranheza, uma imprevisibilidade, quando se encontra num grande
livro. Este é

o universo fantástico de Ali Shaw, um novo autor britânico que
renova as fábulas

e cria uma inusitada história de amor.

Midas é um tímido fotógrafo ilhéu. Ida é uma jovem aventureira
que vem ao

arquipélago de Saint Hauda's Land buscar a cura para sua
misteriosa doença. Ela

está se transformando em vidro. Juntos, os dois explorarão o mapa
dessa terra

invernal, onde o passado ecoa em cavernas inacessíveis e o futuro
pode partir-se

num lago congelado.



Ali Shaw nasceu em 1982 e cresceu na pequena cidade de Dorset, Inglaterra. Depois de se formar, trabalhou como vendedor de livros. A *Garota Dos Pés De Vidro* foi finalista do *Guardian first Book Award* e do *Crawford Award* e vencedor do prêmio *The Tesmond Elliot*.

Agradecimentos

Sou grato a toda a boa gente que me ajudou durante o percurso para

escrever *A garota dos pés de vidro*. Devo agradecer a vários amigos que

leram e releram rascunhos e deram sua opinião sincera, ou

simplesmente entenderam por que eu não saía para brincar em dias

de sol. Obrigado também a Jan e Malcolm Shaw por seu querido apoio, e a todos

em Lancaster por viver com a ideia em seu estágio mais inicial, e a Ed Jasper por

ficar com ela.

Estou especialmente em dívida com duas pessoas que entenderam o livro

instintivamente, e então trabalharam duro para vê-lo publicado: Sue Armstrong,

por permanecer dedicada à ideia, e Sarah Castleton, por seu perfeito equilíbrio de

entusiasmo e sábia edição.

Finalmente, amor infinito e obrigado a Iona, que escutou cada palavra

infinitas vezes. Escrever é como mergulhar — obrigado por estar lá quando eu

voltei à tona.



{1}

aquele inverno, houve relatos nos jornais de um *iceberg* do tamanho

de um galeão flutuando num ranger majestoso pelos penhascos de St.

N Hauda's Land, de um porco que fungava levando andarilhos perdidos

dos morros para o precipício abaixo de Lomdendol Tor, de um espantado

ornitologista contando cinco corvos albinos numa revoada de duzentos. Mas

Midas Crook não lia os jornais, apenas olhava as fotografias.

Naquele inverno, Midas via fotos por todos os cantos. Elas assombravam os

bosques e o espreitavam no final de ruas desertas. Era tamanha a quantidade que,

quando ele se arrumava para capturar uma, a segunda cruzava sua mira e,

seguindo-a, ele avistava uma terceira.

Um dia, na metade de dezembro, ele buscava fotos numa parte dos bosques

perto de Ettinsford. Era uma tarde em que escurecia com os raios finais de luz

passando entre as árvores, dançando pela terra como holofotes à busca de algo.

Ele deixou a trilha para seguir um desses raios. Gravetos estalavam sob seus

passos. Um pássaro guinchando saltitou para longe sobre as folhas. Os galhos

balançavam e estalavam uns contra os outros sobre sua cabeça, cortando através

dos raios. Ele manteve a busca, seguindo por uma trilha de sombras.

Seu pai certa vez lhe contou uma lenda: viajantes solitários em trilhas

tomadas pela vegetação percebiam um brilho de form

de uma árvore, clareando o amarelo rachado da casca. Seduzido, M{

as humanas como um

vulto entre as árvores ou nadando num lago parado. E algo, algum impulso

vindo do âmago, iria fazer os viajantes sair da trilha em busca daquilo, para o

labirinto das árvores ou as águas profundas. Quando o alcançavam, ele tomava

forma. Às vezes formava uma flor com pétalas fluorescentes. Às vezes formava

um pássaro de faíscas cujas penas do rabo soltavam brasas. Às vezes tomava a

forma de uma pessoa e eles achavam que viam, sob uma nuvem como um véu

sobre o rosto, os traços de um ente querido havia muito falecido. A luz sempre

ficava cada vez mais brilhante até que — num *flash* — os viajantes eram cegados.

O pai de Midas não precisou se deter muito no que acontecia com eles depois

disso, perdidos e sozinhos no frio do bosque.

Não fazia sentido, claro, como tudo o que seu pai dizia. Mas a luz era

mágica, tornando viva a terra insípida. Um feixe dela contra um tronco de

idas se aproximou e a

capturou com a câmera antes que voltasse ao solo. Uma rápida olhada em sua

tela prometia uma bela foto, mas ele estava ávido por mais. Outro feixe acendeu

arbustos em frente. Dava às amoras um vermelho incisivo, as folhas

venenosamente verdes. Ele fotografou, e se apressou para outro feixe que corria

através da vegetação rasteira. Seguia em seu próprio ritmo,
enquanto Midas

tropeçava em raízes e perfurava os tornozelos em ramos de
espinhos. Ele seguiu

até as margens do bosque e continuou em campo aberto, onde o
cerrado se

tornava uma descida para longe, em direção a um rio. Corvos
giravam no céu em

seus trapos oleosos. Uma água não visível borbulhava por perto,
formando uma

poça negra no fundo do declive. Sobre a poça, o raio de luz
repousava como

uma fita dourada. Midas desceu o barranco para pegá-lo, com os
pés derrapando

no solo úmido e o ar frio penetrando em seus pulmões enquanto
cambaleava

pela última distância, descendo à margem. Uma camada de gelo
rendado cobria a

água e impedia reflexos, então tudo o que ele podia ver da poça
era a escuridão.

O raio havia sumido. As nuvens se aglutinaram rápido demais. Ele
estava

ofegante, segurando a cabeça entre mãos e joelhos. Seu hálito
perdurava no ar.

"Tudo bem com você?"

Ele se virou e sentiu o pé deslizar na terra. Caiu à frente e cambaleou

novamente, com mãos sujas e manchas frias de lama em seus joelhos. Uma

garota estava sentada, tranquila, numa rocha lisa. Por algum motivo, ele não a

havia visto. Ela parecia ter saído de um filme dos anos cinquenta. A pele clara e o

cabelo loiro eram tão pálidos que pareciam monocromáticos. Seu longo casaco

estava amarrado na cintura por um cinto de tecido. Ela era provavelmente alguns

anos mais nova do que ele, com vinte e poucos e usava um chapéu branco

combinando com as luvas.

"Desculpe se te assustei", ela disse.

As íris dos olhos dela eram de um cinza-titânio, seu traço mais marcante.

Seus lábios não tinham nada de especial e suas bochechas eram normais. Mas

seus *olhos*... Ele percebeu que os estava encarando e rapidamente afastou o olhar.

Virou-se para a água à procura da luz. Do outro lado havia um campo

marcado por uma cerca com arame farpado. Um felpudo carneiro cinza estava lá,

com chifres como caracóis, olhando para o espaço. Depois disso, o bosque

começava novamente, sem sinal de uma casa de fazenda no campo do carneiro.

Não havia sinal algum da luz.

"Tem *certeza* de que está tudo bem? Perdeu alguma coisa?"

"Luz."

Ele se virou de volta para a garota, querendo saber se ela poderia ter visto.

Estava na rocha a seu lado, irradiando através de um buraco nas nuvens.

"*Psiu!*" Ele gastou meio segundo mirando, então tirou a foto.

"O que está fazendo?"

Midas examinou a imagem na tela da câmera. Uma boa foto, pode-se dizer.

Metade da pedra da menina estava manchada de uma sombra ramificada de

árvore, a outra metade tornada uma porção de âmbar brilhante. Mas espere...

Examinando melhor, ele havia estragado a composição, cortado a ponta das suas

botas. Ele se aproximou da tela. Não fora à toa que cometera o erro; os pés da

menina estavam juntinhos num par de botas vários números maior do que devia

ser o dela. As botas estavam cobertas de laços e fivelas, como uma camisa de

força. E havia uma bengala em seu colo.

"Ainda estou aqui, sabe?"

Ele levantou o olhar, assustado.

"E perguntei o que está fazendo."

"O quê?"

"Você é fotógrafo?"

"Sim."

"Profissional?"

"Não."

"Amador?"

Ele franziu a testa.

"Você é um fotógrafo desempregado?"

Ele abanou as mãos num gesto vago. Essa pergunta complicada o

preocupava com frequência. O que as outras pessoas não conseguiam perceber é

que a fotografia não era um trabalho, um hobby ou uma obsessão; era

simplesmente tão fundamental para sua interpretação do mundo como o efeito

da luz mergulhando em sua retina.

"Eu lido com fotografia", ele murmurou.

Ela levantou uma sobrancelha. "E falta de educação fotografar as pessoas

sem o consentimento delas. Não é todo mundo que gosta."

O carneiro roncou em seu campo.

Ela prosseguiu: "Mas, enfim, posso ver? A foto que você tirou de mim."

Midas timidamente estendeu a câmera, inclinando-a levemente em direção a

ela.

"Na verdade", ele explicou, "hum, não é uma foto sua. Se fosse, eu teria

enquadrado diferente. Eu não teria cortado a ponta de suas... botas. E teria

pedido sua permissão."

"Então é uma foto do quê?"

Ele deu de ombros: "Pode-se dizer que é da luz".

"Posso olhar mais de perto?"

Antes de ele ter a chance de pensar numa maneira de dizer não, não

realmente, na verdade não — ele não ficava confortável com outras pessoas

vendo seu trabalho -, ela se esticou e pegou a câmera. A alça ainda presa no

pescoço o forçou a se aproximar insuportavelmente dela. Ele recuou esperando,

se inclinando para trás para manter-se o máximo que pudesse longe dela. Os

olhos de Midas se voltaram para as botas da garota. Essas não eram apenas

grandes. Eram enormes para uma pessoa tão magra. Chegavam quase aos

joelhos.

"Deus, eu estou péssima. Tão sombria!" Ela suspirou e soltou a câmera.

Midas se endireitou e deu um passo aliviado para trás, ainda olhando para as

botas dela.

"Eram do meu pai. Ele era policial. São feitas para andar na lama."

"Oh, ah..."

"Aqui", ela abriu a bolsa e tirou a carteira, que tinha um pedaço de foto

amassada mostrando-a de bermuda *jeans*, camiseta amarela e óculos escuros.

Estava numa praia que Midas reconhecia.

"É Shalhem Bay", ele disse, "perto de Gurmtón."

"Verão passado. A última vez que vim para St. Hauda's Land."

Ela passou a foto para ele olhar mais de perto. Nela, a pele estava bronzeada

e o cabelo era de um loiro queimado. Ela calçava chinelos com pés pequenos,

desconcertantes.

Um rosnado atrás dele fez Midas saltar. O carneiro soltou um círculo de

vapor em sua cabeça de chifre.

"Você se assusta fácil. Tem certeza de que está tudo bem com você? Qual é

seu nome?"

"Midas."

"Que incomum!"

Ele deu de ombros.

"Não tão incomum se é seu próprio nome, creio eu. O meu é Ida."

"Olá, Ida."

Ela sorriu, mostrando os dentes levemente amarelados. Ele não sabia por

que isso o surpreendia. Talvez porque o rosto dela era cinza.

"Ida", ele disse.

"Sim." Ela apontou para a superfície escura da rocha. "Não quer se sentar?"

Ele se sentou a alguns centímetros dela.

"Sou só eu que acho", ela perguntou, "ou está um inverno horrível?"

As nuvens agora estavam pesadas e fechadas como concreto. O carneiro

esfregou uma das patas na cerca, rasgando a lã acinzentada no arame farpado.

"Não sei", disse Midas.

"Tem havido poucos desses dias frescos, quando o céu é de um azul

brilhante. Gosto de dias ao ar livre. E as folhas mortas não são cúpricas, são

cinza."

Ele examinou o monte de folhas a seus pés. Ela estava certa.

"Agradável",

ele disse.

Ela riu. Tinha uma risada úmida, da qual ele não tinha certeza se gostava ou

não.

"Mas você", ele disse, "está vestida de cinza." E ela estava bem. Ele gostaria

de fotografá-la entre pinheiros monocromáticos. Ela usaria um vestido preto e

maquiagem branca. Ele usaria filme colorido e capturaria o tom tênue em suas

bochechas.

"Eu costumava usar cores vibrantes", ela disse, "açafão e escarlate. Jesus, eu

costumava ser bronzeadada."

Ele fechou o rosto.

"Bem, *você* deve sempre aproveitar o inverno preto e branco. Você é

fotógrafo." Ela se adiantou e o empurrou de uma forma jocosa que o espantou e

o teria feito recuar se não tivesse sido pego de surpresa. "Como o homem lobo."

"Hum?"

"Vendo em preto e branco, como um cão. Quanto a mim, eu gosto de

invernos coloridos, queria mesmo que eles voltassem. Nunca foram tão soturnos

assim."

Ela mantinha os pés parados enquanto sentada, não os mexia nem batia no

solo, como ele tinha o hábito de fazer.

"Então, o que você faz? Já que não é fotógrafo profissional."

Ele se lembrou repentinamente de seu pai avisando para não conversar com

estranhos. Limpou a garganta. "Trabalho para um amigo. Numa floricultura.

Chama-se Catherine's."

"Parece divertido."

"Eu me corto sempre. Com o papel dos buquês."

"Uma floricultura deve ser um pesadelo para um fotógrafo de preto e

branco."

O carneiro remexeu com o casco a terra lamacenta.

Midas engoliu em seco. Essas haviam sido mais palavras do que ele havia

falado em algumas semanas. Sua língua estava ficando seca. "E você?"

"Eu? Creio que se pode dizer que não sou empregável."

"Hum... está doente?"

Ela deu de ombros. Um pingo de chuva acertou a rocha. Ela afundou o

chapéu na cabeça. Outra gota caiu sobre o couro de sua bota, formando uma

mancha sobre os dedos.

Ela suspirou. "Não sei."

Mais chuva caiu, gelada, sobre suas bochechas e a testa.

Ida olhou para o céu. "Melhor eu voltar." Pegou a bengala e cuidadosamente ficou de pé.

Midas olhou para o alto do barranco do qual descera. "Para... onde?"

Ela apontou com a bengala. Descendo a margem sinuosa do rio. "Uma

pequena cabana que pertence a um amigo."

"Ah. Creio que devo ir embora também."

"Prazer em conhecê-lo."

"O mesmo. Fique... Fique boa logo."

Ela acenou levemente, então se virou e seguiu pela margem. Andava num

passo de caramujo, apoiando-se cuidadosamente com a bengala a cada passo,

como se estivesse redescobrando o jeito de andar depois de um sono enfeitado.

Midas sentiu uma pontada dentro de si quando ela partiu. Queria tirar uma foto,

desta vez *fotografá-la*, não fotografar a luz. Ele hesitou, então a fotografou, sua

forma móvel recortada pela água e pelo campo cinza do carneiro.



{2}

la havia desenvolvido um jeito particular de andar para se acomodar à

sua condição. Passo, pausa, passo, em vez de passo, passo, passo. Você

E precisa daquele momento de pausa para se assegurar de que colocou o

pé certo. Como os passos de abertura de uma dança. Suas botas eram grossas e

acolchoadas, mas uma queda acidental ou tropeço descuidado podia provocar

um dano irreparável que acabaria com ela de vez, acreditava. Seria o fim.

E como era andar em ossos e músculos, em calcanhares e solas? Ela não

conseguia se lembrar. Agora, andar parecia uma levitação, sempre a uma

polegada do solo.

O rio permanecia em silêncio, balbuciando numa pequena cascata ali,

raspando numa pedra coberta de algas que parecia uma cabeça com cabelos

verdes. Ida continuava arrastando os pés, ocasionais gotas de chuva dissolvendo-

se em seu casaco e molhando a lã de seu chapéu. Era outro problema desse

maldito jeito idiota de caminhar, ela pensou. Não conseguia se mover rápido o

suficiente para se manter aquecida. Puxou o cachecol sobre o queixo e o nariz

gelado.

O bosque cerrado de arbustos mergulhava seus ramos no rio. Uma

mariposa pousou num cacho de amoras. Ela parou de andar enquanto a

mariposa abanava as asas. Eram de um marrom aveludado salpicado de verde

vivo.

"Oi", ela disse para a mariposa.

A mariposa voou para longe.

Ela continuou caminhando.

Ida queria a mariposa de volta. Às vezes, quando fech
viagem para o arquipélago no verão. Quando o abriu

{ava os olhos, ela via

mais cores do que num dia inteiro com os olhos abertos em St.
Hauda's Land.

Ela sempre gostou de estar em lugares onde cinturas entrelaçadas,
ombros e

costas dançavam ao encontro das suas, um cintilar de cores em
vestidos e saias.

Ela afastava o sono usando o simples prazer das companhias, fosse
aconchegada

numa cabana no frio usando uma malha grossa, fosse contando
histórias e

jogando cartas no apartamento de amigos até a manhã chegar. Não
havia nada

disso naquelas ilhas.

Ela tinha consigo o guia barato de St. Hauda's Land que comprara
em sua

naquele inverno, pela

primeira vez desde a viagem, grãos de areia branca caíram de
dentro.

Gostou mais disso por pensar no lugar no verão. Havia lido, com
pena dos

ilhéus, sobre o avanço de barcos de pesca industrial que vinham, do continente,

com redes para invadir as águas do arquipélago, coletando tanques inteiros de

baleias e transformando-as em agonizantes manchas vermelhas em seus

matadouros a bordo. Havia lido sobre baleeiros locais que navegavam cada vez

mais longe no mar nos pequenos barcos em que seus pais e avós haviam

pescado. Alguns não voltaram, porque as tempestades sopraram ou porque

embarcações velhas, de gerações passadas, falharam. Havia lido sobre como,

quando eles voltavam com pequenas pescas, o mercado já estava saturado de

carne do continente. As famílias baleeiras começaram a se mudar, levando seus

jovens com elas. O guia de Ida destacava isso, mas soava como um delírio. Os

turistas nunca iriam ficar atraídos, como o autor esperava, pela arquitetura

desmazelada do litoral de Glamsgallow. Nem pelos muros de pedra da igreja de

Ettinsford. Nem pela casa da união pesqueira em Gurmtton, cujo teto com o

retrato de homens e criaturas do mar, pintados com talento medíocre em cores

opacas do oceano, era comparado de maneira bem otimista à Capela Sistina.

Era errado contar com o litoral, apesar de ser impressionante às vezes.

Outras ilhas tinham paisagens ainda mais impressionantes que St. Hauda's Land,

mostrando o mar traiçoeiro mais do que qualquer outra coisa. Ida se perguntava

quando o mapa fora desenhado, porque praias inteiras mostradas lá já estavam

enterradas sob o peso da água. Uma imponente torre natural de pedras chamada

Grem Forst (conhecida localmente como o Farol do Gigante) foi descrita numa

prosa floreada como a grande atração. O mar ceifador andou trabalhando,

ceifando a rocha com sua foice de ondas. Sem testemunhas, uma noite a torre

despencou. Quebrou-se numa fileira de pedras, formando rostos tristes que

saíam da maré.

Em terra, o arquipélago tinha apenas pântanos malcheirosos e bosques sem

encantos para atrair os veranistas. Ida duvidava de que as ilhas pudessem

sobreviver dependendo desse tipo de turismo. No máximo, o guia poderia alertar

sobre algo que fosse bom evitar.

Solidão. Não se pode comprar companhia em St. Hauda's Land.

Ele era estranho, o rapaz com a câmera. Um físico diferente: pele pálida

rente ao esqueleto, segurando-se de forma tímida; não era feio, mas certamente

não era bonito, com um cuidado excessivo para não arrumar problemas, não

atrair atenção.

Fazia sentido. Ela sabia que fotógrafos querem que você se comporte

naturalmente, como se as câmeras não estivessem lá.

Gostou dele.

Hesitou, dando o passo seguinte pela margem do rio. Havia coisas mais

urgentes que um homem de uma ilha esquecida.

Henry Fuwa. O tipo de homem de quem ou se tem pena ou se tira sarro. O

tipo de pessoa que pode ser vista num ônibus sentada ao lado do único banco

vazio, enquanto os demais passageiros preferem ficar de pé. O homem pelo qual

ela havia voltado todo esse caminho — desbravado o ondeante suspiro da balsa

e a ausência de cor — para encontrar. De todos que havia conhecido desde que

aquilo começou a acontecer com ela, só Henry havia oferecido uma pista sobre a

estranha transformação sob suas botas e várias camadas de meias. Ela nem sabia

que era uma pista quando ele deu a dica, porque, naquela viagem de verão, Ida

ainda era capaz de mexer os dedinhos do pé e pegar a areia entre eles.

O vento balançava os galhos do abeto acima dela. A lembrança da pista que

ele havia dado era como uma gota na calada da noite. No momento em que

isolava a gota, você a percebia, então isso fazia você escutá-la novamente.

Ele disse isso no Barnacle, aquele pubzinho horrível em Gurmton, seis

meses atrás, quando a terra era amarela e o mar turquesa.

"Você acreditaria", ele disse (e na época ela disse que não), "que há corpos

de vidro aqui, escondidos na água do pântano?"

A noite umedecia o bosque. As sombras se estendiam pela trilha e
Ida mal

podia ver onde o caminho terminava e a vegetação começava. A
meia-lua parecia

dissolver-se nas nuvens. Um pássaro gritou. Folhas farfalhavam
entre troncos em

forma de minhocas. Algo balançava os galhos.

Ela foi em frente, mancando, no escuro, ansiosa para entrar e
reviver suas

cores na segurança da cabana. Amanhã procuraria novamente
Henry Fuwa. Mas

como você encontra um recluso no mundo selvagem dos reclusos?



{3}

epois de encontrar Ida, Midas voltou sem pressa para seu carro,

inspecionando as imagens no cartão de memória da câmera
enquanto

D andava. As fotos dos raios de luz haviam ficado maravilhosas,
mas ele

perdeu todo o interesse por elas. As duas fotos de Ida estavam horríveis. Na

primeira, da rocha, ela estava muito escura. Na segunda, em que andava

cuidadosamente pelo caminho, parecia plana e suas botas, desajeitadas. Quando

ele voltou para casa em Ettinsford, deletou as fotos da moça.

Ettinsford era um dos poucos assentamentos em St. Hauda's Land cuja

população estava aumentando em vez de unir-se à deserção. As famílias em St.

Hauda's Land sempre foram formadas por baleeiros desde quando (se dizia que)

um cansado sã Hauda enfiou seu cajado em Longhem e recebeu de prêmio um

rechonchudo cadáver de filhote de baleia, cuja carne tostada na fogueira manteve

sua missão longe da fome. A proibição da caça de baleias, uma década atrás,

acabou com tudo isso, e, com a perda das famílias baleeiras, as cidades costeiras

foram ficando vazias.

Construídas sobre morros, afundando em bosques de ambos os lados, as

estradas de Ettinsford caíam para um largo corpo de água, cujas margens foram

designadas como área de parque graças a enchentes constantes, mais do que à

necessidade de espaços verdes. Todas as tentativas de construir algo lá haviam

falhado. O solo, infestado de raízes, se abria sob casas e tijol

foto perfeita de Ida.

As paredes da cozinha eram um muro de fotos em preto {

os; a argamassa cedia

e rolava até a água.

A cidade tinha um mercado, uma peixaria e um punhado de lojas de

especialidades com horas de abertura aleatórias, já que o comércio em Ettinsford

acontecia apenas em dias de feira. Havia duas igrejas: uma, um barracão pintado

de branco adorado pela mãe de Midas antes de se mudar para Martyr's Pitfall, na

ilha Lomdendol, e a outra, uma velha capela de pedra, a Igreja de Saint Hauda.

Midas abriu o portão de seu quintal da frente e andou até a porta de sua

estreita casa de ardósia. O inverno havia sacrificado a maior parte das plantas,

mas ele chutou uma urtiga do caminho enquanto procurava suas chaves. Foi

direto à cozinha, ligou a chaleira e se jogou numa das cadeiras de madeira.

Círculos de café marcavam a mesa branca. Do lado de baixo penduravam-se

punhados de tachinhas grudentas, como goma de mascar sob carteira escolar,

convenientes para quando ele precisava prender uma foto. Queria ter tirado a

e branco. Cenários,

estranhos, entes queridos. Uma foto de um homem tentando andar de bicicleta

sem pneus. Uma gata malhada dando de mamar a um filhote de *pit bull*. Um

barco queimando. Um *streaker* numa tourada. Uma única foto dele mesmo, com

o cabelo arrepiado como uma coroa no vento, enquanto ajudava a mãe a subir

um morro nevado. Havia outra foto de sua mãe, pendurada ao lado da única foto

de seu pai. Uma vez ele usou o computador para colocá-los juntos e fazer

parecer que estavam felizes. Não deu para parecer real.

A cafeteira apitou e se desligou. Ele se levantou, foi à cafeteira e lavou sua

caneca branca rachada. Então foi à geladeira tirar o café do compartimento do

freezer.

Denver tinha colado um de seus desenhos de baleia na porta da geladeira.

Midas fechou os olhos e respirou profundamente. Pediu-lhe que parasse de colar

coisas lá. Ela insistia. E difícil se enfurecer, pois ela só tem sete anos e se dedicou

a desenhar para ele uma bela baleia. Mas, às vezes, Midas suspeitava que a vida

era um filme com mensagens subliminares. Coisas se moviam com um grau

razoável de previsibilidade, então eram pontuadas por alguma lembrança terrível

da infância. Ele estava na cozinha. Pegou a cafeteira. Ia abrir o *freezer* para pegar

café. Então, de repente, encontrou a carta de suicídio de seu pai na porta de

outra geladeira. Isso fazia uns dez ou doze anos.

Cuidadosamente, retirou o desenho de Denver. Ela tinha vindo visitá-lo e

entrou na casa. Esperava que ela tivesse tido um bom dia na escola. Assim como

esperava que as outras meninas não tivessem sido cruéis com ela naquele dia.

Ele pegou o café e jogou algumas colheres na cafeteira, acrescentando água.

Algo em Ida o havia desarmado. Não apenas suas botas, seu cabelo, seu

rosto. Era uma coisa estranha... A forma como a Ida real era de alguma forma

mais atraente do que a Ida fotografada.

Um filme antigo poderia resolver esse problema.

Se ele tivesse uma segunda chance de fotografá-la, com filme de verdade,

conseguiria uma boa foto. Ele sabia que sim. A câmera digital estava

enfraquecendo seus instintos. Se pudesse capturar Ida em algum lugar mais claro:

lâmpadas montadas, refletores em guarda-chuva, tudo mais.

Colocou o filtro na cafeteira. O café dançava lá dentro.

Mas ela seria companhia, e ele estava se afastando de qualquer companhia.

Era sua resolução recorrente de ano-novo, e seria uma vergonha quebrá-la agora

que dezembro estava diante dele. Além do mais, não tinha cordas suficientes no

coração para dar para alguém puxar. Desde que havia terminado com Natasha (e

isso já fazia muito tempo), ele andava casto, sozinho. A tarde, às vezes, ficava

com Denver e o pai dela, Gustav. Todas aquelas noites tinha apenas uma câmera

como companhia.

Estava na mesa que tinha suas porcarias de fotos dentro. Removeu a lente

para limpar o vidro embaixo. A lente brilhou.

Ele *gostava* de ficar sozinho.



{4}

eis meses atrás, Ida tinha visto Henry Fuwa dando longos passos por

uma estrada de pedras. Ela não o conhecia, não conhecia ninguém em St.

S Hauda's Land. Era apenas uma turista aproveitando o sol de verão. Tudo

o que sabia ao certo era que houve uma colisão. Henry Fuwa estava tão focado

em sua caixa de joias que não levantou a cabeça para ver os carros. Um ciclista,

ofegando morro abaixo em direção à praia, gritou enquanto seus freios

guinchavam e suas rodas tremiam sobre as pedras. Ele foi jogado ao ar pelo

impacto, com a bicicleta empinando e guinchando na estrada com a roda da

frente girando. Henry caiu para trás com o ar expelido de seus pulmões. Sua

caixa de joias voou, girando e abrindo-se. Ele tentou pegá-la, ela foi ao chão; a

tampa soltou-se das dobradiças e o conteúdo deslizou pela sarjeta.

Ida aproximou-se para ver se os dois homens estavam bem. Henry enfiou

seu grande par de lentes de volta no rosto e rastejou até a caixa esmagada, mas,

antes que pudesse reunir o conteúdo espalhado, o ciclista, que grunhia de pé,

agarrou-o pelo colarinho e rosnou: "Que porra você acha que está fazendo?".

Ida, tentando ser útil, abaixou-se para pegar o conteúdo da caixa: um

pequeno ninho de palha, um quadrado de seda e um tipo de inseto seco, que ela

apanhou com dois dedos.

Tinha asas de borboleta, como flocos de cera moldada. So

Lágrimas molhavam as lentes de seus óculos como gotas de ch {

b as asas, tinha

um corpo peludo com pequenos chifres. Sua pele parecia bem seca sob os raios

quentes do verão. Tinha uma cabeça de touro, não maior do que seu polegar,

com um focinho rosa desenhado como uma careta. Um borrão branco entre as

narinas. O detalhe impossível de uma cicatriz no lábio inferior.

Havia calor e uma batida em seu coração, como em um pintinho recém-

nascido.

Ida imaginou que aquele ser estranho batera a cabeça e agora voltava a si.

Ela não podia mais sentir as batidas do coração. Imaginou também o calor do

hálito daquilo em seus dedos e o rolar dos seus olhos nas órbitas. Deve ser um

brinquedo, algum tipo de ornamento, ela pensou.

Levantou o olhar com espanto quando ouviu um grito de dor. Henry Fuwa

havia empurrado o ciclista raivoso e avançava sobre ela. Ele arrancou o pequeno

ornamento das mãos da garota e o protegeu nas suas, balançando a cabeça com

cabelos desgrenhados. Suas pernas cederam e ele caiu de joelhos nas pedras.

uva numa janela.

O ciclista saiu correndo em sua bicicleta. Henry Fuwa apanhou a caixa quebrada

e colocou o ornamento dentro. Puxou a barba, gemeu, bateu com os punhos na

estrada. Seus ombros balançavam tão duramente que as vértebras ficaram visíveis

em seu pescoço trêmulo. Uma pedestre passou longe e seguiu apressada seu

caminho, mas Ida, não sabendo o que fazer, se abaixou e pousou a mão no

ombro dele.

A estrada ficou vazia, os únicos sons vinham do mar distante, dos passinhos

das gaivotas nos beirais das casas e do choro de Henry Fuwa. Ele era um homem

alto, mesmo ajoelhado na estrada. Com quase cinquenta anos, ela imaginava, e

um cheiro peculiar, não ruim, algo como solo molhado.

Ida olhou adiante na estrada a placa de um *pub* pendurada sobre uma porta.

O Barnacle, com a pintura de um naufrágio como letreiro. Ela apertou o ombro

do homem.

"Venha", ela disse suavemente, "venha. Por que não fica de pé? Por que não

entra? Eu te pago uma bebida."

"Está morto", ele disse.

Ela deslizou o braço sob o dele e o ajudou a se levantar, então o guiou,

como se faz com uma criança, até o *pub*.

Quando marcara suas férias de verão naquelas ilhas, naquele pequeno

arquipélago trinta milhas ao noroeste do continente, Ida havia reservado dois

assentos na balsa, um para ela e outro para seu namorado. Então o namorado a

tinha largado. Uma semana antes da viagem, tudo reservado em seu nome e com

a previsão de um lindo sol de verão, ela resolvera viajar assim mesmo. Gostava

de esticar as pernas na cama do hotel, dobrando os dedos nos dois cantos

inferiores do colchão. Não que estivesse tentando viver momentos muito

íntimos com a lembrança de seu ex. O garoto era cria de uma mãe pastora e um

pai policial. A primeira conversa deles caiu nisso: como fazer quando seus pais

reprimem não apenas a lei doméstica, mas a lei do Estado e da alma. O próprio

pai dela havia sido pastor e também policial, então ela se solidarizava. Sua mãe,

graças a Deus, fora um tipo de contrabandista, que ajudou a assegurar que Ida

escapasse das inibições com que seu ex lutava. Bastava insinuar a palavra sexo

para o pescoço se retrair como uma tartaruga no casco, seus dentes rangerem,

seus olhos se esbugalharem.

Ela sentia culpa por não ter saudade dele tanto quanto tinha saudade de

companhia em geral. Na maior parte dos lugares a que viajava, Ida logo conhecia

gente parecida com ela, com quem podia conversar por longas horas, e socializar

se tornou uma vocação. Em St. Hauda's Land só encontrou gente cuidadosa,

sigilosa, educada, mas fechada aos estranhos. Durante a noite, as pequenas

idades e vilas ficavam desertas e o silêncio era mortífero, mas isso era bem ao

norte do mundo e o sol não se punha até altas horas, e mesmo assim uma luz

permanecia. Um dia de verão aqui era um longo tempo para se passar sozinho.

Ida levou Henry Fuwa a uma mesa num canto do Barnacle, onde traços

secos de cerveja amarga manchavam os descansos. Ela o fez sentar-se num

banquinho e perguntou-lhe o que gostaria de beber. Ele deu de ombros.

"Deixa disso", ela disse, "é por minha conta."

"Ah..." Ele enxugou os olhos com os pulsos. "Um gim, por favor. Só uma

dose de gim com gelo."

"Qual é seu nome?"

"Henry Fuwa."

"Prazer em conhecê-lo, Henry Fuwa. Sou Ida Maclaird."

Ele secou os óculos numa malha vagabunda. "Obrigado pela gentileza, Ida."

A proprietária do Barnacle apoiava um braço flácido no balcão e o outro

gesticulava com vogais indistintas enquanto ela se detinha com dois clientes

costumeiros. Os clientes sentavam-se em banquinhos no bar, usando bermudas e

pares idênticos de meias vermelhas com âncoras brancas. Fotos da história do

time de futebol de St. Hauda's Land estavam penduradas em ordem cronológica

nas paredes. Um grupo de cavalheiros bigodudos, usando chapéus de feltro, ia

diminuindo de idade até se misturarem com garotos de cabelos arrepiados e

dentes faltando vestidos com o uniforme azul-gelo do clube.

A *jukebox* tocava solos de guitarra dos anos setenta e Ida pensou como

algumas músicas soavam ultrapassadas, como moscas presas numa jarra do pub.

O ar-condicionado quebrado rosnava atrás do bar e não surtia efeito sobre o

verão úmido. Ela olhou de volta para a mesa, na qual Henry Fuwa estava

sentado, sem se mover, segurando a cabeça com as mãos.

Ida se perguntou o que seu ex pensaria disso, de oferecer drinques a

esquisitões na rua. As vezes desejava possuir o tipo de mau gosto que levava

meninas a preferir idiotas que só querem uma coisa. Você conhece esse tipo de

cara, filho de um brutamontes de pescoço de touro, que não se recusaria a usar a

mesma camisa de futebol todos os dias da semana. Que tem como descanso de

tela uma modelo gostosona que o faz enfiar a mão dentro da calça toda vez que

ela aparece.

Não que esse fosse um encontro romântico. Esse cara tinha quase a idade

de seu pai. Ela deu um longo gole na cerveja enquanto esperava o gim de Henry

ser servido.

Ela não era esse tipo de garota. Em vez disso (algumas vezes parecia

incontrolável), ia atrás de tipos que estavam presos dolorosamente a quem eles

eram e à maneira como se encaixavam no mundo. A primeira vez em que levou

seu ex a um restaurante foi porque isso fora tudo o que ela pôde fazer para

arrancá-lo do mundo de pensamentos em que ele vivia mergulhado, apenas para

ele acabar dizendo bobagens sobre como ela era uma princesinha, uma deusa, até

de uma porra de uma sereia ele a chamou uma vez.

E agora ele a havia deixado. Era introvertido demais para ela, ele disse,

engolindo seco entre as palavras. Doce idiota. *Uma garota como você não deveria sair*

com um cara como eu. Estou preocupado em ser um atraso pra você.

Ela levou as bebidas para a mesa. Henry Fuwa parecia um pouco mais

composto. Ele esfregou a manga no nariz.

"Então", ela começou, " *você é daqui?*"

"Alguns quilômetros. Mas vivo em St. Hauda's Land, sim."

"Você que fez esse ornamento? E por isso que está triste? Teve muito

trabalho nisso, aposto."

"Não. E uma velha caixa de joias que pertenceu à minha mãe."

"Quero dizer... a figura dentro. Você é quem fez isso?"

Seus lábios começaram a tremer novamente.

"É um tipo de caixinha de música, certo? Que pena. Achei bonita. Como

you predeu as asas no corpinho do touro?"

Ele a estudou por um momento, então deu de ombros, desanimado. "Eu o

alimentei."

"Como?"

"Mas uma coisa triste aconteceu. Eles gostam de voar para a água — para a

praia perto de onde eu os mantinha. Se escapam, sei para onde vão. E o sal, ou

algo do mar. Pesam muito pouco, sabe? Pouco o bastante para ficar na superfície

como essa mosquinha na cerveja."

A visão do inseto, as seis patas circulando ao redor de sua bebida, a distraiu

por um momento de sua incredulidade.

"Mas, ontem... a maré estava alta. E havia águas-vivas no raso. O touro

naquela caixa pousou na superfície e, como eu expliquei, adoram..."
Correu a

mão pelo cabelo e ficou olhando, pálido, para o gim.

Ela tirou a mosca e a soltou no descanso do copo.

Henry começou novamente. "O ataque... que recebeu... tem gente que não

se recupera de ataques de água-viva, então qual é a esperança para um touro de

asas de borboleta? Minha última chance era uma clínica na frente da praia,

preparada para tratar vítimas de água-viva. Eu teria de explicar *tudo*, mas..."

Ele deu um gole desajeitado no gim e abaixou o copo passando a língua

pelos lábios.

Ida ainda tinha de decidir se ele estava mentindo (para tentar impressioná-

la?) ou se era apenas pinel. A música que tocava na *jukebox* era uma canção de

amor melosa. Ela bebericou a cerveja. "Suponho que esse... touro de asa de

borboleta... seja o único existente."

"Não. Há sessenta e um conhecidos. Todos no meu curral. Desculpe,

apenas sessenta agora."

"É... incrível."

Ida sabia que ele podia dizer o que fosse e ela não acreditaria nele.
Ele deu

de ombros, desanimado. "Eles comem e cagam e são mortos, como tudo mais."

"E você é a única pessoa no mundo que sabe sobre eles?"

"São meu segredo." Henry tomou um gole maior de seu gim e piscou duro

enquanto engolia, sua expressão descrevendo a descida do álcool na garganta.

Ela se perguntava sobre quando ele bebera pela última vez, então se perguntou

se já estaria bêbado. Ele se debruçou sobre a mesa de forma tão sincera como os

vagabundos que ela vira nas celas da delegacia de seu pai.

"Você acreditaria que há um animal no bosque que transforma tudo o que

olha em branco puro?"

Ela suspirou. "Não. Não acredito."

Ele se inclinou de volta, coçando a barba. Então tentou se debruçar de volta

para a frente. "Você acreditaria que há corpos de vidro escondidos na água do

pântano?"

"Não. Você tem cabelo preto e uma aparência saudável para mim."

"Não sei o que isso tem... Ah, espere, não disse que ela me viu."

Ela observou os olhos de Henry rolando para trás enquanto ele esvaziava o

gim. Ele segurava a testa com uma mão e sacudia os dedos. "Você me comprou

um duplo..."

"Que tipo de animal ela é?"

"Ela é toda branca, como você espera, com exceção do lado de trás da

cabeça, onde não pode ver a si mesma."

Ida bebera três dedos de cerveja de sua caneca no tempo que ele levou para

terminar o gim.

"Que cor?"

"Branco."

"Que cor é o lado de trás da cabeça dela?"

"Azul."

Ela sorriu docemente. "O que você faz da vida, Henry?"

"Estou muito ocupado com..." Ele fechou a boca e de repente pareceu

sóbrio. "Claro. Você acha que sou um tipo de maluco."

"Não é isso..."

Ele se levantou, procurou na carteira e colocou o valor do gim na mesa, em

moedas.

"Eu que ofereci."

Ele saiu do *pub*. Depois de um momento de frustração, ela deixou as

moedas e foi atrás dele, mas não o viu em nenhum lugar da rua. Gaivotas

brancas bicavam os restos de peixe e batatas, bicavam as massas e bandejas de

plástico. Por um momento, ela achou que a mais branca das gaivotas tinha olhos

brancos também, mas era só um efeito da luz.



{5}

e um avião, as três ilhas principais do arquipélago de St. Hauda's

Land pareciam-se com o corpo esmagado de um inseto de olhos

D esbugalhados. O tórax era a ilha Gurm, cheia de pântanos e morros

cobertos de árvores. O pescoço era um aqueduto natural com arcos gastos pelo

tempo através do qual o mar corria, atraindo o olhar. Isso era o morro alto, mas

desinteressante, de Lomdendol Tor, na ilha de Lomdendol, que, segundo

suposições locais, inicialmente delimitou St. Hauda's Land. As pernas eram seis

ramificações de rochas se estendendo da costa sudoeste da ilha de Gurm,

prendendo o mar em vales de areia entre elas. As asas eram uma flotilha varrida

pelo vento de ilhotas inabitadas de granito no norte. O ferrão era a ilha Ferry em

forma de foice no leste e a curiosa cidadezinha de Glamsgallow representava

uma gota de veneno na ponta.

Glamsgallow ostentava o único aeroporto de St. Hauda's Land, mas a maior

parte dos aviões cruzava as ilhas antes de virar para a terra, voando sobre os

outros estabelecimentos. Ao norte de Gurm, escondido do público, estava

Enghem, propriedade privada de Hector Stallows, o milionário local. Construída

no pé de Lomdendol Tor, Martyr's Pitfall era uma cidade para os idosos. Nas

manhãs de domingo, a sombra do portão cobria construções e ruas. Casais saíam

de casas de repouso para caminhar e se sentar em cemitérios ajardinados. Em

contraste, Gurmtón atraía os jovens e boêmios. Milhares de luzes brilhavam em

frente ao mar, dos frenéticos *flashes* das máquinas caça-níqueis e *jukeboxes* aos

holofotes cortando o céu de noite, alardeando nas nuvens a rivalidade de duas

casas noturnas vagabundas.

Atrás de Gurmtón, os bosques começavam repentinamen

Em Ettinsford, na Catherine's, a floricultura da ilha, o sino to {

te. De noite,

festeiros perdidos buscando o mar ficavam sóbrios em segundos quando se

deparavam com a beira da floresta. Da mesma forma, gente dirigindo nas

estradas nubladas através das árvores se tornava ciente do ruído de seus motores.

Os aparelhos de som eram desligados e a conversa era suspensa. Os bosques

pareciam um monstro adormecido pelo qual era melhor passar na ponta dos pés.

E o coração dos bosques amedrontava Ettinsford, onde folhas e galhos

mortos sopravam pelas ruas, onde estradas desapareciam na cidade, como se

seus construtores tivessem sido afastados de seus caminhos iniciais. O rio de

Ettinsford era tecnicamente um estreito, o ponto mais estreito entre as ilhas

Gurm e Ferry. Uma velha ponte de madeira passava sobre a água na época,

como dizia a lenda local, em que o próprio São Hauda foi carregado de uma terra

à outra por uma revoada de cento e um pardais.

cava enquanto

Midas abria a porta.

Gustav limpou maionese dos lábios e levantou o olhar. Seu rosto era

vermelho e os cabelos, ruivos, mas sua cabeleira estava se dissipando mais

rapidamente do que deveria para um homem que acabara de completar trinta

anos. Um palito de coquetel prendia o sanduíche gorduroso sobre a mesa: três

fatias de pão integral, fatias de bacon e meio pote de maionese.
Midas conseguia

sentir o cheiro no ar.

"Bom dia", ele disse, esfregando os olhos.

"Que diabos." Gustav engoliu o que estava na boca. "Tudo bem com você?"

O cabelo de Midas estava arrepiado e seus olhos inchados. Seu corpo todo

parecia estar em colapso. "Dormi mal."

Gustav embrulhou o sanduíche em papel-alumínio e limpou as mãos num

velho pedaço de papel de embrulho. "Que foi? Está ficando gripado?
Denver

ficou. Vai perder a aula no final da semana, aposto."

Gustav amassou o papel em que limpou as mãos e jogou-o no lixo.
Errou o

alvo e o papel desapareceu numa densa área do mar de azevinho
com flores

azuis.

"Droga."

Ele saiu de trás da mesa e se meteu no azevinho procurando o
papel.

Encontrou-o e jogou no lixo, batendo as mãos enquanto voltava
para trás da

mesa.

"Não vai me contar o que há de errado? Ficou bêbado? Aproveitou a noite

pelo menos uma vez?"

Midas tocou um botão de lírio. "Já te disse. Não consegui dormir."

Gustav abriu uma gaveta e tirou o quadro que usavam para entregas. "Mas

há algo mais, não há?"

Midas hesitou, mas eles eram os melhores amigos um do outro havia muito

tempo.

"Uma menina."

Gustav soltou o quadro. "Repita!"

"Conheci uma menina ontem e..."

"Midas! Que ótimo! Secretamente, eu tinha medo de que *você...*"

Midas estendeu a mão. "Não foi nada, sabe... não foi um encontro romântico. Não foi por isso que mencionei. É que..."

Gustav sorriu delirantemente.

"... só havia algo incomum nela."

"Claro que tem de haver, para manter Midas Crook acordado a noite toda."

"Ela usava um tipo de botas. Grandes como este vaso." Bateu de leve no

vaso. Azul e alto.

"Ela então... é grandona?"

"Essa é a coisa. Ela tem mais ou menos minha altura. E magra. Quase

esquelética."

Gustav estava confuso. "Ela não é uma dessas meninas moderninhas do

continente..."

"Não. Acho que não. Ela é do continente, sim. Mas não era estranha, além

das botas. Gustav, você sabe alguma coisa sobre deficiências? Problemas nos

pés?"

Ele não sabia, apesar de citar uma lista de nomes: calcanhar de aquiles, pé de

atleta, micose. Nada disso parecia o caso de Ida.

Os dois continuaram cuidando da loja. Midas entregou alguns buquês pela

cidade e pensou em Ida o tempo todo. Pouco depois do meio-dia, voltou

sacudindo gotas de chuva da jaqueta. Gustav sentava-se à mesa, no telefone, com

uma mão na testa vermelha. Olhou melancolicamente quando a campainha

tocou.

"Sim, o.k.", ele disse ao telefone. "Vou recebê-lo então."

Desligou o telefone com um estrondo e bufou. Suspirou novamente e

correu as mãos pelo cabelo rareado.

"O que vai fazer no sábado, Midas?"

"Você quer que eu trabalhe?"

"Não. E minha sogra. Ela encontrou caixas velhas de troços da Catherine.

Quer saber se quero alguma coisa."

"A *mãe* da Catherine não quer?"

Gustav deu de ombros. "Parece que ela não gosta das coisas. Poderia jogar

fora. Eu disse que fico com tudo."

"Então vai pro continente amanhã?"

"Sim."

"E quer que eu cuide da Denver?"

Ele assentiu. "Só de manhã, se o trânsito estiver bom. Não quero levá-la.

Vou me debulhar em lágrimas."

Foram três anos que pareciam não ser nada. Sentado no carro de Gustav

com xícaras frias de café em canecas térmicas plásticas. As jaquetas verdes e

néon dos paramédicos.

Gustav estava claramente se lembrando também. Depois de um tempo,

levantou-se da cadeira e andou gingando até a pia nos fundos da loja. Abriu a

torneira. A água batia num regador.

E foi o quê? Apenas oito anos desde aquele dia quente quando Midas fora o

padrinho e seu colarinho coçava-lhe o pescoço suado e ele brincava com o anel

na caixa — tão fácil de se perder em seu bolso — e observava o péssimo

fotógrafo do casamento tratando de tudo o que havia de errado e então... ele foi

tomado pela beleza de Catherine e a brancura de seu vestido de casamento.

Era amigo de Gustav desde a infância, quando viviam nos cantos opostos

da mesma rua. Gustav tinha sido uma criança acima do peso, sem ambições,

mais interessada em figurinhas de futebol do que no dever de casa, mas era

vários anos mais velho do que Midas e isso o tornava um amigo valioso para um

esquisitão impopular que respondia pelo nome de Crooky no *playground*. Infinitas

vezes a simples altura e o peso do garoto mais velho haviam salvado a carteira e

o dinheiro do almoço de Midas, ou a pele dos socos das outras crianças. Até

depois que Gustav deixou a escola (na primeira oportunidade) e passou a

trabalhar para se manter, ele chegava depois do trabalho para pegar Midas

voltando para casa e conversar com o garoto mais novo sobre times de futebol,

um assunto que Midas nunca conseguiu dominar. Em troca, Midas tinha sido

todo ouvidos para Gustav, escutando atentamente seus infortúnios românticos e

sua conversa morosa sobre estar em crise com apenas vinte anos.

Então Gustav se apaixonou. Midas se preocupou que aquilo pudesse significar o fim da amizade deles, mas, em vez disso, trouxe o segundo amigo de

sua vida. Catherine era resplandecente, ambiciosa, e a nova proprietária da

floricultura da cidade. Gustav estava trabalhando numa agência de notícias havia

cinco anos, desde que deixara a escola; isso não o havia preparado com um

extenso conhecimento de botânica, mas, pela simples falta de outros

pretendentes, ele conseguiu emprego na floricultura. Em dois anos entre copos-

de-leite e brilhantes papoulas-do-ártico amarelas, Catherine, lenta mas

seguramente, sentiu tanto amor por Gustav como ele havia sentido por ela em

seu primeiro encontro. Denver chegou quase ao mesmo tempo, um feliz

acidente. Eles se casaram pouco depois que Catherine descobriu estar grávida e

por um curto período o lar deles foi o lugar mais caloroso e convidativo que

Midas poderia encontrar em St. Hauda's Land.

Gustav girou um ramo de ráfia. "Eu poderia telefonar e tentar te liberar de

verdade. Hoje. Para compensar que só te avisei agora. E já me desculpo se

demorar a voltar. Você sabe como a mãe da Catherine gosta de fofocar."

"Não precisa me dar folga. Adoro cuidar da Denver. Você sabe que vou

ajudar."

Ficaram lado a lado em silêncio. Midas se lembrou de como ficaram lado a

lado com o corpo de Catherine, com a policial insistindo que dissessem em voz

alta quando o mero olhar deles já era o bastante. *Sim*, Gustav sussurrou, *é ela*.

Gustav limpou a garganta e abriu a torneira. "Vou te dizer uma coisa.

Escute. Não estrague tudo com essa nova namorada."

"Mas... Não é uma namorada... Eu a conheci ontem. E por causa das botas

dela, que ficaram na minha cabeça. Não tem nada a ver com atração. No

máximo, eu a achei peculiar. Frágil. Facilmente quebrável."

Gustav levantou as sobrancelhas. Midas corou. Não pretendia parecer

depreciativo.

O sino sobre a porta tocou e um cliente entrou.

A barriga de Midas se apertou. Uma gota da torneira caiu no regador.

O cabelo de Ida grudado à cabeça pela chuva. Ela entrava na floricultura.

Carregava um guarda-chuva branco destruído pelo vento e um casaco até o

joelho sobre um vestido preto de lã. Secou o nariz e as bochechas com uma mão,

enquanto apoiava a outra na bengala.

"Boa tarde", disse Gustav. "Posso ajudar...", ele gaguejou porque havia visto

as botas, "... em alguma coisa?"

Ela corou. "Eu estava passando e meio que entrei. Para ver o Midas." Ela

apontou para a porta. "Reconheci o nome na placa. Catherine's. Hum. Olá,

Midas. Você se lembra que me disse que trabalhava aqui?"

Gustav batucou com as mãos na mesa e se endireitou na cadeira. "Que

ótimo. Ótimo. Uau. E vocês dois, vocês dois vão fazer o quê? Tomar um café ou

alguma coisa assim?"

Durante o silêncio que se seguiu, um raio de sol momentâneo partiu a rua lá

fora, tornada mais clara pela chuva que ainda caía e pelo véu molhado sobre os

prédios.

"Só vim dar uma passada...", murmurou Ida. "Apenas, você sabe." Ela se

arrastou para dentro. "Bem. Vocês dois estão ocupados. Midas está trabalhando." Ela acenou para Midas.

"O-olá", ele disse.

"Na verdade", disse Gustav, "acabei de dar a tarde de folga para ele."

A luz do sol desapareceu.

"Midas", disse Ida, "você gostaria... gostaria de ir tomar um café?"

★

Ida acabou tomando uma limonada enquanto Midas bebericava um americano

num café com janelas embaçadas e uma televisão preto e branco murmurando

no balcão. Eles haviam se ensopado no curto espaço da floricultura até o café

(Ida caminhava tão lentamente...). Quando se sentaram, as pernas de suas calças,

molhadas, colaram-se nas coxas. Era um típico café de Ettinsford, com carpete

estampado e toalhas de mesa plásticas. Aquarelas de um artista local retratavam a

cidade não como o poço de maçonaria decadente de que as fotos de Midas

serviam de prova, mas como uma cidadela de pedra cor de pêssego numa luz

improvável. Os olhos desse artista eram diferentes dos dele? Limpou o saleiro e

o pimenteiro entupidos da mesa, então se posicionou para deixar Ida conduzir a

conversa. Ele pensava em painéis de luzes e refletores. Então ela se mexeu em

seu assento para ficar confortável e Midas sentiu que a bota dela raspou no

sapato dele sob a mesa. O toque o fez estremecer, como ouvir uma batida de

noite. Puxou as pernas de volta para baixo da cadeira e comprimiu os olhos.

Quando os abriu, ela estava bebericando a limonada e observando-o com

curiosidade. Ele tentou parar de examiná-la. Ida tinha olheiras: escuras como

machucados. A pele era fina e cheia de veias aparentes. Mas, mesmo que não

tivesse uma imagem muito bonita, ele queria tirar uma foto dela, queria se

debruçar sobre uma ampliação.

"Então, há quanto tempo mora aqui?"

"Minha vida toda", murmurou Midas, olhando para a mesa. Ele se perguntava se Ida pensava que ele deveria ser mais aventureiro. "E quanto a

você? De onde você é?"

"Já viajei bastante. Estou ficando no chalé de um amigo da minha mãe,

saindo de Ettinsford. Ele foi para o continente por alguns dias."

"Está de férias?"

Ela balançou a cabeça. "Vim aqui para encontrar alguém que conheci certa

vez nas ilhas. Mas não tenho nenhuma pista de onde procurar." Ela mexeu a

limonada com um canudo preto. Bolhas subiram à superfície. Cubos de gelo

turvo batiam um contra o outro.

"O amigo da minha mãe, Carl, o dono do chalé onde estou ficando, disse

que a ilha é tão incestuosa que você pode perguntar quase a qualquer um sobre a

vida do outro. Acha que é verdade?"

"Não. Você pode descobrir o que eles *acham* da vida dos outros..."

"Não é o mesmo, é? Estou certa de que Carl não sabia onde eu devia

procurar."

Esse Carl estava certo. Havia algo incestuoso no lugar. Midas sabia de três

Carls na ilha, e esperava que nenhum dos três fosse amigo de Ida. "O que Carl

faz?"

"E professor de línguas clássicas."

Midas franziu a testa. Seu pai fora professor de línguas clássicas.

"Mas ele não é um cara chato, como você pensa. Ele é bem ativo. Trabalha

com arqueólogos em sua pesquisa — viaja bastante. Eu o ajudei em projetos

quando era adolescente, quando meus pais queriam me despachar por uma

semana ou duas. Fiz bastante mergulho. Era minha especialidade. Recentemente

ele fez um trabalho na trilha em Lomdendol. Deve ter mergulhado muito lá,

imagino."

Ele preencheu a descrição do personagem. Soava preocupantemente

familiar, mas conversas eram como maratonas e você tinha de prosseguir mesmo

assim. Especialmente quando elas fluem de forma tão rara como esta. "Você...

gosta de mergulhar?"

"Ganhei medalhas quando era menina. Na verdade... é meio vergonhoso

pensar nisso agora... trouxe outra foto para te mostrar."

Ida abriu a bolsa e tirou uma foto amarrotada dela em traje de mergulho,

fazendo sinal de positivo com as duas mãos e sorrindo por trás de uma máscara

de mergulho rosa-néon. No fundo, o oceano era impossivelmente ultramarino.

Ele nunca havia visto o mar assim. Mesmo no verão, as águas da ilha

permaneciam enigmáticas, opacas e cinzas.

"O Mediterrâneo", ela explicou. "Na costa da Espanha."

"Oh." Imaginá-la como ele fazia agora (queimada pelo sol da Espanha,

deixando pegadas na areia dourada, rindo seu sorriso líquido, usando nada além

de um biquíni rosa-néon) a estragava. Midas tentou focar no presente, seu jeito

modesto de se vestir, sua elegante aparência monocromática. "Eu... eu... creio

que você não possa mergulhar no momento. Com o problema no pé..."

Ela balançou a cabeça. No balcão, a televisão preto e branco perdeu o sinal

e deu um estalo, como um chicote. Estava claro que ela não gostava de falar

sobre seus pés, mas era tudo em que ele podia pensar para manter a conversa

rolando. Midas sugou todo o seu café acidentalmente e se sentiu envergonhado

com o som. O sinal da TV se estabilizou. Um âncora de jornal estava lendo uma

notícia de economia sobre ações valorizadas em empresas de propriedade de

Hector Stalows, conhecido infamemente em St. Hauda's Land como "o homem

do perfume", já que as fragrâncias foram a forma de ele conquistar fortuna.

"Então", ela disse, empurrando seu canudo pelo copo, "esse homem que

estou procurando... Seu pai era japonês. Não pode haver muitos nomes

japoneses na ilha. Seu nome é Henry Fuwa."

Midas olhou o rosto ávido e fascinante dela, e queria se transformar numa

onda para poder se desmanchar.

"Bem? Ouviu falar nele? Tem um cabelo preto escovinha e uma barba preta

espessa. Magrelo. Olhos esbugalhados."

Midas segurou a cabeça. O jornal na TV foi para a previsão do tempo. A

estação de TV da ilha ainda mostrava nuvens recortadas em papelão sobre um

grande mapa impresso. Ele fechou os olhos e se lembrou de Henry Fuwa na TV

local, algo a que havia assistido numa tarde úmida, alguns anos atrás. Henry

Fuwa abaixado à margem de um rio, usando uma camisa xadrez e um chapéu

grande e gasto. Vestido e sujo como um garimpeiro procurando ouro, se

comportando como um ratinho do pântano. Ele tinha os olhos bem abertos,

fixos na câmera, seu nome piscava na parte inferior da tela e Midas então se

lembrou dos caracteres em japonês escritos numa etiqueta de buquê. Um pedido

de orquídeas brancas à floricultura. Para serem entregues. Ele se lembrou de suas

mãos em choque, tremendo, enquanto segurava na esquerda a inscrição e na

direita o endereço de entrega que o sr. Henry Fuwa havia solicitado.

O buquê era para ser entregue à mãe de Midas.

"Então, *ouviu* falar?"

Ele balançou a cabeça rapidamente, negando.

"Era de se esperar, creio eu. Ninguém ouviu. Eu o conheci em Gurmtón,

mas ele disse que morava a alguns quilômetros. Não tive sorte em Gurmtón,

então achei que Ettinsford poderia ser minha próxima aposta."

"Não acho que ele mora aqui."

Ela suspirou. "Alguma sugestão?"

"Talvez na zona rural?"

"Este lugar todo é zona rural!"

Midas buscou compostura novamente e levantou o olhar. "Para... para

alguém do continente, pode parecer com zona rural, mas eu nunca, hum, pensei

em Ettinsford dessa maneira. É uma cidade. No campo há centenas de refúgios

com cabanas isoladas."

"Mas não tem muito como chegar a *cada uma delas...*"

"Você nem encontraria todas no mapa..."

"Ótimo." Ela bateu os dedos na mesa. "Não tenho nada mais para onde

seguir. Tenho o nome dele, e o cheiro."

Ele não pediu mais detalhes, mas ela deu.

"De turfa."

As narinas de Midas se comprimiram e trouxeram um rastro disso. Ela disse

de forma irreverente, mas funcionou... O ar que vinha dos pacotes abertos na

infância. Esta é a hora, ele disse para si mesmo, *de terminar seu café e nunca mais ver*

essa menina.

"Bem", ela bufou, "essa investigação não está levando a lugar algum. Me

conte sobre você. Você e sua família devem ser próximos."

"Não", ele enxugou a testa, grato pelo fato de a conversa não estar indo a

lugar algum. "Por quê? Por que pergunta?"

"Porque você viveu em Ettinsford a vida toda. Deve ter raízes fortes aqui."

"Bem..." A verdade era que ele ficava acordado algumas noites perguntando

a si mesmo por que nunca se mudara. Em geral concluía que era um covarde:

muito parecido com seu pai. Mas, de vez em quando, acreditava que se mudar

seria covardia. Poderia ter partido depois da morte de Catherine, depois da morte

de seu pai. Mas os laços permaneciam. Lá permaneciam Gustav e Denver. Lá

permanecia sua mãe...

Ele piscou e o buquê de Henry Fuwa esperava como se fosse uma foto do

lado de dentro de suas pestanas.

"Creio que", ele disse cuidadosamente, "há raízes."

"Família?"

"Minha mãe vive perto de Martyr's Pitfall. Não é muito longe. Mas eu não a

vejo."

Ida levantou as sobrancelhas.

Ele bebeu seu café.

As sobrancelhas erguidas significavam "siga em frente".

"Oh. Desculpe. Bem, é simples. Ela não se importava muito comigo. Eu

não me importava com ela. É melhor não se envolver."

"Isso é horrível. Como pode dizer isso assim, tão friamente?"

"Porque estou sendo franco. Em uma época houve mais proximidade entre

nós... Mas ela está em seu próprio mundo agora. Se você quer vê-la... é como ver

um animal através de uma tela no zoológico. As vezes ela olha para você sem

expressão. Outras, passa pelo quarto ou fica caída em sua maldita cadeira."

Tinha medo de pensar no que passava pela cabeça da sua mãe quando ela se

sentava assim. Podia-se ver por seus olhos vagos e lábios silenciosos se

movimentando que ela reimaginava sua vida.

Ida o encarava. "E quanto a seu pai?"

Ele bufou.

"Vamos. E quanto a ele? Você o vê? Ele a vê?"

Ele negou com a cabeça.

"Então, onde ele está?"

Mesmo depois do desconforto da lembrança do buquê, ele se encontrou

sorrindo, saboreando o que estava prestes a dizer. Não achava que acreditava

numa pós-vida, mas gostava de imaginar algo para seu pai. "Em algum lugar

onde nunca vai se acostumar com o calor."



{6}

uma rede de musgo de palmeira, pendurado entre galhos verdes, um

touro de asas de borboleta dormia. Ele havia dobrado para trás suas

N finas asas e adormecido ajoelhado nos fios úmidos de sua cama provisória. Ao redor dele, o pântano se estendia no horizonte por rodadas as

direções, um matiz de turfa brilhante, grama ocre e árvores cujos troncos curvos

formavam arcos baixos. Em suas sombras, sapos sentavam-se solitários ou

empilhados uns sobre os outros, com o papo pulsando em bolas rosadas. A luz

do sol de inverno não esquentava nada. O calor vinha do solo suculento e da

ocasional explosão de uma bolha de gás fétido.

Um sapo coaxou e desapareceu numa poça opaca. O touro acordou com o

barulho da água, levantou sua cabeça e testou suas asas. Elas zuniam, e

formavam uma sequência de manchas de um teste de Rorschach, antes de ele

decolar com suas pernas balançando. Saltava de árvore em árvore, esquivando-se

através do trânsito de varejeiras e mosquitos ruidosos.

Ele voou por algum tempo, até que gritos de gaivotas perfuraram o

zumbido do lago. As pedras, escorregadias por causa da alga, pontuavam o

cenário como barcos virados, transformando : pântano num reino de piscinas de

rochas e regatos correndo. O se aro parou num dos picos de granito, batendo as

asas na luz e esparramando água de um sulco na pedra. Então ele voou em

frente. O cheiro de salmoura juntava-se à fórmula do gás. Não muito longe, terra

despencava de repente e o mar se chocava com ela. Ao longo do abismo, um

homem vestindo calças à prova d'água e galochas caminhava para cas

de novo os cadeados todas as manhãs e noites. Eles saíam se o v {

a.

Ele se apresentava às vezes como sr. Fuwa, o nome com que era chamado lá

no Japão, mas Henry era mais fácil se fosse para conhecer uma nova pessoa, algo

que acontecia tão raramente que tornava o negócio com os nomes redundante.

Similarmente redundantes eram lâminas e espuma de barbear, pentes, ferro de

passar roupa e desodorante. Nada disso significava que ele era porco ou

desleixado. Seus óculos eram mantidos imaculados porque sua linha de trabalho

exigia uma observação meticulosa de detalhes minuciosos. Nas raras ocasiões em

que fazia um amigo, o rosto da pessoa ficava marcado em sua mente por anos.

O touro de asas passou por ele.

De início, ele mal podia acreditar. Bateu ambas as mãos na cabeça e o viu

esvoaçar. "O que está fazendo aqui?", gritou, instintivamente estendendo a mão.

Tocou sua pele, leve como pau-de-balsa. O bicho olhou para ele impassível,

estendeu as asas e as fechou na pequena marca azul em suas costas.

Eles escapavam a toda hora nesses dias, mesmo que ele checasse e checasse

ento feroz do

pântano levantasse uma telha da cobertura ou soltasse um pedaço de argamassa,

criasse uma abertura mínima, que era tudo do que precisavam para escapar. Hoje

em dia, estavam voando para o perigo, fossem águas-vivas no mar ou sapos

curiosos, víboras ou morcegos do pântano.

Sua cabana não ficava muito longe, numa parte lisa de uma rocha no lago.

Tinha uma espécie de jardim, um pequeno quadrado de pântano cercado, onde

flores agarradas ao solo cresciam com pétalas brancas. No final do jardim estava

uma cabana com telhado de ardósia: seu curral para o gado.

Olhando ao longe, ele podia ver a corcova no horizonte onde Lomdendol

Tor se erguia no extremo oeste da ilha de Lomdendol. Os geólogos disseram que

havia sido um vulcão na pré-história; babando nas ilhas em vida, o fogo

transformara-se em terra.

A metamorfose estava na rocha de St. Hauda's Land. Em pedreiras, pedras

explodidas mostravam seu interior transformando-se em quartzo ou revelando

prisioneiros fossilizados. O mar moía a costa, remoldando-a todos os anos. E

transformações completas aconteciam em fendas e rachaduras...

Henry seguia pelo caminho de pedra do jardim que servia como ponte

quando a chuva caiu pesadamente. Destrancou a porta do cercado e virou a

fechadura, mas não abriu de uma vez. O touro de asas de borboleta o havia

seguido para casa, e ele ofereceu sua palma novamente, fazendo ruídos guturais

para tranquilizá-lo. O touro pousou indiferentemente e Henry colocou a outra

mão sobre ele, sentindo o bater de suas asas de encontro à palma.
Ele deslizou

para dentro do curral, fechando a porta com o pé atrás de si.

La dentro havia um odor de comida de galinhas que vinha da Lima
que

alimentava o gado, e uma segunda porta que funcionava como uma
cabine

pressurizada temporária. Ele foi para trás dela e entrou no cercado,
onde uma

lâmpada movida a bateria brilhava nem canto, iluminando as várias
gaiolas presas

nas paredes ou penduradas como móveis do teto. Os touros as
usavam como

poleiros e camas, embora estivessem vazias agora porque o
rebanho estava rodo

voando.

Eles giravam no ar como uma nuvem de folhas no vento. Sessenta

corpinhos marrom e cinza em círculos com suas asas brilhantes e
opalescentes.

Henry lançou o touro que havia capturado ao ar para que se
juntasse aos outros.

As asas zumbiam, ele voou de volta para a porta e bateu forte
contra a madeira.

Sempre faziam Henry sorrir quando precisavam de sua ajuda. Henry
o empurrou

levemente em direção ao rebanho e o touro se perdeu no meio deles. Henry se

sentou num banquinho de três pernas que rangia com seu peso. Um rebanho de

gado alado pode ficar parado no chão por horas, com toda a docilidade de um

gado comum num campo, mas no ar eles se deliciam com o poder do voo, e há

algo caleidoscópico em seu movimento. Você começa a ver formas e, antes de se

dar conta, está hipnotizado, seus pensamentos voando no ar ao seu redor. Você

pensa em como se sentava assim, admirando esse gado desde que era criança

(talvez esteja fazendo isso há tempo demais agora).

Henry tirou os óculos e os dobrou no colo enquanto se inclinava para se

apoiar na parede, respirou fundo, fechou os olhos e escutou o zumbir e o ruflar

das asas do gado.

Ele havia confiado em apenas uma pessoa para contar deliberadamente o

segredo do gado de asas de borboleta, e podia vislumbrar o rosto da menina que

havia descoberto por acaso. Ida Maclaird.

Ela o pegou desprevenido quando ele derrubou a caixa de joias e o levou

para o Barnacle. Na ocasião, ele se preocupou com ela e a quem ela poderia

contar. Queria não ter fugido do Barnacle. Parecia-lhe inevitável que ela contasse

para todos piadas sobre o louco que conheceu nas férias. Se tivesse acreditado no

gado de asas de borboleta *ela* é que seria a louca, e, assim, poderia não lhes

contar. Ele muitas vezes rezou pelo silêncio dela, para que uma revelação viesse

até ela, qualquer que fosse, de que o frágil gado era real e deveria permanecer

escondido.



{7}

jovem Ida Maclaird.

A Carl Malsen teve apenas um breve momento com ela. Então ele deixou St. Mauda's Land como se uma tempestade o tivesse

carregado. Ele tinha forçado sua mala estufada para conseguir fechá-la. Deu-lhe

um olá e um abraço apertado, notando a bengala e as botas (não havia tempo

para comentar: o táxi buzinava lá fora), deixou a chave do chalé em sua pequena

e suave mão, mergulhou no táxi e foi embora apressado.

Todo o tempo, um terrível pânico o afligia, causado pela mera visão dela.

Como um homem orgulhoso de moldar seu próprio destino, ele achava uma

vergonha quando os acontecimentos o tiravam do rumo. Não era preciso uma

tragédia ou guerra para descarrilar um homem. Bastava uma lembrança.

O suor brotava em sua testa. Seu coração palpitava e suas bochechas

coçavam com a eletrostática do cabelo de Ida raspando em seu rosto quando a

abraçou. Ele riu abertamente pelo comportamento não característico de seu

corpo, que em quarenta e oito anos só havia se comportado assim com uma

mulher. Com as pernas da calça presas ao assento de couro do táxi, ele

finalmente percebeu que havia esquecido de trazer sua compostura.
Ele a havia

segurado em seus braços, tão delgada como Freya Maclaird um dia
fora.

Com o táxi correndo sob os ramos do bosque, ele olhava para os
galhos e

tentava se recompor. O táxi saiu da floresta, descendo um morro
em direção à

velha ponte de madeira que cruzava o estreito entre as ilhas Gurm
e Ferry.

Ondas batiam com urgência sob a ponte, encaminhando-se para o
amplo mar.

A rota do táxi serpenteava pelas vastas águas da ilha Ferry, ond

Na balsa, ele pensou em Freya. No táxi do continente, pensou em {

e os lagos

estavam metade congelados e juncos cresciam altos e grossos
como mudas de

árvores. O cheiro do gás do pântano filtrava-se pelas janelas
fechadas do carro.

Ele via seus punhos batendo nos joelhos.

Ida cresceu e se tornou igualzinha a Freya. Ele se perguntava se,
quando as

pessoas dizem que as mulheres se tornam suas mães, elas querem
dizer apenas

no mimetismo, ou se uma garota pode *realmente se tornar* sua mãe. Poderia uma

mulher desocupar sua meninice e deixá-la para sua filha, como um vestido de

segunda mão? Poderia um homem ter uma segunda chance com uma menina

assim? Ele bateu em sua perna para que parasse de se agitar. Ideias assim não lhe

surgiam desde que Freya Maclaird estava viva. Sabia que era uma ideia ridícula e

tentou apagá-la de sua mente. Ainda assim, elas brotavam durante o percurso,

com a estrada gingando ao redor dos pântanos da costa sul e aproximando-se da

cidade de Glamsgallow, espremida contra as docas.

Freya. No

saguão do hotel, esperando por suas chaves, pensou em Freya.

De manhã, foi para a universidade do continente na qual daria sua palestra.

Depois, os professores que o haviam convidado o chamaram para jantar e tomar

vinho, então voltaram para seus estudos e o deixaram sozinho para encontrar seu

caminho de volta num ponto de ônibus, onde agora ele esperava, sozinho, numa

grande avenida, torcendo o nariz com o vento artificial do trânsito.
Viu o ônibus

chegando, seu retorno marcado para o porto e de lá o barco para
St. Hauda's

Land. O ônibus parou. As portas se abriram. O motorista, usando
gravata e

camisa com colarinho amarelado, olhou Carl de cima para baixo e
esperou um

momento até rolar os olhos e perguntar: "É pra hoje?".

Carl pensou em Ida ficando em seu chalezinho. O sentimento que o
havia

emboscado ontem, como em seus braços ela havia trazido de volta
o tempo de

sua mãe, havia entorpecido com a mundanidade de uma rede de
hotéis, pontos

de ônibus, salas de leitura e testes de microfone, ligando e
desligando, sinais de

saída de emergência brilhando em verde... mas não havia
desaparecido. Estava

enterrado em algum lugar dentro dele. Ele precisava se recompor
antes de vê-la

novamente.

As portas do ônibus se fecharam, e apenas quando o veículo estava
se

movendo foi que o motorista mostrou seu dedo do meio.

Carl cruzou a rua. Um caminhão buzinou para ele e desviou, evitando um

atropelamento. Do outro lado da rua, ele se sentou na calçada ao lado da parada

de ônibus, esperando pelo que ia para o sul do continente.

Havia cogitado a ideia pela primeira vez durante o almoço, enquanto a

professora de literatura que era sua acompanhante tagarelava sem parar sobre o

romantismo. Murmurara em concordância com as opiniões dela e mastigou a

carne de frango frito que havia pedido. Nunca pretendeu se encontrar falando

asneiras para estudantes entediados ou ser idolatrado por professores

excêntricos. Havia ficado naquele auditório de palestras e olhado nos olhos

vazios de uma centena de alunos. Sua palestra foi vacilante. Ele não conseguia

pensar nos clássicos. Só pensava em Freya.

Mas, quando tentou visualizá-la, pensou na lápide e nos ossos a sete palmos

de profundidade. Teve de pensar no rosto vivo e respirando de Ida para apagar

essa imagem.

O ônibus para o sul chegou e Carl jogou-se nos fundos, num assento com

pouco espaço para as pernas, ao lado de um viajante num sobretudo cáqui, cujo

brilhante *laptop* roubava todo o espaço. Ele tornou aparente seu desconforto

esticando as pernas e afastando os cotovelos do corpo.

Havia chamado Ida pelo nome de solteira de Freya quando escrevera para

ela pela última vez. *Ida Ingmarsson. Todo o meu amor, Carl.* Ele percebeu o erro no

momento em que colocou a carta no correio, então fez várias tentativas para

evitar que fosse enviada. Claro que tudo se passou sem comentários, mas estava

lá, em olhares, quando ele a viu novamente, quase um ano depois do

acontecimento. Quão premonitório parecia agora.

Ele considerava que o amor antes possuído estava morto havia muito

tempo, deixando-lhe apenas remorsos e um coração seco.

Mas, vendo Ida crescida, o amor renasceu e o coração voltou a bater. Essa

imagem do amor imortal o espantou brevemente, antes que a fórmula social de

seu relacionamento voltasse. Ela o havia chamado de tio, como uma menina.

Claro que ele não deveria nunca se permitir conhecê-la. Não deveria ter mantido

contato com a mãe dela. Como se você pudesse terminar com o amor

abruptamente porque aquela que você ama assinou os papéis com outra pessoa

na igreja.

Lá fora, subúrbios e cidades se repetiam. Então vinha o campo muito

trabalhado, acres aráveis e pastos de vacas. A noite veio, o trânsito aumentou.

Passaram por uma cidade com torres de blocos que tinham janelas acesas em

amarelo e tantos cabos de telefone, fios e antenas que os prédios pareciam

presos numa rede. O homem ao lado dele roncava. Um fio de baba ligava sua

boca ao nó da gravata.

Carl saiu do ônibus numa cidade de arquitetura comunista. Ao longe,

morros e uma estação de força mandavam uma nuvem protetora sobre as ruas.

Postes de iluminação com duas lâmpadas encimavam os cantos da rua. Cercas

eram marcadas com pichações sem imaginação em cores sem graça. Entrou no

melhor hotel que conseguiu, um que havia ao menos feito um esforço (ainda que

pífilo) ao colocar um tapete vermelho de mau gosto no saguão e pendurar

candelabros de plástico. Um estagiário com uma gravata-borboleta preta frouxa

deu-lhe a chave do quarto, e ele subiu as escadas até o quarto andar para

exercitar as pernas que haviam ficado quase anestesiadas no ônibus. Jogou sua

sacola no quarto, trancou a porta e foi direto de volta para as ruas, ignorando o

ronco de seu estômago.

Andou pela rua que levava ao cemitério. Queria que houvesse uma

floricultura aberta naquele horário para que pudesse deixar para Freya suas íris

douradas favoritas. No cemitério, passou por uma pessoa de luto num banco e

abriu caminho entre as lápides para o bloco branco de pedra entalhado com o

estranho nome que era apenas metade dela. Freya *Maclaird*.

Aquele canalha do Charles Maclaird nunca contou a Carl que um tumor

estava crescendo no topo da espinha de Freya. Nunca o informou de sua morte.

Esse era o motivo de seu ódio por ele, mais doloroso que seus laços legais com a

mulher. Mais doloroso até que a ideia dos dois dividindo uma cama com uma

regularidade torturante.

Encolhendo-se ao lado do túmulo com seus punhos fechados na frente da

boca, ele se perguntava como a menina que havia visto, a garota a quem havia

dado as chaves de sua casa, não tinha nada do Charles. Ela era tão parecida com

o que sua mãe havia sido em seu apogeu que podia ser uma irmã. Segurá-la em

seus braços havia sido... como ele imaginava que seria segurar Freya.

Se ele ao menos soubesse que Freya estava morrendo, teria ido ao lado da

cama dela, abraçado-a, não importa o que Charles Maclaird e o resto do mundo

pudessem pensar.

Quando foi àquele cemitério pela última vez (teria sido três anos atrás?), ele

estava tão confuso que acordou no dia seguinte e encontrou suas unhas rachadas

e seus dedos feridos com marcas de mordidas. Considerava seriamente

desenterrá-la. Havia sido privado de seu lugar de direito ao lado do leito de

morte dela e do funeral, e mal podia acreditar que suas esperanças estavam

arruinadas. Mantivera por muito tempo uma crença ousada de que Charles iria

pisar em falso um dia e Freya viria correndo. Mantivera a crença, ainda que

constantemente erodida pelo envelhecimento de seu corpo, que haveria noites

com ela. A forma dela, seu arfar através de lábios partidos.

Limpo, muito limpo, o túmulo tinha três anos. Apenas o medo o impediu

de revolver a terra fresca naquela época. Não o medo das consequências de ser

pego, mas o medo de que pudesse maculá-la. Em vez disso, ele voltou para sua

cabana em St. Hauda's Land.

Não havia flores no túmulo dela agora. Charles deveria ter cuidado disso,

mas aqui estava o incômodo: Charles havia odiado e então desprezado Freya. Ele

a chamava de puta, ou isso era o que diziam. Carl poderia ter partido o pescoço

do infeliz se o tivesse visto chamando-a assim. Pelo menos Ida enxergava as

coisa. Ida, pelo que dizia nas cartas, via seu pai como o caipira egoísta que ele

era. Ela podia não o desprezar tanto como Carl, mas ficava cruelmente feliz por

saber que eles estavam em melhores termos um com o outro do que ela estava

com o bugre que a havia gerado.

Ela era cada centímetro de sua mãe. Carl se abaixou para beijar o túmulo.



{8}

m exército de folhas desfilava pelos chãos do parque de

Ettinsford, avançando pela turfa escura e o caminho de asfalto.

U Uma criança num carrinho tentou pegá-las quando passaram por ela. Esticou-se nos arreios de seu carrinho e gritou enquanto seus dedos

estalavam no ar. As folhas continuaram se movendo, passando às margens do

estreito no qual o parque se apoiava, ao redor da base da torre pintada do

relógio. Finalmente, elas se emaranharam num arbusto atrás de uma senhora

num banco. A senhora fez uma careta quando as folhas raspavam nela e se

prenderam a seu xale.

Midas checou a torre do relógio. O pôr do sol já terminava, mergulhando o

céu numa parede amarela e num céu azul de joia. Pássaros saltitavam entre

galhos nus. Patos balançando na água enfiavam o bico sob as asas. Uma revoada

grasnava ao vento.

Ele se perguntava se Ida iria aparecer, porque ela estava atrasada.

Combinaram de comer peixe e batatas fritas e ele foi direto do trabalho,

descendo a espiralada rua principal da floricultura até a grama exposta do parque.

Cruzou os braços, inquieto. Mesmo com dois coletes e três camisetas, seu casaco

felpudo não conseguia mantê-lo quente. Ele estava desconfortável com o peixe e

as batatas fritas. Quando deixaram o café no dia anterior, Ida sugeriu que se

encontrassem novamente, para uma refeição. Ele não havia experimentado

nenhum dos restaurantes ou bares de Ettinsford; então, quando ela lhe pediu

uma recomendação, o único lugar que podia se lembrar de ter visitado era a loja

de fritas, talvez seis ou sete anos atrás. Ela disse que não era bem o

joelhos ossudos dobrados próximos de seu peito, sentindo-se assustado {

que havia

pensado, mas insistiu que, se era o que ele recomendava, iria tentar.

Ele ficou surpreso de ela querer vê-lo novamente depois de ter dito que não

poderia ajudá-la a encontrar Henry Fuwa. No café, quando ela disse aquele

nome, a reação instintiva de Midas foi balançar a cabeça e afastar a lembrança do

buquê. Mas depois, de noite, quando esquentava água para sua garrafa térmica,

ele percebeu que se sentiu uma farsa. Como se a tivesse traído.

As lembranças eram apenas fotos impressas em sinapses. Ou assim ele

justificava ao dividir uma delas com o mundo enquanto mantinha as outras

trancada em álbuns escondidos. Ainda assim, enquanto derramava a água

fervente pelo gargalo de borracha da garrafa, um sentimento enjoado o fez

estremecer, e ele derrubou água escaldante em sua mão. Havia alguma lei

funcionando, alguma autoridade que requeria que ele dividisse suas lembranças

de Fuwa com ela, como evidência? Não dormiu bem, sentou-se na cama com os

olhos

para desligar a luz.

Agora, no parque, ele se perguntava como poderia contar a Ida que, na

verdade, sim, o nome de Henry Fuwa fazia sentido, sem deixá-la brava pelo fato

de não ter dito isso antes.

Um mendigo podia ser visto andando torto do outro lado da parque do

relógio, segurando uma sacola de garrafas azuis de cidra. Alguém andava

lentamente atrás dele. Quando o mendigo se jogou num banco, Midas viu que

quem vinha atrás era Ida. Só que seu modo de andar estava diferente. Ela havia

abandonado sua bengala por uma pesada muleta de madeira.

Ele soube no momento em que ela sorriu, do outro lado do parque, que iria

decepcionar a si mesmo. Enfrentar o sentimento enjoativo era melhor do que

enfrentar a ira dela. Sua garganta apertava enquanto ele empurrava a culpa de

volta para dentro. Ela se aproximou pela beira da água, usando os mesmos

chapéu branco e casaco até o joelho em que ele a vira anteriormente, e ocorreu-

lhe de novo que o rosto e os olhos dela eram quase monocromáticos em sua

palidez. O frio dava uma definição aguda a tudo, e ela não era exceção. Ele

queria arrancar a capa de sua lente e fotografá-la naquele exato instante.

"Que tarde gostosa", ela disse, olhando para o céu.

"Sim", ele disse, decidindo não comentar a troca da bengala pela muleta.

"Você parece estar congelando. Desculpe pelo atraso."

"Não se atrasou."

Ela olhou para o relógio. "Atrasei. Sério, desculpe. Ainda acho difícil calcular o tempo para isso." Ela apontou para as botas. "Eu estava com medo de

que você pensasse que eu não viria. Não está com frio, Midas? Tem um buraco

no seu casaco!"

"Estou com dois coletes."

"Mas não está com frio?"

"Um pouquinho."

"O.k. Então vamos pegar um desses peixes com batata."

Ele assentiu para demonstrar entusiasmo e caminhou lentamente ao lado

dela, para fora do parque e atravessando a rua até a loja.

Havia um peixe de madeira pendurado sobre a porta. Racha- duras e

manchas de coco de passarinho desbotaram sua pintura azul. O cheiro de

gordura e massa pairava pela calçada. O cheiro era ainda mais forte lá dentro, no

ar quente em que as paredes azuis tinham sido azulejadas como em uma piscina e

pintadas com murais de tubarões e polvos. Os funcionários de rosto vermelho e

chapéu branco jogavam fritas em bandejas de poliestireno e afundavam peixes

em fritadeiras que chiavam.

Midas apontou para uma foto esverdeada da especialidade da casa: bolo de

peixe. Quando ela lhe perguntou o que havia de tão bom na loja, ele o citou

como exemplo. Com a deixa, um cliente sorridente deixou o balcão com um

bolo de peixe aberto e batatas; o vinagre deixava a casca empapada. Um homem

esguio de jaqueta de couro e gola rulê preta foi até o balcão e apoiou um guarda-

chuva. Piscou para a garçonete, que corou.

"Bolo de peixe duplo e batatas", ele disse numa voz nasalada.

"Sal e vinagre?"

"Bastante sal."

A garota jogou sal nas batatas. Midas falou para Ida não se decepcionar se o

bolo de peixe tivesse decaído naqueles seis anos, repentinamente envergonhado

com sua escolha de comida. Mas ela parecia genuinamente deliciada, e confiou

nele, pedindo o bolo de peixe enquanto se sentava numa cadeira de plástico

numa mesa perto da janela.

"Por quanto tempo você acha que eles ficam quentes?", ela perguntou,

quando ele veio com dois pacotes engordurados.

"Acabaram de sair da fritadeira."

Ela sorriu. "Vamos levar para minha casa?"

"Hum..."

Ela se levantou cuidadosamente e bateu na barriga dele. O roque do dedo

dela travou a garganta de Midas e ele não conseguiu ralar, mesmo pensando que

deveria educadamente recusar a oferta. Deus, ele mal a conhecia.

Ela estava decidida. "Pode dirigir pra gente?"

Ele olhou para o rosto ávido dela e fez o teste do pai: pergunte a si mesmo

o que seu pai teria feito e certifique-se de fazer exatamente :
oposto.

Saíram para a rua fria, onde o mendigo do parque estava
aconchegado na

entrada de um beco com seu saco de garrafas de cidra. Midas ouviu
os dentes

dele batendo. Conduziu-a a seu carro e percebeu que estava
estacionado sobre

uma poça. Ela se abaixou cuidadosamente para sentar no banco do
passageiro. A

noite caía rapidamente. Logo eles estavam indo por um campo
escuro e não

havia mais carros na estrada.

"Essas batatas têm um cheiro bom."

"Humm..."

Ela riu. "Você não é mesmo de falar, né?"

Ele corou. "Acho que não."

Galhos escuros passaram pela janela. Começou a chover. O carro
passou

num buraco e Ida saltou e involuntariamente agarrou os joelhos.
Midas tentava

manter os olhos na estrada. Pinheiros balançavam com o vento e a
chuva.

"Talvez você pense demais nas palavras que vai usar e como fazer sua boca

pronunciá-las."

Ele franziu a testa. Talvez ela tivesse muita facilidade para falar.

"Talvez."

Depois de um silêncio, ela apontou para uma entrada estreita. Ele virou, os

faróis varreram um pequeno bangalô com telhado de ardósia.

As árvores roçavam uma na outra na escuridão. Chuva fria, quase neve,

batia-lhes na cabeça e nos ombros enquanto deixavam o carro.

Ida respirou profundamente. "O.k. Este é o chalé."

A porta da frente, azul, tinha uma ferradura presa. Nas janelas, plantas

mortas em vasos rachados. Uma gota de chuva gelada acertou o olho de Midas.

Ida andou até a porta, segurando firme a chave, mas não fazendo nenhum

movimento para colocá-la na fechadura. Ela olhava para a carpintaria.

"A decoração é bem previsível, temo eu. Carl não é muito interessado nisso.

Pense num acadêmico de meia-idade."

Ele pensou em seu pai. Ela destrancou a porta e apertou o interruptor.

Um amplo corredor levava à escada de madeira e a duas portas, uma para a

cozinha e outra para uma sala de estar com um sofá-cama em que ela claramente

estava dormindo. Ele se perguntava por que ela não dormia no andar de cima, no

quarto, e se o sofá-cama tornava esse aposento seu quarto. Nesse caso, ele estaria

no quarto dela. Deus, ele não estava pronto para algo assim.

Uma estante estava entulhada de fotos e livros com nomes de que ele se

lembrava vagamente, do escritório de seu pai: Virgílio, Plínio, Ovídio. Eram

como palavras de um feitiço de magia negra, e ele virou as costas para os livros.

Num canto havia uma pilha de pesos e um par velho de luvas de boxe, e na

parede em frente à janela estava um pequeno quadro com o autorretrato de Van

Gogh, com a orelha bem enfaixada. Uma manta estampada azul-marinho com

pontos prateados revestia o sofá-cama.

Ida sentou-se na cama e começou a tirar as botas. Midas tentou não parecer

muito interessado. Ela as puxou e colocou cuidadosamente no carpete ao lado.

Por baixo, usava várias camadas de meias.

"Deve ter sido difícil", ele disse, olhando os pés acolchoados dela.

"Embaixo d'água."

Ela franziu a testa. "O que quer dizer?"

"Esses mergulhos que você disse que costumava fazer com Carl Maulsen."

"Não, não. Esse... sintoma não se desenvolveu quando eu trabalhava com o

Carl."

"Ah."

"Sim."

"É recente?"

Ela assentiu.

Eles olharam para baixo.

"Midas?"

"Sim?"

"Não quero falar disso."

"Desculpe."

Ela deu de ombros. Bateu as mãos. "Então está bem. Vamos comer esses

bolos de peixe."

Midas foi à cozinha e encontrou pratos. Desenrolou os pacotes

engordurados e os carregou de volta para a sala. Jogou-se numa poltrona que

estava deformada pelas malas.

Ida abriu uma janela para deixar sair o cheiro de fritura. Algo nas árvores

piava enquanto eles comiam.

"Há corujas lá fora", disse Midas.

"Sim, eu ouvi quando não consegui dormir, noite dessas."

"Devíamos sair e procurar por uma delas."

Ela pareceu surpresa. "Você gostaria de fazer isso?"

"Sim."

Ela mastigou pensativamente, terminou sua bocada e limpou os lábios.

"Quando eu era menina, costumava ir à praia e procurar golfinhos à luz da lua.

Acho que nunca fui procurar corujas. Mas, agora... é difícil caminhar no escuro."

"Não vamos longe."

"Desculpe." Ela corou. "Desculpe, Midas. Fico com muito medo de tropeçar."

Ele ficou surpreso. Havia visto nela uma confiança superior em tudo e o

reverso repentino a fez parecer, por um momento, mais jovem, quase uma

menina.

Estava ficando frio lá dentro. Ida fechou a janela, aumentou o aquecimento

e pediu para Midas pegar uma garrafa de vinho branco na geladeira, verde e

suando de tão gelada.

"Você tem muitas garrafas nessa geladeira."

Ela sorriu. "São do Carl. Mas ele falou para eu me servir, sabe?"

Ela colocou o vinho firmemente na mesinha ao lado do sofá-cama, junto

das duas taças, então pegou um saca-rolha, que ela brandiu como uma faca.

"Ele tem sido realmente bom comigo, esses anos todos. Uma espécie de

tio."

"Vocês são parentes mesmo?"

"Não. Minha mãe é que o conhecia há muito tempo." Ela enfiou o
saca-

rolha na rolha e girou com a mente distante. "E ele, naquele recorte
emoldurado."

Havia uma coluna de jornal amarelada numa pequena moldura no
final de

uma prateleira de livros. Midas se levantou e a tirou da prateleira. A
manchete

dizia DUPLA LOCAL RECEBE BOLSA HONORÁRIA DO CONTINENTE

e havia uma foto acinzentada no final do artigo. Dois homens
mostrados em

ternos elegantes; o primeiro era sem dúvida Maulsen, de porte
troncudo, sorriso

animado e cabelo grisalho.

"Merda", disse Midas, apertando a moldura da foto.

Ida levantou o olhar, preocupada. A rolha se esmigalhou no gargalo
da

garrafa e caiu no vinho.

Ele cambaleou até a poltrona e caiu de costas.

"Midas, o que foi?"

Ele balançou a cabeça rapidamente. Ela comprimiu os olhos quando ele

olhou para ela. Ele pensou em como escondera o que sabia sobre Henry Fuwa, e

não poderia suportar esconder isso também. Passou a ela a moldura.

"Leia os nomes."

Ela passou pelo artigo, então fixou-se na imagem. "É *você*?"

"Meu pai."

"Vocês têm o mesmo nome?"

"Sim."

Ela abaixou a foto. "Você não sabia disso, sabia?"

Ele balançou a cabeça. "Quero dizer, eu sabia da bolsa, mas não de Carl

Maulsen."

"Bom... ótimas notícias! Você disse que não sabia muito sobre seu pai.

Talvez Carl possa ajudar."

"Não quero saber mais sobre meu pai. E ver uma nova foto dele depois de

todos esses anos..."

Ele ficou em silêncio, e se perguntou se uma menina do continente como

ela poderia entender os nós da vida de lá. Os círculos de fofoca mais poderosos

que a televisão. Os vizinhos bisbilhoteiros que poderiam detectar segredos como

corvos detectam carniça. Quase pior que isso (porque você poderia ignorar as

peleiros): a forma como o lugar *regurgitava* detalhes indesejáveis. Ele queria que a

morte tivesse transformado seu pai em cinzas e poeira, como o padre havia

prometido que aconteceria em seu funeral. Talvez o solo fosse muito ralo em St.

Hauda's Land. "Deus", ele deixou escapar, "essas ilhas! São tão incestuosas."

"Por que você não se muda?", ela perguntou gentilmente, como se pensasse

em voz alta.

"Porque...", ele bufou, "não faria o que aconteceu ir embora. Eu tenho de...

superar."

Ela assentiu lentamente. "O que aconteceu exatamente?"

Ele apontou para o recorte de jornal. "Se for aos arquivos do *Echo's*,

encontrará talvez dois ou três incidentes dignos de nota nos últimos dez anos. A

vida aqui é tão enfadonha... Quando algo trágico acontece, seus efeitos são

mistos. Você não pode andar pela rua sem as pessoas o reconhecerem como o

pobre coitado do jornal. E pior — já que só há uma coisa para se falar alguns

dos olhares que você recebe são horríveis. Distorcidos."

Ida escolheu suas palavras com cuidado. "Algo ruim aconteceu com você?"

"Uma amiga se afogou. Antes disso, meu pai se suicidou. E houve outras

coisas..."

"Merda. Desculpe, Midas."

Ele sorriu fraco para ela. "Estou bem. Só a primeira coisa ainda é um

problema."

"Quero dizer, sinto muito por tagarelar sem parar como todo mundo aqui

sabe da vida do outro." Ela olhou para a garrafa esmeralda em sua mão. "Sinto

muito também por ter derrubado a rolha no vinho."

Ele sorriu para ela. "Não importa. Podemos filtrar o vinho."

Encontrou um coador de chá na cozinha (a cozinha do *colega de seu pai*). O

vinho gargarejou da garrafa e passou pelo coador.

"Saúde", disse Ida, olhando-o calorosamente quando ele entregou a taça

para ela.



{9}

uma silenciosa noite de verão, o pai de Midas cambaleou de sua cadeira e caiu torto no chão de seu escritório. A mãe de Midas o

N encontrou e ligou para uma ambulância que chegou rapidamente r

correu para o hospital, onde ele passou três dias. Os exames revelaram um

crescimento anômalo sob o seu coração. Não havia chance de cura.

"Ele pode se sentir bem por várias semanas, até meses", disse: médico

objetivamente, pressionando o polegar no botão de uma caneta. "Então

provavelmente vai ter um ataque similar ao que acabou de sofrer, ou pior.

Haverá um ponto em que o corpo dele não vai ser mais capaz de restaurar o

controle completamente. Ele vai perder a sensação e a função motora nas partes

do corpo afetadas. Esperamos que isso aconteça principalmente nos membros,

mas, você entende, caso se espalhe por uma grande artéria ou por seu sistema

digestivo, não há muito o que fazer."

O médico girou a caneta nos dedos, então a levou até os lábios e a bateu no

queixo.

"Se ele lutar", disse a mãe de Midas depois de um tempo, com as mãos bem

apertadas. "Se ele lutar por um bom período, se ele curar."

O médico roeu a caneta.

Então (no dia em que seu pai fixou a nota na geladeira), Midas fugiu da

escola. Era uma escola grande, à qual as crianças de St. Hauda's Land eram

levadas de ônibus todos os dias, e ainda assim ele não se encaixava nem

encontrava anonimato lá. Enquanto os outros alunos dormiam uns com os

outros e fumavam maconha no canto do campo de futebol, ele dobrável fechado. "Como em *O poderoso chefão*, Crooky. Você gosta?"

"É bem bom."

"Com certeza. Agora, você está com dinheiro?"

"Não."

{

ficava na

biblioteca estudando livros pesados de fotografia. Os professores haviam

retirado sua câmera para prevenir um possível roubo, mas no intervalo ele estava

sonhando com a nova lente de *zoom* que sua tia havia comprado para ele e

continuava em sua caixa lustrosa, em casa. Ainda cheirando a poliestireno. Ele

esteve desesperado para falar da caixa a alguém, mas ninguém ouviria. Uma

chuva pesada caiu sobre a escola, batucando nos telhados e levando as outras

crianças para dentro. E isso trouxe Freddy Clare à biblioteca.

"Olá, Crooky", ele disse, deslizando para a cadeira em frente a Midas. Seu

cabelo estava preso ao pescoço, ensopado da chuva.

"Oi, Freddy."

"Olha isso, Crooky." Algo prateado brilhou em seu bolso enquanto ele abria

o *blazer*, parecia o cabo de uma colher.

"O que é isso, Freddy?"

Freddy olhou ao redor furtivamente, e tirou o objeto do bolso. Um canivete

Freddy rangeu os dentes. "Não seja idiota, Crooky. Ser idiota pode te

colocar em apuros. Não vamos esquecer que sei onde você mora."

Midas viu Freddy brincar com o canivete — ele tinha curativos em três

dedos além do polegar. Não havia bibliotecários à vista e, apesar de outros

meninos terem notado, tinham a cara enfiada nos livros.

"Não tenho dinheiro, Freddy."

"Claro que não", sorrindo, ele puxou a lâmina do cabo.

"Não... Não estou mentindo."

"Claro que não. Como em O poderoso chefe, Crooky."

Para alívio de Midas, uma bibliotecária apareceu vindo de trás da seção de

História Antiga. Ela viu o canivete de Freddy e pareceu horrorizada, abrindo e

fechando a boca, lutando com os botões de sua malha.

Freddy suspirou e fechou o canivete. "Tudo bem, moça, só estava mostrando ao Crooky o meu novo brinquedo."

Ele deslizou da cadeira e olhou pesaroso para o canivete. A chuva batia nas

janelas da biblioteca.

"Mas creio que você vai querer confiscar. Não vai, senhorita?"

Ele o estendeu para ela. Ela o pegou.

"Bem!", ela bufou. "Graças a Deus, vocês foram responsáveis!"

Freddy sorriu. "Sem problema, senhorita. Você está sendo justa."

A bibliotecária segurou o canivete entre o indicador e o polegar, como se ele

pudesse contaminá-la. "Você percebe que vou ter de denunciar essa quebra do

regulamento escolar?"

Freddy deu de ombros amigavelmente. "Você só está fazendo seu trabalho,

senhorita." Enfiou as mãos nos bolsos e checkou o grande relógio da biblioteca.

"Veja só. O intervalo já está quase acabando. O tempo voa, não é, Crooky?"

Te vejo depois da escola."

Midas e a bibliotecária o viram saindo animado. O sino da rícola tocou.

★

Midas se escondeu no banheiro até as aulas começarem. Depois deu sua

escapada, fugindo para fora da escola com o colarinho da jaqueta virado para

cima, a chuva e o vento eram tão pesados que ele teve de acelerar a caminhada

para casa. Quando chegou, estava ensopado. Chamou para ver se seu pai estava

em casa, mas não teve resposta. Então, enquanto fazia café, viu uma nota presa

na porta da geladeira:

Na garagem. Desculpe pela bagunça.

M.

Midas deixou o café e colocou de volta sua jaqueta molhada. Passou pela

porta traseira, pelo quintal e saiu por um beco traseiro que terminava em um

quarteirão de garagens da rua. A chuva caía num ângulo afiado, levada pelo

vento.

A luz fazia um desenho pelo canto da porta da garagem. Pingos caíam no

metal e escorriam pelas janelas. Midas se molhou até lá e empurrou a porta

aberta, entrando assim que deu.

Seu pai estava numa escadinha, um homem pálido de bigode vestido com

suéter e calças elegantes, rasgando um pedaço de fita com os dentes. Ele estava

prendendo sacos de lixo numa parede, seu arquear nervoso era pronunciado, até

na escada.

"O que está fazendo?", perguntou Midas.

Seu pai quase caiu da escada com o susto, então pôs a mão no coração.

"Meu Deus, Midas, você quase me matou de susto." Desceu a escada correndo e

fechou com um chute uma maleta na qual havia algum tipo de ferramenta, uma

coisa em formato de L e com um cabo preto. Midas não conseguiu vê-la o

tempo suficiente para dizer o que era, apesar de notar um saco com minúsculos

cilindros de metal ao lado dela, dentro da maleta. Seu pai colocou as mãos na

cintura. "O que está fazendo aqui? Você deveria estar na escola."

"Eu fugi."

"Oh... Midas!" Ele refletiu por um tempo, olhando seu filho de cima a

baixo. "Você vai pegar pneumonia se não se secar. Escolheu um dia feio para

fugir. Vamos sair e pegar uma toalha pra você."

"O que está fazendo com esses sacos de lixo?"

Seu pai olhou sobre os ombros para os sacos pretos nas paredes e no piso.

"Esses? Bem... vamos voltar à sua toalha?"

Ele desligou a luz da garagem. Midas abriu a porta e voltaram para casa

juntos, com os pés pisando em poças. Entraram correndo pela porta dos fundos.

"Toalha, toalha...", murmurou seu pai.

"Posso encontrar uma pra você", disse Midas.

"Estou tentando arrumar uma para *você*." Seu pai passou-lhe um dos panos

de prato. "Tem uma coisa. Você não pode simplesmente fugir da escola."

Midas esfregou o pano de prato nos cabelos.

"Eles vão se preocupar com você."

"Não vão sentir minha falta."

"Ah, vão sim, Midas. Instituições como essas nunca perdem o passo.

Devem ter chamado a polícia para achá-lo neste momento, tenho certeza."

O telefone tocou. O pai de Midas esfregou o bigode com o polegar.

"Provavelmente são eles", disse. "Telefonando para dizer que você fugiu.

Vamos." Ele passou pelo corredor e pegou o telefone parede.

"Residência dos

Crook. Senhor Crook falando. Como posso ser útil? Sim. Sim. Temo que sim.

Comigo, sim. Oh, farei, piã, bem, bom dia." Colocou o telefone firmemente e

suspirou. 'Calce os sapatos. Vou levá-lo de volta."

"Já calcei."

"Ah. Ah-ha. Então vamos. O carro está na rua. Eu estava... usando a garagem."

"O que estava fazendo com aqueles sacos de lixo?"

Seu pai procurou a chave do carro nos bolsos, mas parou antes de abrir a

porta. "Não se preocupe, Midas. Você pode acabar com eles nesta tarde."

"Mas o que você estava..."

"Midas, por favor?" Ele abriu a porta do carro. A chuva caía e batia em seu

rosto. "Meu Deus, parece que o mundo está num dilúvio."

Olharam as nuvens negras.

"Não quero voltar para a escola. Se eu voltar, Freddy Clare vai me bater ou

me esfaquear até a morte. Depende se ele conseguiu regar o canivete de volta."

"Sim", seu pai murmurou, vendo vapor nas poças.

"Estou falando sério", disse Midas, "e o Freddy também. Ele é louco."

"Então venha para o carro. Traga um balde se quiser, para tirar a água do

carro enquanto vamos." Ele riu para si mesmo. Midas o seguiu pela chuva, ainda

segurando o pano de prato, e sentou-se no ranço do passageiro. Seu pai parou,

com a chave na ignição.

"Sua mãe o teria colocado na escola dominical se eu não tivesse impedido.

Pode acreditar nisso?" Ele se encostou no assento. "Te fiz um favor, segurando

você aqui. Não é para o meu filho essa crença dogmática numa entidade

monoteísta. Não, meu filho tem consciência do simbolismo de um panteão — a

impossível coexistência de uma multidão de poderes supremos. Não é mesmo,

Midas?"

Seria um corte rápido, se Freddy pegasse o canivete de volta, ou seria algo

lento? Seria dolorosamente lento, uma facada por vez...

"Sabe, Midas, estou feliz que tenhamos nos trombado nesta tarde." Ele

batucou com os dedos na direção enquanto outras chaves do chaveiro ainda se

penduravam da ignição desligada. "Essa conversa de escola dominical e esse

tórrido aguaceiro me deixaram com pensamentos sobre o dilúvio."

Água da chuva espirrou no para-brisa.

Seu pai começou a falar de arcas parando no pico das montanhas, de

pombas brancas e corvos afogados flutuando no oceano. Midas se perdeu em

preocupações. Então percebeu que o pai tinha parado de falar. Os nós de seus

dedos estavam brancos na direção. Seus óculos deslizaram até a ponta do nariz.

Era assim que ele ficava quando estava ansioso. Seu pai nunca ficava

entusiasmado ou feliz, mas, de tempos em tempos, ficava ansioso.

Um melro golpeado pela chuva pousou no capô do carro e se debateu antes

de descer no asfalto e ir cambaleando em outra direção.

O pai de Midas bateu palmas. "Barcos, Midas! Uma boa maneira de fazer as

coisas. Melhor do que essa bobagem de sacos de lixo."

"Pra que os sacos de lixo?"

"Bobagem. Barcos, Midas! Meu Deus, você sabe me inspirar."

Ele virou a ignição de repente. "Vamos voltar para a escola."

Midas segurou a cabeça. Chegou à escola em tempo para a aula dupla de

matemática, com apenas um pano de prato para mostrar de sua fuga.



Quando Midas acordou, a cabeça lhe doía e suas articulações estavam

quase duras. Ele havia adormecido na poltrona do quarto de Ida, onde estava

um breu. Falaram de coisas mais fáceis, livros (calcularam que ele leu

um para cada vinte lidos por ela), notícias (ele estava desatualizado) e cinema (ele

lhe disse que não dava certo com os filmes: queria estudar cada quadro, como

faria com uma foto, mas o esforço o deixava tonto). Finalmente, o cansaço os

atingiu. Adormeceram onde estavam sentados.

Deixaram as cortinas abertas e o mundo lá fora estava visível em vagas

camadas azuis, como se olhassem de um submarino. Uma respiração suave vinha

da cama. A boca de Midas estava seca e ainda tinha gosto de vinho branco.

Tentou voltar a dormir, mas não conseguiu. Procurou o abajur. Uma aranha

corria pela parede, para longe do suave brilho alaranjado que repentinamente

preencheu o cômodo. Ida estava deitada na cama, com seu cobertor de bolinhas

prateadas enrolado nela. Seus pés ficavam para fora do colchão. Ele os observou

por um momento, numa espécie de torpor. Ela se mexia e virava a cabeça com

frequência, mas seus pés ficavam parados. Mesmo quando ela fechava os punhos

e os encostava de forma protetora no peito, seus pés permaneciam parados

como pedras.

A noite parecia inflar sua curiosidade, como a lua trazendo as marés. Sua

câmera estava aninhada na bolsa ao lado da poltrona. Ele a tirou, removeu a capa

da lente, então pensou no que estava fazendo e guardou a câmera de volta.

Colocou-a no criado-mudo e se recusou a olhar para ela.

Parecia tão inocente, mas com Ida dormindo no quarto também suaves. Mas seu pé era duro como um diamante.

Ele tirou a mão e deu um passo para longe da cama. O vinho branco {

parecia

estranhamente estranha, como se fosse um acessório. Ele pegou a alça, sentiu o

toque áspero de suas faixas na ponta dos dedos. Havia tempos, via a câmera

como uma extensão de seu corpo, como outros podem ver uma cadeira de rodas

ou um par de óculos; o simples fato de cogitar agir independentemente do

contato tornava seus ombros tensos e seus dedos do pé frios. Ele ficaria cego

sem a condução dela. Olhando para os pés sem movimento de Ida, ele duvidava

que teria a coragem de investigá-los sem sua câmera.

Seus joelhos estalaram quando se levantou e rastejou até o pé da cama.

As meias de cima que Ida usava eram de um branco-creme. Ele olhou de

volta para a câmera, o plástico embotado da capa da lente mascarando seu olho.

Seus dedos se agitaram. Controlou a respiração e gentilmente pôs um dedo no

dedão de Ida. Ela não percebeu. A frieza inesperada de seu pé parecia não ser o

corpo de outra pessoa. Ela respirava regularmente, lábios entreabertos, uma

espuma de saliva no canto da boca. Ele apertou levemente. As meias dela eram

devia

estar fazendo efeito. O que ele tocou não parecia um pé.

Voltou para a sua poltrona e colocou a câmera no colo. Logo ficou satisfeito

em acreditar que havia se enganado.

Estava quase cem por cento feliz de acreditar nisso.

Passando a alça da câmera pela cabeça, moveu-se para o pé da cama,

respirou profundamente e pegou o dedão dela entre os dedos. Apertou até não

poder negar que era duro e gelado. E certamente ela não podia sentir. Ela

murmurou em seu sono. Ele meteu as mãos frias nos bolsos. No teto, a aranha

galopava para a frente e para trás, entrando e saindo do arco de luz.

Ele buscou o topo da meia de Ida e o apertou gentilmente. Então correu até

o tornozelo. Ela murmurou algo e ele congelou, mas deixou os dedos lá. Ela

ainda estava dormindo profundamente.

Puxou as meias para baixo, descendo ao tornozelo e a alguns centímetros do

pé.

Olhou.

Continuou olhando.

Tirou totalmente as meias.

Os dedos dela eram de puro vidro. Liso, claro, brilhante. Arcos resplandecentes de luz circundavam cada dedo e cada dobra entre suas juntas.

Vistas através dos dedos dela, as manchas prateadas no lençol da cama

difundiam-se em vapores metálicos. A planta do pé também era de vidro, mas de

um vidro turvo, e ia perdendo a transparência gradualmente até perto do

tornozelo, quando chegava a pele: fosca e cor de pele como qualquer outra. E

ainda assim... Aquelas poucas polegadas de transição o espantavam mais do que

seus dedos sólidos de vidro. Ossos materializavam-se levemente centro da planta

de seu pé, e então se tornavam de um branco puro e preciso perto do tornozelo

inalterado, envolvido por ligamentos vermelhos translúcidos em camadas mais

densas. Na curva do peito do pé, fios de sangue estavam presos como toques de

tinta em bolinhas de gude. E havia lugares no vidro onde a petrificação estava

incompleta. Lá havia um fio macio, acolá um belo pelo loiro.

Ainda assim, ela dormia profundamente.

Os dedos de Midas avançaram em direção aos botões de sua câmera.

Quando havia tirado fotos o suficiente, ele ficou parado por um tempo

segurando as meias removidas. Tentou colocá-las de volta, mas, quando as

conduzia ao redor do tornozelo, ela ofegou no sonho e ele ficou imóvel. Midas

não a havia despertado, mas não conseguia repor a meia. Deixou-a amassada

sobre os dedos e voltou a poltrona, onde pensou seriamente em fugir. Ela

acordaria, notaria que as meias tinham sido retiradas e chegaria à conclusão

óbvia. Ele grunhiu silenciosamente. Ainda estava um pouco bêbado e muito

cansado. A imagem daquele pé permanecia em sua mente, parecendo a memória

de um sonho que ele sabia estar prestes a se dissolver.

★

Ida corria com seu marcador de pulso e *hip-hop* tocando nos fones de ouvido. A

sua esquerda, gigantes enormes de concreto e vidro: quarteirões de escritórios e

moradias cujas roupas a lavar e cestas penduradas brilhavam em centenas de

cores. À direita, o rio da cidade passava pesado sob barcos e boias. A frente, uma

ponte cruzava a água cor de mel, sustentando centenas de pedestres que

recebiam buzinadas do trânsito. O sol tornava cada para-brisa uma placa opaca,

cor de laranja.

Ela corria sob a ponte e seus passos ecoavam irregularmente sobre as vigas

decoradas pelos artistas de grafite e pela maré. Os ecos estavam irregulares

porque ela não conseguia manter um passo firme. Cada vez que seu pé direito

atingia o asfalto, algo afiado penetrava em seu dedo. Ela estava tentando ignorar

e já tinha parado várias vezes para tirar pedras do tênis, sem resultado.

Continuou correndo por mais de um quilômetro antes de tentar novamente,

dessa vez se sentando num banco que dava para o rio e para a catedral da cidade.

Uma teia de andaimes envolvia as torres gêmeas da cidade. Construtores, com

capacetes, moviam-se como aranhas. Um barco de festa estava atracado na

margem mais distante, seus convidados balançando, abraçando-se uns aos outros

e gritando através da água.

Ela tirou o sapato e o chacoalhou, então fez o mesmo com a meia, procurando pedras. Ainda nada.

Colocando-o de volta, sentiu algo como uma farpa e pôs o pé entre as mãos

para tentar encontrá-la.

O sol piscou num ponto do lado interno de seu dedão, com um cintilar

laranja em sua pele ruborizada. Ela tentou tirá-lo. Permanecia. Olhando mais de

perto, viu o que parecia um cristal incrustado. Uma fina camada de pele havia

crescido sobre ele.

Mais tarde, num banho quente em seu apartamento, com o barulho do

agitado trânsito incessante mesmo através de janelas fechadas, ela tentou arrancar

o cristal com agulha e pinça. Prendeu-o bem e puxou. Uma dor lancinante

passou por seu pé e ela chiou. Então, segurou com uma mão ao redor do dedão,

apertando forte enquanto esperava que o sofrimento passasse.

O cristal permaneceu em sua almofada de pele avermelhada. Ela respirou

fundo e tentou puxar com a pinça novamente, mas a dor foi ainda mais forte,

pois a pele agora estava inflamada. Uma sirene se iniciou lá fora e ela teve um

sentimento repentino da vastidão da cidade e do país, o cenário do continente,

formações de nuvens acima, o mar minando a terra, e ela mal era uma farpa no

meio disso tudo. Estremeceu. O banho havia esfriado.

Do nada, lembrou-se de um homem de St. Hauda's Land. Henry Fuwa e sua

caixa de joias com respiradouros.

★

Ela acordou de noite e puxou o edredom bem apertado ao seu redor. Seus

joelhos e pernas pareciam sem sangue e frios. Olhou para Midas, que dormia

numa cadeira e roncava levemente. Ele havia ligado o abajur ao lado da cama.

Ida não ficaria surpresa se isso fosse devido a um medo da noite, e ela achou

cativante. Ele segurava a câmera no colo como se fosse um ursinho de pelúcia.

Ida se perguntou se poderia confiar nele.

Para contar-lhe tudo sobre seu pé, ela teria de descobrir mais sobre ele.

Sentou-se e se moveu furtivamente pela cama. Suas meias caíram no

carpete. Ela parou e olhou-as, depois olhou para Midas.

★

Ele abriu os olhos. Um relógio tocava em algum lugar da escuridão. Esse era o

momento da noite em que as coisas pareciam surreais, quando um pensamento

que seria desprezado à luz do dia poderia tomar seu estômago e não ser

desenraizado até de manhã. Mas estava acordado, sem dúvida. Ele *havia* visto o

que havia visto. Sonhara com tempestades de raios atingindo as praias e

fundindo os grãos de areia em vidro. E... ele não queria adormecer novamente.

Pretendia fugir antes que Ida acordasse.

Bocejou e, prestes a se alongar, percebeu que a câmera não estava em seu

colo. O abajur continuava ligado. Seu corpo todo enrijeceu.

Ida estava sentada na cama de costas para ele, com a alça da câmera

enrolada nas mãos.

Ele entrou em pânico. E fingiu dormir. Não saberia dizer qual foto queria

menos que ela visse. Aquela em que preencheu com a área de transição, para que

os riscos cristalizados de sangue o lembrassem de nebulosas em fotografias do

espaço sideral? Ou o close dos dedos dela, quando ele colocou a mão livre por

trás para que se preenchessem com o rosa pálido dos dedos dele? Ele simulou

um ronco. Depois de um tempo, viu Ida se aproximando. Sentiu o peso da

câmera voltando a seu colo. Os lençóis farfalharam e o colchão estalou. A luz se

apagou.



Ida o acordou, cutucando seu braço. Uma luz invernal preenchia o quarto. Ele

fechou os olhos novamente.

"Venha, Midas, tenho algo para te mostrar."

Ela tinha um cheiro perfumado e seu cabelo estava molhado. Usava um

colete cinza e uma saia preta na qual amarrara um avental branco. Estava

novamente de botas.

"Venha."

Ele se forçou a levantar e a seguiu para a cozinha, onde ela parou perto da

janela, deixando espaço para Midas ficar a seu lado. A neve fina havia se

depositado lá fora, cobrindo os campos que se inclinavam bosque acima. No

meio da subida, havia cervos caminhando. Um pequeno rebanho, o mais

próximo talvez a vinte metros. Um jovem macho patrulhava solenemente entre

eles, ocasionalmente sacudindo a neve de seus chifres imaturos.

"Lindo, não?"

"Sim."

Oh, Deus, pensou, enquanto a lembrança de Ida abaixada sobre sua câmara

voltou a sua mente. Ela sabia que ele havia visto seu pé. Por que não mencionou

isso? Oh, Deus.

Ida foi para o fogão. Chamas azuis esquentavam uma frigideira, *bacon* e

tomates chiando no óleo. Ela arrancou a embalagem plástica de um pacote de

salsichas.

"Estou cozinhando um café da manhã inglês completo", ela disse, "para

agradecer por ter ficado na última noite. Está de ressaca?"

Ele tentou sorrir.

Ela virou o bacon e o balançou na frigideira. "Café ou chá?"

"Café, por favor."

Lá fora, um dos cervos cutucou o chefe com o rosto.

Ida serviu café numa grande caneca branca com o vapor levantando-se no

ar.

"Suco de laranja?"

"Escute, Ida..."

Ela levantou o olhar, então voltou para o bacon. "Bem?"

"Café, por favor."

"Você já pediu café."

Ele olhou o círculo preto na caneca. "Sim, quero dizer, está bom, obrigado.

Sem suco. Só café está bom... é..."

Ela partiu um ovo e o conteúdo escorreu na frigideira. A clara chiou e se

tornou turva.

"Um ovo ou dois? Ganhei de um fazendeiro que vive logo ao lado."

"Ahn... Ida?"

Ela pôs um pouco de sal no ovo. Então olhou irritada para ele. "Está determinado a falar desse assunto? Achei que poderíamos fingir que nunca

aconteceu."

Passou a espátula de madeira pelo canto do ovo. Lá fora, os cervos moviam-

se no campo em câmera lenta.

"Olha", ela disse finalmente. "Achei que fosse ficar brava, mas não fiquei."

Bateu a espátula na sua outra palma e prosseguiu: "Pelo menos não muito. Não

sei por que, mas na verdade estou um pouco aliviada. Esta manhã tentei pensar

em todas as razões pelas quais você poderia ser tão intrometido. Você já sabia?

Ou talvez apenas tenha um fetiche por pés?"

Ela riu. "Mas você queria tirar uma foto, não é? Não havia maldade."

Ida mexeu no *bacon*. Ele se mexeu desconfortável.

"Midas, gosto de você." Ela apontou com a espátula para ele. "Mas não diga

a ninguém sobre o meu pé. Juro por Deus que te mato se você fizer isso."

"O.k.", ele disse, engolindo em seco.

"O café está pronto. Sente-se."

Ele puxou uma cadeira e sentou-se à mesa. Uma toalha xadrez fora colocada

diagonalmente, deixando os cantos de madeira descobertos.

"Então", ela disse, "não quer esse ovo?"

"Dói?"

Ela olhou atentamente para a comida enquanto servia os dois pratos e os

jogava na mesa, fazendo chacoalhar as facas e garfos. Midas encolheu-se na

cadeira.

"Olha, te disse que confio em você. Te perdoo por xeretar, apesar de ainda

achar que você foi incrivelmente mal-educado, mesmo não querendo ser. Mas

não tenho certeza se quero entrar nos detalhes sórdidos. Quero esquecê-los."

"Eles te assustam, não é?"

"Quando você cava um buraco, Midas, e alguém oferece uma forma de sair

dele, é de bom tom aceitar, não continuar cavando."

"Desculpe."

Ela se sentou, então ficou de pé novamente, desfez os laços do avental,

tirou-o, amassou-o e jogou-o de qualquer jeito. Sentou-se de novo. Pegou faca e

garfo e partiu seu ovo, espalhando a gema. Respirou profundamente e colocou

seus talheres no prato. Pôs as palmas das mãos nos olhos e os esfregou.

"Desculpe. Você está certo. Eles me assustam."

"Não vou contar a ninguém e não vou fazer perguntas."

"Obrigada."

"Meu café está ótimo." Ele deu outro gole e começou com o *bacon*.

"Midas?"

Ele mastigou. "Sim?"

"O vidro está se espalhando. Estou com medo. Há um mês apenas as

pontas dos meus dedos estavam afetadas."

Ele engoliu. A cozinha parecia tão silenciosa agora que ele parou de mastigar. "Você... Quero dizer, se importa se eu perguntar...?"

"Se eu fui a um médico?" Ela balançou a cabeça. "Acha que um médico

poderia me ajudar? *Aqui, tome esses antibióticos, em quinze dias estará melhor.*"

"Talvez pudesse fazer algum tipo de... tratamento alternativo?"

"De que tipo? Medicina holística? Acupuntura? Estou com um problema

maior do que..." Ela parou de falar porque seus olhos estavam turvos.

Ele olhou para seu café da manhã. Cortou um tomate frito e viu as sementes

flutuando no suco.

Ida esfregou os olhos e experimentou seu chá, mas fez uma cara de que já

estava esfriando. "Estou com medo, Midas. Apesar de isso não me paralisar."

Ele assentiu lentamente. "E o que eu posso fazer?"

"Te disse. Não diga a ninguém."

"Quero ajudar."

Ele a observou ficar de pé e se arrastar delicadamente em direção à chaleira.

Pensou que ela iria dizer para ele parar de interferir. Lá fora, os cervos estavam

sumindo de volta entre as árvores.

"O mais simples que você poderia fazer para ajudar... Como eu disse antes..."

Estou com medo, sim. Não consigo sentir meus dedos, pelo amor de Deus. Não

sei onde eu termino e minhas meias e botas começam. Você poderia, se não for

muito trabalho, apenas ficar por perto."

Ele se levantou. Acreditava que, num filme, esse seria o momento em que

colocaria os braços ao redor da cintura dela e diria algo masculino. Pelo menos

ele colocou uma mão firmemente no ombro dela. Mas seus braços estavam

mortos.

"O.k.", ele disse, "isso não vai ser um problema."

"Obrigada", ela disse. "Preciso ir ao banheiro."

Ele ficou lá e cutucou seu *bacon* enquanto ela desaparecia. Isso era algo

grande. Muito grande. Olhou para a sua câmera e se perguntou se esta o havia

colocado num tipo de punição ciumenta por passar muito tempo pensando em

Ida. Mesmo assim, estava aliviado por ainda poder ter a chance de fotografá-la

com consentimento.

Fechou os olhos e sentiu certa felicidade por isso, junto da desconfortável

ideia de que ela estava se transformando em vidro.



{11}

arl Maulsen agarrou o parapeito da balsa e observou as ondas recuando e cuspidando como najas. Uma neblina cerrada reduzia o mundo ao metal pintado do barco balançando no mar. O vento o

acariciava com laços de neblina que permaneciam enrolados em seus membros

ou como um nó no pescoço.

Respirou profundamente o ar frio e salgado. Dizer que foi assombrado por

Freya MacLaird nesses poucos dias não seria metafórico. Não acreditava em

fantasmas, mas ele a havia visto, como uma projeção numa parede, uma noite em

que estava meio adormecido no seu quarto. Achava que a vislumbrara numa rua

lotada e correu atrás dela antes de cair em si e olhar de volta para os estranhos

que ele havia acotovelado. Mesmo assim, estava certo de que havia reconhecido

as roupas dela e o bronzeado em seu rosto de quando ele tinha vinte e um anos e

os dois voltavam para a universidade, vindos da praia.

E na outra noite ele esteve doente. Acordara sentindo-se mergulhado em

agulhas e alfinetes. Contorceu-se na cama, amarrando a si mesmo nos lençóis.

Os cobertores eram o único abrigo contra o frio que fazia seus dentes baterem, e

eram feitos de um tecido quente e pegajoso como lava. Ele havia se jogado sob a

ducha do hotel e se sentou tossindo e suando sob um filete de água morna. Mas,

depois disso, sentiu-se melhor. Alongado, ainda que concentrado. Não havia

imaginado ter visto Freya desde então. Ele havia se recomposto.

Agora, na balsa, ele olhava para os pelos brancos agitando-se em seus

braços e nas costas das mãos. Uma buzina soou em algum lugar da neblina.

Algo que Midas Crook pai certa vez escreveu num ensaio, algo que ele havia

discutido com Carl em seu desordenado escritório, eram os sinais do tempo

Agora ele se perguntava se Crook não estava certo. Carl sempre pensav {

em

uma pessoa, como roupas. Ele havia escrito a imagem da vida de uma pessoa

como a roupa de um dia. Começando com as camadas de vestimenta numa

manhã fria, então arrumando-se e saindo de casa para trabalhar. A troca de volta

para roupas informais de noite. O despir-se final na hora de dormir. Crook dizia

que cada vestimenta era um dos vários personagens que uma pessoa veste

durante a vida.

Carl havia discutido que a parábola funcionava melhor se as roupas fossem

usadas durante o ano, porque as personalidades não eram acumuladas e cobertas

ao longo da a vida, mas derramadas e trocadas, compradas e vendidas, por

muitas e muitas vezes.

Ele saiu da balsa com sua sacola chacoalhando atrás de si e se sentou numa

minúscula casa de chá que dava para o porto, entre xícaras usadas e pratos

cobertos de migalhas que os funcionários estavam com preguiça de recolher.

a em

si como um ser em mudança constante na vida, trocado e superado por

personalidades mais ajustadas. Assim como seu corpo substituía cada célula, ele

havia substituído e reconstruído toda a sua personalidade para transformá-la em

algo robustamente próprio, nada devendo a Freya.

Ainda assim, ele se sentia como um homem no molde da parábola de

Crook: um homem cujas roupas de trabalho estavam gastas, expondo o tecido

escondido do passado que estava embaixo.

Pedir um táxi na ilha poderia significar uma longa espera. Tendo terminado

de ler *A Odisseia* pela décima vez, enquanto ainda estava na balsa, a única coisa

possível para matar o tempo era uma tépida xícara de chá (doce demais antes

mesmo de adicionar açúcar) e um jornal local de dois dias atrás manchado com

círculos de café. Sondou os matizes de sua cabeça por trinta minutos, até que um

taxi buzinou e ele deixou sua xícara com as outras louças sujas e se encaminhou

para fora.

Lembrava-se vagamente do motorista como o homem que o levou para o

porto quando ele deixou a ilha. O motorista o reconheceu também, perguntando

enquanto dirigia como fora a viagem. Carl driblou a conversa do motorista com

respostas monossilábicas. Campos nus passavam como tabuleiros de xadrez

montados com árvores brancas e corvos negros. Se você olhasse para as nuvens

baixas não poderia dizer se o véu que via era poeira em seus olhos ou a neve

caindo de mansinho.

Pararam do lado de fora da cabana. Ele descarregou a mala, pagou, então

ficou parado por um minuto diante da porta azul e sua ridícula ferradura da sorte

(Freya lhe dera). Colocou a mão na pintura orvalhada, virou o pescoço para um

lado e para outro até estalar de maneira satisfatória. Alongou os ombros, baforou

nas mãos para checar o hálito de menta, então levantou a aldrava e bateu duro

três vezes na própria porta.

Ida o recebeu, apoiando uma mão na parede e a outra numa muleta de

madeira. Carl reconheceu aquela muleta num instante: ele mesmo a fizera. Sem

dúvida, ela a havia encontrado encostada na parede da sala e não se intimidou em

usá-la.

Ela se adiantou para abraçá-lo. Ele entrou timidamente no abraço dela e

sentiu-a agarrando seu quadril. Na sua pressa para deixar a cabana antes de viajar,

ele havia mencionado a bengala que Ida usava, ela deu uma explicação qualquer,

um osso quebrado recém-curado, de que ele não tivera tempo de duvidar. Agora

notava a sua maior imobilidade e duvidava que ela estivesse sendo honesta.

Entrando na cabana, viu a pia cheia de bolhas de detergente. O serviço mal

havia começado e o vapor emanava da pia. Havia dois pratos, dois jogos de

talheres, duas canecas.

"Você teve um convidado", ele disse de forma seca. Sentiu-se surpreso por

estar irritado com isso.

Ela deu de ombros. "Acabou de sair."

Ele ergueu as sobrancelhas. Ela o acertou com um pano de prato.

"Desculpe, Ida. Estou metendo meu nariz onde não fui chamado."

"Deixe disso, Carl. Não fizemos nada."

Ele estendeu as mãos e forçou um sorriso amigável. "Não é da minha conta."

E um rapaz local?"

"Sim, claro. Eu o conheci em Ettinsford. E um fotógrafo."

Então não era um homem bem-sucedido. Não havia espaço para um

fotógrafo bem-sucedido em St. Hauda's Land. "Ele tem nome?"

"Claro."

Carl continuava sorrindo. "Não vai me dizer?"

Ela torceu o pano de prato.

"Não importa", ele disse.

"Não. É engraçado. Acho que você o conhece. O nome dele é Midas."

Ele devia ter sabido imediatamente que era o menino, mas foi no pai que

pensou primeiro.

"Você conheceu o pai dele, não conheceu? Há uma foto dele na sua prateleira."

"Sim."

"Então, é ele."

Eles tinham recebido o doutorado em meio a uma ventania. O fotógrafo

precisou tirar várias fotos, pois, toda vez que disparava, o vento acertava Midas

Crook e ele saía de quadro.

Ele os viu todos misturados em sua mente. Freya e Midas Crook. Ida e ele

mesmo. Ida e sua versão mais jovem. Ida e Crook. Bufou e balançou a cabeça.

"O que foi, Carl?"

Ele havia bancado o carpinteiro. Partido a madeira e sentido a serragem no

ar quando fez a muleta em que Ida agora se apoiava. Batera os pregos. Testou

com seu próprio peso. Então dirigiu a toda velocidade até o hospital em que

Freya estava com costelas e uma perna quebradas devido a um acidente de

montanhismo. Havia se recuperado com seu peso apoiado naquela muleta.

Então, numa manhã de verão com um rico odor de flores desabrochando, ele

atendeu à porta um carteiro que espirrava e trazia um pacote.

Sem explicação, com a devolução do presente e um cartão de Freya

MacLaird no qual ela apenas havia assinado Freya. Ele desembrolhou a muleta e

inalou longamente o cheiro da madeira, buscando um toque dela. Tudo o que

sentiu foram as flores no ar.

"Nada", ele disse. "Eu... o admiro muito. Ele foi um tipo de mentor para

mim. Como é o filho dele?"

Ela riu. "E meio esquisitão. Mas é um doce. Ele não gostava do pai."

"Não me surpreendo. Poucos gostavam."



{12}

Quando garotinho, sentado no degrau de baixo nas sombras da casa de

seus pais, Midas admirava aquilo. Havia pensado que iria vazar ou

derramar, mas queimava e sumia num piscar de olhos. Realmente migrava. A seis milhões de milhas por hora. E se você o tapasse...

Ele fechou as cortinas pesadas e as venezianas. As fotos nas paredes se

tornaram folhas de papel novamente, com seus tons reduzidos pela escuridão a

um cinza mediano. Ele poderia estar sentado numa rocha de uma caverna úmida.

Mas acionou o *flash* de sua máquina.

E lá estava, lançando-se nas cortinas. Capturando o cruzado do tecido de

marinheiro, então desaparecendo dramaticamente como havia surgido. Tudo

ficava mais escuro depois do flash. Esperou atentamente por leves traços de luz

rastejando de volta no corredor. Quando a escuridão reverteu para semiescuridão, acionou novamente o *flash*, que rugiu.

As fotos nas paredes mudaram de nulidades cinza para ruas e figuras rígidas

em roupas formais, depois de volta ao nada. A impressão azulada da luz em seus

olhos desapareceu e ele estava pronto para apertar o botão mais uma vez quando

a porta da frente se abriu e a sala se encheu de cor e ruídos.

Ele virou os olhos para ver sua mãe cambaleando para dentro, com uma

caixa de papelão nos braços sardentos encostada ao peito. O ar úmido e quente a

seguiu, junto com o ronco do trânsito e o gorjear de um pássaro. Ela limpou os

pés rapidamente no capacho, depois saltou assustada.

"Oh", ela suspirou relaxando, "é você. Não te vi, está um breu."

A porta da frente bateu atrás dela, restaurando a penumbra suave.
Ela sorriu

para Midas e abriu a porta da sala de jantar com as costas. Estava
escuro lá

também. Ele acionou o *flash* e sua mãe gritou e quase derrubou a
caixa. El

faca e fez uma pequena incisão na fita. Lá dentro havia mais isopor
e

{a a

segurou mais perto dos seios, acariciando-a de forma protetora com
uma mão.

"Filho, você não deveria me assustar assim."

A mãe entrou mancando na sala de jantar. Ele ficou de pé e entrou
atrás

dela. Ela colocou a caixa na mesa e bateu palmas.

"Seu pai não está? Seu pai não está, está?"

Ele negou com a cabeça.

Ela sorriu e bateu palmas novamente, virou-se e abriu as cortinas
da sala de

jantar para que a luz do sol penetrasse pelas janelas. Tirou um
grampo do cabelo

e balançou seus cachos; a luz brilhava através deles e suavizava o
tecido bege de

seu vestido. Murmurando uma música, ela arrancou um pedaço de papel do

pacote. Partículas de poeira se desprenderam e pulularam na luz.

O pacote estava cheio de um enchimento de isopor que ela foi tirando

avidamente, transformando a pequena sala de jantar num tipo de montanha de

neve. Então parou e retirou uma caixa menor de dentro da primeira. Pegou uma

algo

enrolado em papel de seda que ela amassava conforme o ia arrancando com as

mãos.

Uma moldura funda com um painel de vidro. Quando ela se virou para

mostrar ao filho, Midas viu cinco insetos presos dentro. Eram libélulas, cada uma

do tamanho do punho dele. Seus olhos fantasmagóricos, sem pigmentos, eram

do tamanho de pérolas. Havia uma inscrição acompanhando-as, mas Midas não

conseguia lê-la.

A mãe de Midas fechou os olhos e começou a tremer. Engoliu ar para se

controlar.

"Agora, filho", ela disse quando seus olhos se reabriram, "leve a caixa e

todos esses restos do pacote lá pra baixo do morro. Vou lhe dar dinheiro. Você

pode comprar doces na volta."

Ele olhou preocupado para o sol na grama enjoativamente verde. "Você não

pode levar? Você dirige."

"Seja um bom menino."

"Não quero sair."

"Escute... Eu tenho de... esconder isso. Antes que seu pai volte. Ele não vai

entender. Seja um bom menino, filho."

Recolheram o isopor e o enfiaram de volta no pacote. Então sua mãe lhe

deu algumas moedas e ele carregou emburrado a caixa para fora da casa. Mas não

foi longe, rastejando de volta para dentro a fim de espia-la.

Ele a observou andando pomposa no corredor com um parceiro dançarino

imaginário, sua perna ruim fazendo movimentos erráticos. Sem hesitar, ele se

escondeu atrás da cristaleira onde seus pais guardavam a polaroid e voltou na

ponta dos pés para usar sua mãe como tema, tirando fotos uma a uma, adorando

o zumbido conforme elas deslizavam para fora da máquina. Ele as colocou no

chão da cozinha enquanto ela cantarolava uma música de baile na entrada. As

fotos emergiam do branco como exploradores retornando de uma nevasca. Ele

estava tão tomado por esse encantamento que não escutou sua mãe parando de

cantar. Ela o pegou absorvido pelas fotos.

"Filho!", ela sussurrou, alvoroçada com as fotos que ele tirara. Pôs uma mão

na testa quando as viu e gemeu.

"Mãe?"

Houve um ruído na porta da frente. Ela se virou para Midas,

repentinamente alarmada. Ele observou seus olhos se abrindo.

"Rápido!", ela

sussurrou, mas o ruído era apenas o jornal da tarde caindo pela caixa de correio.

Ela pôs a mão no coração. Então ficou agitada novamente. "Preciso esconder as

libélulas", disse para si mesma tanto quanto para ele. Pegou uma pilha de fotos.

"E agora eu devo esconder estas fotos. Mas, Midas, por favor, leve essa caixa

para o lixo, como você disse que faria. Eu imploro: faça isso por mim."

Ele deu de ombros e voltou para fora, pegando a caixa e descendo alguns

passos pela rua antes de virar num beco cheio de folhas. O sol quente fazia-o

suar por dentro de sua malha. Pássaros guinchavam e fugiam conforme ele

passava. Uma lagarta preta e amarela pendurava-se de um ramo, construindo um

casulo para se transformar em outra coisa. A luz abrasadora estava por todo

canto, cegando, e ele caminhava para fazer a viagem ao lixo. Logo iria estar com

um cheiro azedo. O beco virou à direita e deu num círculo de máquinas rugindo.

Trabalhadores musculosos em jaquetas fluorescentes lhe franziam a testa

conforme ele descia os degraus saltitando e jogava a caixa num monte de lixo.

Quando ele subiu de volta, um dos trabalhadores disse algo sobre seu corte de

cabelo. Ele correu de volta do beco sombrio até sua casa.

Quando estava abrindo o portão da frente do jardim, alguém chamou:

"Midas!"

Era seu pai, que descia a rua vestindo uma malha violeta sobre uma camisa

creme e uma gravata preta. Não havia uma gota de suor nele. A luz refletia em

seus óculos e na cabeça careca e se enterrava em seu denso bigode. Ele acenou

para Midas no portão. "Estava brincando na rua?"

"Não. Eu... fui comprar um filme para minha câmera."

Seu pai balançou a cabeça e entrou pelo portão. "Você devia star seu

dinheiro em livros. Sabe disso? *Livros*, Midas." Ele parou, agitou os dedos e se

abaixou no canto da grama. "Ah... O temos aqui."

Segurou um pedaço de isopor como se fosse uma gema rara. Virou-o de um

lado para outro, esfregando o bigode. "Hummm. Muito bem."

★

A tristeza havia retornado à casa. A mãe de Midas, tendo fechado mente as

cortinas e persianas, estava no corredor quando seu pai limpou os pés e se

abaixou para desamarrar os cadarços. "Boa tarde, querido", ela disse docemente.

"Boa tarde, querida."

Ela se aproximou, incansável. Ele tirou os sapatos e os passou Midas, que os

colocou na prateleira e entregou os chinelos ao pai. O pai os calçou sobre as

meias cor de argila. Então virou e apertou o pedaço de isopor em forma de oito

na palma da mão.

"Lixo. Trazido por algum encenqueiro, sem dúvida, no nosso jardim da

frente."

A cor — o que havia naquela penumbra — esvaiu-se do rosto dela. Ela

mandou um olhar desesperado para Midas. Mas o que ele poderia fazer?

"Lixo", repetiu o pai, "a não ser que, claro, um de seus pacotes tenha sido

entregue hoje."

Ela mordeu seu lábio trêmulo para paralisá-lo. Os olhos oscilavam da

esquerda para a direita.

"Escute", ele disse, esfregando o bigode, "não quero passar por essa

conversa de novo. Mas você me prometeu que não haveria mais pacotes."

Ela tentou gaguejar algo, mas desistiu.

"Eu sei, querida, que não há nada que você possa fazer para evitar que esses

pacotes lhe sejam *enviados*. E, apesar de você ter suas objeções, o correio ainda

guarda esses pacotes para você. Naturalmente, os funcionários têm uma rotina

tão corrida que esquecem que você quer que esses itens sejam devolvidos para o

remetente."

"N-não havia item, querido. Era só um pacote normal."

"Contendo o quê?"

"Um... um..."

Ele suspirou. "Onde o escondeu? Não quero ter de revirar a casa. Espero

terminar meu estudo sobre Plínio antes do jantar."

"Eu... eu não... escondi..."

Ele deu de ombros e se virou para subir a escada. A mãe de Midas o seguiu

até o quarto. Midas observou, da porta, seu pai abrindo gaveta por gaveta e

ligando o abajur para ver melhor. A gaveta de baixo guardava as calcinhas e

roupas para a noite. Ele cutucou cada item individualmente. Calcinhas cinza

simples e, bem embaixo, calcinhas de renda e um sutiã com flores amarrotadas.

"Ahh", ele disse, com seus longos dedos fechando-se sobre as libélulas

emolduradas. Os ombros dela abaixaram. Ele sorriu para ela e puxou a moldura,

retirando os alfinetes para que os insetos mortos caíssem na cama.

"Fascinante", ele disse, "apesar de um pouco macabro."

"Você... Eles são lindos. Por favor, não os destrua."

"Minha querida Evaline, a questão da beleza deles é irrelevante. Minha

pergunta continua: de quem são eles?"

Ela ficou em silêncio.

Ele assentiu e cuidadosamente pegou a primeira libélula. "Midas, por favor,

o saco de lixo."

Midas entrou no quarto e levou o saco a seu pai, que não o pegou.
A libélula

foi amassada como papel em seu punho, que se fechou, e a mãe de Midas se

contorceu com o barulho. Ele abriu a mão e balançou os dedos.
Pedacos de asa

branca e perninhas torcidas espiraladas caíram no saco em seu último voo.

Ele moeu as libélulas uma a uma, com a mãe de Midas jogada pesadamente

na cama. Então se retirou para o escritório. Midas ficou parado por um

momento, depois seguiu de volta pela escada, onde tudo estava prazerosamente

escuro, para brincar com seu *flash*.



{13}

ma tarde de neve se depositava profundamente no jardim de Gustav. Denver (abotoada, com o zíper fechado e vedada)

U escavava um monte de neve para formar a base do boneco de

neve. Era uma garotinha de sete anos de cabelo acinzentado e um sorriso cheio

de dentes desorganizados, com uma margarida de inverno no cabelo. Gustav

ajudava, fazendo o trabalho pesado a serviço de sua filha, enquanto Midas trazia

os detalhes: uma cenoura, um velho chapéu de feltro e um saco de amêndoas

para fazer botões.

Ele fechou os olhos e sentiu amargas partículas de neve caindo em seu

rosto. As vezes ele se sentia um impostor nesses pequenos momentos familiares.

Gustav havia brincado num outro dia dizendo que Midas agora era a mãe

substituta de Denver. Então, vendo Midas preocupado com isso, explicou que

não era uma coisa ruim: ele não poderia cuidar da floricultura e de Denver se não

tivesse um velho amigo com quem contar.

Isso tornava a coisa pior, porque era verdade. Claro que Midas adorava a

companhia. Era só que... se Catherine estivesse ali, seria ela quem faria os olhos

do boneco de neve, não ele; então, a cada amêndoa que era apertada na neve

fofa, ele pensava no que acontecera com ela em Lomdendol Tor, e desejava feito

louco poder virar as costas e vê-la balançando uma cenoura ou trazendo luvas

para as mãos de graveto do homem de neve.

Uma tarde agridoce com seus amigos ainda era melhor do que se sentar

sozinho em sua cozinha. Nos últimos dias, ele suprimira a culpa que sentia por

esconder de Ida o que sabia sobre Henry Fuwa.

Agora que o sentimento de culpa havia retornado, ele pensava se sua única

libertação não seria confessar-lhe tudo francamente. Então se perguntou que

"Midas!"

"Desculpe, o que foi, Den?"

Gustav fez uma observação sobre o cabelo molhado dela e a expulsou d {

bem faria agindo assim, porque, apesar de o nome de Fuwa ser familiar, ele não

tinha pista melhor do que Ida sobre qual buraco de St. Hauda's Land Fuwa

chamava de seu. Ele varria as paredes com as fotos para se distrair, mas as fotos

reviraram todo tipo de lembranças, às vezes criando novas. Deixou a cozinha,

trancou a porta da frente e correu pela calçada escorregadia até a casa de Gustav.

Sabia que estava suprimindo mais uma coisa agora. Apesar de ele mesmo não

saber o paradeiro de Fuwa, suspeitava que conhecia alguém que poderia saber.

"Vamos fazer empada de carne amanhã", disse Denver, quando voltaram

para casa e Gustav a estava forçando a vestir roupas secas. Ela era uma criança

sincera com um tufo de cabelo ruivo, olhos grandes demais para seu rosto

sardento e dentes adultos recém-crescidos sobrepostos como um maço de cartas.

"O papai prometeu encontrar algumas formas pra fazer biscoitos. Vai ajudar?"

Midas estava olhando para o mundo branco.

a

cozinha. Ela saiu sem reclamar, olhando de volta preocupadamente sobre o

ombro para Midas. Gustav fechou a porta atrás dela. "O que há de errado?"

"É Ida."

"Ah. Você quer uma cerveja?"

"Não estou bem no clima."

"Midas... Sei que há centenas de coisas que você nunca vai me contar e tudo

bem, mas, se quiser desabafar um pouco da sua melancolia, então o panaca aqui

ficaria feliz em ajudar. Que tal um conhaque? Alguma coisa pra alegrar?"

"Hum. Gus, não estou falando de problemas sentimentais. Só que... Já ouviu

falar desse homem chamado Henry Fuwa? Ele vive ilha."

"Bem... pfff. Não. Podemos checar na lista telefônica e no "rastros de clientes na floricultura."

"Já fiz isso."

"Ela te *contratou*? Como detetive particular ou algo assim?"

"Eu, eu... o apaguei do registro de clientes."

"Repita isso."

O telefone tocou. Midas gesticulou para Gustav ir em frente e atender.

Gustav olhou o número de quem chamava no visor. "De novo a mãe de

Catherine. Ela está passando por uma fase e tanto."

"É melhor atender."

Gustav atendeu e começou outra cansativa conversa com sua sogra sobre

onde passariam o Natal. Gustav não queria viajar para o continente para ver os

pais de Catherine, que se tinham mudado para lá depois do acidente. Os pais de

Catherine também não queriam fazer a viagem para St. Hauda's Land, para onde

não haviam voltado desde então. Isso terminaria, vários telefonemas depois, num

empate, quando uma das partes sugeriria que se encontrassem no ano seguinte.

A porta se abriu e Denver voltou. Ela agarrou a mão de Midas e o puxou

para a sala de estar.

"Este jogo", ela disse, ajoelhando-se atrás de uma pilha de caixas de sapato

no carpete, "fui eu que inventei. Acho que ficou bem bom."

Atrás deles estava a recém-cortada árvore de Natal de Gustav, ainda não

decorada. Enchia a sala com o perfume de pinhas.

"Certo..." Ela levantou a tampa da primeira caixa. Dentro, enroladas num

papel bege de pão, estavam bolas e delicados enfeites de madeira. Midas pensou

no último Natal, quando observara Gustav esmagar um globo de neve com um

martelo ao supor que ninguém estava olhando. Ele havia dito que aquilo o fazia

lembrar do ar em Lomdendol Tor.

"As regras são fáceis. O que você tem de fazer é decidir o que é cada enfeite

antes de pendurar na árvore. Assim..." Ela enfiou a mão na caixa e tirou um

globo azul metálico. "Este", ela disse, "é o mundo quando Deus o inundou. E se

você olhar super, super de perto", aproximou o enfeite dos olhos, "você meio

que pode ver a arca. E Noé. Que é careca. E baleias nadando." Prendeu a alça da

bola num galho e segurou a caixa de sapatos na frente de Midas. "Sua vez."

Ele buscou na caixa de sapato e tirou uma bola laranja brilhando com

purpurina multicolor. "Esta é uma carruagem de abóbora", disse depois de um

tempo, "mas ainda precisa encontrar as rodas."

Denver assentiu. "Quer que eu coloque na árvore para você?"

"Não. Vou fazer isso." Ele encontrou um ponto bacana abaixo de onde a

estrela entraria.

Denver pegou outra bola da caixa de sapato. Era vermelho-sangue, salpicada com purpurina rubi. "Esta", ela proclamou, "é o Papai Noel depois de

comer demais."

Midas coçou a cabeça. "Não entendi o sentido do jogo..."

"Sh!" Ela olhou de volta para a cozinha, onde Gustav se inclinou em resignação junto à parede, esfregando a testa com a mão livre, batendo o pé no

chão. "Eu estava espiando... O sentido do jogo é se iludir por um momento. Para

que as coisas não sejam o que elas são."

"Hum?"

"E sua vez."

Ele tirou uma órbita de vidro completamente transparente.

"Vai em frente", disse Denver, "precisa dizer o que é."

Sua palma aparecia distorcida através da esfera. Ele deu de ombros. "E uma

bola de cristal", disse, vendo seu reflexo torcido na superfície, tornado mais

esguio e mais esbugalhado: mais como sua mãe. Então, quando a rodou, mirrado

e com bochechas cavadas: mais como seu pai. Continuou rodando e observando-

se oscilar entre códigos genéticos. Podia lembrar o cheiro da turfa; sua mãe

cantarolando mais feliz do que nunca; libélulas do pântano; um buquê de flores

amassado no lixo; inscrições em japonês; água pingando de caules cortados; tinta

se tornando ilegível.

"Sim!", sussurrou Denver, sorrindo excitada. "Eu sabia que ia funcionar!"

Ele olhou de boca aberta para ela. "O quê?"

"Porque você ignora o que está no fundo de sua mente. E assim e como eu

passo o tempo no fundo da minha mente. Fazendo coisas assim."

Ele olhou para ela admirado. "Como você ficou tão corajosa, Den?"

Ela deu de ombros. "Merdas acontecem, o pai diz." Ela ficou de pé e

ajustou uma bola na árvore. "Mas, enfim, não acho que é ser corajosa. Eu me acostumei a não andar perto de lagos para não cair neles e morrer como a mamãe. Então, no outono, quando teve a inundação, eu fiquei presa e tive de pisar numa poça. Não pareceu seguro ou ruim. Eu só tinha de passar ou esperar o sol vir e secar tudo."

Ele ficou de pé. "Den", disse, "você está certa. Sim, pelo menos algumas vezes, você tem de não pensar em ser corajosa e só em seguir em frente. Eu tenho de ir. Diz pro seu pai que mandei tchau?"



{14}

s pontes de Gurm para Lomdendol Island sempre lembravam a A Midas postes caídos. Velhas vigas de aço cobertas com o tártaro branco do mar serpenteavam entre ilhotas de pedra no meio do

oceano demolidor. No lado da passagem de Lomdendol, elas mergulhavam num

túnel na face de uma rocha. Esse era, na verdade, o ponto inferior do rochedo.

Do outro lado do túnel, a estrada emergia morro acima, abrindo caminho em

cordilheiras cobertas de neve. No verão, a sombra do morro caindo pela ilha

ficava claramente definida. As descidas seriam cinza, o mar entre as pontes

escuro e profundo, mesmo que, ao longe, a água estivesse azul-clara onde o sol

brilhava desobstruído. No outono, era como se a sombra do rochedo fosse

ilimitada. Tornava-se como o gás no ar. Nada na ilha Lomdendol estava livre da

escuridão. A terra respondia com criações de fungos e cogumelos cinza ásperos.

Lesmas, caracóis e anfíbios aproveitavam a sombra úmida e podiam frequentemente ser encontrados cruzando as calçadas de Martyr's Pitfall, a

principal vila de Lomdendol. No inverno, a sombra aprisionava a ilha em

camadas de gelo invisíveis; transformava as calçadas em fatias e as poças em

espelhos.

Na visão de Midas, Martyr's Pitfall era o corredor da morte da velha era. As

casas tinham sido construídas levemente fora da vista e as das outras, para dar a

ilusão de ser residências isoladas do interior. Midas estacionou o carro e sentiu a

sombra do rochedo na língua como uma moeda de cobre. Estremeceu. Em

algum lugar no pico enevoado se escondia o poço que engoliu Catherine.

A neve cobria o gramado da frente e emudecia os sininhos que se

penduravam no jardim de sua mãe. Midas parou na porta, esfregando as mãos

enluvadas. Um anjo de ferro mordia o anel da aldrava, que ele segurou e bateu na

porta. A casa tinha poucos anos. O tijolo ainda não guardava características e o

jardim era uma imposição quadrada no cenário. Midas odiava aquela casa: odiava

o anjo cafona, odiava a medonha fonte do jardim com uma ninfa grega, odiava o

relógio de sol brega inscrito em latim falso. Verdade que ele não era o homem

mais aventureiro do mundo, mas sua mãe não tinha nem sessenta anos e ele

sentia que ela ainda devia estar se ocupando com trabalho, não se trancando

numa vila que era pouco mais que um asilo disperso. Sempre se questionou

sobre o motivo, quando seu pai morreu, de ela parecer incapaz de se livrar do

fantasma dele e viver a vida que ele lhe havia negado. Em vez disso, ela se

colocara lá, feliz em pular dos dias grisalhos direto para os desdentados.

Ele se lembrava do funeral de seu pai, beliscando a comida terrível que sua

tia havia comprado e feito. Pastéis sem gosto, sanduíches ruins como algo que

tivesse sido tirado do pântano e bolinhos com cerejas cristalizadas na cobertura.

Comida de morto. Ele colocou fatias de pepino e bolo de aveia num prato de

papel e buscou um cantinho em que pudesse evitar os convidados. Sua mãe

havia encontrado o melhor canto. Ele ainda podia vê-la no peitoril da janela em

seu vestido de renda preta, a cortina de tela balançando atrás dela com a brisa,

trazendo o cheiro da rua e do asfalto. Os dedos dela bateram num copo d'água

intocado. Ela não havia se movido durante toda a tarde. Nem bebera água ou {

comera coisa alguma. Nenhum dos escassos convidados do funeral falava com

ela. Ele não falou com ela. Mas se lembrou de gritar com ela, dentro de sua

cabeça, para começar de novo.

Bateu mais uma vez. Um aspirador de pó trabalhava lá dentro. Ninguém

respondeu. O vento jorrou através das plantas delgadas no jardim de sua mãe.

Eram roseiras, mas ele podia dizer pelo trabalho na casa de Catherine que elas

estavam doentes demais para florescer. Sua mãe desistira de cuidar das rosas

brancas alguns anos atrás. Ele pressionou o ouvido na porta e ouviu o som do

aspirador.

★

Lembrou-se, depois da primeira tentativa de suicídio de seu pai, de sua mãe se

esforçando para manter os três juntos como uma família. Sentados no sofá,

numa tarde em que garoava, ele num canto e o pai no outro, Midas havia

brincado com a câmera enquanto o velho se debruçava sobre um enorme livro

de páginas amarelas. Então sua mãe foi na ponta dos pés até seu pai, abaixou-se

furtivamente sobre os ombros dele e beijou sua bochecha.

Seu pai guinchou e saltou do sofá, segurando o peito acima do coração.

"Evaline!"

Ela riu. Segurava um buquê de rosas brancas, embaladas de forma amadora.

Ela as estava cultivando no jardim desde o verão anterior e pegou as melhores

como um presente. Enquanto o pai de Midas olhava horrorizado, ela soltou um

poema cafona e ensaiado, tropeçando nas rimas.

"Feliz aniversário."

Ela empurrou as rosas para os braços dele, mas ele se afastou, rerindo a

palma da mão num espinho. Ela recuou e ofereceu as rosas novamente. Ele as

agarrou, abriu uma gaveta e pegou uma tesoura rara cortá-las e picá-las até que

pedaços de pétalas brancas estivessem espalhados por todo o carpete e a sala

tivesse seu perfume. Em seguida saiu da sala emburrado, chupando na palma da

mão o local em que o espinho havia arranhado, e se trancou no escritório.

A puberdade era o que incapacitava Midas naqueles dias, deixando sua

coragem devastada como a de seu pai. Não podia confortar sua mãe. Sentou-se

no sofá e choramingou.

Então as mãos dela buscaram por ele, agarraram seu cabelo, perfuraram suas

costas, puxando-o para si. Midas sentiu no rosto o cabelo seco de sua mãe, ouviu

seu terrível soluço e sentiu o cheiro de seu hálito. Ele resmungou, mas o aperto

dela era forte demais. Teve de empurrá-la para escapar. Saltou para longe e ficou

lá, ofegante, enquanto ela se balançava violentamente como num surto. Ela

fechou os punhos e bateu nos joelhos. Midas se sentiu culpado por não

confortá-la, mas o terror do toque dela era intransponível.

A pele dela estava ressecada como papel e suas lágrimas eram quentes. Ele

apenas ficou lá, imóvel, apertando as mãos no coração, como seu pai.

★

De repente a porta da casa de sua mãe em Martyr's Pitfall abriu numa fenda e

uma jovem espiou. Midas estava frio, parado na porta, adulto novamente.

"Olá", ela disse, estudando lentamente os traços dele.

"Olá. Vim ver minha mãe."

O reconhecimento se espalhou pelo rosto dela. "Olá, senhor Crook! Sabia

que era você! É um prazer vê-lo. Temo que sua mãe tenha saído, para caminhar

na neve. Eu aviso que o senhor apareceu."

Ela agarrou a porta, empurrando-a para fechá-la.

Midas colocou o pé da forma mais educada que pôde. "Hum...", ele disse,

"vou entrar."

"Mas..."

"Nós dois sabemos que ela está em casa." Deslizou para dentro sem

cerimônia, tirou os sapatos e os colocou no capacho.

A jovem parecia preocupada. "Muito bem... Deixe-me dizer a ela que você

veio. Vou ver se pode atendê-lo."

Ele balançou a cabeça e andou pelo corredor, passando sobre o aspirador e

abrindo a porta para o quarto dos fundos. A garota bateu as mãos na cara em

frustração. Era a acompanhante que sua mãe contratara para cuidar dela, fazer as

comprar e cozinhar, às vezes dar-lhe banho, limpá-la.

Sua mãe sentava-se numa cadeira encostada à janela. O quarto estava

desprovido de qualquer outra mobília, a não ser um jogo de chá numa mesa ao

lado dela. Lá fora, o gramado branco e as árvores nuas eram tão em branco e

preto como uma foto. Estalactites de gelo se penduravam de um comedouro de

pássaros.

O cabelo de sua mãe ainda preservava um toque amarelado de sua antiga

cor. Ela usava brincos de pérola caídos e um xale salmão que não escondia suas

omoplatas esqueléticas.

"Boa tarde, Christiana", ela disse num coaxar de voz, buscando a mesinha

com seus dedos finos. Pegou um cubo marrom de açúcar de um açucareiro. Suas

unhas eram do rosa mais bege. O cubo em sua mão mergulhou na xícara.

Por um momento, ele cogitou se virar e partir. Estar ali fazia sua pele

apertada demais para seu corpo. Mas, então, pensou que devia isso a Ida.

"Não sou Christiana", ele disse.

Algo no pescoço dela estalou quando se virou.

"Olá, mãe."

Ela colocou o chá na mesa tremendo, derramando um pouco no colo. Ela

não percebia: manchas secas de chá já estampavam seu vestido.

"Você... você devia ter telefonado, dado tempo para eu me preparar."

"Você teria tratado de não estar por aqui."

"Jamais. Teríamos ido para a praia. Teríamos um bom dia ao ar livre. Meu

Deus, você é como seu pai."

Ela se virou para olhar pela janela. Ele sentiu que sua mãe não olhava para o

mundo nevado lá fora, nem para o seu próprio reflexo, mas para o vidro em si.

"Então", ela disse, "por que veio?"

"Te trouxe presentes de Natal." Abriu a bolsa e tirou um saco de presentes

que havia embalado em papel preto e branco.

"Oh. Claro. Já é essa época do ano. Temo que eu não tenha feito compras

de Natal neste ano."

"Não importa. Vou deixar estes aqui, está bem?"

"Sim. Christiana vai cuidar deles quando você for embora."

Ele os colocou cuidadosamente no carpete. "Vou passar o Natal com o

Gustav este ano. A Denver está ficando grande. Você está convidada."

"Você não foi lá no ano passado?"

"Vou todo ano. E divertido."

"Sim, bem." Ela olhou para seu colo. "Vou pensar nisso."

"O.k., faça isso."

"Então... Mais alguma coisa?"

"Por sinal, sim."

"Hum?"

Ele se endireitou. Havia planejado uma fila de perguntas para que viessem

suavemente com seu inquérito principal, na esperança de que ela suportasse bem.

Nunca haviam falado de Henry Fuwa ou dos presentes ocasionais que ele havia

mandado para ela quando Midas era criança. Midas estivera feliz de deixar o

assunto com os outros. Até agora.

"Quando eu era criança, chegavam pacotes para você. Presentes. Uma vez

havia uma moldura com libélulas brancas, outra umas fotos. O pai os destruía.

Mas você tentava esconder dele."

Ela se sentou, alerta como um coelho.

"Por que tentou escondê-los, mãe?"

Ela jogou outro cubo de açúcar no chá e misturou, determinada. Mas o

açúcar não derretia, porque o chá estava morno.

"Por favor, me diga."

"O que você tem com isso? Essas coisas aconteceram há muito tempo. Por

que mexer nelas?"

"Alguém está em apuros."

"O que isso quer dizer? O que você quer dizer com isso?"

"Por favor, só me diga de quem eram."

Ela tirou a colher e bebeu o chá. "Eram bonitos. Não eram?"

"Por favor, mãe."

"Eram do seu pai."

"Não. Ele os odiava. Ele os rasgava."

"Ele era um homem contraditório. Fazia coisas piores, coisas que você não

sabe. Ele roubou meu vestido de casamento, já lhe contei isso?"

"Não."

"Um dia, o vestido desapareceu. Ele negou, é claro, mas sei que teve o

mesmo destino das libélulas."

Midas ouviu a umidade de sua língua estalando na boca. "Então... por que

está fingendo que os presentes eram dele?"

Ela brincou com a bainha manchada de seu vestido. O prazer que

demonstrava com sua visita era o mesmo que se ele estivesse lhe puxando o

cabelo.

Sua respiração soava como vento através da madeira morta. "Você já

esperou alguma coisa? E manteve essa esperança contra rodas as probabilidades?

Até que tudo o que fizesse fosse ridículo?"

Ele não respondeu.

"Eles foram escolhidos para mim. Eram o que eu queria. Foram escolhidos

a dedo para mim." Ela balançou a cabeça e puxou fios de seu xale. "Esqueça.

Vamos esquecer tudo isso. Se não fossem de seu pai, não podiam ser dirigidos a

mim. Não seria apropriado."

Na janela polida, seus reflexos eram clones translúcidos. Ela o olhou de

cima para baixo. "Seu pai", ela balbuciou. "Dou minha palavra, você é como seu

pai."

Ele lambeu os lábios secos. "Mãe... Você... Sei que você estava tendo um

caso."

Ela assentiu quase imperceptivelmente.

Caiu em prantos e fechou as mãos, martelando-as nos joelhos.
Midas

afastou o olhar dela, tão infeliz. Sem uma segunda cadeira, ele se dobrou com as

pernas cruzadas no carpete. Lembrava-se de sua mãe chorando assim quando ele

era menino: quando seu pai picotou as rosas que ela havia cultivado para ele. E

ali se sentava o jovem Midas Crook, ainda incapaz de confortá-la, como havia

sido em todos esses anos.

Sua mãe soluçava. Lágrimas corriam pela pele rachada de suas mãos.

Ele sabia que o teste de seu pai o teria mandado fazer o oposto do que

estava fazendo, mas não conseguia se forçar, isso apenas o condenava.

E então, para sua surpresa, ele pensou em Ida e se perguntou o que ela

poderia fazer.

Forçou-se a ficar de pé e moveu-se rapidamente para o lado de sua mãe.

Colocou a mão em seu ombro ossudo e em sua cabeça, como uma velha estátua,

se esmigalhando, reclinada para o lado. O cabelo fino jogado sobre a sua pele.

"Ele estava apaixonado por mim", ela soluçou.

Midas lutou contra uma exaltação surpresa: raiva. Nunca havia conhecido

Fuwa, mas de repente se sentiu ultrajado pelo homem. De pé em seu quartinho

abafado, estava claro por que sua mãe havia se confinado em Martyr's Pitfall.

Quando seu pai morreu, havia aberto o caminho para ela ficar livremente

apaixonada por Fuwa, mas, após dezoito anos de um casamento castrador, não

tinha nada mais para ela. Tudo o que ela podia fazer era esperar que Fuwa viesse

resgatá-la. Nada aconteceu.

"Tudo bem, mãe, eu só..."

"Claro que você está espantado com meu caso. Você tem o direito de estar,

todo o direito. Mas você não sabe a metade do que eu sei. O casamento é

longo."

"Não estou espantado. Entendo inteiramente. Na verdade, eu fiquei... feliz,

por você."

"Escute, você já... teve uma namorada?"

Ele assentiu.

"Qual era o nome dela?"

"Natasha."

"Você nunca me apresentou."

"Não saímos muito tempo."

"E você... sentia alguma coisa por ela?"

"Sim."

Ela se encolheu novamente na cadeira. "Bom. Seu pai... nunca foi muito

amoroso. Ou talvez o amor não fosse feito para ele. Mas Henry foi feito para

amar. Tenho certeza de que sim."

"Sabe onde ele está agora?"

"Pssiu!" Ela levantou as mãos. "Não durou, filho."

"Onde, ele morava então?"

"No lago."

"Onde, especificamente?"

"Por que diabos quer saber tudo isso? Por que vem aqui do nada e insiste

em saber tudo isso?"

Ele sentiu uma urgência invencível de partir, de fugir dessa casa sufocante e

de sua moradora, mas havia o pé de Ida no fundo de seus pensamentos, dando-

lhe uma necessidade de ficar.

"Eu...", ele grasnou, "estou tentando ajudar."

A cabeça dela balançou como se fosse girar para fora do pescoço. Ela o

olhou de forma questionadora. Havia tanto branco em seus olhos! "Ajudar? É

tarde para isso."

"Não você", ele disse, sentindo-se insensível. "Estou tentando ajudar outra

pessoa."

Com isso, ela pareceu relaxar. "Há um lugar em que uma vez eu o vi

pescando. Debaixo de uma velha ponte onde a estrada não chega mais. Heras do

pântano penduradas da pedra como cortinas num teatro. E ele em sua capa de

chuva pescando na água rasa com as mãos nuas. Homem impressionante. Ele

tirava os peixes pela cauda. Eles paravam de se debater porque confiavam que

ele os devolveria."

"Por que não bate na porta dele?"

"Não falo com ele há muito tempo."

Ele meteu as mãos nos bolsos e ficou em silêncio perto dela.

No jardim, um gato branco correu pelo gramado, deixando covinhas na

neve. O coração de Midas estava batendo forte. "E uma pena", ele disse. "Só

isso."

Ela assentiu. "É tudo uma pena, Midas. Nada de bom veio do casamento

com seu pai."



{15}

eu pai deixou apenas uma pilha de caixas quando morreu. Após o

funeral, Midas e sua mãe as guardaram sem abrir, e, quando sua mãe se

S mudou de casa, elas migraram de um lugar escuro no sótão antigo para

um lugar escuro no sótão novo. As caixas foram perfeitamente embaladas (seu

pai era um perfeccionista, afinal) e levou meses até que Midas ou sua mãe

tomassem conhecimento delas. Sob o carpete, encontraram um dado de pôquer

de osso de baleia entalhado e pintado com naipes de cartas em vez dos pontos

dos números. Embaixo do fogão, a mãe de Midas descobriu um palito de dente

manchado inscrito com as iniciais de seu marido em letras minúsculas. Quando

Midas jogou os antigos livros no lixo, um mapa caiu de entre as páginas.

O mapa da ilha anotado por seu pai: rabiscado com tantas observações

escritas à mão sobre a estética do cenário que o próprio terreno estava confuso

com as palavras. Contornos faziam trilhas entre sentenças separadas. Midas

podia traçá-las com seu dedinho, seguindo seções dos pensamentos de seu pai:

a árvore ramificada parecia uma hidra

o vale era memorável

lago congelado era caixão de gelo

Agora crescido, Midas tentou manter a compostura com o mapa no colo. O

papel preso no mapa com um clipe, no qual estavam as orientações que sua mãe

havia escrito para ele. Era estranho ver juntas as duas letras.

Na saída de Martyr's Pitfall, a sombra do rochedo estava solta, pendurada

em cachos ao redor de pedras, descascando os precipícios ao lado da estrada.

Uma sombra inteira parecia preencher o interior de seu carro como líquido

preto. Ele esperava que escorresse se abrisse a porta.

Dirigiu descida abaixo e para dentro do túnel que deixou a ilha de Lomdendol e cruzava as pontes para Gurm.

Cruzando as pontes, Gurmtom podia ser vista preguiçosa na costa ao sul,

antes de a estrada entrar num tipo diferente de túnel: um poço escuro correndo

morro acima entre pinheiros. Do outro lado, os bosques adormecidos ficavam

mais densos. Faias permaneciam perplexas em lagos de folhas caídas. Alamos

prateados pareciam raios do luar. Essas árvores podiam ser qualquer coisa: ele

passou por uma velha, um alce e um gato caçando abaixado na vegetação.

E então terminou no estreito da ilha Ferry, onde as árvores rareavam no

lago que se expandia. Ele estava no pântano, e o pântano... Bem, o pântano

estava sempre igual. Midas foi levado lá duas ou três vezes quando criança para

olhar a água glutinosa. Sempre odiara ver seu reflexo tornado sujo pelas poças

marrons. Por dias depois de uma visita, ele acordava com o hálito do pântano em

seus lábios e coceira de picada de mosquitos por toda a pele.

Havia muitos caminhos através do pântano, mas as margens de lama e neve

escondiam as rotas. Em certo ponto, ele passou por um carro enferrujado preso

verticalmente numa poça de lama preta. ;em dúvida a estrada havia criado uma

{

armadilha, onde o pântano havia se congelado para parecer-se com asfalto. Uma

hora a mastigação do lago iria engoli-lo de vez. Midas se perguntava o que

acontecera com o motorista.

Uma neblina pendurava-se pesada e logo, quando sua ação se dissipou

totalmente, Midas saiu do carro e teve ânsias com o ar fétido. Um tecido de

névoa na estrada dentada se agarrava a seus sapatos em cada passo. Ele observou

um pássaro do tamanho e cor de um centavo voando pela estrada e desaparecendo entre ramos altos.

Olhou para os mapas antigos de seu pai. Esperava que fossem velhos o

suficiente para marcar as estradas agora escondidas pelo lamaçal. Voltou e

começou a dirigir.

Um cenário de juncos e grutas cheias de turfa continuou por algum tempo.

Então a estrada chegou a um fim. Um riacho passava por lá. Midas checou o

mapa o melhor que podia e estava certo de que a estrada havia estado aqui,

quando o mapa era novo.

Sua mãe havia descrito uma ponte que nenhuma estrada agora cruzava, e

logo em frente havia um monte peculiar de musgo e lodo. Midas saiu do carro e

seguiu pela margem do riacho para ficar mais perto dele. Juncos e lama

escondiam suas laterais, então ele usou um pedaço de pau para afastá-los.

Embaixo do musgo e do líquen, o monte era feito de velhos tijolos partidos. Ele

continuou limpando os tijolos até que viu o topo da marcação da maré. Isso era

o resto da ponte. Saltou para seu carro e acelerou através do riacho, com

camadas de água espirrando no ar.

Teve de dirigir cuidadosamente de lá, porque a trilha descia o tempo todo

em preguiçosos córregos. Chegou a um vau, dirigiu através dele e estava

seguindo por apenas alguns minutos quando viu a silhueta de uma casa solitária

ao longe. Coberta de hera, com vinhas tão velhas e densas que eram grossas

como punhos, a chaminé torta da casa era um pescoço partido por trepadeiras.

As vinhas foram podadas nas janelas e uma porta baixa tinha sido pintada de

verde.

As plantas no jardim eram coisas estranguladoras com caules como fios. No

final do caminho, que poderia ser descrito vagamente como um gramado, uma

cerca cortava através do brejo cercado de pedras e formava um tipo de lago. Em

um dos pedregulhos ficava um pássaro curioso com um longo bico curvo, como

um canudo. Midas observou-o quebrando a superfície da água e sugando o

fluido verde. Sapos o observavam em seus olhos sem piscar. No final do jardim

havia uma velha e desmazelada construção com uma porta coberta de musgo

fechada com cadeado.

Não foi tão difícil encontrar o caminho até lá, e ele imaginava que seria

ainda mais fácil fazer o caminho de volta. A jornada inteira levou pouco mais de

uma hora, o que o deixou novamente bravo com Fuwa por nunca encontrar uma

hora para ir a Martyr's Pitfall e a casa de sua mãe. Agora, entretanto, havia algo

mais urgente.

Ele decidiu bater à porta e saudar Fuwa exclusivamente em sua missão de

ajudar Ida.

Ele bateu.

★

Henry Fuwa sentava-se à mesa de seu quarto, trocando o forro de feno numa

velha lanterna de ferro. Quando terminou de colocar água fresca no pires,

gentilmente apoiou a lanterna, então se virou e assobiou para a vaquinha que

estava voando em círculos lentos sobre a cama, com a barriga polpuda como

uma uva. Com seu assobio, ela fez um desvio e desceu até a mesa de Henry,

pousando suavemente e dobrando suas asas de lápis-lazúli. Ela passou pela

portinhola da lanterna, o peso de sua barriga oscilando de um lado para o outro

com cada passo. Henry sorriu orgulhosamente e acariciou levemente as curvas de

pele nos ombros dela.

Fazer o gado procriar era uma luta constante. Era uma espécie criada contra

a sobrevivência, ele sentia com frequência. Eles escolhiam pares para a vida toda,

mas os touros às vezes se tornavam volúveis e cortejavam as vacas mais novas,

perturbando as que tinham crias. Quando começou a cuidar disso, Henry

frequentemente encontrou mães mugindo sobre restos de matéria abortada e

asas malformadas.

Agora ele trazia as vacas prenhes para dentro. Reapresentá-las a suas crias

do rebanho seria um trabalho duro, mas era melhor que os bezerros nascessem lá

do que em lugar nenhum.

Olhou para ver um estranho de cabelos pretos que saltava os degraus de

pedra até sua cabana. Henry arfou e se jogou para trás em sua cadeira, quase

derrubando a lanterna da mesa ao fazer isso. A vaca prenhe mugiu em alarde.

Tomou posto na janela, escondendo-se com uma cortina. Estava chocado

de alguém aparecer em seu esconderijo.

Ficou ainda mais chocado por ver um homem morto.

Isso poderia estar acontecendo? Ele tinha estado no túmulo de Crook no

cemitério da igreja em Tinterl.

Espere... Claro, era o menino.

Henry mordeu a ponta dos dedos. Se deixasse o garoto entrar, ele apertaria

sua mão, e como seria? Havia passado um longo tempo desde que tocara outro

ser humano. Só isso já era quase o bastante para dissuadi-lo a ir até a porta. No

passado, ele havia se deixado imaginar esse primeiro encontro. Seria uma ocasião

de boas-vindas, num ambiente caloroso. A mãe do garoto faria a apresentação e

serviria para os três uma taça de gim. Henry penteou a barba com os dedos. Ele

nunca havia imaginado isso. Fizera grandes esforços, mudando-se para o meio

do nada, deixando o pântano inundar as estradas e o lago desgovernado pintar-se

sobre as placas.

Era tão impensável e ridículo ele ser descoberto ali, que caiu na risada. Só

que (com seu coração acelerado) o garoto estava realmente ali. Olhar para ele era

como olhar para um desenho cujo rascunho não havia sido apagado. Havia as

linhas escuras finalizadas, sem dúvida as de um jovem, mas havia linhas mais

tênuas de lápis, insinuações de sua mãe, que se penduravam sobre ele em

movimentos, e o olhar assustado em seus olhos. Para manter sua vida simples, o

garoto Crook deveria permanecer ignorado.

O garoto já estava batendo à porta. Toc-toc-toc. Ecoava pela cabana. Ele

deveria fingir ter saído?

Havia carregado corpinhos peludos contra o vento de inverno, cochilado

com uma novilha aninhada em sua testa num travesseiro, as asas tremendo em

seu hálito, mas ele considerou tal proximidade com um ser humano tão

assustadora como uma viagem ao espaço. Era verdade que se sentia um

forasteiro perto de cada um que já encontrara, exceto ao lado de Evaline Crook.

Quando a viu pela primeira vez, não pôde acreditar na atração que se cravou

nele. Sentiu-se chocado não apenas por querer ficar com uma mulher casada,

mas por querer ficar com outro ser humano.

Após vê-la, lembrou-se de quando cuidara de um touro cinza com asas de

borboleta, o dígito que sobra no final de uma contagem, que ficou velho,

reumático e deprimido sem um par.

Ficou tão absorto nesses pensamentos enquanto descia na ponta dos pés,

que deixou a lanterna da vaca preta aberta. Galopou pelo corredor e se inclinou

junto à parede, deixando Midas que batia lá atrás como um adendo às batidas de

seu coração.

Catorze anos antes, Evaline lhe havia sorrido. Ele havia se sentado com ela,

falado, e houve um entendimento. Como insetos, haviam se encontrado com

frequência sem a necessidade de palavras ou de linguagem corporal.

Correu em direção à porta aberta.

Não tinha ideia do que dizer. Ele era alto para a moldura da porta.
Estendeu

a mão.

"Hum", disse Midas, sem aceitar a mão. "Hum."

Henry o olhou de cima a baixo, sacudindo a cabeça.

"Eu", disse Midas, "hum, sou Midas Crook. Eu... creio que você...
hum,

conheceu meus pais."

"Hum", disse Henry.

"Hum."

" *Ahh.* "

"Eu... posso entrar?"

Henry soltou o ar de suas bochechas, e deu um passo para o lado deixando

Midas entrar. O corredor tinha o teto baixo e chão de madeira que rangia, no

qual seus antigos arquivos e pilhas de papel presos com fita ficavam amontoados

desorganizadamente. Percebeu Midas vendo os desenhos emoldurados de

insetos, dissecados ou voando, pendurados nas paredes do corredor, e a ideia de

um estranho notando essas coisas que ele via todo dia havia anos
fez sua pele

coçar de forma desconfortável.

Conduziu Midas para uma sala decorada com mais corpos, asas e
olhos

multifacetados. Borboletas preservadas estavam presas a um
quadro num

gabinete. Num tanque de vidro, folhas cheias de formigas. Duas
velas grossas

formavam chamas oscilantes em lanternas de papel, movendo as
sombras do

quarto em câmera lenta. Havia uma mesa antiga baixa, com quatro
banquinhos

acolchoados.

Henry puxou a barba com ansiedade. "Então... Eu sou... Henry." As
palavras que falava pareciam estranhas. Ele não usava sua voz com
frequência.

Suas amídalas eram naftalina e sua língua, uma porta rangente.

"Eu sei."

"Oh."

Ele estendeu a mão novamente, mas recebeu apenas um olhar
intrigado.

Isso era um insulto, a recusa de apertar sua mão estendida? Ou ele
mesmo estava

sendo ofensivo? Henry não tinha certeza.

"Então", disse, vasculhando sua memória por bons modos, "chá?"

"Você, hum, tem café?"

"Desculpe, apenas chá. Chá verde."

"Então, sim. Por favor."

Henry hesitou, e correu para a cozinha.

★

Midas se levantou, surpreso de como tinha sido simples levar adiante seu

encontro. A casa tinha um cheiro de pergaminho seco, mas embaixo desse havia

o odor do lago. Ele examinou algumas fotos em molduras de madeira. Elas

mostravam o mar do alto. Havia um tipo de brilho solar, mas, quando olhou

mais de perto, viu que isso não era um efeito obtido por meio de uma lente, mas

algo tangível na água, abaixo da superfície. Junto dessa foto havia o desenho

emoldurado de uma água-viva, com os tentáculos descritos em latim. Rindo para

si mesmo, Midas pensou em seu pai que lia livros na língua morta.

Henry voltou com o chá verde em delicadas xícaras de porcelana, pétalas

vermelhas pintadas nas bordas. Pegou Midas olhando o desenho da água-viva

conforme servia o chá.

"Eles as fatiam em pedacinhos, mas ainda não conseguem encontrar suas

luzes."

"... É mesmo?"

"É uma espécie local. Desenhada durante a dissecação. Essa água-viva

brilha... mas você sabe disso, é claro."

Midas assentiu. Ele sabia tudo sobre os invertebrados invernais que

infestavam as angras em dezembro, pegando o sol em seus corpos inchados e

emitindo um brilho elétrico. Mesmo assim, mesmo com elas podendo colher

cada lingote de luz e transformá-lo num brilho rosa ou numa fagulha de amarelo,

ele tinha um problema com elas que o impedia de ver o espetáculo.

"Quando cheguei em St. Hauda's Land, parte do meu trabalho era estudá-

las. Eu havia visto águas-vivas menores na cozinha do meu pai em Osaka,

criaturinhas como cogumelos que ele cortava em tiras para amaciar.
Mas as

espécies que vêm para St. Hauda's Land são totalmente diferentes.
Totalmente."

"Qual é exatamente seu trabalho?"

Henry corou.

"Você é biólogo?"

"Eu tenho um certo nível de... visão que garante minha renda. As
águas-

vivas, por exemplo, pensava-se que elas gravitavam em direção às
ilhas para

procriar, até que minha pesquisa mostrou que elas excretam luz
quando

morrem."

Essa ideia levou um momento para se sedimentar, mas então Midas
estava

empolgado, voltando-se para as fotos que pegara anteriormente.

"Então... St. Hauda's Land é um tipo de cemitério de elefantes para
águas-

vivas?"

"Elas se dissolvem e deixam apenas um brilho."

"Então essas luzes na água..."

"Os mortos e os moribundos na costa, de noite. A matéria de seus corpos se

quebra, se dissolve e libera luz. Cada partícula se torna algo como pó de estrelas,

até que tudo o que resta são esses vapores lentamente desaparecendo no mar."

Midas apontou para um círculo brilhante como um dente de leão amarelo

em um dos retratos. "Essa deve ter sido enorme."

"Do tamanho de um bote. E já vi maiores. Na minha ingenuidade, eu

originalmente pretendia nadar com elas para tirar fotos. Mas claro que o veneno

delas pode ser letal. Não tão letal quanto o de algumas espécies, mas bem

potente numa área concentrada. Pode fazer uma pessoa mancar por... Ah, mas

você já sabe disso."

"Minha mãe foi queimada por uma água-viva."

Henry oscilou de um pé para o outro. "Aqui", disse, depois de uma pausa

desconfortável. Abriu a gaveta e tirou um álbum de fotos. Folheou mais algumas

imagens da água-viva iluminada, então chegou às fotos da pedra de seixos. Entre

as pedras mosqueadas havia cardumes de peixes caídos e brilhantes.

"Não estão mortos", disse Henry, "ou pelo menos não até sufocarem no ar.

Estão paralisados pelas águas-vivas, então são carregados como madeira à

deriva."

Eles ficaram ao lado um do outro, bebendo o chá verde que Henry fizera e

olhando as fotos por alguns minutos, até que Midas, que se perdera tão

facilmente na imagem, novamente se lembrou de sua mãe mancando. Percebeu

quão desconfortavelmente próximo Henry estava dele.

O assunto de sua mãe estava flutuando entre eles tão incomensurável

quanto essas águas-vivas. Ele viu um inseto de asas azuis de algum tipo vagar

sobre o teto e descer fora da vista atrás de uma pilha de diários com capas

enroladas.

Seu chá estava esfriando rapidamente em sua xícara diminuta. "O nome Ida

Maclaird significa alguma coisa para você? Loirinha? Bem... monocromática?

Bem, hum, sabe... bonita? Ela te pagou um drinque em Gurmtton."

Henry de repente pareceu alarmado. "Ela não está aqui, está?"

"Sim. Ela veio para St. Hauda's Land em busca da sua ajuda."

Os olhos de Henry esbugalharam, as riscas da íris se fechando como adagas

de cobre. "Ela te contou?"

"Contou o quê?"

"O que ela disse?"

"Ela está... não está muito bem."

Henry franziu a testa. Mastigou os pelos de seu bigode. "Não está bem? É

isso?"

"Sim."

"Ela veio me ver por causa disso? Ela não te contou algo sobre... coisas

secretas?"

"Bem... sim. Algo bem secreto, sim."

Midas observou os dedos de Henry. Havia turfa sob suas unhas.
Henry

limpou a testa, arrotou. "Com licença, por favor, sr. Crook", então
correu fora de

vista. Midas o ouviu pisando nos degraus.

Sapos cantavam lá fora. Ele virou a xícara nas mãos, folhas de chá
giravam

no fundo da porcelana.

★

Henry teve de subir a escada para pensar por uns instantes.
Sentou-se em sua

cama e colocou um cobertor sobre os ombros, se enrolando nele
como uma

criança. A herança do garoto Crook já era dura o suficiente de
enfrentar, mas

essa menção de Ida Maclaird... o que ela queria? Ela teve de voltar
por causa do

gado de asas de borboleta. O pântano deveria mantê-lo a salvo
desse tipo de

invasão. Ele havia trocado a sociedade pela vida simples que
construía

dolorosamente ali. A vida de um entomologista: que colhia um grilo
em suas

mãos num campo, sentia seu tatear em busca de escapatória,
então o libertava,

para saltar confuso no longo gramado. Isso para dizer que ele não queria que o

grilo batesse em sua porta buscando uma explicação para sua experiência.

Ainda...

Ainda... Uma vez em sua vida ele quis mais do que esse desprendimento das

coisas que tinha em mãos. Tinha uma aguda lembrança de deitar-se de costas no

pântano uma noite no verão passado, apenas dias depois de seu encontro com

Ida. Os gases do brejo haviam subido todo o dia no calor até que se misturavam

com a atmosfera, nublando o céu azul com verdes-garrafa e marrons. Ele teria

admirado o efeito se não tivesse chegado ao lado, sem pensar, da mão de

Evaline. Pegara um sapo, que bateu as patas em seu braço até se soltar. Ele era o

único ser humano em quilômetros. O pântano engolia cada distância, tossindo

moscas recém-nascidas. Levou horas para superar essa solidão.

Henry relutantemente recolocou o cobertor em sua cama e respirou

profunda e pausadamente. Ida... Ela sabia sobre o gado de asas de borboleta, e

tudo em que ele podia pensar era que ela viera aqui para ameaçá-lo. Olhou para a

lanterna de ferro na mesa e sufocou um grito quando viu a porta aberta e seu

interior vazio.

★

Midas havia decidido olhar novamente as fotos das águas-vivas queimando o

oceano safira, mas, antes de ter uma chance, foi distraído pelo inseto de asas

azuis que viu pousando numa pilha de livros. O inseto subiu rodopiando pelo ar

e passou por seu rosto. O rapaz piscou forte, virou a cabeça para segui-lo, com

as mãos instintivamente buscando a câmera.

Era uma vaquinha, com o pelo agitando-se levemente na brisa que se

formava com suas asas. Suas patas com cascos penduravam-se relaxadas sob uma

barriga inchada e uma cabeça com olhos sonolentos.

Midas abriu a bolsa e tirou a câmera. O movimento fez a criatura se afastar e

voar mais alto, então ele congelou-se com a câmera em seu rosto. A vaquinha

desceu a uma das lanternas de papel, na qual a chama da vela tremulava. Midas

tirou sua foto, silhuetada no papel. A vaca pousou ao lado da lanterna e balançou

as asas, mostrando marcas peroladas no interior.

Ele ouviu um grito consternado da porta.

Henry entrou cambaleando na sala, olhando boquiaberto para a câmera de

Midas.

"V-você", ele balbuciou, "precisa me dar o filme. Deve ser destruído."

"Não há filme", disse Midas, agarrando sua câmera receoso. "É digital."

"Então apague."

Midas balançou a cabeça.

Henry endireitou seus ombros estreitos, desacostumado com a intimidação.

Midas, lentamente, como se lidasse com uma bomba, afastou a câmera e a

fechou bem na bolsa. A vaca se ajoelhou no balcão e lambeu o focinho.

"Por favor."

"Você tem de ajudar Ida."

Henry assentiu. "O que ela quer de mim?"

"Não tenho certeza. Você precisa vê-la. Ela acha que você sabe algo sobre o

que está acontecendo com ela."

"O que está acontecendo com ela?"

Midas deu uma batidinha em sua bolsa. "Mantenho isso em segredo, se você

mantiver o que eu vou contar em segredo também. Nem diga a Ida que eu

contei."

"V-você não sabia sobre o gado de asas de borboleta? Ela não veio por

causa deles?"

A vaca fechou os olhos, seu flanco inchado subindo e descendo a cada

respiração.

"Ela veio porque seus pés estão se transformando em vidro."

Henry se apoiou na moldura da porta.

"Mantenha isso em segredo", disse Midas. "Você prometeu."

Henry assentiu sem interesse. "Claro que manterei. Podemos apagar a foto

agora?"

"Tudo bem." Ele a olhou por um segundo, brilhando na tela. Não era uma

grande foto mesmo. Apagou-a.

"O.k., Midas... é difícil saber por onde começar."

"Comece de onde quiser."

"Já esteve no continente?"

"Sim."

"Quantas vezes?"

"Cinco ou seis."

Henry assentiu cuidadosamente. "Talvez você tenha notado algo diferente.

Quando você voltou a St. Hauda's Land. Um gosto no ar. Um maneirismo que

os pássaros têm. Uma nevasca peculiar criando desenhos quase matemáticos.

Um animal branco que não é albino."

Midas balançou a cabeça. "Acho que é normal para mim."

"Sim, sim, provavelmente é." Henry suspirou. "Na maior parte, as pessoas

ou nasceram aqui e se acostumaram com essas coisas ou se mudaram. Não há

muita gente que vem para cá."

"Você veio para cá."

"S-sim. Mas eu tinha a orelha no solo. Escutei uma história sobre um certo

animal que podia transformar uma coisa em branco só de olhar para ela. Depois

que vi... eu já tinha encontrado outras razões para ficar. Mas estou divagando,

porque você quer saber sobre Ida." Ele olhou pela janela o cenário sépia de lagos

e poças lamacentas. Parecia desgastado, como se um dia tivesse transcorrido

desde que Midas passara pela porta. "É melhor que você venha comigo. Tenho

algo para lhe mostrar no pântano."

★

Logo, as botas e as calças à prova de água que ele emprestou para Midas estavam

sujas de lama. Tropeçaram por um lamaçal infinito onde o solo era manchado de

neve. A lama congelada soltava ruídos partindo-se sob o pé. Lesmas observavam

da sombra com olhos à espreita e expressões misteriosas. Num ponto eles viram

uma garça com uma barba desgrenhada pegando um peixe, mas ela decolou

assim que chegaram perto e voou com suas asas pesadas no céu nublado. Midas

esperava nervosamente sempre que Henry parava para checar sua bússola ou

consultar um ponto de referência do pântano: aquela rocha com uma coroa de

espinhos, aquele tronco na forma de um estegossauro.

Então ele encontrou o ponto. Explicou como o havia marcado

anteriormente amarrando uma fita amarela num galho próximo. Agora o

reconhecia pela fita suja. "Este é o local", disse, apontando um dedo trêmulo

para a poça tingida diante dele.

"O.k. O que... o que estamos procurando?"

Henry se arrastou para a borda do poço. A única coisa visível era uma

concha flutuante de caracol. Ele encontrou um galho longo, curvado como uma

foice. A água arrotava conforme ele pisava gentilmente sob a superfície e

penteava a poça até que bateu em algo. Estabilizando-se, ele usou a vara para

puxar sua descoberta, com os pés deslizando de leve na margem enlameada.

As águas se abriram e algo liso e brilhante emergiu por um momento antes

que Henry grunhisse e o objeto submergisse novamente.

"Você vai ter de ajudar", disse Henry. "Pegue o galho."

Midas pegou o galho de Henry e sentiu um peso na ponta de algo que

estava preso sob a água.

Henry andou no poço com dificuldade até que a água chegou às suas coxas.

"Agora, puxe", disse.

Midas lutou com o galho, forçando para tirar o objeto da água, enquanto

Henry forçava com seu peso no poço. Lentamente eles o levantaram.

Midas perdeu o ar.

Era um homem. A água escorria dele e voltava ao lago. Ainda assim, a luz

passava através de seu torso, de seu rosto elegante e do sombreamento

intrincado dos pelos de seu peito. A luz emergia partida de seu corpo e formava

uma centena de arco-íris pelo lago. Cada centímetro dele era feito de vidro.

Lesmas prendiam-se a seu corpo como verrugas e ele usava um capacete de algas

verdes. Henry fez uma careta com o peso e abaixou o corpo de volta para a água.

Ele submergiu como num batismo.

Midas sentou-se pesadamente, deixando-se cair, sem se importar se a água

molhava sua bunda. Colocou a cabeça entre as mãos, marcando as bochechas

com lama.

Henry saiu do lago e viu a água se acalmar. "Não há palavras para isso, há?"

"Está dizendo que isso vai acontecer com Ida?"

Henry ficou sério. "Quer dizer que ainda não pensou nisso?"

Midas assentiu debilmente. Ele sentia o corpo todo doendo pela dura

caminhada. "Por que está no pântano?"

Henry deu de ombros. "E um túmulo tão bom quanto qualquer outro."

"Você o pôs aqui?"

"Não. Eu encontrei esse homem quando pegava girinos. Não sei quem era

ou há quanto tempo está aqui. Podem ser anos, podem ser séculos. Encontrei

mãos de vidro no pântano, e uma forma de vidro parecida com um modelo de

geleira que por acaso era a perna traseira de uma raposa ou de um cachorro. Esse

pântano é um cemitério de vidro. Peneire o sedimento do fundo dessas lagoas e

você vai encontrar caquinhos brilhando na peneira.

"Quando posso trazer Ida para te ver?"

Ele achou que Henry concordaria com isso sem hesitar. Mas Henry brincou

com os cordões de sua capa de chuva. "A coisa é que, Midas... O motivo pelo

qual eu trouxe *você* aqui..."

Midas fechou os olhos e tentou expelir o cheiro sulfúrico de seu interior.

"Você não pode curá-la, pode?"

Henry pegou um junco e começou a cortá-lo em fatias. "Não. Ninguém

pode curá-la porque ela não está doente. Isso não é uma doença. O vidro agora é

parte dela, pode-se dizer. Como unha ou cabelo."

"Então ela não pode apenas... cortar fora."

"Não adianta. Cresceria de novo."

Henry reuniu os pedaços de junco partido no lago. Midas pensou ver um

peixe subir à superfície para engoli-los.

Henry suspirou. "Sinto muito, Midas."

Midas se revolveu por dentro: sentimentos tectônicos que ele nunca conheceu. Ficou sem palavras repentinamente com a ideia de perder Ida antes

mesmo de os dois terem...

Olhou para o preto impenetrável da água. Pela segunda vez, viu uma boca

se abrindo na superfície.

"Você pode encontrar uma maneira de ajudar. Você mesmo disse que tinha

uma visão única."

Henry deu de ombros. "Eu só estaria desperdiçando seu tempo e dando a

ela esperanças, quando não há nenhuma."

Midas apertou as mãos enlameadas uma na outra. "Minha mãe", ele disse, "e

quanto à minha mãe? Sei tudo sobre isso! Sei que ela quer estar com você e vou

ajudar você a ficar com ela. Mas você tem de ajudar Ida."

Henry colocou as mãos na cabeça. "Não posso, Midas, não vê?"

Simplesmente não é possível. Na verdade, é a analogia perfeita.
Não posso lidar

melhor com isso do que com o outro assunto."

"Por que você não foi até ela, depois que meu pai morreu?"

Henry ficou pálido. "Onde ela estava, Midas?"

"Na nossa casa! E agora em Martyr's Pitfall."

Henry balançou a cabeça. "Ela já havia partido antes de seu pai morrer."

Num rompante de raiva, Midas agarrou um pedaço de terra e arremessou-o

na água, o que fez surgir centenas de círculos encadeados. Ver Ida como o corpo

no pântano fazia seu coração definhando e explodir. Seu rosto vacilava entre

expressões. Ele se virou para Henry e por um momento, com olhos turvos, o viu

como outro acadêmico solitário. Como ele podia se recusar a ajudar Ida? Havia

considerado isso por um milésimo de segundo?

"Então, e agora?", interrogou.

"Não há nada que possamos fazer, exceto nos consolar de que nunca

houve."

"Nunca houve? Você só vai desistir? Mesmo agora, quando vimos aqui o

que será feito dela?"

Pássaros gargalharam em algum ponto do pântano. A raiva de Midas o

deixou abruptamente como um raio elétrico na clareira ao redor do lago. Ele

partiu sentindo-se frio e inanimado. Insetos zumbiam e bambus assobiavam.

Caminharam de volta para a cabana de Henry e para o carro de Midas sem

falar, e a poucos passos de distância um do outro Henry ficou parado na entrada

de sua cabana. Midas deixou as galochas emprestadas chorando lama na entrada,

pegou seu carro e saiu dirigindo.



{16}

pai de Midas sentava-se em seu escritório, debruçado sobre um livro pesado. Lambia os dedos antes de virar cada página. Midas

O bateu na porta aberta, esperou, bateu novamente. Ele era pequeno e

a maçaneta da porta estava à altura de sua cabeça.

Lentamente, os olhos de seu pai fecharam-se. Ele respirou fundo. Seus

ombros caíram. Uma expressão cansada passou por seu rosto.

Quando se deparou com Midas, soltou um prolongado "Hum?" que se

pareceu com o ranger de um galho na floresta.

"A mãe está chorando."

Ele suspirou. "O que quer dizer?"

"A mãe está chorando. No seu quarto."

"Oh, Deus, Midas..."

"Desculpe... Fiz alguma coisa errada?"

"Perguntou a ela qual é o problema?"

"Você disse para eu não entrar no quarto. Você disse que eu..."

"Tá, tá. Oh, Midas, eu estava lendo."

Ele esfregou o bigode com um longo dedo limpo, então olhou demoradamente para as páginas em seu colo. "Ela não o viu?"

"A porta está fechada."

"Hum, por que você estava ouvindo?"

"Ela... estava chorando bem alto."

Havia uma foto no livro de seu pai. Midas se mexeu para tentar ver, mas o

pai fechou o livro, com o polegar enfiado marcando a página.

"Você bateu?"

"Bati. Não tive resposta."

Seu pai olhou para o livro fechado. Era um tipo diferente dos livros que ele

lia normalmente. Um livro grande de anatomia com o diagrama de uma caixa

torácica seccionada na capa.

"Midas?"

"Sim."

"Diga a ela... Diga que ainda tenho seis páginas. Daí eu vou lá confortá-la."

Assentindo, Midas o deixou sozinho e foi ao andar de cima. A porta do

quarto de seus pais era mais alta do que as outras portas na casa. Parecia uma

porta de pedra. Com uma tinta azul acinzentada, dentada e lascada.

"Mãe?"

Ele ouviu um soluço e empurrou a porta aberta. A luz caiu pela abertura nas

cortinas pesadas de rede, desenhando em sua mãe uma barra branca ofuscante.

Ela se sentava de frente para um espelho de corpo inteiro diante da cama. Estava

com o cabelo solto, com belos cachos claros caindo nos ombros de um cardigã.

No espelho, seu reflexo apertava uma foto na barriga e olhava para ela. Ela.

Quando jovem, não tão magra ou fraca. Posando à margem de um rio, com uma

mão no cabelo, galhos emaranhados acima e atrás dela. Um reflexo (não o seu)

partido na água. No primeiro plano havia borrões brancos, apesar de não poder

ser neve, porque era uma cena de inverno. Flores talvez. Midas imaginou que

tinham a forma de fadas.

"Filho", ela fungou quando o viu, "essas fotos são da sua mãe. Quando ela

{

era mais jovem. Gostaria de olhar?"

Ela pegou mais fotos da cama. Havia cinco no total, cada uma com uma

pose levemente diferente atrás de diferentes configurações de borrões brancos.

Midas pegou uma com ela.

"Tome cuidado", ela disse, "essas são tudo o que me mandaram. Não tenho

os negativos."

Mesmo tão jovem, Midas havia começado a pensar nos negativos como

armadilhas de luz: a luz queima um negativo como uma reminiscência física do

passado. Lembranças feitas de luz. Uma ampliação era uma cópia maravilhosa,

mas o negativo é que poderia ser guardado como um tesouro. Sem eles, tinha-se

apenas um simulacro; com eles, podia-se ter um fragmento do passado de sua

mãe, como uma peça verdadeira de cabelo recuperado ou de unha.

"Midas!", ela chiou.

Estava com os olhos esbugalhados. Ele rapidamente percebeu o que havia

de errado: passos vindo da escada. Antes que ela pudesse fazer qualquer coisa,

seu pai estava no quarto e por um momento os três ficaram congelados com o

rosto branco. Então o pai saltou para a frente e arrancou as fotos do colo de sua

mãe.

Seus olhos as varreram, como se fossem palavras. Então fez um som como

se tivesse engasgado. Ele não havia reparado na foto que Midas segurava, porque

o garoto a havia deslizado para dentro da camisa.

"Para fora, por favor, Midas." Ele empurrou a porta, fechando-a atrás de si.

Mas Midas ficou ouvindo.

"Querida...", disse seu pai. "O que é isso? O que pode ser isso? Você me

disse que as destruiu. Você me garantiu."

"Mas... querido, não foi ele quem tirou. Não foi mesmo. Sou eu. São fotos

minhas."

Midas ouviu que o papel era rasgado. De novo. E de novo. Quando a porta

se abriu, ele se encostou na parede. Seu pai passou apressado, com uma pilha de

papezinhos brancos na mão. Quando ele desceu, Midas espiou pela porta aberta.

A mãe segurava um pedacinho do tamanho de uma unha. Midas viu seus

ombros balançando, então bateu levemente na porta até ela levantar o olhar. Ele

estendeu a foto que havia escondido na camisa.

Ela contorcia a boca nos cantos enquanto abafava um ruído. Ele observou

as pupilas de sua mãe se dilatarem conforme ela se via na imagem, com suas

lentes se ajustando como as lentes da câmera.

"Guarde-as, Midas", ela disse. "Para que seu pai nunca encontre."

E ele as guardou.



{17}

m vento vinha do norte, soprando nuvens de chuva como poeira até

que elas cobriram o céu cinza. Henry sentava-se à porta de sua

U cabana, com o vento preenchendo sua boca e narinas, soprando os

cheiros decompostos do pântano em sua barriga.

Ele não podia ajudar Ida. Sentia o estômago apertado com a frustração que

isso lhe causava. Não podia ajudá-la, e a exigência do menino Crook era injusta.

E, de todos os sacrifícios que fizera para conquistar sua privacidade, o maior

tinha sido virar as costas para a mulher que amava. Então também era injusto

que o filho dela tivesse aparecido crescido no meio da neblina do pântano,

exigindo ajuda e respostas que Fuwa não tinha.

Ao longe, a chuva era uma ligação cinzenta entre a terra e o céu. Ele não

podia ajudar Ida, mas... Cobriu o rosto com as mãos. Não fora totalmente

correto com Midas.

Quando menino, Henry havia trocado sua bicicleta por um kit de química.

Isso pareceu uma ideia sensata na época, por deixar para trás coisas infantis em

nome de um estudo maduro. Então ele viu o garoto que comprou sua bicicleta

pedalando alegremente de noite, enquanto ele cutucava cristais entre placas de

Petri com uma espátula. Parecia que havia dois Henry Fuwa dentro dele. Henry

Fuwa, o cientista, que vivia em sua cabeça e aspirava a ler biologia e anatomia, e

outro Henry Fuwa que habitava algum lugar sob a sua caixa torácica e que se

enrolava cheio de remorso com a visão daquela bicicleta levada por outro garoto,

esperando apenas um empurrão dos pedais para girar com seus pés.

Anos depois, ele deixou Osaka com apenas uma pequena mala e a vontade

de levantar a pedra certa e encontrar um inseto desconhecido. O Henry Fuwa

que havia desejado a bicicleta havia temido partir, mas o outro Henry Fuwa

sempre soubera que não havia futuro em viver em cima do restaurante de seus

pais perto de Dotonbori, onde ele acordava todos os dias com o cheiro de arroz

cozido e sentia seus pulmões engomados. Sabia que não estava errando ao partir,

que uma vida isolada entre juncos e lírios do pântano, onde podia estudar com

paz e dedicação, era a vida certa para ele. Só que, quando as notícias filtraram

através da morte de sua mãe, ele ficou impressionado com sua própria

tranquilidade. Procurou por aquele menino Henry Fuwa dentro de seu peito,

esperando que pudesse derramar alguma tristeza com a morte dela, mas não

pôde encontrá-lo. Na verdade, não foi capaz de encontrá-lo em tempo nenhum.

Talvez no curso da grande jornada sobre os oceanos ele tivesse se perdido ou

sido esquecido, num terminal de aeroporto, entre malas não solicitadas ou

bagagem perdida. E então Henry não sentiu nada sobre a morte da mulher que o

havia criado em Osaka. Não conseguia nem se lembrar de como era ser seu filho.

A vida no pântano continuava em seus ciclos: flores amarelas formavam um

cosmo amarelo no solo pantanoso no inverno, o calor do verão formava peles

viscosas nos charcos, o outono dava luz a um milhão de insetos e besouros

pegajosos.

Mas uma tarde, após muitos ciclos assim, o outro Henry Fuwa voltou, e

agora estava bem crescido e se tornara insaciável. Ele o havia emboscado.

Obtido a vingança, se vingado. Conquistado força.

{

Havia posto os olhos em Evaline Crook.

Naquele verão, estava pegando enguias rio acima, aproveitando a forma

como elas deslizavam e se debatiam em seu balde. Ao pegá-las, ele as

fotografava, fazia anotações sobre cor e tamanho e as colocava de volta na água,

onde elas cintilavam e desapareciam como líquido vivo.

O dia estava prazeroso e ele andou sem rumo pela margem do rio. Insetos

com novas asas e moscas varejeiras surgiam aos milhares na grama e rodopiavam

em volta de seus tornozelos.

No rio, movimentos escuros tremeluziam: peixes recém-nascidos prontos

para ser engolidos por peixes grandes e sapos famintos. Ele vagou ao lado da

água e foi levado, por meandros e viradas, aos bosques profundos.

Então a viu à frente, sentada de pernas cruzadas à margem, com um vestido

de verão bege e um chapéu panamá com uma rosa de tecido costurada na aba.

Ela tinha um belo esqueleto, membros esguios e cabelos flutuando na cabeça

como se estivesse embaixo d'água. Seus dedos brincaram nervosamente com a

bainha do vestido, amassando-a; então a soltou, amassou novamente e soltou.

Ele a observou repetindo a ação, até que se lembrou de que não era aceitável

admirar mulheres como se faz com um inseto ou uma enguia. Acenou com a

cabeça e se desculpou por sua falta de compostura.

Ela riu e se apresentou. Ele sabia que nunca mais iria esquecer j nome dela.

Ele lhe perguntou o que a trazia ao bosque. Estava apenas vagando, ela disse.

Sua família estava em algum lugar próximo, cochilando numa clareira. "Pais?",

ele perguntou esperançoso. Não. Filho e marido, ambos vestidos com calças

longas e mangas compridas como uma precaução contra vespas e urtigas.

Ela riu triste, então devolveu a pergunta: "O que o traz aqui?"

Ele balançou o balde de enguias como explicação.

Quando ela lhe perguntou se importaria com sua companhia, ele quase

explodiu. Ele permanecia admirando a forma como borrões de luz do sol

atravessavam as folhas e pegavam o chapéu e os braços finos dela, e seus dedos

não conseguiam permanecer parados, fosse ilustrando uma ideia, fosse brincando

em silêncio. Andaram pela margem do rio. Ela andava mancando.

De repente, ele se virou abruptamente cento e oitenta graus. Avançou com

o braço e abaixou o chapéu dela com força, cobrindo-lhe o rosto. Ela gritou e

saltou com medo para longe dele.

Ele ousou olhar sobre o seu ombro.

O animal desapareceu.

Estava ajoelhado para saltar na água do riacho. Uma pele branca áspera e a

cabeça redonda com um rosto plano pressionado na superfície da água. Seus

olhos grandes, graças a Deus, estavam fechados. O que o surpreendeu apenas

um pouco mais do que a visão disso era o seu tamanho. Não era sequer do

tamanho de uma ovelha.

Ele perguntou a Evaline se ela também tinha visto. Ela admitiu (arrumando

o chapéu novamente na cabeça) ter visto algo. Mas ela tinha olhado olhos nos

olhos? Como poderia, com a cabeça do animal abaixada? Ele correu ao ponto do

riacho onde a criatura havia ajoelhado. Ramos verdes saindo da água eram

marcados com ninfas de libélulas, totalmente desenvolvidas e agarradas à

vegetação. Estavam todas brancas como flocos de neve. Ele se sentou na

margem e mordeu os lábios. Explicou-lhe que as ninfas deveriam ser de uma cor

escura, a camuflagem ideal nas águas das quais haviam saído. Agora que eram

brancas seriam uma presa fácil para pássaros, com suas patinhas prendendo os

corpos sem movimento nos ramos enquanto a pele secava em preparação para se

transformarem em adultas.

"Então vamos cuidar delas", disse Evaline, sentando-se na margem oposta,

chutando para fora os sapatos e mergulhando os dedos na água fria. Ele fez o

mesmo. O coração dela batia como louco, porque queria fazer isso com ele. Ela

lhe disse que ele era engraçado, mas gostava disso nele. Sentaram-se

confortavelmente em silêncio e observaram os exoesqueletos brancos das ninfas

se partirem lentamente, começando atrás dos olhos. Cabeças cor de giz e corpos

forçaram-se para fora das rachaduras da pele e penduraram-se emergindo de seus

velhos corpos.

"Se você se concentrar", disse Henry, "pode vê-las respirando. O ar as incha

enquanto o sol as seca. Então estão prontas para sair."

Como que para fazer uma demonstração, uma das libélulas de repente se

dobrou de volta para seu casulo e puxou a cauda e as patas. Suas asas grudavam-

se nas costas como papel amassado. Ficava lá presa a seu velho corpo enrugado

enquanto outras ninfas em outros caules faziam o mesmo.

Henry e Evaline olharam num silêncio espantado enquanto pares de asas

secavam e lentamente se expandiam entre os ramos como pétalas desabrochando.

O sol estava quente na nuca de Henry. Com o canto do olho, ele observava

Evaline extasiando-se. A luz coloria a água. Uma salamandra branca emergiu

para respirar entre vitórias-régias. Evaline era linda, ele pensou, mais linda do que

tudo isso.

As asas expandidas da libélula mais próxima de repente bateram e se

estenderam até seu limite. A luz mostrou suas facetas desenhadas. Outras

libélulas fizeram o mesmo. Os caules estavam repletos de flocos brilhantes.

Alguns minutos depois, a primeira decolou. Arremeteu verticalmente,

depois ziguezagueou entre as cabeças deles. Evaline respirou fundo e cobriu a

boca. Henry a observou. Mais libélulas se jogavam livres de suas encarnações

petrificadas, zumbindo no ar como faíscas brancas.

Bolas de chuva pesada caíram ao redor dele, trazendo-o de volta ao pântano

e ao presente. Ele fechou os olhos enquanto os pingos silenciavam na grama

enlameada. Adorava e temia a ocorrência daquela memória, porque, apesar de ter

sido um momento de promessa, e a primeira vez na sua vida em que esteve

apaixonado, se transformou com os anos na metáfora pertinente à lembrança da

qual ele não sabia para onde a Evaline daquele dia havia ido. Tudo o que

permanecia dela em Martyr's Pitfall era a pele de uma ninfa de libélula.

E lá estava ele, parado, ensopado na chuva, sentindo-se culpado por não ter

sido inteiramente correto com o menino dela, como se toda a verdade pudesse

fazer bem para alguém.

Ficou raivoso repentinamente. Uma rocha do jardim estava funcionando

como palco para um encontro de lesmas, e ele retirou a Lama e jogou numa

poça. A espreita, abaixo, entre os tatus-bolas rastejantes e o limo, havia um

besouro como uma conta de jade. Henry encheu de ar os pulmões e pisou nele.

Caiu imediatamente de joelhos ao lado dos restos gosmentos, engasgando e

coçando a barba tão forte que, quando recuperou o controle, viu sangue nas

unhas. Ficando de pé, sentiu-se monstruosamente alto. Seus sapatos pareciam os

de um gigante, suas mãos estavam retorcidas e desajeitadas.

Nada era como deveria ser, por causa da aparição do menino Crook.

"Tudo bem!", ele gritou no pântano. "Vou te contar!"
Imediatamente, seus

pulmões sentiram-se feridos por gritar. Muito tempo tinha passado desde a

última vez em que ele levantara a voz. Foi para a cabana e cruzou os braços

enquanto fervia água numa panela. Então levou a panela para fora, onde o ar frio

revelava o vapor. Minhocas congeladas de água da chuva estalavam sob suas

galochas conforme ele andava no pântano, com água quente espirrando e caindo

no chão, chiando na lama. Quando chegou a uma poça do tamanho e da forma

de um sarcófago, usou a parte inferior aquecida da panela para derreter um

circulo no gelo da superfície, depois virou a água nas plantas e afundou o

recipiente na poça como um tipo de rede de pesca, esfregando-o no fundo

escorregadio. A água anestesiou seus dedos. Ele podia sentir o gelo fechando ao

redor do pulso. Tirou a panela da poça. Estava cheia de água suja e com um

objeto duro envolto numa gosma.

Carregou o objeto e a panela de volta para a cabana e, lá dentro, drenou a

água. Então ligou a água quente na pia adicionando um longo fio de detergente.

Colocou luvas de borracha, respirou fundo e buscou na pia a massa agora

escondida sob bolhas. Esfregou-a com uma escova até que as bolhas cessaram e

pôde tirar o objeto sem manchas da água.

Quando o havia retirado do túmulo de Midas Crook, o cheiro fez sua bile

chegar à garganta. Agora o coração de vidro de Midas Crook brilhava como um

diamante multifacetado. Nos últimos anos, caracóis viveram em seus átrios

transparentes e girinos preencheram seus ventrículos. Limpo e esterilizado

novamente, enchia Henry de vergonha e terror pelo que fizera. Ele o havia

arrancado como uma fruta madura do peito de Midas Crook, depois corréra até

sua casa e o esfregara tirando sua camada de sangue coagulado. Examinando-o

nas noites seguintes, ele havia aprendido alguns de seus segredos. O vidro agiu

como as unhas ou o cabelo numa pessoa. Continuou crescendo por um tempo

depois da morte, mesmo no túmulo, mas depois parou, como o resto do corpo

humano. Ele havia pensado nessas coisas, na enormidade do que fizera, todos os

dias, desde que o levara de volta ao pântano.

Ouvira dizer que Crook tinha morrido de um tumor no peito que desafiava

o conhecimento dos médicos. Nessa época, ele também descobriu, enquanto

revirava o pântano, o homem que virou vidro. Enquanto se abaixava ao lado do

poço olhando o peito do homem de vidro, ele se perguntara: e se...

Havia comprado e bebido uma garrafa inteira de gim na noite em que

desenterrou o caixão de Crook e forçou a madeira podre. As flores no cemitério

de Tinterl Church pegaram a luz da lua e estavam brancas até nas pequenas

horas. Os músculos esguios que ele tinha na época estavam rígidos em seus

braços enquanto ele manejava a pá. A igreja de Tinterl ficava num penhasco

isolado onde o vento varria o solo ralo, deixando a terra granulada como uma

praia. Só uma vez ele avistou uma companhia viva, quando viu um par de faróis

se aproximando ao longe e se jogou na terra, em pânico pelas luzes fortes

conforme elas iluminavam o muro da igreja e se estendiam nas sombras das

lápides como cortinas negras. Um suor frio o cobria quando as luzes

desapareceram pela rua Gurmtton. Sabia que havia um homem morto estendido

paralelo a ele e, apesar de não ter tempo de checar atrás de qual lápide ele havia

se escondido, sentia de quem era o túmulo através do solo duro. Levantou-se e

tirou a rampa do gim para beber o álcool da garrafa, umedecendo os lábios antes

de pegar a pá e arrancar a grama rala do túmulo.

Ele se lembrava da placa nua de madeira que desenterrara à luz das estrelas

do outono. Abriu a tampa do caixão e perdeu o fôlego com o que restava podre

lá dentro. No pântano, a decomposição era complicada. Gases e fluidos na água

podiam preservar um homem por séculos, ou descascar sua pele como pintura

em dias. Ele esperava que esse túmulo de areia tivesse feito o suficiente em sete

anos para abrir seu torso sem resistência. Era tudo de que ele precisava: .ma visão

abaixo da caixa torácica da matéria que sobrara. O centro do amor.

Havia feito mais que o suficiente.

Agora, na cozinha de sua cabana, ele colocou o coração de vidro numa

sacola e o deixou numa mesinha de centro.

Se alguém perguntasse a um psiquiatra por que um homem pode se matar,

podia receber uma centena de razões, mas nenhuma dessas seria o objeto

dentro da sacola. Henry pensou longa e duramente sobre o particular suicídio do

dr. Crook. Ele havia contrastado o coração de vidro com o corpo de vidro que

mostrou a Midas no pântano. Se a transformação para vidro parava não muito

depois da morte, então Crook a havia enganado com seu suicídio. Também

demonstrava que o homem do pântano não havia morrido. Com a morte, o

vidro logo pararia. Era impossível para o homem do pântano, em vida, ter se

transformado em vidro a ponto de a metamorfose tomar conta de todo o corpo

depois de sua morte. Se o homem tivesse se afogado naquele lago, o vidro teria

parado cedo demais depois de a água preencher seus pulmões (pulmões

pulsantes bons o suficiente para afogá-lo) para completar a transformação. Se ele

tivesse sido envenenado por uma fruta do pântano e se deitado para morrer às

margens do lago, precisaria ter um estômago vivo, não um estômago de vidro,

para lançar enzimas necessárias para digerir as toxinas da fruta. Se tivesse sido

assassinado (seu corpo não mostrava sinais de ataque, mas poderia ter recebido

uma pancada na cabeça), ele teria precisado de crânio e cérebro para que o

assassinato se consumasse. E mesmo se o vidro em si tivesse acabado com ele, o

tivesse transformado, órgão por órgão, no estado cristalino em que agora

repousava, certamente o teria destruído, porque, no momento em que um órgão

vital endurecesse, seu corpo se teria desligado, ele estaria morto e o vidro não

teria capacidade de continuar a se espalhar para tomá-lo inteiramente.

Por tudo isso, Henry só podia ter duas hipóteses.

Uma: de alguma forma, mesmo depois de se transformar em vidro, o

sofredor ainda estava vivo. O dr. Crook não parecia acreditar nessa teoria, ou

não teria desistido de sua vida tão facilmente.

Duas: que a velocidade da transformação não estava fixada naquele ritmo

constante que Henry havia imaginado. Que de repente poderia avançar, tomar

sua vítima numa explosão. Parecia mais provável que o dr. Crook temesse isso

enquanto fazia planos de suicídio. Parecia provável que o homem do pântano

temesse também, conforme contemplava sua própria condição, entretanto

muitos anos ou séculos atrás, até que de repente estava se transformando numa

velocidade rompante num mineral duro e vazio, sem tempo sequer de se

espantar.

Henry tinha se interessado por isso até o momento, mas agora era diferente.

Ele mal conhecia Ida Maclaird, mas a conhecia bem o suficiente para não lhe

desejar a condição vítrea do dr. Midas Crook ou do homem do pântano.

A única coisa que tinha vontade de fazer no resto da tarde era tirar sua

mente de Ida. Para isso, acabou com sua reserva de gim, concentrando-se em

enxugar cada gota, clara como diamante. Pensou em Evaline, em libélulas

brancas surgindo num rio e nas cascas de corpos larvais deixadas para trás nos

juncos e caules, e na forma como, lá atrás, ele achou que o amor estava

germinando.



{18}

noite cintilava por trás de nuvens de neve. As copas das árvores

A serrilhavam o céu. A neve derretia conforme caía, fixando-se na rua

cheia de flores esmagadas por pneus.

Carl Maulsen dirigia.

Tempo, era isso o que faltava para ele. Você não tem de ter anos de

experiência: você tem de ter anos não vividos, para serem guardados. Porque,

quando você fica mais velho, as coisas se partem. Desejava que seu primeiro

encontro sério com a morte tivesse sido com qualquer outro, outra pessoa.

Parecia perverso que sua mãe e seu pai se agarrassem á vida lá no Arizona.

Todos menos ela, para fazê-lo perceber que ele não tinha todo o tempo do

mundo, não tinha o luxo de ultrapassar Charles Maclaird, planejando e fazendo

seu avanço num futuro perfeito.

Sentiu sua garganta se apertar e uma umidade queimar sob as suas pestanas.

Surpreso, ele a sufocou de volta. Estava se sentindo velho e sentimental. Talvez

fosse o encanto dos bosques trazendo isso à tona. Espinhos prateados tremiam

no acostamento. Seus faróis transformaram os olhos de uma lebre num branco

assustador.

Nessa noite, vividamente, ele a viu dançando em seu vestido de baile na

última noite da universidade, seu vestido e cabelo até a cintura, brilhante como

os olhos da lebre. Ele se lembrava do agradecimento dela na pista de dança, um

sorriso malicioso no cantinho da boca. Mas ir até ela seria fazer da lembrança

uma fantasia, já que ela não havia feito isso. Ele bancou o descolado,

aproximando-se dela depois apenas para encontrá-la nos braços de outro

homem.

Voltou àquela lembrança e a remoldou. Dessa vez pisou na pista de dança e

seguiu em direção a ela, maravilhado pelo brilho de seu cabelo nas luzes

piscantes da boate. Pegou suas mãos estendidas e sentiu os dedos suaves se

enlaçarem nos seus dedões.

Pisou no freio tarde demais. Havia uma corça em seus faróis.

O veado partiu-se com o impacto, deixando um amassado no capô e

quebrando uma lâmpada. Caiu longe, mostrando sua pálida barriga. Xingando,

Carl saltou do carro e inspecionou a marca no metal. Uma das luzes havia sido

arrancada e o capô estava partido. Ele protestou sobre o corpo da corça, então

abriu o porta-malas, pegou o bicho e o colocou nos ombros. Se tinha de pagar

para arrumar seu carro, ele e Ida comeriam carne de veado por uma semana.

O impacto havia quebrado o pescoço da corça, mas, quando a colocou no

porta-malas, viu uma perna de trás quebrada em vários lugares, fazendo com que

os ossos quebrados aparecessem salientes na pele como os brinquedos numa

meia de Natal.

Ele ficou parado por um momento com as mãos no bolso. A surpresa da

morte na estrada e o brilho do gelo em cada folha e cada espinho tornaram seus

pensamentos fantasiosos.

Trinta anos antes, o verão havia secado a grama entre os prédios da

universidade. Gramados amarelados pareciam pergaminhos picotados

apodrecendo na terra. Carl ficou à sombra de um prédio de arenito da

{

universidade, com as mãos no bolso, a testa franzida. Tirou o pente e o passou

várias vezes em seu cabelo preto. Outros estudantes andavam longe dele subindo

os degraus para os corredores abafados.

Como os odiava: a falta de visão deles! Nenhum tinha ímpeto ou ambição.

Corriam em grupinhos ou vagavam por lá, aceitando de bom grado seus

iminentes fracassos acadêmicos. Fossem fanáticos em seus estudos ou

indiferentes, nenhum tinha o ímpeto, nenhum tinha a paixão que ele tinha.

Ocupavam-se mais de se bronzear na insuportável luz do sol do que em

aprender. Fungou como um porco, assustando um estudante rechonchudo que

empurrou seus óculos nervosamente pelo nariz e se afastou. Enfiou o pente no

bolso e cruzou os braços.

Uma garota andava de bicicleta no pátio. Parecia com pressa, pedalando

rápido, mas, ao passar sobre um pedaço de pedra da calçada, sua bicicleta travou,

a corrente se soltou e a menina veio ao chão, com a perna presa na bicicleta. Carl

fez uma careta enquanto ela se desvencilhava e se levantava.

Ele parou com a careta. Ela era linda.

A garota havia cortado os joelhos. Um sangue negro descia por sua perna

como um estigma fora de lugar. Tentando arrumar seu cabelo loiro-ártico, ela o

sujou de sangue. Abandonou a bicicleta e correu pelos degraus para dentro de

um prédio da universidade, deixando Carl com o perfume amargo do cheiro dela

e de seu sangue.

De algum modo, ela o excitava. Ele se considerava acima daquelas vontades,

estava lá inteiramente devoto à academia. Mas agora... estava chocado por se

encontrar correndo no pátio para resgatar a bicicleta abandonada da menina. Ela

precisava de uma nova, ele percebeu quando a levantou e observou a ferrugem.

Apoiou-a gentilmente num muro e colocou a palma da mão no selim, buscando

um calor residual. Não sentiu nada, apesar de permanecer lá por algum tempo.

Mais tarde, ele fantasiou que aplicava curativos nos joelhos feridos dela.

"Freya", ele disse, e a palavra pareceu conduzi-lo para fora de suas memórias

e de volta às árvores mudas, à estrada gelada e à corça morta no porta-malas de

seu carro. Virou-se e olhou para as margens espinhentas e os bosques prateados

atrás dele.

"Freya", ele disse em abandono.

Seu nome estava morto no ar. Não era mais nada além do nome de um

produto de nutrição para raízes de grama num cemitério no continente. Ele teve

uma premonição disso quando seu nome de solteira ficou para trás, mas não fez

nada para impedir que acontecesse. Nunca teria insistido em que ela adotasse o

nome Maulsen. Agarrou seu cabelo e o puxou com tanta força que trouxe

lágrimas a seus olhos. Como invejava as raízes no corpo dela, os filamentos

crescendo onde sua pele fora quente e suave!

Voltou-se e fechou o porta-malas com a corça morta. Ida Maclaird: um

nome que ainda significava algo. Sorriu, pela primeira vez em dias, ao pensar em

como ela emergiu do corpo que agora estava sob a grama. A própria realidade de

Ida era deliciosa. O que tornava ainda mais duro de suportar o fato de que ela

não estivesse bem. Ele a havia notado pela casa e rapidamente desenvolveu as

suspeitas de que sua doença era grave.

Ele não era ignorante de ferimentos. Quando mais jovem, havia quebrado

um osso no pé direito e trincado a tíbia da perna esquerda. Não era esse o tipo

de ferimento de Ida. Ela caminhava pelo chalé tão delicadamente que seu pé

poderia ser de cerâmica. Essa comparação trouxe a sua mente Emiliana Stallows,

esposa de Hector, que, com a ajuda da fortuna de seu marido, havia gerenciado

por algum tempo um pequeno negócio alternativo de medicina em Enghem, na

costa norte de Gurm. Até onde Carl sabia, esse negócio era só de remédios de

ciganos e bugigangas de superstição, mas ele a havia divertido enquanto ficaram

juntos. O caso significou mais para Emiliana do que poderia significar para ele,

mas ela tinha sido bonita em sua época e ele havia especulado erroneamente que,

se alguma mulher podia quebrar seu desejo vão por Freya, seria alguém tão

glamouroso quanto ela.

Ele vasculhou seu cérebro para se lembrar do que ela lhe havia contado.

Algo que ela havia contado quando ele estava meio disperso, algo que a colocava

em sua mente agora. Estavam deitados na cama uma manhã e ele curti o

primeiro cigarro do dia quando ria comentou o tédio da sua vida. Emiliana

sempre sentia pena de algum paciente, mas a história de uma menina — os

detalhes que lhe faltavam agora — era incomum. Emiliana dissera que sentia

aquilo profundamente.

Ele teria de revirar tudo para encontrar o telefone dela ou fazer uma viagem

para Enghem, já que não tinha contato com ela havia vários anos.

Mas, primeiro, tinha outra visita a fazer. O garoto Crook havia cruzado sua

mente em uma ou duas ocasiões desde a morte de Zrook. Carl estava curioso

por saber o que ele havia se tornado e se era uma companhia adequada para Ida.

Se houvesse uma coisa ruim a se herdar de Freya, e Ida certamente tinha, seria o

gosto para homens. Já num outro dia, Ida lhe falara dos ex-namorados,

deixando-o estupefato com o que ela via neles.

Ela precisava de ajuda, e Carl estava feliz de poder fazer isso.

★

"Você vai gostar dele", ela disse de Carl Maulsen. "E ele está interessado em

você."

Mas a questão era que ele não gostava de gente e as pessoas não se

interessavam por ele. Midas, sentado sozinho à mesa da cozinha, pôs as mãos na

cabeça. Era a forma como as coisas funcionavam. Melhor assim.

"Estou ficando envolvido demais com Ida", ele confessou para a câmara na

mesa. "Eu devia cair fora agora mesmo."

Olhou com carinho pela cozinha, a vida aconchegante que fizera para si

mesmo. Devia telefonar e cancelar qualquer novo encontro com ela. Que bem

ele estava fazendo?

Ficou de pé. "Gosto das coisas imperturbadas."

Foi até o telefone, pegou o gancho e apertou os primeiros dígitos do

número dela (percebendo que o havia decorado). Vacilou, então colocou o

telefone de volta. Ela não havia perturbado as coisas tanto assim. Pensou nos pés

dela. O brilho da luz passando através deles, fazendo seu sangue cristalizado

reluzir. Sua promessa a ela de ficar por perto. Quão insensível seria abandoná-la

agora?

"Se", ele cogitou, voltando à chaleira, "as coisas ficarem feias, eu salto do

barco sem pestanejar. E não vou me sentir mal por isso."

Ele estremeceu. Nunca conseguia formar laços com as pessoas, especialmente com mulheres. O único relacionamento que já tivera o convenceu

disso. Ele deu a Natasha uma sessão completa de estúdio, até alugou figurinos.

Ela curtia posar, dizia que a fazia sentir-se bem consigo mesma. Como ele

adorava trabalhar com câmera, parecia seu par perfeito. Ela era impressionante...

mas apenas nas fotos. Ficou difícil sair com ela. Ele preferia fingir que estava

doente para poder ficar em casa e olhar as pastas de fotos que tirara. O cabelo

denso e brilhante de Natasha nas fotos ficava seco e tinha cheiro de spray fora

delas. Os olhos sedutores dela se tornavam pedaços queimados de madeira

quando ele fechava o álbum. Foi necessária uma coragem tremenda para

terminar o namoro, sentar-se e explicar que ele só era atraído pela versão dela

capturada em filme.

Ele se sentiu mal com isso por alguns anos e ela se mudou para encontrar

alguém que a amasse pelo que era realmente, não pelo que o nitrato de prata e

luz a faziam. Ela escreveu-lhe uma carta que ele leu tantas vezes a ponto de

conhecer palavra por palavra.

Você sempre pareceu mais feliz com as coisas planas, com duas dimensões. Nunca

consegui arrastar você para longe disso. Nunca fiz você enxergar em três dimensões. Até hoje,

não sei se você descobriu a profundidade, ou a distância, mas eu desesperadamente queria ser

aquela que lhe mostraria isso. Tome cuidado, Midas.

Isso o fez se sentir terrível, em parte porque ele a havia ferido, em parte

porque ela o compreendeu errado. Tão absurdo dizer que ele não sabia nada

sobre profundidade e distância! Todo fotógrafo entende de profundidade e

distância. Ele não era limitado como seu pai havia sido; ele se esforçou para

desenvolver uma perspectiva saudável sobre o seu lugar no mundo. Foi por isso

que ficou com a câmera.

Era hora de Denver chegar. Ele gostava da companhia da menina porque

ela gostava de ficar quieta. Ela ficava perplexa com conversas desnecessárias de

qualquer tipo. Os dois sentavam-se por horas a uma mesa enquanto Midas

trabalhava em suas fotos e Denver desenhava.

E ainda assim, desde o outro dia, quando ela lhe mostrou as rolas de Natal e

falou francamente do tempo gasto no fundo da cabeça, ele estava se

preocupando com ela. Gustav sofria para conduzi-la para o mundo externo de

objetos, violência e clima. Havia conseguido fazê-la caminhar nas rachaduras das

calçadas, para ajudá-la a ver que nada de ruim iria acontecer (depois disso, ela fez

um tipo de penitência, indo e vindo, pulando por horas de pedra em pedra).

Havia fingido cortes de energia para ajudá-la a lidar com a escuridão (apesar de

que, desde então, ela manteve uma caixa com velas embaixo da cama). Levou

anos para ele curar-lhe o medo da água. Na escola, ela rasgara suas boias de

braços com uma caneta-tinteiro. Os professores a puniram mandando escrever

frases repetidamente, mas ela as escreveu com uma aceitação paciente e os

professores relataram o fracasso da situação para Gustav. Midas também não

gostava da água, por isso havia silenciosamente aprovado aquele desacato, mas,

desde esse dia, se perguntava se não estaria sutilmente desfazendo todo o

trabalho duro de Gustav, que encorajava a introversão da filha como uma parte

da identidade dela. Sempre pensou nisso como algo bom. Quando parou de

pensar assim?

Agora ela estava desenhando uma baleia com nariz de chifre e barbatanas

douradas, enquanto ele grudava novas fotos nas paredes da cozinha. Um mangue

sob o sol forte, com terra como um milhão de impressões digitais num lençol

branco. Um caracol com uma concha como mármore preto e antenas

estendendo-se ao céu. Um gato albino com um olho só, que foi fotografado na

frente da floricultura. Teria ficado satisfeito com tudo isso uma semana antes.

Teria passado uma hora fascinado pela profundidade de sombra e brilho de luz,

mas agora as fotos pareciam um desperdício do espaço da parede em que ele as

grudava. Em vez disso, as fotos selecionadas que ele espalhara sobre a mesa

eram as únicas que levantavam seu interesse. Eram as fotos que tirara do pé de

Ida quando ela dormia. Selecionou uma, prendeu-a e guardou as outras. Então

ficou com as mãos nos bolsos, observando a parede.

Nos últimos anos, havia deixado de usar sua velha câmera analógica. Sentia

saudades das longas noites no quarto escuro, do cheiro de umidade e dos fluidos

de revelação, da luz vermelha que o fazia sentir-se como se estivesse olhando o

quarto através das pestanas. Apesar desses surtos de nostalgia, agora ele era

escravo das câmeras digitais. A fascinação da próxima foto, esperando

sedutoramente, era forte demais para ele. Antes das câmeras digitais, o final de

um filme sempre havia sido seu limite, levando-o de volta ao quarto escuro para

fazer ampliações de nitrato de prata. Seus olhos haviam se ajustado para

aprender a ver o mundo à meia-luz, a meia imagem se formando na pia.

Então havia os negativos. Como sentia falta dos negativos! Eles eram

verdadeiros raios de luz, saídos direto de uma paisagem, um objeto, uma pessoa,

e marcados no filme. Negativos fotográficos eram a evidência mais dura que

você podia ter de suas lembranças. Eram o carvão deixado pelo fogo, o

ferimento em sua pele. A mesma luz que ia a seus olhos no dia de sua fotografia,

aquela imagem de sua mãe, de seu pai ou de um amigo próximo, se havia

gravado em filme. E agora, olhando para a foto na parede dos dedos

transparentes de Ida contra os lençóis da cama, ele pensava em quão similares

seus pés eram dos negativos: ambos sujeitos àquele meio mundo entre a

lembrança e o presente. Não eram dedos reais, flexíveis, exploradores, mas um

jogo de luz que mostrava onde os dedos haviam estado.

A campainha tocou e ele olhou seu relógio. Gustav havia checado meia hora

antes.

Ficou surpreso de encontrar não Gustav, mas Carl Maulsen de pé à porta

numa jaqueta de couro, mãos nos bolsos e neve em seus ombros.

"Olá", ele disse. "Não nos conhecemos, mas é o Midas, certo? Meu nome é

Carl Maulsen. Um amigo de Ida."

Midas se lembrou bem da foto de seu pai e Carl com seus doutorados. Na

vida real, o homem tinha algo que a câmera não havia capturado: presença.

Alguns tipos de campo magnético como o ar ao redor de um gerador.

"Sim, o-olá. Ela me mostrou sua foto."

"Achei que podia dar uma passada por aqui. E engraçado, sabe? Eu conhecia seu pai." Ele tentou passar por Midas para dentro da casa. "É uma hora

ruim?"

O que Midas supunha significar: *posso entrar?*

Midas voltou para o corredor. Carl entrou e fechou a porta, pendurou o

casaco num mancebo. Então seguiu Midas para a cozinha.

"Denver, este é, hum, o doutor Maulsen. Doutor Maulsen, esta é minha

amiga Denver."

"Olá, doutor Maulsen."

"Não me chame de doutor", disse Carl suavemente. "É muito ostensivo."

Denver deu de ombros e voltou ao desenho.

"Sente-se", disse Midas, puxando uma cadeira da mesa. "Gostaria de uma

bebida?"

"Divido um bule de café com você."

"Certo." Ele ligou o bule.

Carl estudou o desenho em que Denver estava trabalhando, sua baleia na

profundidade do oceano, usando arreios de algas e puxando uma carruagem feita

de concha que ela pintava de rosa. Uma mulher andava lá dentro. Ele apontou

para ela, tomando cuidado para não tocar o trabalho do lápis. "É uma sereia?"

Denver balançou a cabeça e continuou desenhando.

Ele voltou a atenção para as paredes de fotos. "Então, Midas... você se

tornou um artista e tanto. O que seu pai pensava de tudo isso?"

Midas pegou o bule de café e o menor par de xícaras que tinha. "Ele não

entendia de fotografia. Só achava que uma coisa era bonita se lesse sobre ela num

velho livro morto."

Carl assentiu, bebericou seu café e continuou olhando ao redor. "Tive o

prazer de trabalhar com ele por um tempo, lá no Wretchall College."

Midas se jogou na cadeira. "Olhe", disse, "meu pai era um imbecil."

Carl pareceu surpreso. "Eu discordo. Eu gostava muito dele. Ele falou de

mim?"

"Não. Desculpe. Ele não teria falado. Nunca falava das pessoas ou do que

acontecia em sua vida. Só tagarelava sobre arquétipos e coisas assim."

Carl sorriu afetuosamente. "Parece com o homem que conheci, sim. Não

esperava que ele tivesse falado de mim. Mas seu pai dizia algumas coisas

admiráveis. Ele abriu muitos olhos."

"Talvez."

Denver bocejou alto. Seu lápis rabiscava entre o silêncio dos dois homens.

"Posso ver seu pai em você, sabia? Você tem a mesma... como posso

colocar? Compostura. Senti muito quando ele morreu. Aquela coisa com o

barco. Foi uma grande perda."

Midas deu de ombros.

"Você não sente *nada* por ele?"

Outro dar de ombros, menos pronunciado.

"Tem ao menos uma foto dele?"

"Tem uma na parede lá. Eu me livrei do resto."

"Entendo", disse Carl, olhando cuidadosamente a foto, "é um assunto

desagradável."

Midas olhou os círculos de café na superfície da mesa, como se eles pudessem se tornar redemoinhos através dos quais ele escaparia dessa conversa.

Sob a mesa, enfiava as unhas nos joelhos.

"Bem, só estou dizendo que é uma pena que você o odeie." Carl voltou para

a sua cadeira. "E é interessante, não acha que vocês dois acabaram bem

parecidos, mas tão diferentes? Enfim, não vim aqui falar dele."

"Você disse que estava só de passagem", disse Denver.

Ele olhou de soslaio para ela, tendo claramente esquecido de que ela estava

lá. "Bem", ele disse, respirando profundamente. "É verdade que vim por algo

mais. Vim por causa de Ida."

"A nova namorada do Midas."

"Den!"

Ela deu de ombros.

Carl levantou as sobrancelhas.

"Não!", protestou Midas. "Não, não, não, somos apenas amigos. Além

disso, acabamos de nos conhecer."

Havia um sorriso contido nos lábios de Carl, como se o comportamento de

Midas fosse familiar para ele. Ele parecia quase nostálgico. "Ida está doente, não

está?", perguntou.

Midas assentiu fracamente.

"Mas você e eu vamos ajudá-la, não vamos? Estou feliz que ela tenha se

aberto para você."

Midas imaginou que havia apenas soltado o mesmo tipo de negativa

envergonhada que seu pai teria dado. Mas ele não tinha a prática de falar de

sentimentos. Queria correr pela escada e ficar sob uma ducha fria.

"Ela te contou", disse Carl, "sobre o que há de errado nos seus pés?"

Denver tossiu. Estava olhando para Midas, tentando transmitir algo.

"Eu, hum", ele murmurou. "Não acho que Ida me disse especificamente o

que há de errado com ela."

"Acha que não?"

Denver bateu com o lápis na mesa. "Não", ela disse, "ele acha que não."

"Ela te disse como ela e eu nos conhecemos?"

"Ahn..." Ele podia lembrar, mas Denver balançou seu lápis, então ele não

disse nada.

"Eu era o melhor amigo da mãe dela. Isso me coloca numa posição interessante, como antigo colega de seu pai."

"Todo mundo se conhece em St. Hauda's Land", disse Denver.

"Não havia muita gente que conhecia seu pai, Midas, e sou o único que Ida

conhece em St. Hauda's Land."

"Ela conhece o Midas", contradisse Denver, "e meu pai, e eu."

"Mas ela acabou de conhecer vocês. Ida e eu nos conhecemos há tempos.

Por isso é que estou nesta posição peculiar, tendo conhecido a família dos dois."

"Midas não é como o resto da família dele. Ele é como... como se Deus

tivesse começado de novo."

Carl sorriu com doçura. "Ela ficaria surpresa, não ficaria, Midas?"

Midas murmurou algo.

Denver bufou e fechou seu caderno. "Não consigo me concentrar."

Carl ficou de pé. "E eu terminei meu café."

Acompanharam-no até o corredor, onde ele vestiu seu casaco de couro e

abriu a porta, parando um momento no degrau, como se admirasse a neve

esparsa que caía.

"É uma foto interessante", ele disse, "em sua cozinha. Umas cinco fotos

acima da foto de seu pai."

"Ahn", ele puxou pela memória. "É?"

"Sim." Carl jogou as chaves do carro no ar, pegando-as e descendo até onde

havia estacionado. Entrou no carro e saiu sem olhar para trás.

"Isso foi terrível", disse Midas.

Denver tinha as mãos nos quadris e estava te testando. Como um professor

numa prova." Ela bufou e voltou à cozinha. "Mas não consigo alcançar."

Era a foto dos pés de vidro da Ida. Cinco fotos acima da de seu pai.

Oh, Deus. Com certeza... fora de contexto assim... só um par de pés feitos

de vidro... nada mais... não significaria nada...

"São só...", ele gaguejou, "efeitos especiais. Computadores poder, sabe...?"

Tirou a foto da parede e a colocou na mesa virada para baixo, como se fizesse

alguma diferença agora. Denver voltou para a porta da frente e a fechou com os

dois braços, mantendo o frio fora da casa.



{19}

aminhar na noite oferecia momentos em que ela esquecia o que estava acontecendo com seus pés, apenas para o momento ser

C destruído com uma neblina de agulhas e alfinetes em suas veias e as

respostas mudas de nervos mortos quando ela tentava flexionar os dedos. O

sono daquela noite estava duro de vir. Ela sabia que era perverso, mas Carl,

tendo retornado para seu próprio chalé, parecia um impostor. Ela havia dormido

na outra noite ao alcance de Midas em seu quarto, e aquilo se pareceu com um

lar. Na manhã seguinte com ele, com o óleo na frigideira, ela sentiu algo

prazeroso.

Levantou cedo, cansada de ficar deitada, parada. Preparou um pouco de

cereal que viu se tornar pedaços molhados no leite. Não estava com fome.

Observou flocos de neve maciços caírem na janela. Depois de um quarto de

hora, ouviu pegadas fora e se sentiu tensa. A porta da cozinha rangeu e se abriu,

e Carl entrou usando um casaco cinza e um cachecol grosso. Seu nariz e orelhas

{

estavam roxos e ele tinha flocos de neve nos cabelos. Ida estremeceu com a

lufada de frio na sala antes que ele fechasse a porta.

Carl sorriu soturnamente e se sentou. "Também não conseguiu dormir?"

"Não."

"As vezes eu não consigo parar de pensar o suficiente para me desligar."

Ela tentou mostrar simpatia. "Para mim, são meus pés."

"Ah." Ele a fixou com os olhos e endireitou os ombros. "Escute, Ida, estou

preocupado com você."

Ela deu de ombros, cutucou seu cereal com a colher.

"Não há nada..."

"Ida. Acho que conheço uma mulher que pode ajudá-la."

"Me ajudar a encontrar Henry Fuwa?"

"Não. *Ajudar a curar você.*"

Ela comprimiu os olhos, esforçou-se para que suas mãos não denunciassem

nervosismo. Sem ter dormido, a força de vontade estava fraca. Pedacos de neve

derretendo no para-brisa. "Carl... Por favor... Não há nada..."

Ele bateu na mesa e a fez saltar, a colher chacoalhando na tigela.

"Baboseira,

Ida. Fiquei acordado a noite inteira pensando em você. A forma como você

anda. Seus passos tímidos. A forma como sua cabeça abaixa quando você acha

que ninguém está olhando. Nunca a vi assim."

"O que... bem... o que quer dizer, Carl?"

Faltavam horas para o amanhecer, mas ela sentia que eles estavam prestes a

sacar pistolas. Ela tentou compreender o que ele sabia, o que ele queria

confirmar em sua expressão. Ele respirou profundamente e disse: "Seus dedos

viraram vidro."

Ela engasgou de surpresa, sentiu a raiva correndo no corpo. Seus pés

havam sido mantidos em segredo por meses. "Esteve me espionando? Entrando

no meu quarto de noite?"

Ele sacudiu a mão para ela parar. "Fico surpreso que você me ache tão

desprezível, Ida. Falei com Midas Crook ontem."

Era impossível para ela apertar o punho com a força suficiente. "Ele contou?"

"Sim. E talvez algo de bom venha daí. Uma amiga minha vive em Enghem.

Ela estava envolvida com um... caso incomum há alguns anos. Fui visitá-la

ontem e ela prometeu que vai fazer tudo o que puder para ajudar.
Posso levar

você à casa dela."

Ela bateu com o punho na mesa. "Você já contou a outra pessoa?"

Ele virou os olhos. "Ida... essa oferta é para a se pensar seriamente."

"Vou pensar nela."

"Faça isso. E faça rápido. Você pode ter muito pouco tempo.
Certamente

não um tempo bastante para gastar correndo atrás de excêntricos
ou

conversando com garotos de língua frouxa. Quando visitei Midas,
ele disse que

não estava pronto para romance."

"Ele disse isso?"

"Sim! E francamente, Ida, não é preciso ser psicólogo para dizer
isso sobre

ele. Se você...", ele parou. Ela cobriu o rosto com as mãos e gritou.
Depois de

um minuto, ela mancou para fora da sala para tomar banho.

Carl se levantou e saiu, apertando mais firme seu cachecol. Os
bosques

estavam invisíveis no escuro, mas a neve acumulando no campo
emitia um leve

brilho azul. Olhou para o telhado da cabana, onde as telhas apareciam através da

neve como marcas de mordida. A luz veio pela janela do banheiro e ele viu a

figura de Ida em contorno conforme ela fechava a persiana.

Ele só tinha mais um cigarro no bolso, que acendeu e tragou de forma

especialmente lenta. Sentiu um pouco de triunfo, mas, além disso, apenas

apreensão. Charles Maclaird lhe havia negado o conhecimento do câncer de

Freya. Carl não sabia o que teria feito se soubesse disso, mas com certeza alguma

coisa seria. E faria algo com Ida.

★

Quando ela era menina, sua mãe lhe trouxe um cachorrinho contra o desejo de

seu pai. Era um *spaniel* desengonçado e a mãe, diante de seu focinho franzido ao

vê-la, caiu na gargalhada e se apaixonou por ele, batizando-o de Long John.

Long John cresceu uma parte de cada vez. Primeiro seu rabo aumentou

tanto que, ao abaná-lo, ele perdia o equilíbrio. Depois suas pernas cresceram e

ele corria tão rápido que se surpreendia e o encontravam uivando em um fosso

ou trincheira. Suas orelhas ficaram tão grandes que se tornaram pestanas

secundárias e ele se cansava de colocá-las para trás.

Era seu pai que caminhava com Long John quando Ida não estava lá. Sua

objeção a ter um cachorro havia sido pelos gastos, mas agora ele estudava os

rótulos das latas e comprava só a comida de cachorro mais nutritiva. Quando

Long John se tornou uma coisa arfante que cheirava o cu dos outros cachorros, a

mãe de Ida perdeu o interesse. Seu pai o levou ao veterinário quando teve febre,

brincava com ele com ossos de plástico e transformou uma caçarola de lagosta

num cestinho de cachorro.

Um dia, Ida, de treze anos, passeava com Long John, como já havia feito

centenas de vezes pelo caminho da costa que levava ao topo desolado do

penhasco. Longos cortes no solo expunham malhas de cruéis precipícios

descendo para onde o mar se infiltrava na terra. As vezes ela se deitava lá com a

cabeça sobre um penhasco, seu cabelo pendurado numa fenda, ouvindo o mar

que sussurrava seu nome.

Naquela tarde, passeando com Long John, ela descobriu que uma fenda

novinha se abria no caminho como uma corda se esgarçando. Poderia ter

caminhado um pouco mais para dentro, pulado uma cerca e continuado do outro

lado. Deveria ter voltado e ligado para a guarda costeira para fechar aquele

caminho. Em vez disso, ela decidiu saltá-lo. Pegou impulso e foi correndo até o

penhasco, deu um passo final e um salto que a lançou no ar. Por um segundo,

sentiu a maldade do mar nas profundezas do abismo abaixo dela. Pousou em

segurança do outro lado, sua risada ecoando levemente na fenda.

Ávido por fazer parte da diversão, Long John latiu e correu na direção dela.

Seu salto foi curto. Sua pata raspou no solo do outro lado, ele deslizou para trás

no penhasco. Ela voou para a beirada tarde demais. O cão estava fora da vista.

Apenas seus ruídos confusos permaneciam. Seu latido pode ter vindo de alguma

das passagens sombrias lá embaixo. Foi seguido por um som de patas raspando e

um choro, o mar sibilante, um latido (uma minhoca foi arrancada da terra e caiu

atrás dele no escuro), o bater de uma onda escondida, mais latidos, uma explosão

de ar salgado frio como numa caverna.

Quando ela voltou para casa, com a maquiagem adolescente escorrendo

pelas bochechas, encontrou sua mãe no jardim da frente, lendo poesia na rede. A

mãe correu para abraçar sua filha desconsolada, mas Ida se desvencilhou e lutou

para contar o que havia acontecido.

"Pare, pare, Ida", disse a mãe. "A força da vida dele voltou para a natureza.

E como o que lhe contei sobre o nirvana. E o caminho de todas as coisas. Do pó

ao pó. De certa forma, podemos ficar felizes por ele."

Ida soluçou e entrou na casa, batendo a porta. Seu pai a encontrou no

corredor e a fez sentar-se no último degrau. Ela afastou as mãos dele e explicou

sem respirar o que havia acontecido.

"Shh", ele disse. "Deus no céu tem um tempo e lugar para todas as coisas.

Pode ser difícil compreender... mas, se Deus chama uma alma de volta para Ele...

fique segura, Ele tem um lugar preparado em seu reino."

O sentimento de traição dela veio como uma pontada. Ela se soltou dele e

subiu pesadamente a escada. No meio do corredor, Carl Maulsen saiu do

banheiro, fechando o zíper, com a descarga a soar atrás dele.

Ele viera sem avisar na noite anterior para uma visita à família. Como havia

dirigido por um longo trajeto, a mãe insistiu que ficasse no quarto de hóspedes.

O pai não disse nada e foi para a cama mais cedo. Ida não foi capaz de dormir.

Desceu a escada e ouviu atrás da porta fechada a conversa da mãe com Carl.

Falavam sobre lugares em que haviam estado. Outros países, noites gastas na

vastidão congelante de desertos e dias passados nas ruínas cobertas de cracas de

idades afundadas.

No corredor, ela se encontrou despejando a história novamente, acrescentando o epílogo de como seus pais tentaram confortá-la. Ele escutou

cuidadosamente, apoiado na parede com os braços cruzados.

"E o que você acha que aconteceu?", ele perguntou.

"Não sei." Ela começou a chorar novamente.

"Vou dizer. Ele caiu por um longo caminho. Provavelmente quebrou alguns

ossos. Deve ter ficado com muita dor. Então o mar o levou. Se tivesse sorte, o

mar levaria logo e o jogaria contra as pedras. O mais provável é que tenha se

afogado lentamente na escuridão. Agora seu corpo está preso lá embaixo ou

flutuando nas correntezas do mar, para ser petiscado por peixes ou rasgado por

tubarões.

Ela lutou para falar. "E depois?"

Ele deu de ombros. "Então, partes dele apodrecem, matéria se quebra e se

dispersa na água. Seus ossos formam uma cobertura na areia."

"Mas e seu... seu espírito?"

Ele deu de ombros novamente. "Desculpe, Ida. Não sabemos nada sobre

isso. Tudo o que eu dissesse seria ficção. Talvez seu crânio sirva de abrigo a

predadores."

Ela saltou à frente e o abraçou forte, pressionando o rosto na sua camisa e

na barriga dura embaixo dela.

★

Agora, crescida e saindo do banheiro de Carl, vendo a transição relutante da

madrugada azul para o dia, ela comparava sua indiferença no passado com o que

ele oferecia agora.

Abriu a janela para deixar o vapor sair. Seu movimento perturbou uma

coruja que voou para as árvores e manobrou silenciosamente. Ela se sentou na

privada para se secar e pensou em Midas, que quis ver as corujas com ela. Era o

tipo de coisa para a qual ela não teria tempo, na visão de Carl. Mas estava irada

porque Midas tinha contado a Carl sobre seus pés.

Midas poderia voltar para aquela máquina horrível pendurada em seu

pescoço, aquela que o fazia curvar-se como um velho. Só que...

Midas poderia

parecer cinza como suas paisagens, mas ela não se lembrava de nenhum rapaz

que aparecesse em seus pensamentos espontaneamente tantas vezes como ele

nesses últimos dias. Não tinha certeza da sua força para aceitar o conselho de

Carl, se isso significava perder a única coisa em St. Hauda's Land que lhe parecia

vivida.

A banheira era antiga, erguida do chão sobre pés em forma de patas de leão.

Estudando seus próprios pés nus, ela viu uma espantosa similaridade na polidez

ornamental com os pés ornamentais dela. Só que ela podia imaginar aquelas

patas felinas cruzando um deserto distante, podia visualizar mais movimento

naquelas patas de chumbo do que em seus próprios dedos. Olhou para cada

dedo de vidro, para a condensação que se erguia levemente da superfície

esmaltada. Tentou não os checar assim com muita frequência, porque eles

sempre pareciam piores. Haviam se tornado muito perceptíveis desde a última

vez em que ela verificara isso. Eram uma miragem no piso do banheiro. Seu

dedinho esquerdo resplandecia na luz da manhã vinda da janela. Os metatarsianos presos à parte dianteira do pé eram tão lindos como as pontas de

penas de escrita, mas pareciam meia polegada menores do que na última vez que

os vira. A pele ao redor de seu calcanhar havia se tornado de um branco leitoso,

preparando-se para a transformação. Esfregou o pé rapidamente com a toalha e

colocou seu primeiro par de meias rapidamente. Não importava que seus dedos

ainda estivessem molhados. Suas meias sugariam a umidade e ela nunca saberia

que eles não estavam secos como um osso.



{20}

huva e neve caíam como flechas brancas sobre Ettinsford. Um vento sorrateiro roubava os guarda-chuvas dos pedestres e puxava C para trás seus capuzes na High Street, onde Midas sentado em seu

carro esperava o sinal abrir. O chuvisco podia virar de direção a qualquer

momento, uma hora acertando o carro da esquerda, depois perfurando pela

direita. Ele viu o olhar desesperado no rosto de uma jovem enquanto balançava

o guarda-chuva dessa forma como um escudo.

O sinal abriu. Ele desceu o morro passando pela antiga igreja, pela floricultura, pelo parque ao lado do estreito gelado. Do outro lado da ponte se

chegava onde Ettinsford terminava. Uma casa inacabada estava na margem mais

distante do estreito, construída pela metade desde quando Midas podia se

lembrar. Ele a observara transformar-se de uma promessa de tijolos vermelhos

para um monte de entulho. Não sabia por que o trabalho havia sido abandonado,

mas sabia que não gostaria de viver sob os primeiros galhos do bosque.

A cobertura do bosque de Gurm lembrou a Midas um besouro que encontrara enrolado morto em sua porta naquela manhã. As infinitas filas de

galhos angulares eram como pernas multiplicadas. Os galhos famintos da luz no

solo tinham finas folhas com veias como asas de insetos.

Acelerou, concentrando-se em lembrar-se da rota que ele e Ida tinham

percorrido antes. Não queria virar no lugar errado e se perder em florestas de

insetos.

Então ele a encontrou. A cabana com sua porta verde-salamandra, uma

ferradura pendurada sobre a caixa do correio. As árvores rareavam lá para fazer

sombra nos jardins da frente e de trás, que eram salpicados de neve.

Ida abriu a porta antes que ele chegasse nela e ficou parada ali, apoiada na

parede com os braços cruzados.

"Podemos, hum, entrar?", ele perguntou.

Ela fez que não com a cabeça.

"Oh. Carl está em casa?"

"Não, Midas, ele foi para Glamsgallow a trabalho."

"Então...?"

"Não vamos entrar porque você não é cem por cento bem-vindo."

Ele deu um passo atrás e coçou a cabeça.

"Não se faça de bobo, Midas. Você contou a Carl sobre os meus pés."

Havia um ressentimento controlado na voz dela. Isso o assustava. Ela queria

correr de volta para o carro e sair dirigindo rápido. Piscou para tirar um floco de

neve dos cílios. "Ahn, Ida, eu... ele veio para minha casa e viu a foto. Eu não lhe

contei."

"Você deixou aquela porra de foto à mostra? Jesus, Midas, que bela maneira

de guardar um segredo! Eu esperava que você a apagasse."

"Eu... não recebo visitas. Normalmente. Hum..." Ele torceu as mãos.

"Que patético", ela murmurou, e bateu a porta.

Ele ficou parado com o vento bagunçando seu cabelo, jogando neve em

suas bochechas (lá dentro, Ida se inclinou com as costas na porta). Midas pensou

que ela estava certa, devia ter apagado aquela foto, como todas as outras. Ainda

assim, sentiu-se em parte uma vítima, ludibriado por Carl (ela percebeu que a sua

raiva se esvaía, duvidando que ele tivesse a intenção de trair-lhe a confiança). E

ele não havia conseguido dizer a Ida que encontrara Henry Fuwa. Bateu à porta

novamente, esperando que ela abrisse e que ao menos lhe desse o endereço no

{

pântano (ela quase atendeu, duvidando que ele entendesse que a havia ferido),

mas a porta não se abriu. Ele voltou para o carro. (Ela decidiu que a raiva era

sem sentido, já que ele era a coisa mais próxima de um amigo que tinha em St.

Hauda's Land. Abriu a porta.) Rastros na neve marcavam o jardim vazio. Midas e

seu jardim haviam partido.



{21}

idas estava lavando a louça com os olhos fechados.

Frequentemente era melhor fazer assim, limpando as facas e

M xícaras pelo tato. Achava estranho que, entre as várias impressões

desagradáveis que tinha de seu pai, a mais vivida fosse a do homem lavando a

louça. Era por isso que ele lavava de olhos fechados; porque os braços do pai

afundando na água, os traços de bolhas na sua pele, seus dedos ficando roxos

pela água, o maneirismo involuntário que ele usava para puxar um prato e

segurá-lo no fundo, tudo lhe trazia essa lembrança. A água da pia era uma bola

de cristal com imagens da sua infância.

Na sua lembrança, Midas era pequeno o suficiente para espiar em buracos

de fechadura sem precisar se abaixar. Certa vez ele observava seu pai lavar a

louça, recitando algo moribundo sob os lábios, até que sua mãe se arrastou na

cozinha e lhe tocou as costas com os dedos. Midas observou o toque dela fluir

em seu pai, como cera sobre um molde. O prato que ele segurava caiu de volta

na pia. O pai se aprumou, seus joelhos travados. Ela o virou para si, com espuma

pingando das mãos dele para manchar o chão. Ela as secou com a saia, depois as

colocou em sua cintura enquanto pressionava o corpo no dele. Seus lábios

tremiam e ele olhava sobre o ombro dela.

"A, a...", ele gaguejou depois de um tempo..., "a água da pia vai esfriar,

querida."

Ela tirou as mãos dele e deu um passo para trás. Midas saiu de vista

conforme ela deixava a cozinha e subia as escadas. Então ele entrou e ficou ao

lado do pai, que removia seu prato pela segunda vez, observava a água nele fazer

semicírculos e o colocava no escorredor para que as bolhas quentes subissem à

superfície.

"Midas", ele disse, pondo o prato seguinte na pia.

"Sim?"

"Já sentiu... Não, deixe-me dar um exemplo. Na escola, se você vai bem na

aula, você se sente exultante, não sente?"

"O que é exultante?"

"Sente-se bem, muito bem. O que você sente, Midas? Por exemplo, quando

você vai bem na escola."

"Ahn... satisfeito? Orgulhoso?"

Seu pai olhou-o melancólico. "E não se sente anticlimático?"

"O que é isso?"

"De alguma forma o oposto de exultante."

"O que é exultante mesmo?"

"Sentimentos bons. Quero dizer, muito bons. Você pode sentir, não pode?"

É onde eu quero chegar. Você nunca se pergunta... para onde foi o sentimento?"

★

Enquanto Midas lavava os pratos, Ida estava jogada numa cadeira no centro do

gramado de Carl Mulsen, o chalé atrás dela e os bosques começando

abruptamente no topo de uma subida onde o jardim terminava. Carl não tinha

canteiros de flores, não tinha arbustos podados, apenas uma grama rala e uma

{

sombra de turfa moída no verão. Isso era invisível agora, enterrado sobre dois

dedos de neve que estalaram como vigas quando ela passou por uma com sua

muleta e a cadeira. A neve estava dura como tudo o mais em St. Hauda's Land. A

estranha inclinação dos galhos ao vento, as folhas frágeis que se quebravam

como antigos pergaminhos. Ela avistara até um falcão voar sem graça, com uma

batida mecânica das asas. Como se, nessas ilhas, fosse a maneira de subjugar as

coisas, de levar embora sua vitalidade.

Era isso o que o lugar estava fazendo com ela.

Era bom ficar lá fora. Ela preferia sentir frio no corpo a senti-lo no coração.

Levou aos lábios uma sopa quente de tomate numa garrafa térmica, curtindo seu

vapor azedo nas narinas. Colocou luvas vermelhas de lã e um cachecol para lutar

com o preto e branco da ilha. Mas essa era a história desse lugar e de sua gente,

tão artificial e monocromática como os cenários da televisão antes de ser

colorida. Veja o Midas: o que o tornava tão rígido em todos os sentidos? Os anos

tornaram rígida a mãe dela. A religião fez isso com seu pai. Ela se lembrava da

única vez em que o viu chorando, na noite anterior à transformação da relação

de pai e filha para dois cortesões colegas de casa. Ele a pegou na cama com Josiah,

um estudante de intercâmbio sul-africano que ficaria na casa por um mês

(período abreviado por aquele incidente), mas o choro na noite anterior veio

quando o pai, que ficou nervoso por semanas até a chegada de Josiah, tentou

falar com ele em africânder. O pai estava aprendendo havia três anos e não tinha

motivo para acreditar que não estava pronto. Então, quando abriu a boca na

mesa do jantar para falar com Josiah, encontrou um olhar em branco. Ele

aceitou, corando graciosamente, apesar de ela espia-lo em seguida (quando ele

achou que estava sozinho, sem ser notado no jardim de dentes-de-leão

empoeirados) e vê-lo chorando. Lágrimas lentas como se tivesse um dente-de-

leão meio assoprado em seu coração. Era uma rigidez como a de Midas.

Num acesso repentino de raiva, ela jogou sua sopa de tomate no jardim. Viu

o arco vermelho afundar na neve como uma queimadura. Novamente, um flash

de seu pai. Seu rosto enrugado tornado infantil e aterrorizado quando ele fez a

comunhão. E vendo-o rezar com a mancha do vinho barato do sacramento no

lábio inferior, fazendo repetidamente o sinal da cruz. Quando ele abriu os olhos,

a primeira coisa em que se fixou, com lágrimas, foi nela.

Midas dissera que esperava que seu pai estivesse no inferno. Havia descrito

seu caráter e contado a ela lembranças da infância. Por tudo o que tinha ouvido,

Ida teve a clara impressão de que Midas Crook pai era vingativo, instável,

manipulador. Ela o via como um tipo de demônio e via a casa da infância de

Midas como uma caverna castigada pelas tempestades nas montanhas, como a

caverna em que ela havia se abrigado com sua mãe durante uma tempestade de

poeira numa viagem ao Oriente Médio. Ao mesmo tempo, havia algo sobre os

relatos dele que ecoava. Era estranho, mas Ida imaginava que o entenderia

melhor do que ele mesmo se entendia. Ainda assim, ela duvidava de que algum

dia entenderia seu próprio pai, cujo comportamento era menos severo do que o

do sr. Crook.

Sem sua sopa para aquecê-la e sentindo as mordidas da neve no ar

(lembrando-se da tempestade de poeira quente que soprava naquela caverna e

agitava as pontas de seu lenço multicolorido), ela iniciou a trabalhosa retirada

para os confins do chalé de Carl.

★

No final de uma rua de casas pintadas num azul rústico ficava a Biblioteca

Pública de Ettinsford. Em contraste com as casas elegantes, as paredes

emplastradas da pequena biblioteca afundavam em si mesmas. Janelas inclinadas

pareciam madeira abandonada. Vidros estavam manchados com lama fuliginosa.

Era uma noite nublada e as janelas lançavam projeções alaranjadas nas calçadas

úmidas. Gaivotas brigavam, empoleiradas em linha ao longo das sarjetas e

grasnavam para Ida conforme ela enfrentava os degraus da porta da frente

agarrando um corrimão escorregadio e apoiando todo o seu peso na muleta.

O odor lá dentro a fazia lembrar-se de uma sala de aula: um cheiro de giz

misturado com desinfetante e algo doce como chiclete. As prateleiras eram

cromadas e as paredes bege sem decoração, com exceção de um canto para

crianças cheio de pufes manchados. Ali, a parede estava coberta de desenhos

infantis de personagens fictícios, com roupas bem coloridas e mãos grandes

demais para os corpos.

Ela se aproximou do bibliotecário na mesa, um homem com camisa

espalhafatosa e gravata engraçadinha, queixo duplo vermelho e cabelo loiro

repartido ao meio. Quando ela perguntou onde ficava o arquivo de jornais, ele

não respondeu, apenas levantou o braço para apontar a direção com uma

expressão de doloroso tédio.

Não deveria levar muito tempo para folhear o arquivo. Carl deu-lhe o que

assegurava ser uma boa estimativa da data em que o suicídio ocorrera.

Infelizmente, os jornais estavam fora de ordem e o sistema havia sido mantido

com a mesma letargia que o bibliotecário mostrou na recepção. Ida tinha pouca

escolha a não ser organizar as edições, começando a colocar os meses na ordem

correta. Enquanto ela pegava um jornal do final de setembro (uma data tardia

demais para acompanhar a estimativa de Carl), viu uma foto na capa que

reconheceu.

Era a mesma imagem que Carl emoldurara na cabana, só que dessa vez

reproduzida com o que seria foto de arquivo já na época. O artigo que a

acompanhava tratava apenas do pai de Midas. A manchete dizia:
PROFESSOR

SUICIDA É EXUMADO POR VÂNDALOS, e a fez abaixar o jornal e
cobrir a

boca. O túmulo, conforme o artigo explicava, fora profanado e o
caixão aberto.

Ela procurou impacientemente nas edições do resto de setembro e
viu os artigos

de outubro novamente. Várias matérias reportavam a falta de
avanço nas

investigações. Então a história desapareceu. Olhou os números de
novembro e

posteriores, mas percebeu que a história poderia ressurgir a
qualquer hora nos

anos seguintes ao evento. Pedir ajuda ao bibliotecário certamente
não a levaria a

lugar nenhum e por isso decidiu ligar para Carl. Mas daí ela
percebeu que ele

teria sabido.

Ele queria informá-la sobre os fracassos da família de Midas, mas
havia

decidido não mencionar um evento tão dramático quanto esse.

Ida colocou os jornais nas prateleiras corretas e deixou a biblioteca
em

silêncio. Havia apenas uma pessoa a quem ela poderia perguntar sobre a história

em segurança.

★

O pai dessa pessoa, com seu mesmo nome, a pessoa cuja história retratava,

sentava-se em sua mesa de carvalho muitos anos antes, descansando a cabeça em

sua superfície riscada que cheirava a tinta e a aparas de lápis.

Depois de um longo tempo, ele se endireitou com grande esforço, soltou

um suspiro e buscou um pedaço de papel em branco, alisando-o na mesa. Abriu

a tampa de sua caneta-tinteiro, colocou-a perpendicularmente no papel e

começou a escrever.

Frequentemente, ele comparava sua escrita a corredeiras. Só tinha de saltar

nela para ser arrastado pela correnteza, jogado para lá e para cá com sua própria

vontade tornada impotente. Enquanto escrevia, viu que as palavras vinham dos

músculos em suas mãos, o sentimento da seta de sua caneta, a junta travada de

seu cotovelo, o barulho raspante da ponta marcando o papel e, sob tudo isso,

algum impulso coordenador em seu estômago. Certamente não vinha da sua

mente. E, Deus, que alívio abençoado perder os pensamentos túrgidos e as

ansiedades numa torrente de imagens e símbolos! Ele era, antes de tudo, um

homem de palavras: ser de carne e osso vinha em segundo lugar. Na verdade ele

massageava as costelas no lado esquerdo do peito, aliviando a queimação

profunda, com movimentos lentos e circulares), a carne era o que o havia

deixado na mão. Nas proezas físicas, sempre foi um fracasso, desde a corrida no

gramado nos dias da escola até a forma vergonhosa com que desmaiou no

nascimento de seu filho retorcido; enfrentou o desmaio e perdeu, o teto

desaparecendo acima de sua cabeça; a maneira como deu ouviu choro de uma

criança e ficou convencido por um segundo de que era o seu próprio choro.

Ele esfregava o peito doído, a falha final de seu corpo, e escrevia.

Após uma hora, abaixou a caneta. Seus dedos folhearam as páginas,

pegaram o envelope bege no qual os raios X eram mantidos.

Já existia há anos, o doutor concluiu, o tumor entre seu diafragma e seu

coração. O doutor também fez questão de enfatizar que era difícil ter certeza, já

que nunca antes tinha visto nada assim.

Midas Crook, cerimoniosamente, abriu o envelope e tirou o primeiro raios

X. Com o bulbo em seu coração e a imagem de meia polegada de algo cristalino.

Parecia uma marca na impressão e às vezes, possuído por uma esperança

fanática, ele tentava raspá-la do papel e provar que a coisa toda era uma

brincadeira idiota. Prova de que ele estaria melhor e teria sentimentos

novamente: emoção há muito ridicularizada e agora perdida. Que levaria seu

garoto sob seus braços e o levantaria, girando-o até que os dois caíssem tontos e

rindo sob um céu claro.



{22}

idas tinha dezesseis anos quando seu pai, virando um livro preto encadernado de couro nas mãos, perguntou: "Quer este?".

M Midas disse que queria, apesar de não querer.

Era uma noite úmida, que mais tarde se tornaria odiada, reencenada em seus

pensamentos até que ele a visse como a uma peça, revisse sua dramática ironia

fazendo-o gritar para a versão mais jovem de si mesmo enxergar o sentido, o que

seu pai havia planejado. Nuvens cinza penduravam-se como pétalas mortas

numa teia de aranha. Ao longe, um farol pulsava. Uma neblina de luz da lua

cobria tudo.

Seu pai bateu com a palma da mão na capa e passou o livro de couro para

Midas. "E meu primeiro ensaio. Escrito à mão. E patético ser sentimental com

isso, mas... Cuide bem. Nunca dobre a lombada, sempre use um marcador. Aqui

está. Agora, me ajude a colocar essas outras coisas no barco."

Juntos, levaram cada caixa até os lados mais baixos da embarcação. As

caixas continham principalmente livros, papéis e panfletos que haviam lotado as

prateleiras e o chão do escritório do pai de Midas por anos. A limpeza que ele fez

deixou um quarto nu e uma escrivaninha vazia, desinfetada e limpa com

dedicação das marcas de lápis e manchas de tinta.

"Esta é a última", disse o pai, conforme erguiam a caixa maior e a levavam

para o barco. Era bem mais leve do que Midas esperava, e lacrada. Ele pensou

ter captado um leve cheiro de parafina.

"O que tem naquela lá?"

Os olhos de seu pai desceram para o mar, que estava tão calmo quanto o

céu. A maré já havia trazido a leve rebentação a centímetros do barco.

"O que tem naquela caixa grande?"

Ele deu de ombros. "Lixo. Nada."

"Mas..."

"Luzes de sinalização, filho."

Midas franziu a testa. Era alto verão. Ele imaginou que as luzes eram

de ser perverso.

"Me ajude a empurrar o barco, Midas."

Midas não pôde evitar dar outra olhada nos pés brancos e magros de {

um

estoque para seu pai guardar para o inverno.

Os dois passaram o dia na ilha, onde o pai havia comprado um chalé. Só era

acessível por barco e os dois cruzaram aquela manhã com a primeira carga de

mobília: algumas prateleiras, uma cadeira e uma pequena mesa de madeira de um

antiquário em Gurmton. Midas estava lá para ajudar a transformar a simples

cabana de madeira num escritório isolado. Enquanto tentava arrumar uma das

pernas da mesa e colocava as prateleiras, seu pai se sentou à porta olhando para

o canal e as fendas dos penhascos.

Ele havia permanecido distante assim enquanto remava de volta para pegar

as caixas de papéis e livros que iriam completar o escritório. Não era incomum

que ficasse emburrado, mas era estranho vê-lo indiferente a ponto de esquecer

seu

pai. Ele tinha visto pouco de seu corpo: o pai sempre usava camisas de manga

comprida com punhos justos, abotoadas até o pescoço. Nunca tinha visto seus

joelhos. A visão de seus dedos, compridos como os de macaco, seus pelos finos

e unhas bem aparadas, tudo parecia espantosamente íntimo naquele dia.

Havia tantos livros e papéis no barco que era quase pesado demais para

empurrar, mas, conforme eles o mandavam para águas mais fundas, ficou mais

fácil. Logo estavam com água até o peito e o barco balançava ao lado deles. O

mar ia ficando mais frio porque o sol estava descendo. Midas desejava que seu

pai tivesse pegado uma ilhota perto de um cais. Nunca estivera tão fundo no mar

como naquele dia. A vastidão crescente da água e a força de seu peso o

aterrorizavam, mas o jeito anormalmente seguro do pai suavizou isso. O pai

respirou fundo e agarrou a lateral do barco para nele subir, batendo com os pés.

Quando estava quase lá, sua mão escorregou e ele caiu na água com um grito.

Um jorro de gotas brancas se ergueu no ar enquanto ele afundava. Midas saltou

atrás dele, debatendo-se na correnteza.

Seu pai ressurgiu, cuspiendo, os óculos caindo do nariz, seu bigode molhado

e grudado ao lábio. Agarrou a lateral do barco novamente e ficou parado por um

minuto, com a cabeça encostada, pingando água salgada.

"Me ajude, Midas."

"Como?"

"Ponha as mãos embaixo d'água. Me faça uma escadinha."

"E se eu escorregar? Posso me afogar."

"Não vai afogar. Não é tão fundo aqui."

Midas assentiu, seguro, e fez um apoio com as mãos. O pai olhou feio para

a água.

"Onde estão suas mãos? Está escuro."

"Aqui, na minha frente."

Seu pai levantou a perna e o pé veio da água como um peixe branco. Ele

calculou mal a distância e seus pés bateram no peito de Midas. O coração de

Midas ecoou, enquanto os dedos raspavam por seu tórax e encontravam suas

mãos. O pé branco pisou com força, fazendo-o estremecer tão violentamente de

frio e empolgação que ele achou que não poderia suportar. Então, pingando, o

pai saiu da água e subiu pela lateral do barco. Depois de um momento, jogou um

pedaço de alga de volta na água que aterrissou com um estrondo. Midas estendeu

os braços para o pai. Podia sentir o mar esfriando a cada minuto.

"Me ajude a subir."

"Não, não. O barco já está pesado demais só comigo. Meu Deus, Midas,

você está tremendo. Volte para a praia. Deixei uma toalha e uma muda de roupas

para você. As chaves do carro estão no painel. Você sabe como ligar o

aquecedor?"

Midas assentiu. "Mas quero ir ao chalé com você!"

Seu pai tirou os óculos e limpou a água das lentes com os dedos. "Uma

outra hora, talvez. Vou ficar sozinho nesta noite, obrigado. Agora volte para a

praia antes que fique frio demais para se mover."

Resmungando, Midas se virou e caminhou de volta à praia. Pareceu levar

uma eternidade e, quando pisou novamente na areia, com camisa e calças

grudando em sua pele fria, o pai havia remado com o barco a uma longa

distância.

"Midas!", gritou sob o pôr do sol. "Está seguro?"

"Claro", gritou Midas de volta, enrolando os braços no corpo e tentando

controlar seus dentes que batiam. Por um momento no mar, ele achou que havia

realmente feito uma conexão com o velho. O barco afastava-se em direção à

ilhota, onde uma luz destacava o chalé.

"Midas! Está seguro?"

Talvez ele não tivesse ouvido a primeira resposta. "Estou bem! Estou

seguro!"

Midas estava na metade do caminho em direção ao carro quando viu o

primeiro rastro de chama amarela na água. Virou-se e ficou sufocado. O barco

estava em chamas. Seu estômago se apertou e ele correu pela areia aterrorizado,

espalhando água no raso, já entendendo tudo. As chamas formavam uma dança.

A fumaça rolava pelo ar.

"Pai!", gritou Midas, jogando-se na água. As chamas se espalharam. Ele viu

seu pai saltando no mar, enrolado em chamas. O chiado de seu mergulho

carregado pelo som das ondas.



aquela tarde, Ida tomou um táxi para a casa de Midas e tocou a campainha. Ele ficou surpreso ao vê-la.

N "Oi. Se você acha que me deve desculpas... então acho que lhe devo também."

"Hum, hum. Quero dizer, desculpe."

"Feito." Ela sorriu, desarmando-o. "Então, vai me convidar para entrar ou

vai fazer o mesmo truque que fiz com você? Está frio aqui fora."

Ele bateu a mão na cabeça. "Sim, claro, que idiotice da minha parte."

Na cozinha, ela olhou ao redor, assombrada pelas paredes de fotografias.

"Então", ela disse, "é aqui que você mora."

"Hum, sim. Quer, hum, uma xícara de café?"

"Por favor."

Ida sentou-se, olhando a parede de fotos. Ele era bom, percebeu. Bem

talentoso. Ela sempre soube disso, mesmo que não tivesse visto suas fotos até

então. Elas personificavam aquela sua visão peculiar que a atraía desde o início.

Era engraçado como ela se sentia tão melhor perto dele.

Ela riu quando ele colocou o café na sua frente.

"Que foi?"

"Está preto como o cão, é isso."

Ele correu à pia, derramou um pouco e deitou água quente, depois a serviu

novamente. Ela riu ao aceno de mordomo que ele deu sem perceber.

Midas abriu um sorriso tímido. "Acabei de lembrar." Foi à cristaleira e

voltou com um prato de empadão coberto de estrelinhas. "Denver fez pra mim.

Podemos comer."

Os cremes temperados e a massa podre a lembravam de natais indulgentes

de anos atrás, quando ela dava longas caminhadas em vales nevados. Inv

eles?"

Seu rosto se fechou mais ainda. "Só aguento andar na balsa do continen {

ernos

em que ela costumava esquiar.

"Já esquiou, Midas?"

"Eu? Não. Nunca nem nadei."

"Está brincando."

Ele balançou a cabeça. "Não sei nadar. Era absolutamente proibido quando

criança."

"Por quê?"

"Meu pai achava que não era seguro."

"Você não pensou em aprender, agora que é adulto?"

Balançou a cabeça. "Não gosto de grandes massas de água."

Ela explodiu em risos. "Jesus! Você mora numa ilhazinha de nada!"

Ele corou. "Bom... acho que é idiota mesmo. Mas... é o peso dela. Não

consigo parar de pensar no peso da água. Estar nela, afundar nessa falta de ar."

Ela podia dizer que havia mais nisso. "E quanto aos barcos? Pode lidar com

te. E

se sentar bem no meio. Não aguento barcos menores."

"Vou levar você para andar de barco alguma hora. Vou lhe mostrar como é

divertido." Ela estava pensando nisso já havia algum tempo, só que apenas agora,

ao verbalizar sua ideia, viu quão difícil seria pô-la em prática. Um rapaz que não

sabia nadar e uma menina com peso morto nos pés, soltos no oceano selvagem!

Imaginou que também não era provável sentar-se algum dia num teleférico com

ele, subindo uma montanha, espantada com uma visão infinita de montes

cobertos de neve.

As fotos nas paredes da cozinha pareciam calorosamente reconfortantes:

esse era o peculiar mas aconchegante esconderijo de Midas. Ela se imaginava

passando manhãs nesse santuário a beber café preto em silêncio com ele.

Ele estava pegando os restos da empada. "Ida, preciso lhe fazer uma

pergunta."

"Vá em frente."

"E sobre mim e você."

Ela ficou tensa, em expectativa.

"Eu poderia... Hum... seria possível que eu e você, hum, quero dizer, se for

tudo bem pra você... Seria possível eu fotografar você?"

"Ai, Midas, achei que você fosse perguntar outra coisa. Não sei. Não fico

confortável com isso. Estou tão acabada nestes dias! Talvez quando eu estiver

melhor."

Ela desejou que ele não tivesse perguntado. Tinha reservas sobre

fotografias. Não queria ser parte do fantasmagórico coro dos fotografados.

"Desculpe, desculpe, Ida."

"Tudo bem. É sobre isso que vim conversar. Minha razão oficial, ao menos."

"Ahn...?"

Ela suspirou. "Se ficar melhor. Carl acha que conhece alguém que pode

ajudar. Ela vive na costa norte. Nós vamos falar com ela. Eu e Carl. Por alguns

dias, para ver se ela pode fazer algo por mim. Me perguntava se você gostaria de

vir comigo. Com a gente. Vou ter de falar com o Carl, claro, mas tenho certeza

de que essa mulher vai ter espaço na casa — é Emiliana Stallows."

A surpresa armou-se no rosto de Midas. "A sra. Stallows?" O marido era

dono de grande parte da costa norte da ilha, mas ele sabia pouco sobre a esposa.

"Como ela pode ajudar?"

"Carl me disse... que houve um caso uma vez, uma garota que passou por

algo assim. Emiliana a ajudou."

Era difícil para ela saber a história que Carl lhe contara, ali no abrigo da

cozinha de Midas. Apenas o interior frio de suas botas a lembrava de que era

tudo real. Ela deu de ombros e deixou para depois. "Espero que Emiliana possa

me ajudar também, já que procurar o Henry foi tão improdutivo."

"Hum... Isso é bom, não é? Eu adoraria ir com você. Quero dizer, não

adoro a gente ter de ir, mas, já que precisamos — ou pelo menos achamos que

sim —, eu adoraria. Mas..."

"Não diga que você não pode vir." De repente, ela desejava

desesperadamente que ele a acompanhasse. Na verdade, ir até Emiliana Stallows

a fazia sentir-se como quem se interna num asilo.

"Não, definitivamente eu posso ir. Vou. Só que tem outra coisa. Encontrei

Henry Fuwa. Tenho o seu endereço. Eu... espero que você não esteja brava."

Ela bateu as mãos. "Midas! Que perfeito! Por que eu ficaria brava?"

"Porque eu... Apesar de eu não contar diretamente, acho que ele supôs..."

Supôs o que estava acontecendo com o seu pé." Ele se agarrou à câmera e se

preparou para contrair o rosto.

"Mas, Midas, isso não poderia ser melhor! Não vê? Se Henry supôs, ele deve

saber o que está acontecendo comigo!"

"Ele disse que não pode fazer nada."

Ela franziu a testa. "Uma pinoia. Onde ele está?"



{24}

s luzes estavam apagadas na cabana de Henry Fuwa. Ninguém

A respondeu quando Ida bateu à porta segurando a maçaneta. Ela

voltou aborrecida para o carro e para Midas e os dois esperaram por

uma hora; ela enfim lançou as mãos para o ar: "Já chega! Vamos sair deste

pântano idiota!".

Passaram por estradas enlameadas, entrando e saindo de poças opacas. O

asfalto, rachado por raízes, chacoalhava-os em seus assentos. Num ponto ela

achou que tinha visto uma figura de pé no pântano, com um sobretudo

abotoado até a garganta. Mas o sobretudo era da cor da grama alta e os braços

eram apenas juncos balançando. Seguiram em frente. A neve pesada e a chuva

que caíam pelo outono já próximo haviam inundado o solo onde o lago se

tornou a margem do bosque. Aqui as árvores se erguiam da água como cachos

de monstros marinhos, cobertos com as mesmas folhas como escamas que

flutuavam na superfície e manchavam as camadas de lama congelada que

mantinham reféns as ervas. O gelo laqueava tocos de árvores e cascas manchadas

de árvore.

"Pare", gritou Ida, vendo um dos troncos que se movia. Não era uma árvore

quebrada, mas um homem em calças impermeáveis e capa de chuva: capuz na

cabeça, rede de pesca peneirando a água. "Fique no carro", ela disse e saiu

cuidadosamente para chamar da estrada: "Oi! E aí?".

O homem saltou surpreso. Era óbvio, pelo brilho em seus óculos e a barba

saindo do capuz, que aquele era Henry Fuwa.

"Ida Maclaird!", ele exclamou, com uma saudação desajeitada.

"Você se lembra de mim!"

Ele veio a ela espirrando água, com cuidado para não virar a rede, e ela viu

que ele havia apanhado uns vinte caranguejos, com as garras mexendo, carapaças

de um cinza cor de ostra.

Henry notou Midas dentro do carro. "Já fui lembrado de você por

Henry levantou o olhar em admiração quando um cisne deu seu canto {

seu

amigo aí."

"Acabamos de vir da sua cabana, Henry. Esperava que pudéssemos

conversar."

Ele ainda olhava com receio para o carro. "Não tenho certeza de que é uma

boa ideia. E minha cabana é apertada, não tem espaço para três."

Ela o olhou, decepcionada. Era a habitual desconfiança dos ilhéus, ou havia

acontecido algo entre os dois?

"Bem, creio que Midas vai querer esperar lá fora."

"Ida", Henry disse baixinho, "ele não te contou?"

"Me contou o quê?"

Henry olhou frustrado para o carro. "Talvez eu pudesse te levar para minha

cabana. Meu carro está próximo. Dessa forma, poderia te deixar onde quer que

você esteja hospedada. O pobre Midas não precisa ficar esperando."

e

decolou próximo, com a batida de suas asas balançando as algas. Numa voz

baixa, carregada pela brisa, Ida perguntou: "O que Midas deveria ter me

contado?"

"Eu... eu vou ter de explicar."

Ela deu de ombros e se encaminhou para o carro. "Estou segura com ele",

cochichou para Midas. "Pode voltar e aproveitar sua tarde. Me procure daqui a

umas duas horas."

"Quero ajudar..."

"Está ajudando. Só que Henry diz que prefere falar comigo a sós."

"Nós nos desentendemos."

"Imaginei."

"Ele disse que não podia te ajudar."

Ela assentiu. "Vá em frente. Vou te procurar quando terminar."

Ele pareceu preocupado, mas foi embora com o carro como ela pediu.

★

"Eu planejava levar esses e cozinhar", disse Henry, virando os caranguejos que

pegara num pote no porta-malas de seu carro. "Tenho várias latas de atum, então

não há problema. E anchovas, várias. Espere... você não é...?"

"Vegetariana? Não. Caranguejo está ótimo."

Ela entrou no carro e Henry dirigiu pelo pântano inundado, com os faróis

iluminando as poças até sua cabana.

"Então?", perguntou Henry quando estava tirando os sapatos no corredor

(ele não pediu a Ida para tirar os seus, mesmo estando cobertos de lama).

"Vamos direto ao assunto ou... vamos bater um papinho antes?"

"Um papinho, creio eu."

"Ida, isso vai ser difícil."

"Quero me desculpar. Tentei te encontrar depois que te ofendi no *pub* em

Gurmtun. Mas não consegui, agora percebo... Essas coisas que você me contou...

Você não estava bêbado, estava?"

Ele fechou os olhos. "O gim costuma me subir à cabeça. Mas, se eu estava

bêbado, não estava mentindo. Te contei sobre o gado de asas de borboleta

depois que você viu o pobre touro. Acho que te contei que eles comem e cagam

e morrem como todo mundo. Você vê, só porque algo é... não familiar não

significa que não esteja preso a essa coisa toda."

Ela estremeceu. "Há algo não familiar acontecendo comigo."

"Sim. Midas deixou escapar."

Ela olhou para o diagrama emoldurado de uma água-viva na parede.

Suspirou. "Como está o gado com asas de borboleta?"

"Bem...", ele hesitou. "Sabe que é a primeira vez na minha vida que me

fazem essa pergunta? Estão bem, saudáveis." Apoiou o queixo, coçando a cabeça

pensativamente. "Você gostaria de, hum, vê-los?"

★

A porta coberta de musgo foi aberta. Ele a guiou para um tipo de câmara

pressurizada úmida e respirou empolgado quando abriu a porta interna que

levava ao curral.

Um aquecedor zumbia silenciosamente no centro do piso manchado por

estrume. Gaiolas e lanternas vazias de todos os tamanhos penduravam-se das

vigas do teto. O rebanho de gado com asas de borboleta voava pelo curral

desenhando um oito, mergulhando e virando em ângulos agudos como uma

revoada de andorinhas no outono. O borrão de tantas asas os envolveu num

cintilar. Eles viravam a cabeça e chutavam conforme voavam. Alguns dos touros

maiores tinham chifres curvos e voavam com a cabeça abaixada bancando os

matadores. Seu rabo, como linhas, voava atrás deles numa brisa criada pelo voo.

Ida sentiu um leve sopro nas bochechas e riu num deleite involuntário.

Em seguida, na casa, Henry se agitava enquanto ela se sentava numa

poltrona confortável. "Posso te oferecer chá? Só tenho verde, temo eu."

"Seria uma boa mudança. Estando com o Midas, eu só bebo café."

"Então você está... com... o garoto Crook, é?"

"O garoto Crook? Quem seria esse? Não me diga que você vai tratá-lo

assim."

Henry sorriu com uma dor consciente. "Não quis ofender. Chamei assim só

para diferenciá-lo. O que aconteceu foi trágico."

"Com relação ao pai dele?"

"E a forma como a mãe dele processou a coisa."

Ela fechou a cara. "Não sei como isso pode influenciar na maneira que as

peessoas tratam Midas. Ele tem sido tão doce comigo..."

"Mas você é jovem, Ida. E disso que tem de se lembrar. As pessoas buscam

padrões em sua existência e um dos padrões que se veem nestas ilhas é o das

famílias cometendo os mesmos erros através de gerações."

Ela bufou e cruzou os braços. "Isso só acontece aqui porque a comunidade

é muito pequena. As pessoas não têm imaginação para ver Midas como um

homem diferente. Elas o encaixam no espaço vago que seu pai deixou."

"É bem isso. Eu não poderia concordar mais com você."

"E ainda assim você diz que não o quer na sua casa. Vocês dois se desentenderam, ele disse."

"Ele não contou por quê?"

"Não."

"Ele não te contou... nada?"

"Só contou que te encontrou. Disse que vocês dois conversaram sobre a

mãe dele. Disse que você a conheceu."

"Eu... Isso é..." Ele coçou a barba. "Não te contou o que lhe mostrei no

pântano?"

"Não. O que lhe mostrou?"

"Apenas... Bem, era um dia de sol. Mostrei-lhe a luz no lago."

Ficaram brevemente em silêncio. Ela sabia que havia algo mais, mas decidiu

pressionar Midas depois. "Vou fazer o chá", disse Henry, forçando um sorriso e

deixando-a à mesa enquanto passava para a cozinha ao lado.

Ele colocou a água fervente nas folhas de chá. Não ajudaria nada contar a

Ida o que havia no fundo do pântano, e imaginou que também seria esse o

raciocínio de Midas. A pobre menina estava aqui porque Henry era a sua última

chance, e ele não sabia como convencê-la de que nada podia fazer. Certamente

havia feito um mau trabalho com Midas. Observou as folhas de chá se mexerem

e se expandirem na água.

Ida entrou mancando na cozinha atrás dele.

"Me perdoe...", ele disse. "Receio que você tenha entendido tudo errado."

Não sinto nenhuma aversão a Midas por causa de seu pai. E sua mãe... E... isso...

Preciso ser honesto com você."

"Você já a mencionou."

"Sim. Você precisa entender que lhe conto isso de forma confidencial."

Ele olhou para o vapor que saía da chaleira. A mãe de Midas tinha esse

poder (ele se lembrava de sentir isso no primeiro encontro com ela no verão) de

abrir a sua carapaça e cutucar o que havia lá dentro.

"Você é apaixonado por ela", disse Ida.

Ele abaixou a cabeça. "Sim. E não. Não mais, creio." Henry esperava que a

sua honestidade a ajudasse a aceitar o que ele tinha a dizer sobre o vidro.

"Teve um caso com ela?"

"Nem todo mundo pode... falar tão livremente quanto você, Ida."

"Desculpe, achei que você quisesse discutir isso."

"Eu queria explicar que... Midas ofereceu uma rota para Evaline. Mas como

um tipo de acordo para me fazer ajudar você. E, veja, eu não poderia aceitar a

oferta dele, não apenas por causa de Evaline... Evaline é diferente agora... mas

não tenho nada para oferecer em troca."

"Estou virando vidro", ela disse suavemente.

Ele limpou o suor da sobrancelha e apoiou o bule de chá com um estrondo.

Sentia-se tão quente por dentro que a ideia de beber o chá o fazia quase

desfalecer. "Quero um copo de vidro", declarou, e cobriu a boca envergonhado.

"Quero dizer, uma bebida. Um... copo de algo."

"Tudo bem. Está em todo lugar, não é?"

Ele fez um aceno desajeitado e foi ao armário pegar uma garrafa de gim.

Serviu os dois, deixando o chá na chaleira. "Eu não bebo realmente, me descobri

fazendo... coisas de bêbado. Mas, sob pressão... sou fraco."

Ela assentiu.

"Seu marido era um obstáculo que pessoas nervosas como ela e eu nunca

poderíamos superar."

"Ele está morto faz uma década."

"Isso não muda nada agora."

"Muda tudo. Mudem-se. Vocês dois."

"E deixar o gado para trás?"

"Desafie o que as pessoas pensam. As pessoas daqui nem conhecem você.

Traga ela para cá."

Ele mordeu o lábio. "Que egoísmo! Me perdoe, Ida, por trazer esse assunto."

"Não seja idiota. Você deve ser tão solitário que nem percebe mais."

Ele negou com a cabeça. "Você é jovem demais para entender."

"Não me subestime."

"Ah... Não quis fazer isso. Só quero dizer... é tarde demais para mim e

Evaline."

Ela olhou para o gim. "Nunca é tarde demais."

Henry a observou de perto quando disse isso. "Veja", ele disse tristemente,

"você foi surpreendida pela dúvida na sua própria voz." Abaixou o copo e

esfregou as mãos nas calças. "Obrigado pelo otimismo, mas já era tarde demais

bem antes de Midas Crook morrer. Um dia, a Evaline que eu conheci

simplesmente... se foi. Se eu tivesse feito mais quando ela ainda estava conosco,

talvez ela tivesse ficado. Mas quem sabe onde está essa mulher agora?"

Houve um silêncio, quebrado por um ou outro gole de gim.

"Henry", ela disse baixinho, "se eu lhe mostrar meus pés, o que você vai

dizer?"

Ele estendeu as mãos. "Não quero ver. Obrigado, Ida. Posso visualizá-los

perfeitamente."

Ela concordou.

"E, até onde conversamos... lhe contei tudo o que há para contar."

Ela abaixou o gim pesadamente. "Mas não me disse por quê. Ou como. Eu

sempre fui uma pessoa normal, Henry. Como uma pessoa vai de uma vida

normal para uma segunda vida assim, andando com uma bengala sem sentir os

próprios dedos?" Ela fechou fortemente os punhos. Seus olhos estavam

esbugalhados. "O que fiz para causar isso? Apenas me diga o que fiz, onde pisei,

o caminho de quem cruzei... Alguma coisa."

"Você veio aqui para me encontrar e perguntar isso?"

"Vim por causa do gado de asa de borboleta. E pela criatura que você disse

que pode tornar as coisas brancas com um olhar. Você sabe como estas ilhas

funcionam."

Ele deu de ombros. "Não sei de nada."

"O que... o que isso quer dizer?"

"Não há motivo. Não há explicação. As coisas acontecem, e só podemos

tentar viver com isso."

"Como vou viver com um corpo feito de vidro? Não posso aceitar."

"Não importa", ele disse suavemente, "o que você aceita ou não aceita. O

vidro vai continuar aí."

"Você acha que não há esperança para mim." Ela expirou longamente.

"Muito bem. Você precisa saber que meu amigo Carl vai me levar para Enghem

Stead, para a casa de Hector Stallows. Ele diz que a mulher de Hector pode me

ajudar. Então, você vê, não está tão perdido assim. Ele diz que a mulher já viu

alguém com algo como os meus pés."

Henry pareceu desconfiado. "Por que não cozinhamos estes caranguejos

enquanto conversamos?"

Ele começou a ferver água numa enorme panela verde. Colocou o balde de

caranguejos na bancada, suas garras batiam dentro.

"Olhe, Ida... Não consegui dormir depois da visita de Midas. Eu esperava

muito poder ajudá-la."

Ela deu de ombros desanimada. "Não é minha culpa. Não posso senti-los,

Henry, mas algumas vezes posso sentir os cantos mortos nos meus tornozelos.

Se você... se no final não... não houver cura ou qualquer coisa, o que vou sentir

ainda?"

"Não sei."

"Vai doer?"

Ele mexeu nos caranguejos. "Não sei."

"Então, o que você acha que devo fazer nesse meio tempo? Vim até aqui

atrás de você."

"Vai soar idiota."

"Pode dizer."

"Siga em frente. Viva a sua vida. Não acredite em baboseiras."

Ela pareceu furiosa por um segundo, mas se segurou. "Eu tive noites

selvagens. Festejei. Fiz todo esse troço de buscar emoções. Isso é idiotice. Achei

que essas experiências mudariam minha vida. Ficavam apenas na cabeça. Aqui

estou eu pulando de *bungee jump*. Aqui estou eu saltando sem paraquedas. Por trás

de toda essa adrenalina há o mesmo sentimento de autoconsciência."

"Não estou falando para saltar de paraquedas. Não quis dizer nada disso."

Ele suspirou. "Nunca fiz essas coisas, Ida, então só posso supor. Mas me

empolguei do meu próprio jeito. Fui levado pelo gado de asas de borboleta.

Quando os encontrei, eles se juntaram ao meu redor, com suas asas zumbindo

tão forte que pensei por um momento que seria levantado do chão. Lembro-me

do almíscar quente do rebanho com mais nitidez do que do sorriso de minha

mãe, mas veja... A única vez em que realmente me senti vivo por dentro... isso

quer dizer...", bateu no peito, "no coração... foi o tempo que passei com Evaline

Crook."

"Recentemente...", ela começou a dizer, mas os caranguejos cozidos

gritavam na panela. "Recentemente, com Midas..."

Henry não estava prestando atenção nos caranguejos. Uma garra havia se

partido e flutuava em círculos.

"Recentemente, com Midas, eu senti... não sei o que senti, mas... é diferente...", ela continuou.

"Exatamente."

Ela endireitou os ombros. "Mas preciso ver Emiliana Stallows. E minha

única chance."

Ele nunca tinha sido tão franco assim, mas devia isso a ela. "Você tem

pouco tempo, Ida. Talvez menos que isso. Depende do ponto no qual seu corpo

não poderá lidar com o que se tornou vidro. Pode acontecer num instante! Você

pode simplesmente ser tomada."

"Quanto tempo é pouco tempo?"

"É impossível dizer."

"Quanto tempo, Henry? Me diga isso pelo menos."

Ele pensou no corpo de vidro no pântano e na sua hipótese de que a

transformação poderia ter acelerado num instante para deixá-lo como uma

estátua, mas não tinha evidências disso e não queria alarmá-la mais do que o

necessário. Suavizou. "Meses", disse, "se tiver sorte. Mais provavelmente,

semanas."

Havia uma cadeira de ferro atrás dela. Ela se jogou ali.

"Uau", ela disse, "isso foi uma surpresa."

"Não quero desacreditar o que seu amigo e Emiliana descobriram em

Enghem, mas qualquer coisa que eles façam você experimentar será apenas...

uma falsa promessa."

Sentaram-se à mesa para comer, na qual ele jogou uma toalha estampada

com borboletas marrons. Serviu os caranguejos e Ida achou que tinham gosto de

pântano.

★

Ela acabou chamando um táxi de volta para Ettinsford. Quando Henry

protestou que deveria levá-la, como prometido, ela apontou educadamente para

a garrafa de gim vazia.

As árvores na viagem de volta eram como cabeças abaixadas de velhinhas. A

neve caía preguiçosamente e salpicava o pescoço de um gato que Ida viu

arrastando um pássaro pela estrada.

O táxi a levou por Shale Lane, chegando à cidade por uma ponte que

passava sobre água congelada. As pessoas caminhavam pelas ruas com galochas,

capuzes e guarda-chuvas brancos de neve. Do lado de fora da igreja, alguém

enrolara um cachecol vermelho no pescoço da estátua de São Hauda.

Desceu do táxi na porta da casa de Midas e moveu-se tão lentamente através

do portão e do quintal que um garoto, rindo, gritou ao passar:
"Ânimo, vovó!".

Então, viu o rosto jovem dela e pareceu confuso.

Midas quis saber como tinham sido as coisas com Henry, mas ela
não tinha

vontade de falar.

"Ele não disse nada de novo, vamos colocar assim. Quero esquecer
um

pouco disso. Podemos fazer algo? Pode me levar para algum lugar?"

Ele a levou para Toalhem Head. Era o desfiladeiro onde o estreito
de

Ettinsford se abria para o mar. Havia ali um mirante sobre
penhasco, perto de

um velho farol abandonado cuja pintura o vento havia descascado
apenas de um

lado, substituindo-a por manchas brancas de sal. Eles ficaram
parados na neve,

enrolados em cachecóis e se segurando contra o vento. Nas rochas
do penhasco

e em todo o caminho descendo até o mar, papagaios ficavam como
pinos de

boliche nos seus poleiros, ocasionalmente uivando e batendo o
bico.

Midas imaginara que ele e Ida poderiam ver águas-vivas se
transformando

em luz viva, mas havia diferentes tipos de detritos na água naquela tarde.

Icebergs do tamanho de igrejas, cobertos pela queda da neve, estavam boiando

na água mais quente que saía do desfiladeiro, para derreter em centenas de

pedaços brancos.

"Te contei o que descobri sobre o seu pai?", ela perguntou.

"Descobriu o que sobre ele?"

"Sobre o que aconteceu com o seu túmulo."

Ele permaneceu em silêncio.

Ela viu um iceberg partir-se conforme entrava nas correntes que surgiam do

desfiladeiro. Rachou e se dissolveu como bolhas numa pia.

"Você não gosta de falar do que aconteceu? Achei uma história terrível, mas

o entendo melhor."

Midas abriu a boca e um grasnido seco saiu, enrolado numa palavra.

"Entende?"

"Sim. Seu pai."

"O que quer entender dele?"

"Achei que fosse me ajudar a entender melhor vo..." Ela fechou a boca tarde

demais.

"Você achou que saber sobre ele a faria me entender melhor? Você nunca o

viu e já pensa que sou como ele!"

"Não é isso, Midas. Ele está nos seus pensamentos com tanta frequência!

Eu imaginei que... Bem..."

Lâminas de *iceberg* partido forçadas para baixo da água por correntes

ressurgiram no mar. As ondas se agitavam ao redor delas. A verdade era que ela

sentia um tipo de empatia pelo pai de Midas. Sempre tinha sido assim com ela.

Ela tivera sua cota de homens inibidos e por isso encontrava desculpas para eles.

Deveria haver alguma desculpa pela forma como seu pai deixara uma herança de

inibições para o filho.

"Sinto muito", ela disse.

Ele balançou a cabeça. "Não sinta. Você já me perdoou várias vezes desde

que nos conhecemos."

Ela riu. "E assim que funciona? Estamos quites agora?"

"Não, não; não quis dizer isso... Oh, Deus."

"Midas, tudo bem. É bom que estejamos quites."

"Bom. Ufa!"

"Sim..." Ela respirou profundamente. Midas observou um papagaio saltar da

água lá embaixo, lutando para nadar contra a correnteza.

"Então, agora vou lhe pedir um favor. Me diga o que Henry lhe mostrou no

pântano. Aquilo que vocês dois não querem mencionar."

O papagaio saiu lutando da água e descansou com a cabeça abaixada na

rocha de onde havia saído.

Ele levantou as sobrancelhas e bufou. "Não tenho certeza..."

Ela virou os olhos. "Diga de uma vez."

Ele lançou as mãos para o ar. "Um corpo de vidro. Um homem transformado inteiro em vidro."

"Oh", ela disse.

Ele olhou para ela, que estava quase tão branca quanto o iceberg.

"Desculpe", ele disse.

Ida mexeu-se em crispção. Midas ficou impressionado com ela por ter

levado um momento para encontrar o medo, depois o cutucou e seguiu em

frente, para logo dar um passo em sua direção. O espaço entre eles parecia

diminuir, cada floco de neve caindo a seu redor grande como uma pena. O ar

salgado deixou os lábios deles aquecidos. Ela veio ainda mais perto, com a boca

levemente aberta.

Ele deu um passo para trás.



{25}

om a maré distante, a areia macia ficou manchada de pedra e conchas.

C "Aqui estamos", disse o pai de Midas, jogando sua sacola na areia branca. "E um belo dia para isso."

Tanto pai quanto filho fediam a protetor solar e estavam vestidos como

membros de uma seita ortodoxa, enquanto a mãe de Midas usava seu antigo

vestido bege. Ela se abaixou para abrir uma toalha desbotada. Midas enrolou as

mangas e abriu alguns botões da camisa. Seu pai parecia perfeitamente

confortável numa camisa engomada enfiada na calça. Reflexos brilhavam em

seus sapatos, imitações de um milhão de reflexos brilhantes do mar turquesa.

Penhascos baixos esfarelavam cheios de rachaduras e traziam ecos das

cavernas.

"Não entre numa dessas."

As cavernas eram como buracos de explosões numa parede de giz da

fortaleza do penhasco. Midas adorava a forma como as sombras se projetavam

para dentro. "Mas, pai..."

"É perigoso demais. Vê essas pedras na praia? São pedaços do penhasco que

caíram de repente, sem aviso. Só é preciso um eco para fazê-las cair na sua

cabeça."

Midas cruzou os braços e olhou de volta ao mar. "Posso nadar?"

Seu pai balançou a cabeça. "Não pode tirar a camisa e a calça porque vai

queimar. Sua pele vai fritar e ficar vermelha. E não vá molhar as roupas, porque

a água salgada estraga o tecido e sua pobre mãe não pode com isso. Sua pobre

mãezinha. Pense nela."

Midas olhou para ela. Seu rosto encostado na toalha de praia, o cabelo

ficando grisalho sobre o rosto. Não muito longe dela havia um siri morto, com

as pinças cruzadas no peito desbotado pelo sol, num cômico ato de piedade.

"E quanto àquela rocha? Posso subir nela?"

O pai de Midas seguiu o dedo que apontava. Entre as suaves

O pai pareceu confuso. "Olhar o quê?"

"O sol. Está lá em cima. Sobre o mar."

Ele queria explicar que a luz mudaria logo e não deveria ser das ondas que

quebravam havia um rochedo alto, da altura de um poste. Ele esfregou o bigode.

"Vai ter de me dar sua palavra — sua palavra — de que não vai subir até o

topo. E deve ser extracuidadoso."

"Prometo."

Ele bufou e desdobrou sua toalha de praia azul, estendendo-a suavemente a

certa distância da esposa. Midas abriu sua bolsa e tirou a câmera, a pequena

câmera compacta prateada que ganhara no Natal. Enrolou a alça no pulso e

começou a desamarrar os sapatos.

"O que está fazendo?"

"Estou tirando sapatos e meias, para escalar a rocha."

O pai riu. "Ainda não. Primeiro você precisa ler um livro."

"Mas olhe", disse Midas, apontando decepcionado para o céu. esperdiçada.

Tudo o que podia fazer era apontar para o sol.

O pai tirou livros de sua sacola e os alinhou na areia. Livro após livro após

livro. No primeiro dia deles de férias na praia perto de Gurmton passaram o dia

inteiro numa livraria, enquanto seu pai folheava cada volume das prateleiras

buscando o que achava ser *o mais pertinente*.

Quando acabou de alinhar sua seleção na praia, ele perguntou:
"Qual vai
querer?".

Midas apontou desesperado para a rocha em que queria subir. Uma
orgulhosa gaivota branca havia se fixado no topo, observando a
água. De repente

ela decolou, voou para o mar com duas batidas de asas e
mergulhou. Ela emergiu

num arco de gotas.

"Sereias, sirenas e capricórnios, parece apropriado." O pai virou o
livro e

examinou a contracapa. "*Uma instigante coleção de ensaios
examinando as fantasias e*

pesadelos de marinheiros. Hum. O que acha?"

O braço de Midas que apontava a rocha desmoronou. Ele se sentou
e

começou a amarrar novamente os cadarços.

"E quanto a este? Mais imediato, talvez. Sob seu diafragma: cães!
Isso vai

interessá-lo, Midas. *Este esplêndido livro completo, com doze
páginas coloridas, traça a costa*

*da Grécia em busca da fera mítica Scilla, cujas pernas foram
notoriamente transformadas em*

cães pela feiticeira Circe. Isso parece ser sua praia."

Midas se sentou e folheou o Sob seu diafragma: *cães!* O pai o observava

orgulhoso. Ele passou pela dedicatória e as páginas do conteúdo.

"Não, não, não!", disse o pai, balançando as mãos: "Não vá direto para as

páginas coloridas, vai estragar a diversão. Olhe para elas quando chegar a elas,

saboreie-as quando tiver um contexto para entendê-las".

Midas virou a primeira página, um denso prólogo, e olhou para as palavras

sem lê-las, até que o pai parou de observar e tirou seu próprio livro, que era um

"tijolo" de capa dura. Depois de um tempo, Midas virou a página e olhou a

seguinte, ocasionalmente levantando o olhar, até que o pai se fixou na leitura que

fazia. Então Midas tirou os sapatos e as meias, ficou de pé e se afastou do pai, da

mãe inerte e desceu a praia até o raso. No caminho encontrou um galho

fabuloso, torto e maior do que ele. Carregou-o como o cajado de um

aventureiro, fazendo atrás de si uma linha na areia. Nadou através da rebentação

em direção à rocha. A água fria, cristalina batia, indo e vindo sob os seus pés.

Teve de conter um grito de dor ao pisar numa concha afiada e algo como um

tufo de cabelos se enrolou em seus tornozelos. Abaixou o olhar para ver círculos

de algas verdes envolvendo-lhe os pés. Ficaram mais pesadas e gosmentas

quando as levantou da água. A calma das ondas trazia o cheiro de sal seco.

A superfície retorcida da rocha a tornava fácil de escalar. Ele subiu para o

ponto cheio de cracas e sentou-se com os pés balançando na direção de seu

reflexo numa poça na pedra. Balançou os dedos dos pés na água quente da poça

para tirar a areia e pedaços de algas, mas puxou os pés quando viu os tentáculos

vermelhos de uma anêmona balançando entre anéis violetas de algas.

Olhou de volta para a praia. Seu pai não havia se movido, exceto para virar

as páginas do livro. Nem sua mãe, ainda deitada com o rosto para baixo, imóvel.

Experimentou a câmera nela e se perguntou se ela estava feliz. Parecia ao menos

satisfeita, assando ao sol.

Ficou no topo da rocha, tão imóvel quanto seus pais, esperando imagens.

Com apenas um filme para gastar nas férias, tinha de aguardar o momento certo.

O mar perdeu um pouco do seu brilho. O sol se moveu no céu. Ele continuou

esperando e, por três horas quentes, tirou apenas três fotos. Então, quando a luz

não mais brilhava, um movimento numa rocha próxima no mar o fez trazer a

câmera aos olhos.

Achou que era algum tipo de pássaro marinho, mas seu voo era caótico

demais. Surgia de trás da rocha, depois se escondia de volta. Suspeitou que havia

um poleiro escondido e esperou com a câmera nos joelhos, pronto para quando

aquilo voasse e aparecesse. Ao fazer isso, o "pássaro" foi tão rápido que ele

suspeitou ter capturado apenas um borrão. Rezou para Deus melhorar sua

velocidade de enquadramento.

Quando aquilo entrou em quadro novamente ele percebeu que era uma

libélula, grande como seu punho e branca como leite.

Era final de tarde quando seu pai o chamou da praia. Ele ficou no canto da

água, usando o livro para proteger os olhos do sol. A maré tinha vindo e estava

com vários metros de altura ao redor da pedra. Midas começou a tirar a camiseta

e a calça, para amarradas numa trouxa seca ao redor da câmera e pendurá-las na

ponta da vara, assim podendo carregá-las acima da cabeça e seguir com o braço

livre. Estava prestes a dar o nó em suas mangas na vara quando viu algo vagando

abaixo da superfície da água, levado em cada onda. Translúcido, com um círculo

violeta e tentáculos. Nunca tinha visto algo assim. Chegou mais perto da água...

"O que está fazendo, Midas?"

Seu pai estava andando de um lado e para outro. Midas enfiou a vara no mar

e tirou a coisa flutuante. Ela murchou ao sair da água, um calombo gelatinoso

com gotas escorrendo.

"Olhe o que eu peguei!"

Seu pai congelou e perdeu o ar. "Não toque nisso, Midas!" Uma onda bateu

em seu tornozelo e ele pulou de volta à praia com um grito.

A coisa escorregou da vara de Midas e caiu, espirrando água e abrindo-se

graciosamente.

"Oh, Deus... Elas vão paralisar você!"

Havia outras flutuando na água agora, com aros violeta presos pela luz.

"O que é isso?"

"Medusas! Águas-vivas!"

Midas subiu um pouco mais na rocha, segurando-se firme. Não ousava

olhar para elas.

"O que acontece se elas me virem, pai? Eu me transformo em pedra?"

"Oh, Deus, Midas! Meu bom Deus!"

Por um tempo, pareceu haver apenas o som das ondas e um par de gaivotas

que voava acima. Então a mãe de Midas caminhou para o mar com seu vestido

flutuando na brisa. Ela arrastou uma tábua de madeira escurecida por uma corda

que apodrecia. Seguiu até o raso, com as pequenas ondas batendo em suas

pernas nuas. Quando estava bem perto, quebrou um pedaço de madeira do canto

da tábua e o jogou na água. Eles viram a madeira seguir até a rocha de Midas na

correnteza. Tendo feito o teste, ela puxou a tábua. Midas desceu pela lateral da

pedra e enfiou sua vara com o laço da corda quando a tábua passava. Era pesada

e ele se segurou forte à rocha enquanto puxava a tábua mais para perto.

"Fique deitado!", mandou sua mãe, "como um surfista!"

Midas hesitou. Não podia tirar as roupas, ou a câmera, estavam enroladas

numa trouxa. Com dor no coração, deixou-as no topo da rocha.

Ele subiu na prancha de madeira, que deu uma guinada e quase virou. A

água subia pela superfície e uma água-viva surgiu perigosamente perto. Ele se

sentou firmemente quando a maré o empurrou para a praia. Mas, no momento

em que achou que estava tudo bem, ouviu o ruído do mar abaixo e viu que

estava sendo puxado da praia na direção do mar aberto. Gritou ao sentir que a

prancha o traía, apertou os olhos, esperou pela submersão e por uma morte

envenenada.

Mas Midas não afundou. Quando ousou abrir os olhos, estava sendo

puxado para a praia e sua mãe se abaixava a seu lado, com o vestido de tal

maneira encharcado que ele podia ver o corpo mirrado dela e sua calcinha antiga.

Ela mordeu os lábios e cobriu os olhos com a mão, enquanto a outra mão

coçava uma mancha vermelha inchada na panturrilha. Seu pai andava de um lado

para outro como galinha assustada.

No hospital, disseram que a paralisia da perna esquerda de sua mãe ia sarar

em uma semana. Mas nunca sarou realmente e daquele dia em diante ela passou a

mancar.



{26}

m pássaro marinho negro mergulhou no oceano como uma caneta
mergulhando num tinteiro. Um barco cruzava o horizonte com o
U motor tossindo, fazendo sulcos de espuma na água. A estrada da
costa tinha a queda do penhasco como seu meio-fio, e Midas tinha
tanto medo

de sair do rumo que não tirava os olhos do asfalto. Quando Ida
olhou para fora e

algo com chifres pôs a cabeça acima da superfície do mar, ela não
conseguiu

convencê-lo a olhar. O chifre se manteve ali, como se fosse um
dedo testando a

posição do vento.

A estrada descia. Duas gaivotas passaram à toda, uma provocando
a outra

no ar, e ela captou um brilho de seus olhos amarelos. Logo eles se
havam

dirigido ao nível do mar, onde as ondas estavam bem próximas e o
sal borrifado

nublava o caminho. Lá longe, o oceano ondulava sobre blocos de
granito e

descia pelos canais em pedras pretas lisas.

No retrovisor, as silhuetas soturnas dos morros se ergueram como

omoplatas de gigantes. Visto através do para-brisa, o cenário, quando não

nublado pelo sal do mar, era uma planície de rochas marrons e canais. Havia uma

ou duas árvores espalhando seus galhos no chão. Tocos retorcidos pareciam tãõ

negros que podiam ter sido tirados de um vazamento de óleo.

Havia todo tipo de mitos sobre Enghem, o território de Hector Stallows ao

norte de Gurm Island. E esses circulavam desde que o homem dos perfumes

comprou a terra, nascidos do ressentimento por uma faixa de paisagem

repentinamente privatizada.

Ele fora um capitão da indústria, apagando formas de sustento em nome da

competição. Não à toa, as pessoas diziam que ele sempre conseguia o que queria.

Agora, ele aposentado e vivendo para o lazer, diziam que era volúvel com sua

riqueza. Suas razões para uma vez ter pendurado bolas de âmbar nos bosques do

interior de Enghem não foram compreendidas, mas os moradores locais sabiam

que essas tumbas de insetos antigos não estavam penduradas nas
árv

entalhadas com o nome dos autores. Seus hóspedes do continente
co {

ores por

mero capricho. Houve um incidente quando um garoto de Tinterl
furtou uma

bola — uma única entre centenas — dos galhos de uma árvore. Na
noite

seguinte, ele acordou coçando-se furiosamente e pensando que
algo entrara em

seu ouvido, porque havia um zumbido seco no quarto. Ligou a
lâmpada e gritou

para sua mãe (ele tinha dezessete anos) porque as paredes, o teto
e seus braços

estavam repletos de mosquitos. A gaveta em que havia colocado o
bibelô estava

aberta: o bibelô tinha sumido. Pelo menos era o que a história
dizia.

Depois de um tempo, Hector Stallows ficou cansado da visão de
órbitas

douradas brilhando quentes nos bosques no crepúsculo e as tirou,
embalou e

vendeu para um mercado em Xangai. Para o lugar delas comprou
quartzos (os

moradores locais observavam os caminhões carregados de blocos do tamanho de

icebergs passando pelos portões, enquanto helicópteros zuniam acima).

Disseram que ele tinha enfeites de quartzo tirados dos jardins de Enghem Stead,

seu lar. As paredes de quartzo estavam afixadas em sua casa, prateleiras de livros

miam em

pratos de quartzo sobre mesas de quartzo.

E, então, o quartzo foi visto deixando a propriedade: tinha sido vendido

para um colecionador na Rússia. Conforme se movia em caminhões por St.

Hauda's Land em direção às docas de Glamsgallow, veículos menores foram

vistos viajando na direção contrária e entrando em Enghem. Logo se espalharam

os boatos de que Hector havia comprado pássaros de centenas de espécies,

canários, cacatuas e rouxinóis, mas que cada um deles ficava em silêncio. Um

aviário de pássaros mudos. Aqueles que entravam nos jardins falavam de uma

noite assustadora, a abertura e fechamento de uma centena de bicos sem um

único gorjeio ou assobio no ar.

A estrada chegava lá atravessando de um arco de pedra esmigalhado e

coberto de hera. Não havia muro, o arco ficava sozinho numa massa de árvores.

Essa terra estava cheia de armadilhas: Ida viu, no caminho para a única cabana

pela qual passaram, uma árvore com luzes de Natal penduradas e toupeiras

mortas. Depois da cabana, a estrada virava no mar e subia por uma série de

zigue-zagues a um terreno elevado onde, no alto pico, a última ponta da Gurm

Island estava estendida para o norte que ficava abaixo, como ossos jogados ao

chão por um oráculo. Não havia uma praia definida separando terra e mar em

Enghem. Em vez disso, camadas de argila, ilhotas, poças nas rochas e riachos de

água salgada dividiam o cenário entre esse ponto e a costa. A maré entrou lá e se

retirou como um gigantesco pente cinza. Em algum ponto dessa paisagem foram

construídas as quatro belas casas de Enghem-sobre-as-Águas, destino deles.

Ida era grata a Midas por ele se dispor a percorrer esse caminho. Mas ele

queria estar com ela ou estava apenas brincando de ser foto-jornalista e seguindo

a onda até ficar entediado? A conversa dela com Henry e o veredicto de que

deveria suportar sua condição por semanas ou meses, não anos, acelerou sua

ideia. Então, enquanto seguiam num silêncio confortável, o cérebro de Ida

processava o que fazer em seu relacionamento com Midas Crook.

Midas dirigiu cuidadosamente pelas ameaçadoras estradas invernais. Uma

derrapada repentina no gelo branco poderia jogá-los num poço negro ou fazê-los

bater numa rocha. Os faróis passaram pelo corpo verde-acinzentado de um peixe

caído na estrada, derrubado por um corvo que grasnava e voava em círculos lá

em cima.

Midas havia comprado para ela a segunda muleta. Seu equilíbrio tinha

piorado e ela precisava de outra antes de ter um acidente, mas ela brincou que ele

poderia dar-lhe isso de presente de Natal, para adiar algumas semanas. Então,

naquela manhã, ele a presenteou com um longo pacote enrolado em papel

crepom prateado. Foi amarrado com fitas da floricultura e tinha um arranjo feito

de um ramo de narcisos brancos. Ela desembalou e encontrou uma peça de

bambu polido, elegante, enquanto sua primeira muleta era rústica; estampada

com calombos marrons, enquanto a de Carl era lisa e texturizada uniformemente.

Ela observou Midas com afeto pelo canto dos olhos. Havia algo nascendo

entre eles ou ela simplesmente o entendera mal?

Ele segurava firmemente a direção, com os nós dos dedos e cotovelos em

ângulos agudos. Ela adorava a forma como as mangas de sua blusa eram curtas

demais para ele, os punhos bem abotoados ao redor dos pulsos esqueléticos,

mostrando o relógio plástico de adolescente que ele usava. Ele mordida o interior

da bochecha. Seu pomo de adão mexia-se na garganta. Ele havia lavado o cabelo

naquela manhã pela primeira vez em dias e estava arrepiado.

Ida se perguntava o que ele faria se ela se esticasse para tocá-lo.

Provavelmente bateria o carro. Ainda assim, ela tinha de apressar as coisas. Não

agora, mas na primeira chance que tivesse.

De repente, a estrada contornou um banco de solo arenoso, ate uma trilha

cheia de neve no final da qual estava Enghem-sobre-as-Águas. Apenas a maior

das quatro casas tinha luz nas janelas: essa era Enghem Stead. Além dela, o mar

balançava, entrando e saindo, e, quando chegaram mais perto, Ida viu que todas

as casas tinham sido construídas em robustas palafitas para que a maré alta

pudesse passar por baixo. As casas também eram feitas de madeira, suas ripas

pintadas num azul pastel ou branco, apesar de a tinta ter descascado mostrando

madeira esverdeada embaixo. Ela sabia pelos boatos locais que apenas Enghem

Stead era habitada. Hector havia comprado todo o vilarejo para garantir

privacidade.

"É... um lugar bem bonitinho", ela disse.

Carl estava fumando um cigarro à espera deles no deque de madeira na

porta de Enghem Stead. Assim que estacionaram, ele desceu os degraus até o

carro e ajudou Ida a sair. Ela esperava que Midas lutasse contra seus instintos e

fizesse isso, mas ele ficou cuidando da bagagem atrás deles. Por trás dos ombros

dela, a vastidão da angra podia ser apreciada melhor. Era um dente colossal na

linha branca do morro, como se numa noite o mar tivesse se erguido e atacado a

ilha até que a costa se retraísse por milhas.

Uma nevasca irregular caía enquanto eles caminhavam pelo deque. Ida ia de

braço dado a Carl para permanecer firme, o outro braço se apoiava na muleta

que Midas lhe dera no bosque úmido. Barro caiu nos blocos da sarjeta da casa e

uma ponta do cachecol se soltou e balançou ao vento; então, ela teve de puxá-lo

de volta e o enrolou no pescoço. Um pintarroxo saltou a cerca no deque. Ela

pensou quão marrom o peito vermelho dele parecia.

Uma porta abriu depois de uma curta espera. Uma lufada de ar quente veio

recebê-los. Uma mulher glamourosa apareceu.

Emiliana Stallows tinha cabelo preto e um bronzeado que parecia real,

mesmo no inverno. Uma base pesada no rosto, saia apertada nas coxas e blusa

graciosamente decotada, criando uma impressão de exotismo na fria vastidão de

Enghem Cove. Era difícil julgá-la, mas parecia desbotada de sua beleza e glamour

fazia pouco tempo. Ida estimou que ela estivesse com quarenta e poucos anos. A

brancura de seu couro cabeludo enfatizava como o cabelo preto retinto havia

rareado.

Ela juntou os dedos, com as unhas pretas como varejeiras, e lançou um

sorriso de menina.

"Você deve ser a Ida", disse. "E você deve ser o fotógrafo, correto?" Ela

piscou as pestanas negras. "Tive de me arrumar bem para recebê-los."

Carl ajudou Ida a subir a um amplo corredor branco com teto alto de

madeira e lâmpadas nuas. De lá seguiram para uma sala de jantar com mesa

rústica no centro. As paredes eram de cor creme e tapetes cinza cobriam os tacos

do chão. Midas saltou, assustado, ao pisar numa viga e um rangido ecoou na

casa.

Emiliana riu. "Não foi você, tolinho. E a casa rangendo ao vento. Você se

acostuma."

Ida fechou os olhos e escutou outro longo rangido vindo da parede, como a

nota mais baixa de um violoncelo, e sorriu. Era um barulho que trazia paz, de

acordo com uma casa construída à mercê do oceano.

"Sei que Enghem Stead parece nua e espartana", desculpou-se Emiliana.

"Mas Hector gosta assim. Por essa porta se vai ao quarto de hóspedes. Vocês

ficarão mais confortáveis aqui."

Tirou uma chave de ferro do bolso da blusa, destrancou e abriu a porta para

um quarto fresco com cheiro de doces turcos. Almofadas gigantes, douradas e

azul-celeste se empilhavam nos tapetes. Complexas estampas de topázio e

diamantes do norte da África azulejavam as paredes. Uma lareira transformava a

lenha em flocos de cinza.

Mas Ida pensou que não isso funcionava. A distância entre uma parede e

outra e a altura do pé-direito sobrepujavam o espaço de descanso que Emiliana

tentou criar. Esse tipo de quarto só podia ser preenchido com um hino ou uma

reza.

★

Logo estavam comendo tigelas de cuscuz floral com ervas; pratos de presunto de

Parma e chouriço; potes de azeitonas; tigelas de pimentões e berinjela cheia de

queijos borbulhantes; tábuas de pães umedecidos com azeite de oliva. Os outros

três ficaram surpresos ao saber que Midas nunca tinha provado nada disso antes.

"O que você come normalmente?", perguntou Emiliana, enquanto ele

caçava uma azeitona com o garfo em seu prato.

"Nuggets de peixe", ele admitiu. "E sopa de lata."

Ele espetou a azeitona e a colocou na boca.

"Gostou?", perguntou Carl, com uma careta calculada.

A boca de Midas parecia cheia de ácido, como se ele tivesse beijado uma

cobra. "Hum", foi tudo o que conseguiu dizer.

Os outros enchiam seus pratos enquanto Midas permanecia cuidadoso,

analisando desconfiado o pimentão recheado. Fios de queijo escorreram da

travessa até seu prato enquanto ele se servia. Tinha cheiro de cabra.

Conversaram enquanto comiam, ou melhor, os outros três conversaram e

Midas sentou-se num silêncio desnorteado, ouvindo a opinião de Emiliana sobre

uma orquestra, ou a de Carl sobre um homem chamado Hemingway. Quando

acabaram de comer, Carl cerimoniosamente abaixou garfo e faca e disse: "Acho

que todos apreciariam ir direto ao ponto desta visita".

Ida corou e falou bem baixo. "Você está certo. E por minha causa que

estamos aqui. Que diabos, melhor eu tirar minhas botas."

Emiliana se abaixou entre as almofadas, esticando suas longas pernas à

frente.

As mãos nervosas de Ida desceram às suas botas. Ela desfez as fivelas,

depois os laços. As botas deslizaram gentilmente e ela tirou as meias.

Havia um desenho no tapete abaixo dela como o mapa de um labirinto.

Seus dedos passaram sobre ele como uma lente de aumento, desfigurando a

estampa num labirinto tridimensional. O vidro havia piorado nas semanas desde

que Midas o vira pela primeira vez. Os metatarsianos de Ida, que ele havia

testemunhado semivisíveis antes, agora haviam desaparecido no corpo cristalino

de seus pés. Faixas de sangue iam desaparecendo como algodão púido nos

tornozelos. O calcanhar, que anteriormente ainda era feito de pele, era um toco

duro com o interior de um branco nublado. Tirando isso, seu pé era, agora,

totalmente transparente. Veias salientes pulsavam no final da canela e nas

panturrilhas, como se o sangue estivesse evacuando antes do que viria pela

frente. Pelos na perna arrepiavam-se como se estivessem em sua nuca.

Seus pés inanimados não eram mais parte dela, percebeu Midas. Todos os

gostos exóticos da refeição da noite subiram à sua garganta. Aqueles blocos de

vidro, apesar de terem formas graciosas, eram amputações.

Em algum ponto acima deles, outro piso rangeu.

Os outros não haviam se movido ou feito um som, além do som dos lábios

de Emiliana se abrindo. Ela parecia ter ouvido notícias de um terrível luto. O

espanto bloqueou seu corpo e intrigou seus olhos. Midas estava surpreso porque

Carl havia dito que ela já tinha visto algo assim antes. Ela não pôde falar até que

Ida quebrou o feitiço colocando as meias de volta.

"Ida", ela disse finalmente, enlaçando os dedos. "Eu... vou me esforçar para

ajudá-la."

Carl assentiu como um velho e sábio juiz. "Pegue o filme de Saffron Jeuck."

Emiliana pareceu desconfortável. "Tem certeza de que não prefere esperar

até de manhã, Carl? Fazer isso pouco a pouco."

"Se está preocupada comigo", disse Ida, "não fique. Posso aguentar."

"É que..."

Carl acenou para Emiliana e ela levantou as mãos. "Vou pegar as fitas."

Enquanto Emiliana deixava o quarto, Ida suspirou e passou a mão no

cabelo. Carl depositou a pesada mão no ombro dela e a acariciou enquanto

Midas olhava de cara fechada. Imaginava que eles veriam algo que mostraria

como seria terrível se Ida se transformasse inteira em vidro.

Emiliana voltou com duas fitas de vídeo, e não fez contato visual enquanto

punha uma delas para passar no pequeno televisor.

Esperaram num silêncio desconfortável enquanto a fita era rebobinada.

Podiam ouvir o leve ruído das bobinas virando no videocassete. A casa rosnou

num eco mais alto.

"Agora", disse Emiliana, quando o vídeo parou com um estalo. Uma tela

preta dançava com barras brancas, e cortou para uma imagem trêmula.

Havia uma garota num campo sépia; franzindo a testa, ela protegia os olhos

do sol de verão. O céu provavelmente estava azul-marinho quando isso foi

filmado numa câmera portátil trêmula, mas a idade e a qualidade do filme haviam

saturado a cor para um tom esverdeado. Além da sujeira que dançava pela

imagem.

"O.k., Saffron", disse a voz de Emiliana na fita, de trás da câmera, "levante

seu top."

Saffron usava uma bermuda branca sobre coxas gorduchas. Estava no final

da adolescência, mas seu corte de cabelo indicava que essa filmagem acontecera

havia uns seis ou sete anos. Ela se abaixou e puxou a borda de seu top até abaixo

dos pequenos seios. Ida olhou cautelosa para Carl, mas nesse ponto ele saltou e

apertou o botão de pausa, apontando para a tela. "Viu?", ele disse entusiasmado.

"Olhe o diafragma dela."

Pela barriga de Saffron corria o que parecia uma terrível cicatriz, mas os

detalhes estavam perdidos no inquieto frame congelado e nos horizontes de

interferência que desciam na tela.

"A imagem dá um *zoom*", disse Carl, pressionando o play.

"Agora segure", disse a voz de Emiliana na filmagem. A câmera trêmula se

aproximou da barriga de Saffron.

De perto, toda a sua barriga parecia descolorida. Era difícil distinguir

profundidade no vídeo, mas seu abdome, que era de um vermelho corado,

parecia recuado, como se ela estivesse encolhendo a barriga. Midas percebeu de

repente que a superfície da barriga havia se transformado em vidro. Era uma tela

de vidro para os músculos e órgãos do abdome, apesar de os detalhes serem

díficeis de ver na filmagem. Ida cobriu a boca com a mão. Midas de repente

desejou que Carl tivesse deixado Emiliana continuar do seu jeito e mostrar o

vídeo de manhã, quando a luz do dia traria algum conforto pelas janelas.

Ida se encostou em sua cadeira, com os dedos trêmulos e os lábios cerrados,

atenta à imagem. A sombra de Saffron no campo havia se distendido para um

amarelo. Uma estática mortal dominava o áudio.

Carl parou o vídeo novamente e ejetou a fita da máquina. "Onde está a

segunda fita, Mil? Aquela que você fez depois de tratá-la?"

Estava no colo dela. Em vez de passá-la para Carl, ela fingiu um bocejo.

"Estou exausta", ela disse. "Talvez devêssemos assistir de manhã."

Midas gostou dela por isso.

"Não", disse Carl, "Ida quer terminar com isso."

Ida estava olhando perdida para a televisão, com uma expressão impenetrável.

Carl pegou a fita do colo de Emiliana e a enfiou no videocassete. Esperaram

novamente enquanto rebobinava, com os dedos de Carl batucando na superfície

cromada do aparelho. Houve o estalo e a fita começou a rodar.
Depois das

cortinas de estática, a imagem se estabeleceu numa cena interna,
apesar de uma

janela aberta mostrar um pomar de outono cheio de folhas. A luz
estava fraca e

Saffron Jeuck sentada numa cadeira de balanço perto da janela com
um cobertor

de tartan no colo, aparecia mal definida diante das paredes do
quarto. Era

impossível dizer onde terminava seu cabelo, preso num coque
improvisado, e

começava a sombra de sua cadeira de balanço.

"Saffron", disse Emiliana fora de quadro. "Saffron, como se sente?"

Saffron levou uma eternidade para tirar os olhos do pomar argiloso
e fixá-

los na câmera. A imagem estava granulada demais para definir
suas pupilas, mas

Midas sabia que elas estavam fixadas nas lentes. Mesmo depois de
virar a cabeça,

ela não respondeu à pergunta. Midas roía as unhas enquanto os
outros assistiam

ao vídeo atentamente. Ele sempre acreditava num ponto em que a
fotografia se

tornava um túmulo. As fotos dos mortos tinham uma qualidade distante que as

fotos dos vivos não tinham. Ele sentia lá no fundo que aquele era o filme de uma

mulher morta.

"Hum", ele começou timidamente. "A Saffron ainda está entre nós, certo?"

"Claro", retrucou Carl. "Shh!"

Emiliana atrás da câmera repetiu a pergunta. "Como está se sentindo?"

Saffron abriu a boca. "Me sinto péssima."

"Pode levantar a blusa?"

Lentamente, os dedos de Saffron emergiram do cobertor que ocultava seu

colo, indo para os botões da blusa. Ela abriu o tecido lentamente e a câmera se

aproximou de sua barriga como havia feito antes.

Midas reparou em duas coisas ao mesmo tempo. Primeiro, o vidro não

parecia ter se espalhado por uma área maior ou mais profunda na barriga do que

aparecera no vídeo anterior, do verão. Segundo, que cada centímetro de sua pele

visível ao redor do vidro estava com um vermelho de carne viva que desafiava a

luz fraca e a qualidade da fotografia. Sua pele estava ferida, queimada e

descascando em alguns lugares, como se ela tivesse sido açoitada.

"Está pior?", perguntou Emiliana na fita.

"O vidro, não", disse Saffron e voltou ao pomar.

"Está pronta para outro emplastro?"

Saffron respirou profundamente, mas, quando fez isso, o vento soprou pela

janela aberta, pondo folhas mortas no carpete e tornando difícil dizer se o que se

ouvia era o ruído do ar que entrava nos pulmões de Saffron ou meramente o

farfalhar do tempo. De qualquer forma, seus pulmões se enchendo podiam ser

vistos pela tela de vidro de sua barriga.

A câmera de vídeo foi desligada.

Mesmo depois de Carl tirar a fita, os olhos de Ida permaneceram na tela.

Midas reconheceu aquele olhar distante, observara-o várias vezes no rosto de sua

mãe. Um olhar perdido. Os pensamentos de Ida estavam em outro ano, sem

dúvida, antes de tudo isso começar.

Os outros esperaram por ela. Depois de um tempo, ela perguntou:

"Emplastros?".

Emiliana limpou a garganta, mas, como não falou, Carl tomou a iniciativa.

"Bancar a morta seria uma introdução mais apropriada. Mil, por que não conta a

ela o que fez por Saffron?"

Emiliana fez um rosto triste para Carl e Ida. "Podemos entrar nos detalhes

amanhã."

Carl virou os olhos. "Podemos começar a pôr os detalhes em prática amanhã."

"O.k." Ela manteve os olhos nos pratos vazios e travessas oleosas de sua

refeição. "Para começar, isso veio pela sugestão do pai de Saffron. Ele era amigo

de um amigo, mas veio a mim porque na época eu estava cuidando de um

pequeno negócio de medicina alternativa. Sempre me interessei por isso e Hector

me permitiu começar meu próprio negócio. Remédios para a febre do feno eram

minha especialidade, e foi isso o que trouxe Saffron e sua família. Eles já tinham

a ideia, sabe? Só queriam que alguém a colocasse em prática."

Carl estava batucando com o pé. "Precisa explicar sobre o pássaro no jarro."

Ela assentiu e limpou a garganta uma segunda vez. "O senhor Jeuck nos

trouxe um pássaro numa jarra. Estava morto havia muito tempo e horrível,

muito mal preservado. Mas tinha uma cauda de vidro. Um leque de belas penas

entaladas, enquanto todas as outras haviam definhado e caído. Ele o comprara

por preço bem alto de uma velha viúva em Glamsgallow porque era uma

evidência para a sua ideia. O pássaro tinha morrido, disse a viúva, porque não

podia se alimentar adequadamente nessa condição. O que intrigou o senhor

Jeuck era isso: a condição final do pássaro significou que a dispersão do vidro não

continuou após a sua morte."

Midas fechou os olhos e pensou no corpo de vidro puro que Henry lhe

mostra no pântano.

"Bem... Meus remédios de febre eram coisas simples. Com base de mel.

Abelhas locais ajudam a curar a febre com pólen. Então você vê... Saffron e sua

família propuseram um remédio local, apesar de que, no momento em que

Saffron passou pela minha porta, eu já sabia que algo pior do que febre do feno a

afligia."

"Simular a morte era a solução", interrompeu Carl. "O remédio proposto

era simples, mas provavelmente era também a ideia mais brilhante que um

homem como Jeuck poderia ter na vida. Paralisar o corpo ao redor do vidro,

deixá-lo num estado semimorto. E a família Jeuck já tinha pensado no meio de

fazer isso."

"O que quer dizer?"

"A água-viva de St. Hauda's Land."

"Água-viva...", murmurou Ida.

Midas pensou em sua mãe mancando.

Carl apertou as mãos entusiasmado. "Emiliana preparou emplastros de

água-viva, esquentou-os e aplicou-os no estômago de Saffron. Eles a trataram

dessa forma no verão inteiro e, como pode ver", gesticulou teatralmente para a

tela, "o resultado foi bom. O tratamento prendeu o vidro, venceu-o em seu

próprio jogo. Tudo graças a Emiliana."

Emiliana sorriu tristemente.

Ida fechou os olhos.

Eles esperaram.

"Parece doloroso", disse Ida.

"Pense nisso durante a noite", sugeriu Emiliana.

Ida balançou a cabeça. "Não importa se é doloroso, vale a pena."

"Essa é a minha garota", disse Carl. "Vou deixar você agora. Devemos

começar de manhã."

★

Várias horas passaram até que Midas pegasse no sono naquela noite. Isso, em

parte, devido à estranha cama de casal no quarto de hóspede, muito maior e mais

macia do que o duro colchão de solteiro em sua casa. Em parte, também, devido

aos gemidos profundos da casa provocados pelo vento e pelo barulho do mar

moendo a passagem da angra. Mais do que isso, era o pensamento de Ida

dormindo a alguns quartos de distância e a dor que o remédio esotérico poderia

lhe trazer. Um sentimento de fraqueza lhe afetava os joelhos, tornando seus pés

extraordinariamente distantes das pernas.

Rolou para um lado e olhou para a lua arrastando-se sob as pesadas cortinas.

Quando finalmente conseguiu dormir, uma batida na porta o acordou. Sentou-se

rígido ao abrir-se a porta e Ida entrar mancando, estremeando a cada duro

toque da muleta no chão. Felizmente, Emiliana e Carl estavam dormindo em

quartos no andar de cima, no outro lado da casa.

"Não conseguia dormir", ela sussurrou.

"Nem eu", ele esfregou os olhos. "Quero dizer, acabei de cair no sono, mas

antes, nada..."

Ela foi à janela. "Viu o que está acontecendo lá fora?"

Ele balançou a cabeça.

"Levante-se."

Estava quente no quarto de hóspedes e ele fora para a cama só de cueca.

Percebia isso agora e se sentou segurando o edredom branco no peito magricelo.

Ela não usava roupa de dormir, estava com seu casaco sobre uma blusa de lã

estampada.

"Eu olho para o outro lado", ela riu, "assim você preserva a sua decência."

Ele saiu da cama para pegar as roupas que tinha deixado amontoadas num

canto. Vestiu-se enquanto ela abria as cortinas e se aproximou dela na janela. O

mar iluminado pela lua brilhava na angra e gingando sob as suas ondas sutis

havia fracas luzinhas. Ele encostou o rosto na janela; as luzes estavam

balançando como chamas de velas.

"Midas", ela disse, "lembra-se de quando você ficou na cabana do Carl

comigo? Lembra que ouvimos um pio de coruja de noite?"

"Lembro, sim."

"Você perguntou se eu queria passear no bosque, procurar corujas.
Eu disse

que tinha muito medo de tropeçar. Bem... eu disse isso porque não
conhecia

o caminho. Não sabia até que ponto estaria segura no bosque com
você. Agora

sei que você cuidaria de mim. Vamos lá fora ver as luzes."

"O quê? Agora?"

" *Sim.* Vista seu casaco."

Ele o vestiu e a seguiu para fora do quarto. Moveram-se
lentamente, em

parte para fazer o mínimo de barulho possível, em parte porque Ida
não tinha

escolha. Ela tinha de se sentar e de se arrastar para descer os
degraus

cuidadosamente enquanto Midas segurava as muletas. Seguiram
pelo deque de

madeira e se inclinaram na balaustrada, dando para a maré alta
que ia e vinha

entre as casas elevadas de Enghem-sobre-as-Aguas,
transformando-as em arcos.

As palafitas pintadas refletiam-se fracamente na superfície,
misturando-se com as

fracas luzes em várias camadas que brilhavam por baixo. Uma
armada de águas-

vivas flutuava na maré. Uma ou duas eram grandes como velas de barco, com

corpos ondulando a centímetros da superfície, tentáculos como um estandarte.

As menores eram do tamanho de dedais, com cristas de tentáculos violeta. Uma

órbita gigante brilhava mais forte do que as outras. Seu corpo era cheio de uma

névoa de luz dourada, como se tivesse engolido um anjo.

Perto flutuava um cardume de cerca de uma centena de águas-vivas do

tamanho de lanternas. Ida perdeu o ar quando um brilho elétrico amarelo surgiu

repentinamente no corpo de uma delas. Era um brilho como lâmpada

queimando. Um segundo brilho tremulou em uma água-viva, dessa vez com tom

rosa. Outro acendeu mais no fundo, vermelho como sangue. O mar avançava

nas estacas de Enghem Stead.

Outra água-viva brilhou e ficou iluminada. Um brilho amarelo dançava na

água. A emanção atçou o brilho de suas vizinhas. Seus corpos reluziram e os

relâmpagos transformaram-se em luzes fixas: amarelas, rosa, carmim e ciam. O

efeito lentamente ricocheteou pela angra até que a água estivesse multicolorida.

Cores refratadas iluminavam os muros das casas.

Midas e Ida se encostaram em silêncio na cerca do deque. Ele notou a

proximidade das mãos dela, mas não se mexeu.

"Imagine viver num lugar assim", ela disse, "onde se pode assistir a isso toda noite."

Ele imaginou o que ela sugeriu. Morar no meio do nada, só os dois, e esse

pensamento fez sua mente se estabilizar, como se toda a preocupação que isso

normalmente continha pudesse ser afastada apenas pela ideia. Ele se sentiu

sereno, encostado na mureta com ela, absorvendo o suspiro do mar

incandescente. Permaneceram assim lado a lado, com o rosto iluminado pelo

brilho da água, por dez minutos ou mais. Então as águas-vivas deixaram de luzir

em rápida sucessão, como se algo estivesse nadando pela água apagando.



Quando estava bancando o porteiro e puxando a bagagem pelo deque, Midas

ficou com ciúme do braço dado de Carl e Ida. Então, quando voltaram para

dentro depois que a última água-viva havia apagado, deixando apenas a lua a

decorar a noite, ele sussurrou: "E-e-eu te ajudo a subir a escada". De início, ficou

ocupado demais curtindo o sorriso de agradecimento dela para deixar a

enormidade do que havia oferecido decantar. Oscilou passando seu peso de um

pé para o outro.

Como ajudá-la a subir as escadas sem tocá-la?

Ela o seguiu até o pé da escada e lhe passou a muleta.

"Certo", ele disse, querendo ter um elevador, escada rolante, uma polia.

Ida apoiou-se em seu braço e pôs a outra mão no corrimão. Suas juntas

endureceram. Ele sentiu, suavemente, o cheiro dela: algo alpino (como vertigem).

Sentiu como se sua manga tivesse se engomado involuntariamente.

Ao subir a escada, seu cotovelo cutucou a lateral e a pele dela. O calor do

corpo de Ida fez o suor escorrer por baixo do braço de Midas. Ela não notou

nada disso, parecia absorta em seus pensamentos.

No topo da escada, ele abruptamente tentou soltá-la, mas ela se agarrou.

"Estamos aqui em cima agora", ele sussurrou.

"Me ajude a ir para o quarto."

Ele se arrumou. Seguiram para o quarto.

Dentro, quando ela finalmente largou do seu braço, ele se encostou na

parede.

"Bem... hum..." Midas estava enxugando a testa com o lenço. "Acho que

vamos ver muito mais águas-vivas de hoje em diante."

Ela suspirou. "Acho que devemos esquecer do tratamento nesta noite."

Isso o confundiu: ele havia pensado que o belo espetáculo a empolgara com

a possibilidade de cura. Ela esclareceu tudo colocando a mão levemente no seu

peito. O coração de Midas começou a bater forte, como se tentasse afastá-la. Ela

virou a cabeça e se inclinou na direção dele. Seus lábios estavam abertos a um

centímetro dos dele.

Midas saltou de lado, soltando meias desculpas de que era melhor deixá-la

para um merecido sono. Ela se sentou na cama e afastou os olhos. Ele queria

palavras que falassem por si só. Quando nada aconteceu, deslizou para fora do

quarto e fechou a porta.

Na metade do caminho para a escada, paralisou-se. Queria beijá-la, mas,

chegado o momento, sua cabeça foi puxada para longe como se os nervos

fossem uma rédea. Lembrando-se de seu pai que lutava contra os abraços da

mãe, ele sentiu uma corrente repentina de ódio por aquele homem. Perguntou-se

como se poderia alterar a reação instintiva quando o corpo toma o controle com

o mesmo poder usado para fazer a pessoa puxar a mão para longe de uma

superfície quente ou desviar-se de algo que vai acertá-la. Bateu as mãos na cabeça

e apertou os olhos.

★

Por um momento, Ida pensou em voltar para a cama, mas sabia que ficaria lá

acordada. Decidiu tomar um banho. Lá no continente ela gostava de um banho

quente no meio da noite.

Uma aranha se pendurava no canto do teto do banheiro, com as patas

mexendo no ar como se prendesse uma conta invisível no tórax. O pensamento

do rastejar da aranha sobre seu corpo nu fez Ida querer esmagá-la na parede

enquanto se despia e esperava a água encher a banheira. Nunca teve medo de

aranhas e não planejava começar a ter agora. Pensava apenas na agilidade dessas

criaturas, enquanto seus pés eram como âncoras. A Ágil Ida, era assim que Carl

costumava chamá-la nos mergulhos.

Provavelmente ela só estava com inveja daquelas oito pernas.

Verificou a temperatura da água e entrou. O vapor estava à sua volta

enquanto ela esfregava um perfumado sabonete na barriga. Seus pés de vidro sob

a água com sabão eram apenas borrões. A água sobre seus dedos parecia mais

quente do que estava realmente, parecia chiar como uma piscina vulcânica.

Pensou nos gêiseres cujos borrifos a cobriram quando ela caminhava pela

Islândia. Quando tirou os pés da água, com gotas escorrendo, eles pertenciam a

uma paisagem de rochas recém-nascidas e minerais pesados. Não aqui, no final

de suas pernas.

Ela levantou mais as pernas para fora da banheira. A pele estava terrivelmente pálida e suas panturrilhas já estavam de um branco incisivo.

Quando Carl a ajudou a entrar em Enghem Stead ela bateu com a perna numa

porta. Não gritou, apenas soltou um gemido, que Carl não percebeu, e buscou

Midas como conforto (ele olhava para seus próprios cadarços). Foi apenas uma

batidinha, mas agora em seu joelho havia uma marca. Não estava roxa, apenas

cinza-azulada. Ela tocou o ponto e era duro como uma concha.

A aranha esticou três pernas simultaneamente. Relaxada.

Idiota, Midas idiota.

A banheira estava quente demais. Ela abriu a torneira da água fria.
A

banheira esfriou. Agora estava fria demais. Ela xingou e lentamente se puxou

para fora dali, para que pudesse sentar na lateral, de repente determinada a

permanecer o mais suja possível. Suor e pele morta eram tudo o que a mantinha,

tudo o que lhe dava a certeza de ainda habitar um corpo. Ela curti a tensão de

sua pele fria e dos pelos se arrepiando em seus braços. Gotas escorriam por suas

coxas e exploravam seus joelhos. Era o máximo que podia sentir das pernas. A

pele nas panturrilhas já estava com aquele branco turvo do primeiro estágio da

transformação. Era engraçado que tivesse se tornado grata por aqueles arrepios e

coceiras, por queimaduras e arranhões. Ela queria tudo isso. Ela queria dor nas

costas e artrite, queria ficar surda e louca se isso significasse que podia estar viva

pelos anos necessários para chegar a essas coisas.

Secou-se rapidamente e tocou a água com seus pés de vidro. Sentia saudades

de Midas, mesmo com ele provavelmente perto, agonizando pelo beijo

fracassado. Ele era um idiota, complicando sua vida assim. Ela agarrou as

muletas e usou-as para se levar ao quarto, onde vestiu a camisola.

As muletas brilhavam na luz fraca.

Desligou a luz e foi para a cama. O escuro era uma coisa boa: no escuro não

dava para dizer do que eram feitos seus pés.

Ela só podia sentir a ausência.

Pensou nos lábios de Midas se aproximando, depois se afastando. Pensou

de repente no que havia depositado nele. Se subitamente ela ficasse imóvel,

metade garota, metade ornamento, então logo não poderia haver sexo, talvez

nem paixão. Entrou em pânico por tê-lo escolhido sem consciência para ser o

último romance de sua vida. E por ele ser tão lento para confiar nela. Queria

conhecê-lo melhor e entendê-lo, sim, mas, dormindo ali, sozinha numa cama

estranha, ela queria um corpo quente a seu lado e algum reconhecimento de que

ainda estava viva. Ele poderia dar-lhe isso?

Com seus pensamentos transformados em semissonhos, ela traduziu os

ruídos da noite dessa casa e do aquecedor no zumbido do gado de asas de

borboleta.



{27}

s campos e morros resplandeciam em branco. A luz brilhava nas janelas da casa de Emiliana, tingindo as bochechas de Midas e

O acordando-o como uma namorada.

O pesado edredom deslizou por seu peito enquanto ele se sentava e

esfregava as têmporas. Ainda vestido com as roupas da noite anterior, sentiu-se

indolente e desconfortável. Sua lembrança final da noite era de vagar pelo

terreno, apertando fortemente o corrimão, intoxicado pela vergonha como se

fosse vinho. Ele gemeu constrangido, esfregou o queixo em que a barba crescia e

se levantou. Seu quarto dava para os regatos negros evacuados pela maré. Uma

concertina de estalactites de gelo se formara sobre a janela.

Ele se arrastou para fora do quarto até o corredor com uma janela que dava

para a frente e mostrava a terra. Dirigindo para lá na noite anterior, ele se fixara

demais na estrada para absorver as mudanças da paisagem. A leste e a oeste havia

campos cobertos de neve e, bem à frente, uma faixa de bosque que pertencia à

casa. Isso era estranho, porque ele não conseguia se lembrar de árvore nenhuma

na parte final da viagem. Era como se os bosques houvessem se aproximado de

Enghem Stead sob a cobertura da noite.

Um copo d'água e um alongamento depois, ele estava se dirigindo para a

neve, ajustando a câmara. Leves nuvens se juntavam furtivamente, forçando-o a

aproveitar o máximo da luz antes que elas a roubassem. Seguiu seu caminho até

o bosque, onde espinhos cutucavam troncos e galhos emaranhados. Um corvo

bicava e caminhava em seu poleiro.

Ele não tinha encontrado ninguém ao deixar a casa, mas ouviu Emiliana

conversando no telefone, na cozinha, e passou de mansinho pela porta fechada.

Não perderia essa luz e achava que os outros não entenderiam. Melhor que

pensassem que ele estava deitado.

Virou no lugar errado para sair de Enghem Stead e, fazendo isso, acabou

num quarto vazio, exceto por uma lareira cheia de cinzas, uma poltrona

Uma folha branca estava presa entre ramos verdes. Era uma com {
e uma

mesinha de centro, na qual uma edição amarrotada do jornal de economia estava

jogada. Então, virando-se, deu de cara com Hector Stallows. Era uma pintura de

quatro metros de altura na parede. Hector Stallows, pintado usando um terno e

uma expressão austera, com barba negra e bochechas esburacadas.
A pintura fora

feita com pinceladas econômicas e datava de quase uma década
atrás, mas era

fácil imaginar o que o tempo havia feito ao retratado. Hector teria
linhas de

expressão mais acentuadas e nobres *flashes* grisalhos nos cabelos.
Por contraste, a

leve tinta na parede em que o retrato estava pendurado havia
descascado e as

rachaduras se espalharam. Assim o quadro parecia pendurado
numa árvore.

Agora, pisando na neve até o bosque, Midas procurava esquecer
sua

vergonha. "Ida tentou me beijar", disse alto, para melhor entender.
E ele não a

tinha beijado de volta. Entre as árvores, esperava que pudesse
forçar tanto ela

quanto sua vergonha para o fundo da mente com a distração das
futuras

fotografias.

posição

delicada e ele se aproximou para tirar uma foto. Saltou quando a
folha voou para

outro galho, então percebeu que era um pássaro do tamanho de uma cambaxirra

e com plumagem branca. Aproximou-se com a câmera pronta, mas um galho

estalou sob seu sapato. O pássaro voou, pipilando e tocando outro galho. Ele

esperou seus nervos se acalmarem e lentamente subiu numa árvore para pegar

um ângulo melhor. Ignorando galhos que o arranhavam, subiu na forquilha de

um tronco e se apertou entre os ramos, sentindo a casca da árvore fria e úmida

de neve.

O pássaro olhou nervoso para um lado e para outro. Midas olhou ao redor

procurando o que fazia o pássaro temer. Havia apenas infinitos troncos cinza.

Passou a língua nos lábios e preparou a foto, apoiando a câmera na árvore.

Outro galho estalou. A neve caiu da vegetação.

Isso daria uma bela foto, as penas do pássaro imaculadas contra o tronco

terroso. Avaliou a composição, aproximou um pouco em zoom e havia acabado

de tirar a foto quando viu, segmentado pelos retículos da câmera,
que o pássaro

tinha olhos brancos.

Algo bateu em seu ombro.

Midas caiu da árvore com um grito e se arrastou aterrorizado na
neve,

agarrando a câmera de maneira protetora ao peito.

Um homem alto e desgrenhado, com barba mal aparada, inclinou-
se sobre

ele apoiado numa bengala feita de marfim de baleia polido. Usava
um terno

grafite amarrotado com manchas secas de lama nos joelhos. Folhas
se prendiam

em suas dobras e fendas, como se ele tivesse dormido debaixo de
uma pilha de

adubo. Seu cabelo ficava de pé em tufos, como chifres imaturos, e
seu rosto era

enrugado e tão marcado quanto as roupas.

O homem ergueu a bengala como saudação e falou numa voz
grave: "O que

você está fazendo em Enghem?".

Midas levantou-se e olhou de volta para o pássaro branco. Havia
desaparecido. "Eu... Eu sou... Midas Crook."

"Perguntei o quê, rapaz, não quem."

Midas se recompôs o suficiente para sentir o frio, o molhado e o ferimento

de sua queda. "Hum....", disse. "Fotografando."

O homem ergueu a bengala da direção de Midas e bateu a ponta na câmera.

"Bela coisinha você tem aqui."

Midas agarrou-se à câmera cauteloso.

O homem estendeu a mão. "Sou Hector Stallows."

Midas pensou ter entendido errado, embora o homem falasse com dicção

perfeita. Ele se lembrava da pintura a óleo em Enghem Stead e não conseguia

visualizar nesse estranho esfarrapado o homem de negócios que ela retratava.

"Desculpe, como disse que era seu nome?"

Hector ignorou a pergunta. "Eu mesmo era um belo fotógrafo. Mas deixei

de lado. Achei que passaria minha aposentadoria em Enghem fotografando isso

e aquilo, mas me tornei desconfiado de câmeras. Câmeras digitais em particular.

São as coisas mais robóticas e fúteis. Um olho mecânico com memória mecânica.

Me lembrava de... erros na forma como eu via o mundo."

Midas, confuso, engoliu o nó em sua garganta. Acima deles, um corvo

grasnou e saltou de galho em galho, balançando a cauda.

"Sinto muito", disse Hector, "minha mente vaga de pensamento em pensamento e eu me precipito. Não, explico. Os médicos dizem que há algo

errado comigo, mas parece que minha mente está mais certa do que foi em meus

anos de empresário."

Ele balançou a cabeça solenemente e olhou por trás do ombro. "Perdoe-me,

senhor Crook. Não tenho desculpas para minha divagação."

Midas olhou sobre o ombro. O bico do corvo permanecia aberto, com um

triângulo rosa faminto dentro. "O senhor parece bem controlado para mim,

senhor Stallows."

"Bondade sua."

"Então... é, hum, um belo dia para passear."

Hector se inclinou mais perto de Midas. "Há uma criatura que pretendo

caçar."

"Uma criatura?"

"Dizem que transforma tudo o que olha em puro branco."

Midas engoliu. Lembrou-se do pequeno pássaro branco que pegou com sua

câmera.

Hector balançou a bengala no ar. "Você, como fotógrafo, pode imaginar o

mundo que esse bicho deixa para trás? Tudo é monocromático. Apenas a força

da luz pode distinguir uma coisa da outra."

Ele imaginou isso por um momento, reverentemente. "Vi um pássaro! Com

olhos brancos." Para provar, levantou a câmera e mostrou a foto.

Os olhos de Hector esbugalharam. "Então a criatura está perto!"

Aproximou-se da câmera e as folhas nas dobras de seu terno estalavam

conforme se movia. "Ele tem uma toca", cochichou, "em algum lugar aqui em

Enghem."

Midas de repente ficou ciente da altura de Hector. Ele parecia alto como

uma árvore. "E o que, hum, o senhor vai fazer se o encontrar?"

"Cegá-lo."

Midas não pôde evitar perder o fôlego.

"Acha que é crueldade, claro que acha. Mas você é jovem e é um fotógrafo.

Quando ouvi as primeiras histórias da criatura, eu ainda era um homem das

câmeras. Eu queria aprisioná-la para que fizesse para mim um jardim em preto e

branco. Eu me via passeando nos bosques brancos, estalando a grama branca

sob meus pés. Sei como é viver e respirar nas fotos monocromáticas que um

fotógrafo ama tanto. Mas essas fantasias aconteceram há muito tempo, quando

eu era jovem. Eu estava apenas começando uma longa carreira, na qual tive um

enorme sucesso pelos padrões de qualquer um. Na época, achava que uma

pessoa atinge sucesso por meio de ganhos consecutivos. Você pode trabalhar seu

progresso. Por muitos anos, mantive essa crença. Mas então, um dia, aprendi que

um único olhar pode mudar tudo. E desde então vi isso infinitas vezes. Lutei

para entender e falhei. Por exemplo, foi necessário apenas o olhar de um outro

homem para minha mulher perder o amor por mim. Me espanta que um simples

alinhamento dos olhos possa causar tanta devastação. Aprendi isso da forma

mais dura e, quando aprendi isso, a existência dessa criatura, desse demônio que

pode transformar tudo em branco com um olhar, se tornou uma coisa maligna

em si."

Midas achou que era injusto culpar um único animal por tudo isso. "Sem

dúvida você conheceu minha esposa", continuou Hector, esfregando a ponta de

sua bengala num tronco. "Ninguém visita Enghem, a não ser que ela convide."

"Sim. Ela é bem, hum..."

"O quê? O que achou dela?"

O tom de Hector era imperativo, mas Midas não podia saber que tipo de

resposta ele esperava. Tinha a impressão de que Hector ao mesmo tempo amava

e odiava Emiliana, em quantidades iguais. "Ela é bem", gaguejou, "encantadora."

"Sim. Ela é encantadora. Sinto falta dos encantos dela. Não pense que

coloco contra ela o fato de que tenha desviado seus encantos para longe de mim.

Estudar essa criatura me ensinou. Há uma astrologia dos olhos trabalhando neste

mundo. Olhares podem se alinhar como planetas e, nesse momento, o eclipse

resultante sombreia os nossos. A culpa é disso..."

Midas observou alarmado enquanto Hector apontava a bengala de maneira

acusatória para as cercanias, mas então ele parou.

"Sabe o que é perder alguém, Midas?"

"Sim."

"Alguém que você amava?"

"Não."

"Já se apaixonou alguma vez?"

"Ahn..."

Os olhos de Hector se estreitaram. Ele sorriu faminto. "Esta apaixonado

neste exato momento! Está na sua cara."

Midas abaixou o olhar.

"Você está apaixonado", Hector disse, e sua voz parecia mais profunda e

mais cruel. "Deve levá-la para longe de Enghem. Para longe de St. Hauda's Land.

Há algo na terra deste lugar."

Como para provar isso, enfiou a bengala no solo e tirou um punhado de

terra. Tudo o que havia embaixo era mais terra úmida e uma minhoca se

contorcendo para escapar da luz repentina.

"Acho...", disse Midas lentamente, "que devo estar."

"Deve estar o quê?"

Midas limpou a garganta. "Apaixonado."

Hector abriu bem os braços. "Então se certifique de sempre agir de acordo

com isso."

Então, ele deu um tipo de aceno, virou-se e seguiu andando. Midas foi

deixado sozinho para encontrar o caminho de volta, com o risco de perder-se em

diferentes direções. Era impressionante a extensão do bosque, embora parecesse

haver poucas árvores quando se olhava da casa. Ele queria ter um novelo de lã,

como em uma das histórias semilembradas que seu pai lhe contava.

As plantas cresciam em diferentes alturas no chão irregular e a semitrilha

que ele seguia ondulava entre elas. Galhos pesados estalavam como mastros.

Raízes cresciam estendidas como braços de mendigos.

Ficou grato quando viu uma abertura nas árvores, e achou que a casa estava

à frente. Estava quase na porta quando ouviu seu nome.

Carl Maulsen fumava um cigarro nos degraus do deque. Ele acenou para

Midas. "O que estava fazendo no bosque?"

"Caminhando."

Carl assentiu. "Não sabíamos o que tinha acontecido com você."

"A luz estava boa demais para ficar na cama."

Carl estreitou os olhos e tragou o cigarro. "Não devia ter saído assim, você

sumiu por horas. Começamos o tratamento com você longe, mesmo com Ida

dizendo que queria você aqui."

Midas chutou um ladrilho. Não percebera que tinha sumido por tanto

tempo. Se fosse encontrar Ida agora, teria de explicar seu desaparecimento, além

do beijo fracassado.

"Desculpe", disse.

"Não se desculpe para mim." Ele apagou o cigarro numa das madeiras da

casa.

De repente, algo disparou atrás da casa. Midas olhou alarmado uma lebre

correr pela grama e sumir no bosque.

"Você se impressiona fácil, Midas."

"Foi só um susto." Ele colocou as mãos nos bolsos. "Está congelando aqui

fora. Vou me esquentar lá dentro."

Carl passou-lhe seu maço de cigarros. "Servido?"

Midas balançou a cabeça.

"Não seja mariquinhas. Não terminamos de falar."

Ele ofereceu o cigarro novamente e Midas pegou um com os dedos azulados. Segurou-o desajeitado, tentando se lembrar da última vez que fumou.

Provavelmente quando criança, quando os valentões do playground disseram que

ele seria mariquinhas se recusasse. Colocou-o nos lábios. Carl pegou um fósforo

do bolso, acendeu e estendeu-o ao cigarro de Midas. Midas recuou com a

proximidade da chama e da mão.

Carl habilmente tirou um cigarro do maço e o acendeu antes de se apagar o

fósforo. "Quero te perguntar algo. E sobre seu pai."

A fumaça do cigarro congelou nas amídalas de Midas. "O que tem ele?"

"Quero ver se consigo trazer de volta a sua memória. O seu trabalho. O que

acha disso?"

"Quer dizer o que penso disso agora, ou o que eu pensava disso? Quando

eu era bem pequeno, naturalmente eu achava que ele era um gênio. Meu pai era o

acadêmico mais sábio do mundo. Mas agora..."

"Entendo que estou sendo impertinente, mas os pensamentos de seu pai

sempre tiveram uma influência sobre mim." Ele bateu as cinzas do cigarro. "Eu

os credito, na verdade, como responsáveis pelo nascimento da minha própria

carreira acadêmica. Mas seu pai podia ser... difícil."

Midas engoliu em seco. "Bem. É fácil dar a ideia de eloquência quando tudo

o que você tem a fazer é escrever."

"Não o estou criticando." Ele tragou. "Falo desse assunto porque esse tipo

de dificuldade é a última coisa de que Ida precisa."

"Não estou entendendo."

"Ele tinha o melhor cérebro acadêmico que conheci. Podia dissecar um

pensamento como um legista dissecando um corpo. Não estou dizendo que ele

ficava em falta como pessoa. Mas nunca vi um toque de romance nele. Na

verdade, mesmo os seus estudos, aos quais ele era tão dedicado, não pareciam

empolgá-lo ou inspirá-lo. Não sei o que o fazia seguir em frente, na verdade."

"Ele não seguiu em frente, seguiu?"

Carl levantou a mão. "Claro. Que seja. Posso ver que isso é muito duro para

você."

"Sim", disse Midas. "É, sim."

Carl se remexeu. "Uma vez ele disse que as personalidades de uma pessoa

durante a vida são como roupas usadas durante um dia, colocadas para preservar

a dignidade ou proteger do clima. Ele disse que era possível desvendar uma

pessoa dessa forma. Imagine, se quiser, o homem que colocou seu sobretudo,

luvas, chapéu e cachecol para enfrentar uma nevasca. Sua mente e seu corpo

estão em sintonia com a tarefa à frente — que é sair na neve. Então, se ele não

ouvir através de seus protetores de orelha uma voz sussurrando-lhe para não ir,

ou se sentir um leve puxão nas roupas que vestiu, ele não pode ser culpado. Ele

só fez uma adaptação à custa de outra."

"Olhe, não entendo nada desse troço do meu pai", disse Midas. Seus dentes

começaram a bater.

Carl se esticou e bateu de forma jocosa em seu ombro. "Escute, sobre Ida...

Ela precisa se focar em melhorar agora, é tudo o que estou dizendo. Em nada

mais, o.k.? Não se sinta mal em decepcioná-la como você fez nesta manhã, só se

certifique de que ela não tenha de lidar com os seus problemas além dos dela."

Midas se sentiu como se tivesse engolido uma jarra de gelo. Com os punhos

fechados nos bolsos, disse a Carl, da melhor maneira que conseguiu, que ia

entrar.



{28}

idas precisaria descarregar a foto em seu computador para dar um zoom no olho do pássaro com detalhe perfeito, mas se sentou no

M canto da sua cama na casa dos Stallows e já sabia que não tinha se

enganado. O olho e a pestana eram brancos como a neve lá fora. Isso o fazia

pensar no seu encontro com Hector, que pareceu estranho, como um sonho. E a

coisa mais estranha de todas era o que Hector o fizera dizer. Posso estar

apaixonado.

Ele se levantou para olhar pela janela. Queria fugir da casa de novo. No

almoço com Carl e Emiliana, comendo peixe branco fresco tirado da angra, Ida

nem olhou para ele e ele não conseguiu dizer uma palavra para ninguém. Ela

parecia cansada dos emplastos que Carl e Emiliana haviam passado a manhã

aplicando. Quando veio para a mesa, foi ainda mais lenta do que o normal, como

se a muleta que ele lhe comprara e a antiga, juntas, não fossem páreo para seu

corpo. Depois Emiliana desapareceu e Carl puxou Ida para um canto para falar-

lhe num tom sério. Midas havia tomado banho, pensando no braço de seu pai

coberto de espuma da pia de lavar pratos.

Agora no quarto de hóspedes, com suas paredes e lençóis brancos, ele

tentava se lembrar de que Ida o convidara. Como apoio moral. Mas também com

outra finalidade? Os lábios dela tinham se aproximado dos dele, deliciados

demais para se encontrarem. Ela pensaria que ele a havia rejeitado, e agora ele

queria uma segunda chance, para receber esses lábios e pegar a cintura dela. Ele

podia fantasiar isso, mas não estava certo de que podia colocá-lo em prática.

Escutou uma leve batida na porta do quarto. Virou-se, arrumando o cabelo,

imediatamente aterrorizado pela possibilidade de que Ida entrasse lá para

confrontá-lo. Se ela tivesse vindo para dizer-lhe que ele estragara tudo e deveria

seguir para casa, bem... De repente, percebeu que queria adiar aquele momento o

máximo que pudesse. Manteve-se em silêncio, sem ousar fazer outro

movimento, esperando que ela pensasse que ele não estava.

Depois de uma segunda batida, a porta se abriu. Era Emiliana.

"Oh", ela disse. "Sinto muito. Você não respondeu e achei que

Ele abriu o zíper do compartimento principal e tirou a câmera. Era um {

não

estivesse. Posso entrar?"

"Hum, claro. Sim." Abaixou a cabeça. Então o veredicto de Ida não seria

entregue pessoalmente. Era a casa de Emiliana, então fazia sentido que ela

dissesse para ele ir embora. Ela fechou a porta do quarto atrás de si.

"Eu lhe trouxe isto." Ela estendeu uma bolsinha de couro gasto coberta de

bolsos e botões. Ele pegou-a, adivinhando o conteúdo instantaneamente pelo

peso.

"Hum...", disse.

"É pra você.

"O-obrigado."

Emiliana sentou-se lentamente na cama, alisando a saia sobre as coxas.

"Abra então."

tipo

antigo de câmera SLR que teria custado milhares de libras na sua época. A sacola

chacoalhava com lentes e acessórios. A alça da câmera era feita de couro de

cobra gasto.

"Era do Hector. A fotografia foi um hobby dele, há muito tempo. Ele não

toca nessa câmera há anos. Nem vai tocar. Não se preocupe, era eu que cuidava

dela, como tantas outras coisas que ele abandonou. Sou uma vassoura humana,

arrumando as coisas em sua ausência. Levei-a para um especialista no continente,

pensando que eu pudesse brincar com ela, mas não encontro tempo. E é um

desperdício terrível deixá-la jogada por aí. Talvez você faça um melhor uso."

Um sorriso infantil se abriu no rosto dele. Ele se virou e brincou com o

botão de abertura, usando o perfil de Emiliana e o escuro de seu cabelo como

tema. Era fácil esquecer os prazeres das antigas câmeras: a confiança que se deve

colocar no instinto em vez de na telinha. "Pare de me fotografar", ela disse, com

uma leve irritação.

"Eu estava só... experimentando."

"Eu sei. E só que... ultimamente, não gosto que tirem fotos minhas."

Ele a colocou no pescoço para que ficasse pendurada lado a lado com a

digital, a tampa das duas lentes roçando uma na outra.

"Então", disse Emiliana, "tem tempo para uma conversinha?"

Ele engoliu, repentinamente sentindo o peso de ambas as câmeras puxando

seu pescoço. Deus, agora era o fim.

"Midas, por que não se senta comigo?"

Ele fez como ela dizia. O colchão estava macio quando ele se sentou ao lado

dela. Podia sentir o cheiro de seu perfume, algo pesado e alcoólico que passou de

seus pulmões para suas entranhas. Ele se perguntava o que a câmera que ela lhe

dera teria produzido nos testes que acabara de fazer. Talvez tivesse registrado

fielmente os pés de galinha que ela recobriria com sua maquiagem.

"É sobre Ida", ela disse.

"Você começou a curá-la."

"S-sim. Pode não ser tão fácil assim."

Ele balançou a cabeça, ficando cautelosamente otimista quanto a não ser

mandado para fora da casa, e receoso de ouvir algo pior.

"Pode ser difícil."

"Por quê? Você curou Saffron Jeuck."

"Aquilo foi diferente." Ela suspirou. "Na minha juventude, é claro que eu

estava em melhor forma do que hoje. Fui procurada várias vezes por olheiros

que viam potencial em mim para ser modelo. Só estou lhe contando isso

porque... Espero que você entenda quando ouvir tudo."

Continuou:

"Quando conheci o Carl, eu estava casada havia dois anos e já estava

percebendo que, com Hector, tinha um marido bem diferente do que imaginara.

Eu o amava, você precisa entender. E ainda amo. Mas era um amor nascido de

grande conforto e não de..." Ela suspirou e jogou a cabeça para trás, com seu

cabelo preto balançando. Ele sentiu o colchão se movendo sob eles. As câmeras

bateram uma na outra em seu pescoço.

"Não havia sexo, colocando objetivamente. Porque Hector, apesar de ser

um homem de paixões, é bem peculiar. Âmbar nas árvores. O quarto de quartzo.

O aviário de pássaros mudos. Como disse, eu o amo, Midas, como se pode amar

um irmão. Mas para uma jovem como eu era na época, que foi condenada por

sua aparência e era faminta por... tirar o máximo proveito dela..." Ela olhou para

Midas direto nos olhos. "Bem, eu precisava de mais que isso. Foi quando

conheci Carl Maulsen. Nesses tempos, a ideia de uma relação aberta ainda era

bem nova. As pessoas eram ingênuas em relação a isso, não haviam previsto as

complicações emocionais."

Midas assentiu para aparentar que compreendia, mesmo que a conversa

franca da vida sexual de Emiliana estivesse fazendo coçar suas mãos e suar suas

costas. Pior, ele não fazia ideia de que ela e Carl tivessem um... envolvimento. O

que mais ele havia sido muito ingênuo para perceber? Ele queria sair pela porta.

Já se havia visualizado dez vezes arrebatando a janela e caindo no jardim de

neve lá embaixo. Ao mesmo tempo, estava enraizado no lugar. Examinou sua

topografia enquanto ela falava, as rugas em seu pescoço que o dividiam em três

segmentos iguais. Os contornos de seu colo, sobre seu peito até os seios, a pele

que fora firme e agora estava frouxa. O perfume dela caía pesado em seu

estômago como uma lâmina de ferro.

"O que estou tentando dizer, Midas, é que, quando uma pessoa se sente

aprisionada por suas circunstâncias, ela comete erros."

"Você... cometeu um erro com Carl?"

"Não. Sim. O erro não foi estar com Carl. Foi tentar prender o interesse

dele por mim. O erro foi me fazer parecer... mais interessante do que realmente

deveria. Entende o que estou dizendo?"

Sentaram-se lado a lado em silêncio, com os joelhos alinhados. Ele não

podia ver o que isso tinha a ver com Ida, com os emplastos

e com todo o resto. "Eu só", ele disse, brincando com a câmera, "eu só

não... Não. Hum... desculpe."

Emiliana estava corada. Respirou profundamente. "Fui muito tola com a

minha vida, simplesmente porque nunca corri riscos. Penso nisso todos os dias.

E fui muito ingênua. Porque sempre fui confortável, física e circunstancialmente,

entende?"

Para ser educado, ele evitou sacudir a cabeça.

"Eu me pergunto se sou transparente, às vezes me sinto... vazia e sem

substância."

Ela parou, estudando a expressão dele. Midas tentou assumir um ar de

compaixão e sabedoria.

Emiliana suspirou e empurrou os cabelos para trás dos ombros.

"Deixe-me

colocar de outra forma. Eu me sinto como uma fotografia semiexposta. Posso

ver o que retrata, mas não tem profundidade alguma."

Isso ele entendeu.

"Não tenho substância. Lutei por substância. E, certa vez, Carl apareceu e

apenas um olhar dele bastou para eu me sentir como a última luz de exposição

de que a fotografia precisava. Parece patético contar agora, mas preencheu os

detalhes, criou novas profundidades que eu não sabia que existiam. Por isso,

senti que devia tudo a ele e que *decepcioná-lo* colocaria em risco tudo o que eu era.

Ainda acho muito difícil decepcionar Carl. Então... você está se perguntando

como isso se relaciona com a pobre Ida e os emplastos e por aí vai.

Midas estava prestes a dizer "sim" quando a porta abriu e Cari entrou. "Bom

dia", ele disse e esperou, como se a presença deles ali devesse ter uma explicação.

"Estávamos apenas conversando", respondeu Emiliana, "e Midas estava me

fotografando com a sua nova câmera."



{29}

da estava sentada sozinha ao lado da lareira na sala de Emili

I

Emiliana amarrar com cordas firmes os emplastos de matéria de água-viç

ana,

afundada numa poltrona com um livro no colo, chamus estalando atrás

dela. As partes de suas pernas que ainda eram pele e osso abaixo dos

joelhos — as panturrilhas e canelas e os tendões dos tornozelos que ainda não

eram vidro — estavam todas anestesiadas agora, assim como o vidro. Acima de

seus joelhos, onde a pele não estava paralisada mas o veneno havia tocado, ela

sentia uma dor como se queimasse. Ela reuniu coragem para espiar novamente a

pele inflamada. A parte traseira das coxas parecia carne à venda em um açougue.

Seus joelhos estavam inchados, como os de um elefante. E pensar que havia

melhorado desde o tratamento daquela manhã, quando levantou a saia e viu

va

aquecida! A dor foi feroz e instantânea, como uma agulha em cada célula de pele.

Seus olhos lacrimejaram tão depressa que num minuto secaram e, ao piscar,

pareciam estar descascando. Ela os abriu e desejou que Midas estivesse ali para

poder apertar-lhe a mão durante a dor. Aquele fora o plano na noite anterior. A

tentativa do beijo teria aberto espaço para isso.

As estampas nas paredes entravam e saíam de foco com a luz bruxuleante

da lareira. A porta rangeu ao se abrir.

Ela pegou seu livro de novo, e viu Midas entrando. Ele entrou na ponta dos

pés e sentou-se numa almofada de frente para ela.

"É um bom momento para conversar?"

Ida ficou em silêncio. Com o canto do olho, viu-o passando a língua nos

lábios. Ele queria dar todo tipo de desculpas por seu espanto fora de hora

quando ela tentou beijá-lo. Toda aquela besteira sobre uma fobia de toque

herdada.

"Então, hum...", ele conseguiu dizer, "o que está lendo?"

Ela abaixou o livro aberto no colo e deu uma risadinha. "Não sei. Só peguei

no momento que você chegou para lhe dar um gelo."

"Ah. Hum."

"Então o que somos, Midas? Amigos próximos? Aspirantes a namorados?"

Esse tipo de conversa deixa você assustado, não deixa?" Ela fechou o livro. "Mas

perceba, Midas, e não quero ser cruel. Você tem mais tempo que eu para lidar

com suas inseguranças. Eu preciso saber onde ficamos."

O fogo estalou. Ela receou ter falado demais, derrotado as gotas de palavras

dele com um rio das suas. Continuou. "Não pode apenas... me escrever um

bilhete ou algo assim? Ou... dizer de coração."

A mandíbula dele travou enquanto tentava dizer alguma coisa.

"Pare de pensar tanto no que vai dizer. Desembuche logo."

"D-desculpe."

Ela bateu no braço da poltrona. "Está desculpado, Midas, diabos! Isso não

importa. E quanto a nós?"

"Eu não ia... Eu queria..." Ele estava quase curvado. Ela notou a segunda

câmera em seu pescoço, como se forçasse sua postura.

"Onde arrumou essa câmera?"

"Emi-Emiliana. Estava tirando uma foto dela."

Ela sentiu uma viscosidade repentina na garganta, uma ostra engolida

errado, caindo em seu estômago e nos intestinos, se tornando uma ausência

anestesiante sob seus joelhos. Ele apenas se sentava lá com um ar de

preocupação. Havia dito antes que queria tirar a foto dela e ela evitara o assunto

porque não queria que ele a fotografasse. Odiava o que as fotos faziam com ela

naqueles dias e odiava a ideia de ser registrada numa dessas. Mesmo assim, ficou

lisonjeada de ele querer tirar uma foto. Ela "lera" aquilo como um sinal de que

ele estava interessado nela. Idiota. Era uma idiota.

Afastou o olhar dele. Claro que Midas nunca havia prometido se abster de

fotografar alguém até que essa pessoa estivesse pronta e, sim, ela estava sendo

irracional, mas estava tão exausta e suas pernas estavam tão feridas...

"I-Ida?"

"Porra, Midas. Se não vai acontecer nada entre a gente, por que você está

aqui afinal?"

Ele se levantou. Curvado, de forma subserviente, saiu do quarto.

"Midas! Volte aqui!" Mas ele não voltou. Ela se levantou e tentou correr

atrás dele, mas o tapete grosso se enroscou numa muleta e ela tropeçou. Suas

mãos avançaram para a frente (havia ensaiado essa queda centenas de vezes em

seus pesadelos). Fechou o rosto e teve tempo de se lembrar de paraquedas e

bungee jumps (tinha de acertar o chão com qualquer coisa, menos os pés). O

impacto em seu rosto foi silenciado pelo tapete, mas sentiu cada centímetro do

chão duro acertando-a. Seu pescoço virou com um estalo. As omoplatas e

vértebras estremeceram. Ela abaixou as pernas lentamente e apertou o rosto no

tapete, tentando esconder a dor no cheiro da trama e na suavidade das franjas.

Seu corpo permaneceu intacto.

Deitada, parada sobre o tapete, esperando que Midas voltasse, ela se

perguntou como seria ficar sobre ele. Queria saber se o cabelo dele era macio

como o tapete. Se, quando fizessem amor, as batidas do coração dele seriam

frenéticas como as de um animalzinho e se sua pele seria escorregadia como a de

um peixe. Eram pensamentos implausíveis, o suficiente para distraí-la do

pressentimento de que ele não voltaria para ajudá-la a se levantar.

Garotos e suas fugas... não faziam sentido para ela. Midas trabalhando

dedicadamente em seu isolamento emocional. Henry distante e não comprometido. Carl em algum lugar da casa, prometendo remédios e proteção.

A lareira soltava fumaça. Ela poderia pôr o pé naquele fogo e não se machucar,

mas não poderia dar um único pulinho... Naquela manhã, a primeira coisa que

fizera ao acordar foi examinar o ferimento no joelho. Havia se transformado de

cinza em transparente, como uma pequena piscina de água limpa na geografia

branca de sua perna.

Ela estava sendo desligada, paralisada, avenidas físicas isoladas.
Graças a

Deus, ela pensava, havia feito o que devia fazer quando devia fazer.
Havia

caminhado no Ganges, sentido a neve macia encher sua boca nos
Alpes,

respirado profundamente para pegar todo o oxigênio possível do
alto das

montanhas. Nadado. Ela havia nadado.

Queria explorar pacientemente a cautela de Midas, ganhar
centímetro a

centímetro suas emoções, mas não tinha esse tempo todo. Poderia
ter de esperar

para sempre pela volta dele. Poderia ter de esperar para sempre
por sua afeição

vacilante.

E seus pés... essas frágeis algemas que arrastava. Podia sentir seu
vazio. Se

tentasse comprimir os dedos em fúria... nada aconteceria. Seu
sistema nervoso se

desligava em algum ponto abaixo das canelas. Olhou de volta para
as botas,

esticou-se sobre o tapete. As velhas botas de policial de seu pai. Ela
se lembrava

de seus próprios sapatos, belos sapatos de dança e botas de escalada sujas de

lama. Ela os havia deixado no continente, embalados arrumadinhos em papel de

seda nas caixas.

Estava aceitando isso agora: que algumas coisas ficariam para trás. A vida

agora seria uma aventura da mente, e talvez de alguma parte de seu corpo ainda

não afetada, algo interior.

A porta rangeu lentamente.

Ela se esticou para olhá-la involuntariamente. "Midas, graças a Deus você

voltou... Oh."

"Diabos, Ida, o que aconteceu?!"

Carl correu pelo carpete. Ela estremeceu em seus braços grossos deslizados

sob suas axilas, que a fizeram sentar-se lentamente. Ele se abaixou ao lado dela,

fez a cabeça dela descansar em seu peito. Ela ouviu a batida do coração dele

acelerando sob a camisa.

"Está tudo bem", ela disse secamente, tentando afastá-lo.

Ele não a soltou nem disse nada. Seu abraço se apertou quase imperceptivelmente. O calor de suas mãos queimava através da blusa dela.

Ida o empurrou com mais força. Carl a soltou, endireitou-se e afastou-se,

respirando profundamente.

"Estou bem", ela disse, esforçando-se para voltar à poltrona.

Ele assentiu sem olhar para ela.

"Na verdade, eu gostaria de ficar sozinha. Desculpe, Carl." Ele assentiu e

seguiu para fora do quarto. Na porta, parou. "Para onde Midas foi?"

"O quê?"

"Acabei de vê-lo fazendo as malas. Ele pegou o carro." Ela segurou a cabeça

nas mãos. Foi necessário todo o esforço do mundo para falar sem volume.

"Como eu disse, quero ficar sozinha."

Ele assentiu, saiu e fechou a porta suavemente.



{30}

ar estava repleto de flocos de neve, descendo lentamente como

O

isqueiro no carro, então se sentou no capô enquanto queimava o bicho. A{

sedimentos do oceano. A neve voava pelas estradas de St. Hauda's

Land e se amontoava nos arbustos. Um pássaro com grandes asas

planava em correntes de ar como uma arraia. Midas não tinha pressa para chegar

em casa (ele antevia que sua casa o faria lembrar de Ida), então dirigiu de volta

pela rota mais bonita.

Parou num mirante, que dava para vales baixos cortados por muros de

pedra. Por ali corria um riacho e, passado um tempo, tirou os sapatos e meias e

afundou os dedos na corrente fria. Algo o picou e ele tirou o pé do córrego. Uma

pequena sanguessuga pendurava-se em seu dedão, sugando-o. Ele tinha um

sanguessuga se enrolou com um cheiro terrível. Ele segurou seu corpo queimado

na mão e ia tirar uma foto, mas, no momento em que tocou na câmera, sentiu

um enjoo. Uma náusea repentina se apoderou dele e ele tirou a bolsa do ombro e

trancou a câmera no porta-malas. Então ficou parado num arbusto, as mãos no

joelho, com vontade de vomitar. Nada aconteceu. Dirigiu para casa ouvindo o

noticiário do trânsito e músicas bregas de amor dos anos setenta. O aquecedor

zumbia enquanto uma neve suave caía. Flocos prendiam-se ao para-brisa e aí

murchavam como estrelas-do-mar mortas.

Chegando, ao anoitecer, sentou-se à mesa com café numa mão e uma taça

de vinho na outra. Passara meia hora perplexo numa loja de bebidas tentando

entender a diferença entre todas as garrafas. O gosto era terrível, como ele se

lembrava, mas bebeu mesmo assim. No rádio, um famoso ator lia uma adaptação

de O Mágico de Oz.

O Leão estava bebendo sua coragem, o Homem de Lata tinha seu coração e

a cabeça do Espantalho estava recheada com o que ele achava ser um cérebro.

Midas agarrou o rádio e o jogou no chão. Ficou lá, com a sintonia perdida, a

voz do ator se enrolando num gargarejo estrangeiro.

Ele sabia que se envolver com uma pessoa não daria certo. Disse isso para si

quando conheceu Ida, repetiu-o como um mantra quando acordou de noite

pensando nela. Ele era incapaz de interação social. E o que ele tinha? Seus olhos

caíram sobre a câmera, que provavelmente tirara do saco sem perceber, porque

ela estava sobre a mesa, presunçosa, a capa da lente pendurada. Ele se imaginou

morrendo e sendo aberto e todos os seus ossos e músculos e artérias e capilares

levando à cavidade de seu peito, no qual, em vez de um coração, estava a sua

câmera.

Pegou-a pela alça e a arremessou para junto do rádio. Acertou a geladeira e

caiu nos azulejos da cozinha. Ele virou o vinho, abaixou a taça e a cabeça sobre a

mesa. Era um vinho forte: os anéis de café na mesa dançavam em seus olhos.

Midas conseguiu recuperar o foco, mas, quando levantou o olhar, era como estar

num gira-gira, com as paredes rodando em volta. Todas as fotos que havia

grudado ali, com as oleosas marcas de dedos do passado, memórias em preto e

branco. Grunhiu e fechou os olhos, mas as lembranças permaneceram. Seu pai

esmagando as carapaças das libélulas nos punhos, sua mãe chorando com um

buquê de rosas picadas no colo, um cardume de águas-vivas flutuando no mar a

seu redor, Ida entrando na floricultura com o cabelo molhado preso à cabeça.

★

Alguém estava batendo à porta da frente e a campainha não parava de tocar.

Midas piscou forte e ficou de pé. Estava na porta, entre a cozinha e o corredor.

A campainha e as batidas continuavam. Olhou de volta para a garrafa de vinho

na mesa da cozinha. Toc-toc-toc. Segurando a cabeça, arrastou-se até a porta.

Uma luz ofuscante apareceu no corredor. Demorou um momento para ele se

ajustar.

"Surpresa, Midas. Noite pesada?"

"Olá."

"Está com a namorada aí?"

Ele balançou a cabeça. Ao lado de seu pai, Denver, com um cachecol

enrolado até o nariz, estudava Midas. Ela puxara a manga sobre os dedos para

segurar um galho espinhoso de azevinho. Uma pequena papoula-do-ártico

enfeitava seu cabelo.

"Ah", disse Gustav espiando dentro, "entendo. O que aconteceu? E o que

aconteceu com você?" Deu um passo entrando. "Você esta com um cheiro

péssimo. Tem certeza de que está bem?"

"Eu... estraguei uma coisa. Tive um acidente. Entre. Está congelando aí

fora."

Logo Midas se sentava segurando um saco de gelo na cabeça enquanto

Gustav remexia o armário da cozinha e Denver se sentava em frente, olhando

com um leve espanto.

Gustav fechou a porta da geladeira e pôs as mãos na cintura. "Não há nada

verde em toda a sua casa. Não há fruta também. Você vive do quê?"

Midas apontou para a xícara vazia de café.

"Certo. Vou fazer o almoço. Levantar seu astral. Volto em dez minutos."

Denver se virou na cadeira. "Para onde está indo?"

"Comprar vegetais. Volto logo." Ele partiu, murmurando algo inaudível.

Denver suspirou, esticou os braços sobre a mesa e pegou um dos dedos de

Midas. Sua pele ainda estava fria lá de fora. Ele tentou se afastar, mas ela apertou.

As vezes era bom ser tocado por Denver. Ela passara tanto tempo com ele que,

às vezes, Midas se esquecia de que ela era uma entidade separada. Ele se

perguntou miseravelmente se algum dia alcançaria um estado assim com Ida.

Denver apertou mais forte.

"Ah. Ah, Den, ah..."

"Você estava apaixonado por ela?"

Ele negou.

"Não acredito em você."

Ele puxou a mão novamente. Ela apertou forte o dedo e o torceu.
"Ai."

"Ela foi horrível com você? Odeio ela se ela foi horrível."

Ele engoliu. "Na verdade, acho que eu é que fui horrível com ela."

"Você disse algo horrível sobre os pés dela?"

"Não." Ele engoliu. "Denver, por que você..."

"Eu sei, lembra? Eu vi a foto que aquele homem horrível viu."

"Aquilo foi só... uma foto alterada."

"Não contei a ninguém."

"Obrigado."

Ela afrouxou o aperto. Ele não tirou a mão.

"Sua câmera está no chão."

"Fui eu que joguei."

"Por quê?"

"Fiquei bravo com ela."

Denver soltou-lhe a mão e por um segundo ele quis sentir a mão fria dela de

novo. Ela levantou a câmera com as duas mãos e a colocou na mesa.

"Você não me mostra fotos novas há anos. Me mostre uma agora."

Ele balançou a cabeça. Ela começou a brincar com os botões digitais. Os

dois se sentaram em silêncio enquanto ela explorava o banco de imagens.

"Nenhuma da Ida", ela disse.

Midas esfregou a testa. "Todas ficaram horríveis. Não consegui tirar direito."

"E as descartou porque não estavam bonitas o suficiente?"

"Exatamente."

"Acho que você estava sim apaixonado por ela."

"Amor... não é algo que você entende quando é adulto, Den. E como se

fosse... a lembrança de alguma coisa que deveria ter sido. De histórias... e... Não

sei se dá mesmo pra se apaixonar."

"Dá, sim", ela disse. "Você e algumas outras pessoas. Você é como eu. Você

tem."

"Tem o quê?"

Ela deu de ombros. "Uma pegada. No fundo da sua mente. E aqui..." Ela

tocou sua barriga. "Em algum ponto daqui."

Ele cruzou os braços no peito. Pensava que dificilmente teria uma pegada

para algo.

Gustav chegou e jogou sacos no balcão da cozinha. "Alface, tomate, batata,

presunto com mel. Vou te fazer uma salada e uma batata assada porque, bem...

Diabos, Midas, olhe pra você."

Ele não contou nada a Gustav: aquilo seria demais. Só lhe contou o que

seria suficiente para ele entender a situação do seu relacionamento com Ida: o

beijo fracassado e a explicação abortada. Depois, sua fuga e o longo caminho de

volta dirigindo. Denver desenhou durante esse relato, como se sua mente

estivesse em outro canto. Midas esperou pelo veredicto condenatório de seu

amigo.

Gustav se sentou e pareceu impressionado. "Não acredito que você foi à

casa de Hector Stallows. Ele tem tantos carros quanto dizem?"

"Gustav, isso é um pesadelo para mim." Claro que Gustav não entenderia a

urgência da coisa, já que não sabia sobre os pés dela.

"Desculpe. Desculpe, amigo, mas entende meu ponto de vista? Hum...

escute. Você é um covarde. Você sabe que é, eu sei que você é. Você odeia

confrontos e prefere fugir a lutar. Você nem está olhando para mim agora."

Os olhos de Midas piscaram quando ele os desviou.

"Você tem um coração de ouro e acho que a Ida vê isso. Precisa levar essa

bunda até lá e se desculpar sinceramente por qualquer coisa que tenha feito de

errado, que eu suspeito ser muito menos do que você pensa. Acho que ela vai

entender que você fala sério. Não acho que vai executar você, apesar de que é

bom você estar preparado para umas palavras bem francas."

"Vou telefonar para ela de manhã."

"Não. Telefone agora. Se você acha que vale a pena acertar as coisas com

ela, faça isso antes que ela parta pra outra. O tempo não vai esperar por você.

Sabe exatamente o que estou dizendo."

Ele queria dizer: lembre-se de Catherine. Lembre-se dos lagos congelados e

dos paramédicos. Lembre-se de gelo nenhum onde antes um piso de gelo havia

estado sob os seus pés. Lembre-se, tentando dar a entender que não exagerava

quando contou a uma garotinha sobre baleias e anjos d'água carregando sua mãe

agora. Lembre-se de canelas se tornando duras como verniz quando haviam sido

macias e rosadas uma semana antes.

"Você está certo", ele suspirou, "mas não tenho coragem."

"Vai ter de se esforçar."

"Escute, Gustav, sou um nó de inibições. Primeiro, mal consigo formular

minhas frases. Segundo, vejo meu pai em tudo o que faço e me odeio por isso.

Terceiro, cada vez que eu toco alguém, meu corpo parece feito de ferro."

"O.k. Na ordem que você colocou. Primeiro, você formulou essa pequena

lista de defeitos perfeitamente bem. Segundo, seu pai já morreu. E só você. Não

balance a cabeça... vamos voltar a isso. Terceiro... bem, fique de pé."

"Como?"

Gustav empurrou sua cadeira para trás e se levantou, gesticulando para

Midas fazer o mesmo. "Den, preciso que você vá para o corredor ou outro

cômodo e feche a porta. Desculpe."

Ela fez isso emburrada, enquanto Gustav enrolava as mangas. "Vem cá,

Midas, eu já devia ter feito isso há anos. Vou te curar de uma vez por todas."

Midas empurrou a cadeira para trás e se levantou.

"Coloque a câmera de volta na mesa."

"Por quê?"

"Obedeça."

Midas bufou e abaixou a câmera. "E agora?"

Ele gritou quando Gustav o jogou no chão duro da cozinha. Seus ossos

estalaram e sua cabeça bateu nos azulejos. Ainda estava gritando quando Gustav

subiu nele e o socou no estômago. A respiração de Midas acelerou, mas Gustav

não parava. De pernas abertas sobre ele, agarrou seus ombros e o empurrou para

o chão, então o acertou com toda a força. "Lute, panaca!", ele gritou, estapeando

o rosto de Midas.

Midas o empurrava pateticamente, mas o peso era demais. Outro tapa

acertou suas bochechas e seu nariz. Ele podia sentir o sangue. Agarrou o pulso

de Gustav quando ele avançou novamente e, fraco demais para afastá-lo, enfiou

as unhas na pele dele. Gustav rosnou de dor e saiu de cima.

"Mulherzinha!", ele gritou e o chutou nas costelas. Midas rolou para evitar

um segundo chute, agarrou o pé de Gustav e o torceu. Gustav caiu no chão e

bateu a cabeça fortemente nos azulejos, um fio de sangue escorreu por sua testa.

Midas sentou-se ao lado dele. "Você está... está bem, Gus?"
"Ugh..."

"Oh, Deus. Sinto muito."

Gustav se virou selvagememente para ele e o acertou no peito. Midas lutava

balançando os braços e tentava bloquear chutes no chão com os joelhos.

Estavam lutando ferozmente, rolando um sobre o outro e derrubando cadeiras.

Uma mão de Midas estava presa na de Gustav e a outra estava enfiada no rosto

dele, tentando empurrá-lo. Midas sentia a pele grossa de uma narina do amigo, os

lábios ofegantes e a barba por fazer pinicando sua mão. Com um esforço final,

ele se libertou e jogou todo o peso de volta em Gustav, que não esperava isso. O

impacto exigiu esforço de cada uma de suas juntas, mas Gustav caiu para trás e

Midas subiu nele, pressionando sua barriga volumosa com os joelhos ossudos,

usando toda a força para manter os braços de Gustav no chão.

Gustav riu ofegante e lambeu seu lábio superior partido. "O.k., o.k.", gemeu. "Midas ganhou com justiça."

Midas grunhiu, soltando-o. Gustav permaneceu deitado, ofegante e rindo.

Midas examinou seu corpo recém-socado, sua pele de um peculiar tom

vermelho, suas roupas amarrotadas.

Gustav gemeu e se sentou. "Jesus. O que eu não faço por você."

"Obrigado. Isso... parece bobagem, não parece? Isso me ajudou mesmo."

"Se for tocar a Ida, melhor ser mais gentil. Está me devendo, lembre-se."

Pode começar me deixando usar seu chuveiro e pegando uma cerveja gelada, ou

uma xícara de chá se não tiver bebida."

Gustav abriu a porta da cozinha e viu Denver abaixada no buraco da

fechadura, segurando uma risada. Midas corou e sentiu que seu crânio era um

saco plástico cheio de sangue.

Denver ergueu a cadeira da cozinha e sentou-se nela enquanto Gustav subia

a escada e ligava o chuveiro.

Ela abriu seu caderno para fazer outro desenho de uma baleia.

"Sabe?", disse Midas, limpando o sangue do nariz. "Seu pai não bate bem."

Ela começou a desenhar. "Ele está preocupado. Só fala de você."

"Desde quando?"

"Desde que conheceu Ida. Ele disse..." Ela escolheu seu lápis enquanto

tentava se lembrar, então fez uma imitação vivida do pai. "Ele vai sentir saudades

da melhor parte da sua vida."

"Ele disse isso?"

Olhou-a viu desenhando. Ele acrescentou rédeas na baleia, levando a uma

carruagem aberta na forma de uma concha. Na carruagem, começou a desenhar a

rainha dos mares.

"Den... como está seu pai? Desde a viagem até sua avó?"

Ela parou um momento para mastigar o lápis. Midas a ouviu mastigando.

"Ele voltou com muitas coisas da mamãe. Passamos por algumas delas juntos."

Ela tirou um pedaço de lápis da língua.

"Sei como é isso. Meu pai deixou caixas e caixas."

Ela abandonou a rainha inacabada e com a mente perdida pôs bolhas e

grãos de areia na beira do mar. "Eu não estava triste. Estava feliz de um jeito

engraçado. Nas caixas vieram coisas que a mamãe tinha quando menina. Bonecas

bonitas e coisas assim. Agora estão na minha cama, junto das minhas. Vou

dormir com uma que ela me deu e com uma que ela tinha quando pequena.

Estranho, não é? A boneca dela não é mais velha que a minha."

Ela havia mastigado um centímetro do lápis (não lhe davam lápis com

pontas de borracha). "Midas?"

"Sim."

"Minha mãe está olhando por mim agora. Seu pai olha por voce?"

Ele estremeceu pensando nisso. "Eu costumava pensar que sim. O tempo

todo."

★

Midas fez sua mala assim que eles saíram. Depois de cerca de meia hora, Denver

retornou brevemente com um vaso cheio de rosas vermelhas que Gustav havia

escolhido uma a uma para Ida.

Quando ela se foi novamente, ele se sentou e aproveitou o cheiro das

pétalas enquanto se servia do resto do vinho da noite anterior. O vinho

acompanharia um prato de alface e presunto que Gustav lhe trouxe, e, apesar de

se sentir machucado e com ressaca pela noite passada, precisava de alguma coisa

para acender sua coragem.

O vinho fez seu coração se agitar. Não se tornou bravo e jamais seria isso

(seu DNA garantia). Tentou decidir sobre a coisa mais corajosa que seu pai havia

feito. Suicidar-se (as ondas batendo em silêncio enquanto as chamas

queimavam)? Ou conceber um filho? Esse era um pensamento. Sua mãe

desesperada por amor e seu pai que se esquivava do menor contato (ele se

lembrou de quando fez escadinha para ele no barco) juntos na cama, e toda

aquela união grudenta.

Olhou acusatoriamente para o vinho tinto, largou-o e foi ao telefone. Estava

pensando no tempo que passara em Enghem, e a coisa que ficou em sua mente

agora era Emiliana: como ela havia se comportado no quarto de hóspedes

quando veio dar-lhe a câmara. Era como se tentasse confessar algo sobre o

remédio. Ele estava lerdo demais para perceber na hora.

Ligou o número de Ida e ela atendeu em segundos.

"Ida. Sou eu."

Houve um breve silêncio do outro lado da linha, então a voz de um homem.

"Sinto muito, não é a Ida."

"Oh. Carl?"

"Sim. E não acho que Ida queira falar com você."

"Carl, eu... eu não sei se esse remédio é uma coisa boa."

"Você já deixou isso bem claro."

"Pode me passar pra Ida?"

"Acho que não."

"Por favor."

"Não. Acho que não."

Carl desligou. Midas tentou ligar de novo, mas ninguém atendeu e o toque

foi cortado para a caixa postal.

Ele ficou emburrado na cozinha, sentindo-se rejeitado. Então era isso. Ela

não queria falar com ele.

Na mesa estava o desenho de Denver, completo, com exceção da passageira

desenhada pela metade. Ele pensou, melancólico, no corpo congelado de

Catherine quando a tiraram da água assassina.

Não podia desistir.

Queria muito que houvesse mais vinho.

Tinha de ver Ida novamente, para acertar as coisas com ela.

Pegou o telefone e ligou para Emiliana Stallows, rezando para que Carl não

atendesse. Depois de um longo tempo tocando, Emiliana atendeu.

"Quem é?", ela perguntou.

Ele estava assustado demais para dizer seu nome, caso ela desligasse

abruptamente. "Entendo agora", ele disse, "o que você estava tentando me dizer

quando me deu a câmera."

"Oh", ela disse.

"Não vai funcionar, não é? Há mais na história de Saffron Jeuck do que

você nos contou."

Deu para ele ouvir Enghem Stead rangendo no tempo que levou até ela

responder.

"Não vai funcionar", ela admitiu. "Só vai adiar as coisas."

"Adiar até quando?"

"Não sei."

"Quanto tempo adiou com Saffron?"

"Midas... você tem de entender que, quando Saffron me deixou, todos

achávamos que estava funcionando."

Ele estava torcendo o cabo do telefone tão apertado nos dedos que impedia

a circulação do sangue. "Quanto tempo?"

"Não muito."

"Estou indo buscá-la."

Ele abaixou o telefone, agarrou sua bolsa e as chaves do carro e saiu. Só no

meio do caminho para Enghem lhe ocorreu que deixara as rosas no vaso da

cozinha.



{31}

arl estava fumando um cigarro no deque de madeira de Enghem

Stead quando Emiliana veio na ponta dos pés se juntar a ele. Uma

A neblina forrava as montanhas do continente. Mais cedo, naquele dia,

havia sido um banco de nuvens baixas, mas este se infiltrou inexoravelmente no

topo dos morros. E, mais tarde desceria até Enghem-sobre-as-Aguas e se

espalharia ao norte pelo oceano silencioso.

Emiliana veio mais perto e apoiou os cotovelos na mureta ao lado dele,

vendo a fumaça de seu cigarro pendurar-se no ar frio como lã, como se o

próprio cigarro fosse flutuar se ele o largasse.

"Carl."

Ele bateu as cinzas nas pedras abaixo do deque. "O que foi, Mil?"

Ela respirou profundamente. "Sabe?... tem sido tão corrido desde que você

chegou, que sinto que mal tivemos chance de falar."

"Ficamos conversando ontem de noite."

{

"Ficamos. Mas..."

Ele respirou profunda e sonoramente, e apagou o cigarro no corrimão.

Olhou-a de lado, como se virar a cabeça fosse árduo demais. Ainda assim, ela o

sentia olhando dentro dela, a habilidade que ele sempre tivera. Aquela coisa nele

que a havia atraído, para começar. No momento em que se conheceram, quando

ela era jovem, recém-casada e lamentando isso, um olhar desses havia perfurado

as barreiras de rostos e crânios até o topo da sua espinha. Carl estava apaixonado

por Freya naquela época, o que ele confessou no breve caso que tiveram. Na

época, Emiliana achava que poderia competir.

"Eu escondi uma ou duas coisas de você."

Ele levantou as sobrancelhas. Incapaz de suportar seu olhar oblíquo, ela

olhou os dedos dele batucando casualmente o corrimão de madeira e limpou a

garganta. "Sobre Saffron Jeuck."

Carl não respondeu. Viu uma camada de neblina descer lentamente pelas

montanhas mais próximas e apagar as planícies ao longe. Emiliana piscou para

tirar as lágrimas dos olhos. Ele nunca mais a visitaria, imaginou, isso seria injusto.

Enquanto ele tentava ajudar uma menina condenada, por estar obcecado por

uma mulher morta, ela estava ali. Ela esteve preparada para fugir com ele nos

doze anos em que fora casada.

"Saffron está morta", ela disse.

Ela ousou olhá-lo. A mandíbula de Carl estava pronunciada, como se

sentisse o efeito de um soco. Levou uma eternidade para ele dizer algo. A neblina

surgiu nos canais dos campos fechados entre Enghem-sobre-as-Águas e os

morros. O corpo principal de neblina descendo parecia seguir em frente pelo

subterrâneo.

"Como?", ele perguntou finalmente.

"Suicídio."

"Não foi o vidro?"

"Porque ela estava se transformando em vidro, sim."

Ele fechou os olhos e permaneceu imóvel, absorvendo tudo. No longo

período antes de falarem, a neblina se aproximou, tateando os canais como uma

velha criatura cega que sai para explorar, mordiscando pedras, tateando pela

grama, penetrando num riacho insípido.

"Isso é novidade", disse Carl.

"Eu não queria que as coisas fossem assim. Achei, afinal, que as coisas com

Ida pudessem ser de um jeito diferente de Saffron. Não é que o tratamento não

tenha servido para nada. Impediu o vidro de se espalhar por meses."

As unhas dele se enfiavam na madeira do corrimão. Os nós de seus dedos

estavam brancos. De resto, ele continuava imóvel. "Destruíu o corpo dela.

Vimos os machucados e queimaduras no vídeo. A lógica do remédio era deixar

uma pele que fingisse morte, não uma pele sem força."

Ela assentiu enfaticamente. As montanhas começavam a desaparecer por

completo no ar que engrossava.

"Há mais alguma coisa?"

"Quero que tudo seja diferente. Eu nunca desejaria o que esta acontecendo

com Ida a ninguém. E você devia saber, Carl, que você às vezes é..."

"Há mais alguma coisa sobre Saffron Jeuck?"

Ela engoliu. "Ouvi dizer que o suicídio apressou bem as coisas para ela no

final. Não sei muito mais do que isso. Quando ela saiu dos meus cuidados

parecia que estava *funcionando*, Carl. Só depois descobri que algo estava errado."

A neblina agora parecia se adensar e expandir quase de repente, como se a

terra a tivesse inspirado profundamente num dia de frio.

"Saia da minha frente", ele disse.

Ela passou pelo deque em direção ao monte de telhas de madeira e cerâmica

quebrada. Ela fugiu dele, dando rápidos passos em pânico até que seus sapatos

úmidos fossem afundando num chão esponjoso. Mas continuou em frente, sem

olhar para trás, e descobriu que estava subindo um morro e a neblina a rodeava.

Então parou instantaneamente. Como ele ousava expulsá-la da casa que era sua?

Só que... na verdade, a casa era de Hector e essa paisagem não lhe pertencia mais

do que pertencia a Carl. Virou-se para encarar Enghem Stead,
apesar de, na

neblina, não saber se estava olhando para a direção certa. Com o
passo seguinte,

seu pé rachou o gelo sobre uma poça. Parou novamente. Não
queria voltar.

Afastou o cabelo preto do rosto e respirou lentamente para se
recompor. Ela iria

para outro lugar.



{32}

neblina alcançara Enghem Stead. O vapor se espalhou tão perto

A do deque que Carl mal podia ver além da cerca.

De qualquer forma, sua mente estava em outro lugar.

Apenas quando Freya foi viajar ele descobriu o que era o amor.
Passou

tristes noites na universidade quando ela voltou para sua casa,
desligando-a da

mente por meio da metafísica, de thrillers de aeroporto, heresia
gnóstica ou

pornô suave. Qualquer coisa que o distraísse. Então chegou o golpe da

formatura. Freya partiu de viagem para a Ásia distante. Carl se arrastou para a

vida acadêmica. Às vezes ele passava semanas sem dormir, não porque não

conseguia, mas porque não suportava. A exaustão o atingia em momentos

inoportunos. Tinha sonhos acordado em que Freya limpava feridas de seus

joelhos. Lembrava-se de um passeio em High Street, no qual todos os pedestres

sangravam nos joelhos. Um policial o cutucou acordando-o num banco do lado

de fora de um supermercado.

Começou a discutir Freya consigo mesmo de noite, bebendo uísque e

refletindo. As pessoas viviam e morriam por ideias. Guerras eram travadas por

elas. Mas ele não podia encarar a sua reflexão enquanto falava nisso, porque

sentia no coração que era degenerado amar apenas a ideia de uma pessoa, a

forma fantasmagórica em que estivera a carne quente.

Sentou-se na cadeira e olhou para a formidável monotonia da neblina.

Perguntou-se como daria a notícia de Saffron para Ida, e não tinha chegado a

lugar nenhum quando ela veio ao deque juntar-se a ele.

Na outra noite, quando Ida havia mostrado seus pés, Emiliana e Midas se

desmaterializaram tão rápido quanto Enghem naquela atmosfera. O mesmo

acontecera com os móveis, as paredes, o inverno e o tempo. As formas de suas

pernas haviam ressuscitado sentimentos nele que pareciam antigos. Lembrou-se

das pernas de sua mãe.

Na noite passada, ele a persuadira a mostrar o vidro de novo. Seus

tornozelos haviam ficado quase transparentes e a superfície de suas canelas eram

insubstanciais. A pele estava se transformando de branca em translúcida e por

baixo havia listras de sangue em veias cristalizadas, como minhocas fossilizadas.

Vê-las arremessou-o de volta ao pátio naquele verão da sua juventude, o cheiro

do vidro morrendo e o ranger da bicicleta de Freya caindo no pavimento

"Sabe que sempre cuidei de você. Foi absolutamente imperativo {
ento. Era

como se ele visse sangue escorrendo dos joelhos de Freya com um
olho,

enquanto o outro via o sangue trancado sob a superfície das
canelas de Ida. Seu

cérebro havia cruelmente unido as duas.

"Carl", disse Ida.

Ele saiu de sua cadeira para oferecê-la a ela. Ida aceitou como uma
senhora

idosa faria. Ele podia sentir seu cheiro. Um perfume muito mais
natural que o de

Emiliana, que havia evidentemente sido criado em laboratório. Ele
não se

lembrava do cheiro de Freya, mas se consolou pensando que ela
poderia ter o

mesmo cheiro de Ida.

"Carl..."

"Ida, eu tenho... más notícias de Emiliana."

Ela pareceu preocupada. Ele abaixou a cabeça.

"O que aconteceu, Carl?"

para mim.

Sua mãe... Quando ela estava sofrendo... Eu queria fazer o que ninguém fez por

ela."

Ida respirou cansada. "Ninguém poderia curá-la, Carl."

"Mas eu queria ter estado lá por ela, você não? Tem mágoa de mim por eu

não ter estado lá?"

Ela não respondeu.

"Seu pai não me avisou. Diabos, Ida, *você* não me avisou!"

"Você não tinha dado notícias havia muito tempo. Meu pai disse que

qualquer um que não estivesse interessado em minha mãe viva não deveria estar

interessado nela morta."

Carl bufou em desprezo. A neblina moveu-se suavemente pelo deque,

fazendo Ida parecer fora de foco.

"Ele estava passando por muita coisa, Carl, e, que a verdade seja dita, meu

pai nunca gostou de você. Com certeza você sabe disso."

Ele se sentou em sua cadeira, esfregando o queixo. "Eu me senti como se

ela preferisse que eu estivesse longe... Mas trouxe esse assunto",
ele disse,

"porque quero que você saiba que não suporto a ideia de você
sofrendo um fim

prolongado como ela. E... é tudo um blefe."

Ida estava composta como uma boneca de porcelana. "O que foi?",
ela

perguntou lentamente.

Carl levou as mãos à cabeça. Sua vida toda fora moldada pela mãe
dela.

Tudo o que ele fizera. O que ele se tornara. Aqui estava tudo o que
sobrara de

Freya e ele não havia conquistado nada, além de decepcioná-la. "Eu
queria...", ele

começou, então começou novamente porque sua voz soava fraca.
"Eu queria

ajudar você, lembre-se. E queria ajudar sua mãe assim."

O deque ficou silencioso. "Jesus", ela disse levemente. Mesmo seus
menores

movimentos, buscando a muleta mais próxima, faziam um farfalhar
considerável.

"Isto não tem nada a ver com minha mãe."

"Eu tentei, Ida."

"Isto também não tem nada a ver com você, Carl."

Ele pensou no vidro do pé dela. Imaginou poder sentir dor em solidariedade, as queimaduras nas pernas dela.

"Preciso que me ajude", ela disse, com a voz partida.

"S-sim", ele gaguejou. "Claro. Eu deveria... eu deveria olhar suas pernas. Me

deixe ver suas pernas novamente."

Os dedos dela se fecharam ao redor da muleta de madeira.

Ele passou os dedos pelos cabelos. Só tinha dois pensamentos. O primeiro,

de que precisava encontrar outra forma de salvá-la. O segundo, de que precisava

ver o joelho sangrento de Freya Maclaird.

"Carl. Apenas me leve para Ettinsford. Só quero que faça isso."

Ele a olhou com raiva. "Que bem fará isso?" Ele bateu as mãos. "Vamos,

me mostre suas pernas. Tire suas botas e suas meias. Vou ajudá-la, Ida, posso

ajudá-la melhor agora que somos só nós dois."

"Por favor, me leve a Ettinsford."

Ele apertou os punhos. "Recomponha-se, garota! Precisamos pensar sobre

isso. Eu e você! Não há tempo para esse garotinho problemático."

Ela deu um tapa nele.

Ele sentiu tudo indo à sua cabeça. Avançou em direção à saia dela.
Ela

gritou e o atacou, mas seus golpes eram leves como gotas de chuva. Ele a

prendeou na cadeira com um braço.

"Me solte!", ele a ouviu gritando, como se fosse ao longe. Da mesma forma

que uma gota de cuspe atingiu seu queixo intangível como uma lembrança.

Respirando rápido, focando na saia dela e no corpo abaixo, ele a pegou com a

mão livre e a levantou até as coxas. Ela se debateu, mas a força dele e o peso

imóvel das pernas a mantiveram na cadeira.

Suas pernas. A pele em suas coxas era um campo de batalha de feridas

vermelhas inchadas e pele branca, mas ele só tinha olhos para a leve sombra de

sangue em suas canelas.

Ouviu Freya gritando. A cabeça dela se sacudia. Novamente parecia muito

distante.

Ela bateu uma muleta na cabeça dele.

Carl soltou as mãos de Ida e ela o acertou com ambos os punhos, forte na

mandíbula. Ele mal sentiu, deu um passo para trás e se sentou com estrondo nas

vigas de madeira. Levantou ambas as mãos se rendendo. O mundo encolheu.

Ela pegou as muletas, o rosto muito branco, chorando histericamente, e

desceu os degraus do deque, avançando dolorosamente pelos pedregulhos. Carl a

viu cambaleando e subindo de volta. A neblina se fechou em volta dela.

Ele abaixou o rosto, consciente de que a vida se repetia com uma triste

reprise. Tinha se lembrado muito de Freya desde que Ida havia chegado a St.

Hauda's Land. Agora, as coisas de que não se lembrara voltavam para ele.

Momentos feios e inseguros. Quando viu os lábios dela dando um beijo

profundo em outro homem na pista de dança, e o sentimento de quando ela

abriu os olhos e encontrou sua expressão carregada com uma careta. O

momento em que ele a levou para casa uma noite e estavam ambos alegres com

o álcool, quando ele tentou colocar o braço ao redor de sua cintura e ela

gentilmente o afastou, e ele tentou novamente e ela lhe deu um tapa e entrou

correndo na casa. As palavras que ela lhe disse naquela noite, que ele havia

apagado da memória. Ele se perguntava quanto de sua vida havia secretamente

se apagado da mesma maneira. Quanto do mundo ele conhecia com certeza.

Fechou os olhos e escutou as batidas de seu coração envelhecendo dentro

de si. Ouviu Enghem Stead rangendo. Sentiu os pulsos, o leve chiado que

acompanhava sua respiração nesses dias.

Depois de ter passado o longo feitiço, e de a neblina começar a ficar menos

densa, ele ouviu passos. Levantou o olhar e viu Midas Crook, sem fôlego.

"O que você quer?", perguntou Carl amargamente.

E balbuciou surpreso quando Midas o agarrou pelo colarinho e o sacudiu

tão forte que quase o jogou para fora do deque. "Onde ela está, Carl?"

Carl afastou Midas desferindo um tapa com as costas da mão e derrubando-

o de costas. "Do que está falando?"

Midas se levantou. "Ida! O que você fez com ela?"

"Vai se foder!", ele disse.

Midas saltou e agarrou o colarinho de Carl novamente. "Olhe para mim",

chiou. "E me diga o que fez com ela."

Carl percebeu que nunca havia olhado para esse Midas Crook nos olhos.

Sempre havia creditado isso à cansativa timidez do garoto, mas agora não tinha

certeza. Porque havia um olhar bruto, imprevisível, de desespero nos olhos

cinzentos de Midas e em suas pupilas fechadas como pontas de alfinetes. Ele

nunca tinha visto nada assim, nem no pai nem no filho.

"E-eu estava fora de mim", ele disse cuidadosamente, "então... eu tentei..."

ela saiu."

Midas cuspi enjoado e correu para a casa pela neblina branca.



Com certeza Ida não teria ido longe, mas ele temia que, de alguma forma, ela

tivesse conseguido isso. O frio agudo provocava uma névoa azul nas poças antes

que seus pés ligeiros as partissem em fontes de gelo. Partículas de neve

exploravam a neblina. Haveria mais em breve, o inverno mais pesado. Nuvens de

neve cairiam na terra para morrer. Ele olhava para a direita e para a esquerda,

imaginando Ida sob uma camada de gelo, com neblina e neve alvejando-a para

fora da existência.

A neve avançava contra a cortina translúcida da neblina, e, de repente, como

se fosse feito para esse exato instante, ele viu algo galopando na neblina.

Avançava como uma gazela, com pernas brancas finas e flexíveis como caules. O

ser parou e ele avançou, quase o pegando. Havia músculos sob sua pele,

músculos que ondularam em seu arquear quando se afastou novamente. Midas

imaginou ter visto uma cabeça elegante e um *flash* de azul metálico onde a cabeça

encontrava o pescoço.

Correu atrás daquilo, abrindo caminho através de arbustos que surgiram

repentinamente em meio à neblina. Suas pegadas caíam sobre as que os cascos da

criatura iam deixando.

O caminho que fazia foi repentinamente bloqueado por uma árvore

derrubada, com fungos cobrindo-a como rosas ocre. A criatura saltou, passou

pelo tronco morto à toda e sumiu pela neblina do outro lado. Midas parou

sobressaltado e olhou ao redor. De alguma forma havia sido levado à densa

floresta. A neblina estava mais tênue lá, talvez absorvida pelas árvores que

ficavam próximas com galhos unidos, cascas rachadas e troncos ociosos.

Então ele viu os animais.

Um pintarroxo num galho empalidecia passando de castanho a puro branco.

Suas pernas se tornaram varetas brancas e seus olhos, pedras de granizo. Seu

peito foi vermelho por um segundo e também mudou, para rosa, para branco.

O pássaro voou para outra árvore e capturou uma aranha branca com o

bico. Momentos antes, a aranha estava invisível em seu marrom sobre um

tronco. Um esquilo branco, que saltava pela terra, subiu na árvore e sentou-se

num galho, juntando as patas como se rezasse.

Um pouco à frente, alguém se deitava no chão num casaco salpicado de

neve. Ele correu na sua direção.

"Ida?", ele ofegou. "Ida, pode me ouvir?"

Ela abriu os olhos. Seus dentes batiam. "Midas, sinto muito."

"Não diga bobagem. Deus, está ferida?"

O inverno estava dentro do casaco dela e sob sua saia, congelando seus

pulmões, mas, mesmo na ansiedade do momento, o fato de tê-la encontrado

tornou seu coração quente. "Ponha minha capa. Não se deite, ela vai molhar e

você vai ficar com mais frio ainda."

"Não me deixe."

Ajudou-a para que se apoiasse nele. Ela estava fria e pesada como gelo, seus

pés arrastados deixavam uma trilha na neve. Levou um tempo para fazerem o

doloroso caminho de volta ao carro sobre raízes inóspitas e terra esponjosa.

Seguiram as pegadas que ele havia deixado na neve ou na lama, até que Enghem

Stead apareceu como uma miragem na neblina. Mas ele queria mesmo era achar

seu carro lamacento, estacionado por perto. Não havia sinal de Carl. Os pés de

Ida bateram na porta do carro quando ele a ajudava a entrar, mas, ao ser

colocada por ele no banco de trás, um toque de cor lbe tinha voltado às

bochechas, e isso o fez levantar o olhar para o céu opaco, grato por este ter

contido suas neves mais pesadas. Ele entrou ao lado dela e fechou a porta.

"M-merda, está frio", ela disse.

"Eu sei. Sinto muito."

Ela assentiu vagamente. "Seu casaco. Obrigada."

"O carro vai esquentar."

"Me abrace."

"Eu... sinto muito."

Ela abriu os olhos um pouco. Não conseguia focar. Sua íris estava cinza

entre pestanas vermelhas. "Coloque os braços em mim."

Cuidadosamente, ele colocou ambos os braços em volta dela, para que os

dedos se fechassem em suas costas.

"Você tem de apertar", ela sussurrou, "ou não será um abraço."

Ele apertou gentilmente. Encostaram-se um no outro por um tempo, o

calor de cada corpo sustentando-os até o aquecimento do carro tomar conta.

"Melhor irmos", disse Midas, afastando-se.

Ela sussurrou algo que ele não conseguiu ouvir. Midas abaixou a cabeça à

altura dos lábios dela para ouvir. "Precisa ser mais forte", ela sussurrou, "por

favor." Então ela apertou o rosto no dele. Todos os traços de Midas pareceram

ter um espasmo e repuxar-se quando ela encostou os lábios nos dele e tocou seus

dentes com a língua. A pele dela estava congelando, mas seu hálito salgado e a

saliva estavam escaldantes. Ele não pôde mover os lábios enquanto ela o beijava.

Apenas conseguia abri-los e fechá-los como um boneco de ventríloquo. Mas,

para seu espanto, era gostoso.



{33}

Ida estava fazendo tudo o que podia para parecer natural e confiante enquanto ajudava Ida a entrar na casa, mesmo com todo o

seu corpo dela pressionado ao dele e ele sentindo no peito suas costelas

e os seios. Ida o apertava enquanto ele a ajudava a chegar à sala, colocando-a

numa poltrona.

Naquela tarde, quando Ida se trocou, ele viu quão doente ela estava. A

sombra de seu rosto cavado se estendia aos olhos. Seus lábios estavam aquecidos

e cabelo preso num laço comum. Ela usava uma malha tricotada e uma longa

saia cinza que fazia suas pernas parecerem um pedaço de rolha.

Midas afofou as almofadas do sofá, em que ele planejava dormir naquela

noite. "A previsão do tempo diz que amanhã vai fazer mais calor. Podemos

começar a procurar outra forma de curar você."

"E gentil da sua parte, Midas. Mas, na verdade..."

"Vamos pensar em algo. Alguma pista nova vai surgir."

"Tenho certeza de que sim, mas, para mim, o amanhã pode esperar tanto

quanto a eternidade."

"O.k. Fique na minha cama. Vou dormir aqui."

"Me ajuda a subir?"

Ele sentiu a suave delicadeza dos dedos dela enquanto pegava suas mãos e a

levantava da poltrona. A cintura era fina e firme. Estar tão perto dela ainda o

deixava tenso, mas era temperado com uma excitação nervosa. As pernas dela se

arrastavam pela escada de madeira subindo degrau por degrau. Então ele desceu

correndo, pegou as coisas dela e as levou, encontrando-a encostada na parede do

quarto.

"Estou com frio demais para me trocar", ela disse.

Ele a ajudou a subir na cama e colocou o edredom sobre ela.

Ida agarrou-lhe o colarinho e o puxou. Seus lábios apertaram os dele, ávidos

e desesperados. Quando ele tentou falar, ela o beijou mais forte. Sua mão

afundou-se nos cabelos de Midas e as unhas arranharam-lhe o couro cabeludo. A

outra mão correu pelas costas dele. Ele ficou imóvel sobre ela, não por estar

petrificado, mas por estar fascinado. Depois de um tempo, os beijos dela fo

entre as costelas. Ela puxou a mão dele e a colocou sob o sutiã, em que {

ram

ficando mais lentos e eles separaram os lábios.

Ele lutou com sua própria língua para dizer alguma coisa. Conseguiu.

"Hummm..."

"Tire os sapatos, Midas."

Fez como ela mandou. Ida começou a beijá-lo novamente, agarrando as

coxas dele, que deixou as mãos caídas ao seu lado. Oh, Deus, ele pensou com

felicidade. Uma das mãos dela foi para baixo da sua camiseta, pegou o cinto...

Ele fez um som de gargarejo. "Relaxe", ela sussurrou, desabotoando-lhe a

camisa. "Qual é o problema?"

Ele balançou a cabeça. "Nada. Sinceramente."

Ela tirou-lhe a camisa e ele sentiu os primeiros sinais de relaxamento: os

músculos virando geleia. Em vez de ficar sobre ela como uma estátua, ele caiu

como um boneco de pano. Seus pulmões se enchiam com os de Ida. Ela levou a

mão dele à cintura macia. Ele colocou os dedos na pele dela, sobre os canais

se

encaixou como se fosse uma luva. Ela massageava os dedos dele. Estavam roxos

novamente. Havia um tecido macio sob seus dedos.

Ela tirou a blusa e o sutiã. Por um momento, a sombra de seus mamilos o

hipnotizou, mas então ele notou lágrimas nos olhos dela e saiu de cima. Ela

afastava as lágrimas piscando, mas ele notou as marcas na barriga dela.

A pele ao redor de seu umbigo estava marcada com redemoinhos brancos e

frios. Eles vinham da cintura até a barriga, fazendo uma poça no umbigo.

Acentuavam a textura marcada da pele até que parecesse mais a casca de uma

laranja. Cada poro guardava uma partícula que brilhava à luz da lua. Eram as

marcas do vidro, um aceno da transformação a vir. Ele se perguntou,

aterrorizado, que alterações o vidro já havia feito por baixo do vestido e da

calcinha.

Ainda estava olhando quando ela apertou a mão no seu pescoço. Ela buscou

sua aprovação. Ele assentiu. Ela tirou a saia. Ele engoliu em seco.

"O quê?"

"Nada."

A pele de suas coxas assumira totalmente o branco morto das marcas na sua

barriga. Suas pernas estavam inteiramente sem cor. A inflamação causada pelos

emplastos fora quase toda embora, mas a pele ficara de um branco leitoso.

Perto dos joelhos, a pele parecia translúcida. O rosa dos tendões surgia sob uma

membrana de vidro. Nas partes inferiores transparentes de suas canelas, pedaços

de músculos permaneciam como confetes caídos em sarjeta molhada. E, do lado

de fora de seu joelho direito, que ela havia machucado em Enghem Stead, havia

um pedaço de vidro mais avançado que o resto da transformação, parecendo

uma pequena janela na pele. Isso oferecia uma vista de ossos cristalizados como

espécimes num jarro.

Ela o puxou de volta para si. Era impossível sentir o alvoroço de

experiências simultâneas. O calor dos lábios, a maciez dos cabelos dela, o branco

cheio de veias de um olho, o peito subindo e descendo. Ela engoliu seco. A pele

suave de seu pescoço. Sua barriga dura de encontro à dele. O frio de seus

joelhos. Suas juntas inflexíveis. O peso morto de suas pernas.

Inicialmente, ele achou que a expressão contraída dela era de prazer, mas,

quando os suspiros que ela emitiu chegaram a um tom de tortura, ele parou. Ela

cobriu o rosto com as mãos.

"Dói", ela sussurrou, "como se houvesse facas na minha pélvis."

Ele se afastou e deitou-se suavemente a seu lado.

"Acho que há vidro dentro de mim, Midas."

Ela respirou fundo e apertou a barriga.

"Ida!"

"Estou bem, estou bem."

Num espaço de translucidez leitosa em sua cintura, ele podia ver algo

marrom pulsando... Era um órgão? Seu cólon, sua bexiga, seu ventre? O torso de

Ida, braços e rosto brilharam com um suor frio. Veias da cor de ametista lutaram

no interior de suas coxas. Ela parecia antiga e desgastada. Num movimento

involuntário, ele agarrou os cabelos dela.

Esse toque o fez perceber que a amava. O calor do couro cabeludo dela. A

oleosidade dos cachos. Ele afundou a mão em seus cabelos. Escorreu por entre

seus dedos como areia. Ficaram juntos por um longo tempo. Em algum lugar lá

fora, um cachorro latia. Ele mal podia acreditar que vivera tanto tempo sem

querer o toque. A fotografia o fizera esquecer a necessidade do sentimento.

Ela acariciou a bochecha dele. Ele estremeceu, então relaxou. "Midas, quero

uma coisa." Ela respirou profundamente e olhou o dedo. "Não posso mais ficar

sem ter certeza."

Ele esperou. Percebeu que nem sempre era preciso falar.

Ela fechou os olhos. "Quero ficar com você pelo tempo todo que sobrar."

O cachorro lá fora ficou em silêncio. Midas achou que podia ouvir flocos de

neve tocando a janela, e em algum lugar da casa o ar escapou de uma torneira.

Continuaram nesse silêncio até que ele ouviu a respiração dela desacelerando.

Virou a cabeça para o lado e viu seus olhos se movendo rapidamente sob as

pálpebras fechadas. Ele ficou acordado, pensando em como esse momento era

igual ao tempo preso numa foto. O momento permaneceria congelado para

sempre. Depois de considerar isso por instantes, Midas caiu no sono.



{34}

neve estava derretendo nos pântanos. Minúsculas pulgas da neve, adormecidas pelo inverno, abriram suas câmaras de gelo e emergiram

A na luz da manhã, precedidas por perninhas exploratórias. Uma lontra

solitária banhava-se num lago que estivera congelado uma semana antes. O azul do céu penetrava no insalubre amarelo dos juncos e lírios,

tornando-as de um verde opaco. Um trio de peixes que havia sido trancado no

gelo do rio testou suas barbatanas e começou a nadar novamente.

Henry limpou os livros e desenhos de insetos de sua mesa e colocou a vaca

preenhe gentilmente no ninho quente de um velho gorro. Ela se aninhou no

tecido para descansar o ventre inchado enquanto ele preparava suas coisas.

Primeiramente ligou o aquecedor elétrico com o filamento vermelho aceso na

mesa. Então pegou uma carteira de couro de uma gaveta e a abriu, revelando o

conjunto de pequenas tenazes que ele fizera especialmente com pinças e

alfinetes. A vaca mugiu e enfiou a cara na lã do chapéu, com o rabo batendo em

seu flanco.

Ele puxou o chapéu suavemente mais para perto e pôs o polegar sob o

pescoço dela e entre as pernas da frente para sustentá-la enquanto ficava de pé.

Ela conseguiu se levantar, mas suas asas permaneciam batendo e precisavam ser

mantidas longe do trabalho de parteiro de Henry. Ele tinha arreios especiais para

a ocasião, que prendeu levemente entre os ombros dela. Preso aos arreios estava

um simples cartãozinho que mantinha as asas abertas e longe de sua traseira.

Ele fechou os olhos e acalmou as batidas de seu coração. Tinha havido

acidentes no passado, especialmente nos primeiros dias, mas a maioria dos

nascimentos nos anos recentes fora bem-sucedida. E ainda assim...
ele havia sido

distraído do rebanho ultimamente por pensamentos sobre Evaline e
Ida e não

queria que isso levasse a erros durante uma operação tão delicada.
Tomou um

gole de gim e deixou o gosto da bebida confortá-lo novamente.
Escolheu um par

de tenazes e o segurou entre o polegar e o indicador, concentrando-
se no metal

até sua mão estar firme. Então, com precisão, abriu as minúsculas
pinças e as

deslizou no traseiro da vaca. Não se podia julgar a pegada da tenaz
no bezerro lá

dentro, era preciso seguir o instinto sobre quanta pressão aplicar.
Segurando o

fôlego, ele tirou o bezerro e o colocou na luz. A placenta escorria

vezes no passado fora para lá, mas só chegara a espiar Evaline.

{

atrás dele. O

bezerro estava preso num saco amarelado que esticava enquanto
ele testava as

patas. Sua mãe, ofegante de alívio, olhou ao redor e começou a
lamber o saco da

cabeça da cria, revelando uma cabeça preta encaracolada com mancha branca no

focinho. Em suas costas estavam, difíceis de distinguir pelo saco, as membranas

lilases das asas. Henry sentou-se, sorrindo, cruzou as mãos no colo e observou.

Sempre o emocionava ver a vaca lambendo o bezerro depois do nascimento. Sempre demonstrava que a paixão não era exclusivamente humana.

Sempre marcava sua realidade física. Brindou à nova mãe com o gim. Ternura e

emoção iam lado a lado com pedaços de sangue e entranhas.

Queria ter experimentado isso em sua própria vida.

Era estranho o que uma pequena interação podia fazer por uma pessoa.

Deixou um pouco de comida para a vaca e foi ao banheiro. Lavou as mãos na

pia e desceu ao andar de baixo para comer um pão amanhecido, na esperança de

que estabilizasse seu estômago. Ele iria dirigir até Martyr's Pitfall. Duas ou três

Cada vez se

assegurava de que a mulher que conhecera permanecia ausente do frágil corpo

que ele observava em segredo. Nenhuma vez nessas visitas ele se anunciou, mas

planejava fazer isso hoje. Tentou passar uma camisa a ferro, mas não se lembrava

de como fazer isso. Estava agitado e provocava marcas no velho tecido.

Vestindo-a mesmo assim, serviu-se de um copo de gim e bebeu rapidamente

antes de sair.

Dirigindo em direção a Martyr's Pitfall, sentiu seus nervos como tambores

de guerra, um sentimento que aumentava com o topo abrupto de Lomdendol

Tor crescendo próximo, coberto de manchas de neve. Cruzou as pontes em

zigue-zague e sentiu a sombra da rocha como um mau cheiro. As partes

inferiores do morro gigante eram cobertas de árvores cujos troncos estavam

repletos de fungos mortos. Entre eles podiam-se ver as fachadas austeras de

casas e asilos. Notou que várias outras estavam lacradas desde a última vez que aí

viera, seus sinais de A VENDA haviam caído e estavam cobertos de lama. O

povo mais jovem de St. Hauda's Land fora embora com o fim do comércio

baleeiro e o povo que permanecia estava afundado em tristeza e inatividade. Isso

trazia um sorriso a seu rosto, já que o ajudava a imaginar o arquipélago habitado

apenas pelo gado de asas de borboleta.

A acompanhante de Evaline, Christiana, atendeu à porta e logicamente não

o reconheceu. Ele se esquecera de que teria de passar por ela para chegar a

Evaline. Ficou parado por um momento, ignorando as educadas perguntas dela

("Como posso ajudá-lo? Está perdido?"). Então ele saltou para dentro da casa,

passando por ela e cruzando o corredor, abrindo a porta da sala de estar e

olhando ao redor como se fosse espantar insetos. Evaline se levantou e silenciou

a irrequieta Christiana com um dedo nos lábios.

"Uh", ele lambeu os lábios sentindo ainda o gosto de gim. "Uh..."

"H-Henry Fuwa", ela disse.

Ele percebeu então que estivera tão preocupado em encontrar a coragem de

chegar lá que não havia pensado no que dizer quando chegasse.

O quarto tornou-se distante. Ele estava a um toque de distância de Evaline,

mas, ainda assim, sentia uma barreira de vidro entre eles. Não precisaria fazer

nada mais para alcançá-la do que para tocar a bandeja de chá ou para se abaixar e

tocar o carpete.

Ela começou a chorar, ele percebeu. A expressão padrão dela era tão

próxima das lágrimas que era preciso só um súbito movimento de músculos para

os dutos se abrirem. Nem a sua postura de mãos apertadas e ombros caídos

tinha mudado. Na verdade, apenas as bochechas tinham mudado. Elas brilhavam

como uma pedra do pântano brilha no lugar em que nasce um novo rio.

Muitas coisas tinham acontecido desde que haviam se visto pela última vez,

mas apenas o tempo dava peso a isso. A vida havia sido rotineira desde o

momento em que ele pousou os olhos nela. Confortável, sim, mas nenhum dia

em particular se destacava dos outros. A importância cumulativa de todos esses

anos não era nada comparada ao único dia deles juntos com as libélulas da

margem do rio. Ainda assim, aqueles anos comprimidos foram responsáveis por

essa barreira invisível que dividia a sala de Evaline em duas, repartindo aquele

lado para ela e este para ele. Era a coisa mais tangível da casa. Ele estendeu a

mão e pôde sentir no ar. Seus rostos não estavam a mais de meio metro de

distância, mas isso era o mais próximo que sua mão poderia alcançar. Ela ergueu

a sua mão para que as palmas verticais estivessem a poucos centímetros de

distância. Seus dedos eram separados por uma placa de ar de dois centímetros de

grossura, mas ele não podia fazer nada além de sentir o perfume dela, não podia

sentir seu hálito.

Ficaram parados assim até que o cotovelo de Henry doeu e ele abaixou a

mão, Evaline o copiou como um reflexo no espelho. Ela voltou a seu lugar na

poltrona, fixou os olhos na visão do jardim nevado e pegou sua xícara de chá.

Levou-a aos lábios e bebericou. Ele partiu silenciosamente, fechando cada porta

— do quarto dela, do corredor, da casa - com o cuidado infinitesimal que havia

aprendido em anos cuidando do gado de asas de borboleta.

Lá fora, a sombra de Lomdendol Tor abafava tudo. Não havia trânsito e um

gato andava sobre a neve na rua com cuidado para não pisar em nenhuma folha.

Seu carro rosou no silêncio de Martyr's Pitfall. Ele voltaria ao seu gado e aos

zumbidos e estalos do pântano. E não voltaria aqui.



{35}

os telhados de Ettinsford, a neve que derretia deixava manchas claras de lama emergirem, corpos plásmicos de luz radiante onde o N branco estivera por semanas. Na Igreja de St. Hauda, uma estalactite

de gelo que se havia formado pendurada no nariz de uma estátua pingava nas

dobras de ferro de suas roupas. O estreito de Ettinsford inchava-se com a água

borbulhando morro abaixo para se juntar a ele. Os carros passavam lentamente

por estradas molhadas, com os faróis transformando paralelepípedos em bulbos

de luz. No quintal de Midas, um pássaro negro pulava sem parar pela sarjeta e

então foi atingido por uma bomba de neve. Grasnou e sacudiu as penas

ofendido. Gotas escorriam pela sarjeta e pingavam nas latas de lixo, onde a água

escorria indecisa pelo latão. Blocos de neve derretendo caíam livres de árvores

que davam para a cerca, provocando arrepios nos arbustos.

Midas cantarolava baixinho enquanto o leite para fazer chocolate quente

fervia. Sentia o corpo todo mais limpo nessa manhã, como se algo tóxico tivesse

sido tirado dele. Não tinha sido o sexo a fazer isso. Acontecera algo fora de seu

corpo, fora do corpo de Ida. Um tipo de colisão.

Naquela manhã, ele levou cinco minutos para sair da cama porque foi muito

cuidadoso para não acordar Ida. Sua cama sempre fora um objeto funcional para

deitar na hora de dormir e sair depois de ter feito isso, mas a cabeça de Ida e seus

ombros nus no travesseiro a transformaram. Suas mãos apoiadas no queixo e o

cabelo pálido cobrindo o pescoço eram ornamentais de uma forma que as partes

de vidro do corpo dela, escondidas sob os lençóis, nunca poderiam ser.

Ele retirou a bateria do relógio para assegurar-se de que o tique-taque não a

perturbaria. Rezou pelo silêncio da neve que derretia lá fora. Quando um carro

buzinou e as pálpebras dela se agitaram ele percebeu que ela teria de acordar em

alguma hora e decidiu tornar pacífico o despertar. Por isso o café da manhã

furtivo que lhe preparava agora.

A campainha tocou. Provocado pela interrupção, ele jogou fora o leite

quente. Mas provavelmente eram apenas Gustav e Denver e entenderiam que

essa era uma manhã que ele queria manter privativa.

Ele encontrou Christiana na porta, mexendo nos punhos de suas

"O que a levou a isso agora?"

"Sua mãe apenas... está ficando velha, senhor Crook."

"Por favor, não me chame assim."

"E seu nome, não é?" Ela começou a descarregar as caixas na calç {
mangas. A

estrada atrás havia sido salgada e a neve amolecida dava-lhe a
aparência de

cinzas.

"Olá", ele disse.

"Senhor Crook, vim trazer algumas de suas coisas. Da sua mãe."

"Minha mãe não tem nenhuma das minhas coisas."

Christiana pareceu irritada. Ela se virou e se encaminhou de volta
para seu

carro enquanto Midas a observava. Ele deu um passo para fora e
fechou a porta

para que o frio não pudesse passar para cima e acordar Ida. Enfiou
as mãos nas

axilas.

O carro dela estava cheio de caixas de papelão.

"Não são meus", ele gritou, sabendo exatamente o que eram.

"Mas está na hora de ficar com eles. Estão juntando poeira."

"Bom. Por mim, podem apodrecer."

"Agora você é quem decide."

ada.

"Vou destruí-las."

"Ótimo."

Ele lançou as mãos para o ar, mas logo ela havia acabado de descarregar as

caixas e estava voltando ao carro. Ela foi embora, com os pneus deixando

marcas na neve. Um minuto ou dois depois, Midas foi à calçada e começou a

trazer as caixas para dentro.

Antes de morrer, seu pai havia separado tudo o que tinha, embalado e

levado para o outro lado de barco. Midas esperava que essas caixas estivessem

cheias dos mesmos livros, diários, papéis e jornais que foram combustível para as

rápidas chamas do barco. Só que eram leves demais. Cada uma era etiquetada

com uma data, na letra de seu pai. Quando as trouxe para dentro, o chocolate

quente que havia preparado para Ida já estava ficando frio.

★

Ida acordou e se esticou. Sair da cama estava ficando cada vez mais difícil.

Pensou em chamar Midas para ter ajuda, mas sentiu-se patética. Em vez disso,

arrastou-se pelo carpete até o espelho.

Levantou a camiseta como Saffron Jeuck fizera no vídeo de Emiliana. As

trilhas na barriga endurecida pareciam piores nessa manhã. Haviam enrugado a

pele enquanto ela dormia, deixando linhas vermelhas que corriam verticalmente

em direção aos seios.

Ida virou uma perna para olhar o vidro do lado de fora do joelho. Através

dele podia ver jorros de sangue ainda pulsando sobre a transversal do joelho; o

tutano borbulhava roxo e cinza como um osso de frango.

Espirrou nas mãos e teve de limpá-las na camiseta porque não conseguiu

pegar os lenços a tempo. Sentia-se nojenta. Tirou a camiseta e jogou-a na pilha

de roupa suja de Midas. O movimento provocou uma dor dilacerante em sua

lateral e nas axilas.

O vidro estava crescendo aceleradamente. Havia se espalhado tão rápido na

semana passada que ela acreditava que, se permanecesse sentada por uma hora se

observando assim, poderia ver a pele perder o brilho e a transparência e tornar-se

mais clara. As marcas brilhantes que faziam um redemoinho em seu umbigo logo

iriam se preencher, para que a barriga toda se tornasse vidro e a pele,

borrachenta. Então ficaria transparente. E, não muito depois, órgãos como os

rins e intestinos se transformariam em vidro. Ida não gostava de pensar no que

lhe aconteceria nesse momento.

Deteve-se por um tempo nas lembranças da infância, sujando a barriguinha

com uma espiral de cola e jogando por cima um pote de purpurina.

Esticou-se para pegar as muletas e tirou-se da cama, indo à janela para abrir

a cortina. Era dia de mercado em Ettinsford e as freguesas caminhavam pela

neve que derretia, indo e vindo das barracas. Dois garotos em blazers baratos

dividiam furtivamente um cigarro. Duas senhoras mais velhas os observavam

atrás de uma caixa de correio, murmurando emburradas uma para a outra. Ida de

repente se sentiu antiga, decrépita. Largou a cortina e cobriu o rosto com as

mãos, fazendo uma careta.

No final, o que a tornou capaz de pentear o cabelo, colocar uma camiseta

limpa e enfrentar a escada era o homem lá embaixo e o isolamento de seu estilo

de vida. Com Carl longe e Henry Fuwa certo da impossibilidade de cura, ela

sentia um alívio agri-doce na solidão dessa pequena casa com terraço. Tinha

poucos visitantes, nenhuma televisão, quase vista nenhuma. Lá eram apenas ela e

Midas, guardados longe do mundo. Aqui ela podia se transformar silenciosamente em vidro, apenas com o amor a distraí-la.

Encontrou Midas inclinado na mesa da cozinha, cobrindo uma foto com a

palma da mão.

"Midas... Bom dia... Por favor, não finja que está tudo bem."

Ele levantou a mão da foto e a segurou para que ela a visse. Era uma foto

solitária de seu pai, tirada da parede. O rosto havia sido perfurado com um lápis.

"Você disse que era a sua única cópia."

"E é. Sabe por que fiz isso?"

Ela esperou.

"Para ver se eu me sentia mal. E claro que não me senti."

"Há caixas na entrada."

"São dele, claro. A acompanhante da minha mãe as trouxe nesta manhã."

"São do seu pai?"

"Sim."

"Não vai me dizer o que há nelas?"

"Não olhei."

"Mas... Midas... Eu achava..."

Ele ergueu as mãos. "Achou que eu seria idiota de olhar? Por Deus, Ida!

Cada uma delas é uma caixa de Pandora!"

"É o tipo de coisa que seu pai diria."

Ida esperava que a comparação o sacudisse, mas só o fez parecer mais triste.

Se ela pudesse se mover, saltaria nele para beijá-lo violentamente, mas, quando

chegou à mesa, o momento não mais parecia certo. "Olhe", ela disse, pegando a

mão de Midas (a pele estava fria, os dedos moles), "me lembro de que, quando

minha mãe morreu, alguns de nossos amigos olharam as coisas dela para nós,

então só tivemos de enfrentar os fatos importantes. Por que não me livro dessas

caixas para você?"

Ele murmurou algo e mexeu-se em seu assento, olhando para o chão da

cozinha.

"Isso foi sim ou não?"

"Pode se livrar delas se prometer que é tudo o que vai fazer. Apenas... sua

curiosidade vai levar a melhor sobre você. Você vai abrir. Não vai resistir a me

dizer o que há lá."

"Vou resistir." Mas ela suspeitava que Midas estivesse certo.

"Não, Ida... vão ficar fechadas. Talvez eu as tranque em algum canto. Não

vou usar minha sala."

"Isso é ridículo."

"Você acha, é?"

"Vai ser grosso comigo, Midas?"

"Sim. Porque você é que trouxe esse assunto."

Os punhos dela se apertaram. "Ou você pede desculpas ou eu simplesmente

vou embora."

"Desculpe. Não é isso. E que..."

"Vai se deixar derrotar por esse... por esse sentimento desgraçado de que as

coisas nunca mudam, por mais fodidas que se tornem? Se está bravo comigo por

tornar sua vida incerta, você pode deixar um bigode crescer e colocar uns óculos

de leitura e se tornar esse fragmento da sua imaginação que acha que despreza."

"Se fosse só imaginação, eu..."

"Não! Tudo o que você é, é esse corpo sentado nessa cadeira! Seu pai não

está com você, Midas, nem em espírito. Você fica voltando a ele para não ter de

assumir a responsabilidade pelas coisas que despreza em si. Eu tenho de ser

grossa com você porque não há tempo!"

Ele engoliu seco. "Vamos, Ida. Vai haver tempo pra nós."

Ela virou os olhos.

"Ida, espere, para onde vai?" Ele correu atrás dela.

Ela já estava entre as caixas. Cortou irritada a fita que mantinha fechada a

primeira. Com os punhos na boca, Midas a observou virar a caixa de ponta-

cabeça e derrubar o conteúdo no tapete. "Você não pode..."

Ela abriu outra caixa e a virou. Poeira e detritos caíram num jorro.

Uma a uma, ela foi abrindo as caixas. Quando pegou a última, hesitou. "Esta

é sua última chance."

Ele se aproximou e tirou dela a caixa. Chacoalhou-a, mas não fez barulho.

Tudo devia estar arrumadinho e compacto lá dentro. Ele pegou a fita. Sentiu o ar

velho quando quebrou o selo. Então fechou os olhos e virou a caixa de cabeça

para baixo. Na breve queda de objetos algo bateu num dedo de seu pé. Ele olhou

e viu os óculos de reserva de seu pai.

Diante da bagunça dos objetos no chão, ele se perguntava agora o que

esperava. Um terno de passeio, que estivera bem dobradinho na caixa, agora

estava amarrotado no carpete. Uma rosa amarela seca continuava presa em sua

lapela. Um relógio digital parado às 2h32 da tarde. Um carrinho de brinquedo

caído de lado. Midas o pegou suavemente. O metal era frio e as rodas estavam

tortas. Midas Crook, estava escrito com letra de menino (não a dele) embaixo.

Ele o colocou na palma da mão, não pesava quase nada. Esses itens eram apenas

restos de seu pai. Não tinha medo deles (parou por um momento para checar se

não havia perdido alguma coisa). Nenhum livro ou papel, nenhum recado do

além-túmulo. Apenas... lixo. Olhou para Ida, que estava sorrindo com orgulho.

Ele percebeu que esperava algum tipo de maldição do faraó, mas isso não houve.

Não era tão difícil ter essa bravura.

Midas não podia mais ficar ereto. Com um suspiro de alívio, sentou-se e

deitou-se entre as coisas velhas de seu pai e a poeira.

"O que vai fazer com elas?", perguntou Ida depois de um tempo.

"Jogar de um penhasco", ele murmurou.

Ela riu.

"Desculpe", ele disse.

"Pelo quê?"

"Eu não queria que esta manhã fosse assim." Ele se levantou. "Há mais uma

coisa."

Foi ao armário sob a escada e tirou um cofre em miniatura. Virou as combinações da fechadura, hesitou quando fez o clique, então abriu com

determinação austera. Tirou um livro de dentro, como se fosse o entupimento

do cano de uma pia.

"O que é isso?"

Estava encadernado em couro preto, com uma fita cinza costurada na

espinha como um marcador de página.

"O livro sujo dele. Primeira versão. Escrito à mão. Passado para mim." Ele

sorriu. "Nunca. Nem abri."

"Bom", ela disse, "isso é bom."

Seu pai acordou de noite, o coração chacoalhando no peito, e cambaleou até

o banheiro para cuspir na pia. Na escuridão sem cor, ele só viu um fluido cinza

escorrendo pelo ralo, mas podia sentir o gosto de sangue e bile e, quando

acendeu a luz, viu pontos vermelhos na pia, salpicados de cristais de vidro do

tamanho da cabeça de um alfinete.

Incapaz de dormir, foi ao sótão para terminar de arrumar as caixas. Então

pôs a mão sobre os olhos, cercado por bolas de papel amassado: tentativas

fracassadas de explicação por escrito. Todas as suas palavras estavam lacradas

naquele outro conjunto de caixas no andar de baixo, cheias de livros e papéis

prontos para as chamas. Por um momento, um sorriso estendeu-se em seus

lábios. Ele adorava a ideia de que sua vida havia sido dividida em duas. Sua vida

acadêmica, nos livros, decorrera separada da vida encaixotada no sótão, sua

coleção remanescente de experiência e sentimento.

Passou as mãos frias sobre a superfície de seu corpo, sentindo os braços

ossudos, a careca macia, o pênis e os testículos (pensando no curto esforço da

criação de seu filho).

Tentou se preocupar com o que Midas pensaria dele. Não se importava com

Evaline (ela encontraria outro homem, sem dúvida, aquele homem que lhe

mandara libélulas mortas), mas queria se preocupar com o garoto. Ainda assim...

toda vez que tentava, sentia a estrela de vidro comprimindo seu diafragma, a

pressão do sangue forçado através das veias. Então sentia medo e sabia o que

aconteceria a seu corpo. Ele havia feito sua pesquisa. Não queria deixar uma

estátua petrificada para impressionar os outros.

Finalmente, escreveu Querido Midas e, ao escrever isso, sentiu as outras

palavras que queria dizer fluindo pelo seu braço e em sua caneta, como se essas

duas fossem o abrigo que mantinha as outras encurraladas.

Ele não tinha certeza se o Midas a quem se dirigia era seu filho ou ele

mesmo, ou um amálgama de gerações. Às vezes se perguntava se não estava

escrevendo a Evaline ou a seu próprio pai, com quem havia terminado de forma

tão ruim. Ou talvez sua mãe austera, ou alguém estranho a ele: a cria de seu filho,

que nunca conheceria, ou uma afilhada, que nunca conheceria. A única coisa

certa é que nunca se sentira assim escrevendo: era confessional, pessoal, quando

antes fora uma procissão de teorias e críticas. Páginas preenchidas com linhas

pretas como comboios e formigas, e, mesmo quando seu coração queimava e

pesava como rocha derretida, ele conseguiu manter as palavras fluindo. Elas

acabaram abruptamente, mas eram exatas. Ele sabia que não precisaria refazer

essas páginas. Quando tentou abaixar a caneta, os músculos de sua mão travaram

na posição de escrita.

Havia escrito quase exclusivamente sobre o vidro florescendo em seu

coração. Sobre o ruído vazio das batidas desse órgão, como uma taça de vinho

atingida por um garfo. Sobre a dor que sentia quando enfrentava um lance de

escada, ou andava rápido demais pela rua para comprar um jornal. A mesma dor

que o penetrava sempre que seu pulso acelerava. Um toque da mão de sua

esposa podia fazer isso, fazer seu peito se encher de fagulhas. A fotografia de

uma biblioteca que seu menino havia deixado na mesa do escritório fizera isso,

havia pressionado seu esôfago e enfiado garras em seus pulmões.

Ele se inclinou na cadeira e se perguntou o que seria dessas novas páginas.

Era tarde demais para passá-las adiante: era o risco da formação de um momento

emocional e uma coisa dessas poderia deter seu curso de ação. Não, uma ideia

melhor lhe ocorreu. Ele bateu o dedo indicador nas lombadas de uma prateleira

até que encontrou o primeiro rascunho de Sobre a beleza, que havia encadernado

num couro escuro como melado. Era inútil voltar à cama, porque, agora, tanto a

dor em seu peito quanto a sua empolgação o haviam deixado elétrico. Vestiu o

paletó de tweed e veludo *côtelé* e foi ao carro com Sobre a beleza numa mão e sua

carta recém-rabiscada na outra. Livros. Leitura. Mágica de caneta e papel. Seu

menino ainda tinha de descobrir isso, mas talvez a leitura dessa carta fosse o

ponto de virada. Ele havia escrito sobre tudo o que o aterrorizava e mais. Havia

descrito os raios X, o momento em que confrontara pela primeira vez a

cartografia negra, transparente de si mesmo. Acreditava que essa carta seria a

conexão de pai e filho com a qual sempre sonhara, desde o dia em que o garoto

foi concebido.

Saiu dirigindo sob as estrelas, em estradas mortas até Glamsgallow.

Estacionou fora do pequeno encadernador, a carta e o rascunho encadernado

prontos em seu colo: esperando pela aurora, a hora de abertura, uma chance de

acertar as coisas.

★

Midas e Ida dirigiram em direção a Gurmtón, pegando a estrada alta do topo do

penhasco. Uma neblina estava depositada sobre o mar, tornando difícil dizer a

que altura eles estavam. Quando estacionaram num mirante deserto e Midas

arrastou as caixas até a margem do abismo, ele parecia estar parado à beira de um

lago de nuvens. Travesseiros brancos se estendiam até o horizonte. Era mais

divino do que ele desejava que fosse.

A primeira coisa que tirou das caixas foi o terno de passeio de seu pai.

Segurou-o ao vento, que o agarrou antes mesmo de ele o soltar, tirando-lhe as

calças da mão e depois roubando o paletó. As roupas se agitaram ao longe na

neblina. Os óculos de seu pai se seguiram, girando no ar. Um velho lenço que ele

nunca vira o pai usar desceu pelo vapor como uma borboleta afogada. Peça por

peça, deixou os restos de seu pai esvaecerem e, quando todos haviam sido

jogados do abismo nas nuvens, lançou as caixas.

Finalmente, havia o livro, que Ida lhe passou com certa cerimônia.
Por um

momento, ele pensou duas vezes e se perguntou se, caso conseguisse decifrar a

escrita acadêmica, poderia descobrir por que o pai decidira abandonar a vida.

Mas segurou-o nas mãos e passou um dedo na capa, com cuidado para não

forçar a lombada quando abriu pela primeira vez na vida as páginas secas do

livro; tinha a viva memória de seu pai fazendo os mesmos movimentos

ritualísticos. Arrancou as páginas e as jogou furiosamente no ar. Elas

enfrentaram o vento como criaturas amedrontadas, batendo umas nas outras.

Então uma coisa inesperada aconteceu: ele gritou involuntariamente "Não!".

Buscou as páginas que dançavam loucamente, a escrita de seu pai girando no céu,

mas já estavam fora de alcance, passando pelas nuvens. Tropeçou tentando pegá-

las e Ida teve de agarrá-lo para impedi-lo de ir até a margem do abismo. Ela o

puxou de volta dali, perdeu o equilíbrio e caiu de lado na grama, agarrada ao

braço dele, puxando-o acidentalmente para baixo. Ela gritou ao cair, mas o corpo

de Midas amorteceu sua queda. E, apesar de ofegar por alguns minutos, ela não

devia estar tão atormentada, porque mantinha a bochecha colada nele.

Permaneceram assim, de rostos apertados e olhando para o mar, diante de um

horizonte infinito de nuvens.

Assim continuaram sabe-se lá por quanto tempo, ele maravilhado com a

leveza do corpo dela, exceto abaixo dos joelhos, onde podia sentir o vidro a

puxá-la para o chão.

Então ele sentiu uma lágrima no rosto dela. Alarmado, limpou-lhe a

bochecha. Sua pele estava macia e seca. Tinha sido apenas uma gota de chuva.

Outra caiu na grama ao lado deles. Pilares da neblina do mar haviam se erguido

no ar sobre eles e estavam se expandindo em nuvens de chuva. Ida sentou-se

cuidadosamente. Midas ficou de pé, ajudou-a e a estava conduzindo de volta

quando ela o parou dando uma batidinha na sua cintura com uma muleta. Ida

apontou para um ponto na grama em que uma página amarrotada tinha caído. A

chuva tateava cuidadosamente ao redor.

Ele se lembrou de como se sentira sufocado quando as páginas do livro

voaram nas nuvens. Aproximou-se nervoso da página que sobrara e a pegou.

A chuva e a umidade da grama haviam borrado a tinta, transformando cada

letra numa mancha de preto e azul. Era indecifrável, além das duas primeiras

palavras, colocadas separadas no alto da página.

Querido Midas.

Isso trouxe um nó à sua garganta. Agora as outras páginas estariam a

quilômetros em meio à neblina opaca, mas não importava o que estava escrito

nelas — o esforço e a discrição de seu pai eram suficientes. Se as palavras fossem

dolorosas, o pai teria falado livremente, nunca chegando a tanto trabalho. Midas,

deliberadamente, amassou a página. Mas não a jogou junto com as outras.

Colocou-a no bolso da camisa, virou-se para Ida e abriu um sorriso que se

tornou genuíno quando ela pressionou seus lábios nos dele.

★

Diferentemente da costa sul onde Midas e Ida agora estavam, as praias do leste

do arquipélago estavam claras e os topos dos abismos davam para uma angra de

rochas pontiagudas e navios naufragados. Henry Fuwa se sentava com as pernas

balançando sobre o abismo e o vento balançando sua calça. Ele tirou o coração

de vidro de Midas *Crook* do saco, saco que o vento levou alto para o ar, amassou

e inchou como um baiacu para carregá-lo ascendendo em direção ao horizonte

rochoso.

Colocou o coração no colo. A cor de sua calça se distorcia atrás dele.

"Você e eu mal nos conhecemos", ele disse, "e ainda assim tentei tanto

entendê-lo!"

Papagaios guinchavam numa pirâmide distante de rochas.

"Percebi como não foi você quem me perturbou ao longo dos anos, mas o

que estava acontecendo com você."

Bateu as unhas no coração de vidro.

"Claro, você lidou mal com as coisas, descontou nos outros. Nunca as

encarou. Então eu odiaria que você pensasse que mantive isso por solidariedade.

Manter isso foi só... Uma espera até eu entender. Agora que entendo... Percebi

que covarde você foi no final. Por se matar em vez de lutar. Porque... E se?"

Pegou o vidro frio e avaliou seu peso nas mãos. Podia sentir a queda do

abismo por meio de suas botas. O vento mandava seu cabelo para trás, estudava

seu rosto com a chuva e afastava os lábios de suas gengivas.

Pensou no corpo no pântano. "Você parou de acreditar; não pensou, há

muito tempo, que poderia haver um 'e se'? Então, e se você se transformasse

inteiro em vidro, poderia transformar-se de volta?"

Ele mesmo não acreditaria nisso. Mas a questão era se devia ter um pouco

mais de esperança.

Jogou com indiferença o coração abismo abaixo. Ele mergulhou em ondas

raivosas. Deu-se uma explosão de espuma com milhares de cacos de vidro, que

se expandiu e contraiu numa batida final do coração, antes de sumir no mar.

Ele suspirou. Seus pensamentos estavam cheios de Evalines em órbita.

"Também não acho que haja um e se", ele disse, "mas ainda espero encontrar."



{36}

om Midas fora, trabalhando na floricultura, Ida não achou a casa tão aconchegante. Percebeu que estava simplesmente esperando a C sua volta e decidiu sair. Lutou morro acima contra flocos de neve que diminuían a velocidade de seu passo e chegou ao local mais próximo em

que pensava poder se sentar sem ser perturbada. As árvores no cemitério da

Igreja de São Hauda abriam as garras em direção a suas irmãs nos bosques logo

acima.

Única alma na igreja, ela se sentou num banco acolchoado e sentiu o cheiro

de cera de vela antiga. Um vitral mostrava o anfitrião do céu observando

impassível são Hauda que voava pelo estreito de Ettinford, carregado sobre a

água por uma revoada de pardais. A cor havia se apagado no vidro e era

iluminada agora, como ela imaginava ser inevitável, de forma monocromática.

Flores brancas desabrochavam num vaso do altar. Ida supôs que as flores tinham

vindo da floricultura Catherine's.

Um vigário deslizou por uma porta da sacristia no saguão da igreja, limpou a

prateleira de hinos e desapareceu novamente. Uma Bíblia estava depositada

numa prateleira presa às costas do banco à frente dela. Ela a empurrou

suavemente para o lado e colocou a cabeça na madeira.

Quando menina, havia testemunhado um deslizamento de terra. Um abismo

cedendo à água. Estava fazendo piquenique com os pais do lado oposto da baía

onde aquilo acontecia, olhando enquanto o sol forte encontrava o calor dourado

nos penhascos. Havia sido um dia calmo e o mar estava plano e azul. Então, de

repente, as rochas na baía começaram a deslizar em direção ao mar, como se

tivessem sido fatiadas por um cortador de queijo. Pedras cúbicas se libertaram da

costa em câmera lenta, traçando uma trilha de purpurina amarela de arenito que

se chocava com a espuma do mar. Em trinta segundos, a forma do penhasco

mudou para um monte de entulho com pedras e grama e o mar passou a bater na

pedra âmbar que a terra havia cedido.

Ela, às vezes, se perguntava o que acontecera invisivelmente no interior

daquele penhasco. Que fendas e rachaduras escondidas haviam preparado pouco

a pouco a sua rendição final. Nos últimos dias surgiram dores em partes de seu

corpo que não existiam antes. Dor em uma costela. Dor no comprimento de sua

espinha. Uma dor dentro da coxa que parecia ter o tamanho de uma cav

redor. A última entrega em sua lista o levou ao abismo de granito {
erna.

Olhou para os outros vitrais na igreja. Grande parte dos santos
havia

desbotado como são Hauda. Seria necessário alguém com um
conhecimento

bíblico do nível de seu pai para saber que figura era aquela; para
Ida, eram todos

impassíveis, belos fantasmas. Uma mulher virginal com uma urna
era a mais

próxima. Olhando através do rosto e das vestimentas dela, Ida
podia distinguir o

movimento de uma árvore no cemitério além, balançando seus
galhos no vento.

Ela se sacudiu então; levantou-se com esforço e deixou a igreja de
muletas,

com seus passos ecoando no telhado bem acima.

★

Midas passou a manhã fazendo entregas de buquês por Ettinsford e
as vilas ao

depois de

Tinterl. O penhasco era uma espinha de morros estreitos que iam
das ilhas a

Lomdendol Tor. Ele não estivera lá desde o funeral de seu pai e ficou surpreso

quando recebeu o pedido. O endereço remetia à sua infância: os precipícios

inabitados ao redor de Wodenghyll Force, uma grande cachoeira do tamanho de

cinco casas cujos borrifos anunciavam sua presença como a fumaça indicava uma

fogueira. Dirigindo morro acima a partir de Ettinsford, parecia que cada fenda

em cada rocha sangrava um fio de água cristalina trazida pela pesada nevasca.

Diferentemente da maioria das coisas na ilha, as faces cinzentas das rochas e as

estéreis áreas repletas de corvos eram tão grandes quanto as de que ele se

lembrava da infância. Pequenas cataratas caíam das rochas em poços profundos,

espirrando água em estradas esburacadas.

As quedas-d'água do penhasco de Tinterl nunca foram atraentes para os

turistas. Mesmo a fúria do jorro de Wodenghyll Force não era capaz de tirar os

visitantes das praias e da vida marinha. Era tão dramática quanto qualquer

trabalho da natureza, mas carecia de grandeza em sua selvageria.
No velho mapa

da ilha de seu pai, Wodenghyll tinha a maior anotação.

Um uivo ecoante de morros

*Um tordo outrora levado pela água, depois partido — ossos
entortados e amassados.*

*Aqui a natureza é autodepreciativa — cada saliência de rocha, um
martírio para os*

olhos.

Bom.

Trepadeiras e succulento musgo preto haviam crescido a partir do
mirante

acima de Wodenghyll Force. Os pneus de Midas os estouraram
como lesmas

quando ele estacionou. O buquê estava ao lado dele no carro, um
pequeno maço

de caules e pétalas. Borrifos da cachoeira sujavam o céu, mas ele
ainda podia ver,

bem ao longe, o bosque repleto de nuvens da ilha.

Havia, entretanto, um carro familiar: o único veículo além do seu
estacionado no mirante.

Carl Maulsen estava jogado no banco do motorista roendo as
unhas. O

primeiro pensamento de Midas foi chamar a polícia, mas havia algo derrotado na

postura de Carl. O início de uma barba suja, prateada, pendurava-se de seu

queixo. Midas esperava a subordinação intimidada que sentira no passado ao

redor de Carl, mas ela não se materializou. Caminhou e bateu fracamente na

janela, aproveitando a sua nova confiança, o que Ida dizia ser bravura. Carl

hesitou antes de descer a janela.

"O que é isso?", perguntou Midas.

"Um pedido de desculpas."

Os bancos de trás estavam cheios de tapetes e travesseiros, uma mochila e

uma sacola. Cheiro de gente saía pela janela.

"Você esteve dormindo aqui?"

Carl abriu a porta do passageiro. "Não posso voltar para o chalé. Entre, por

favor."

Midas negou o pedido. Havia se inclinado para ouvir o que Carl tinha a

dizer. Todas as outras vezes em que se encontraram, a voz de Carl tinha sido

forte e encorpada. Agora, os espaços entre as frases eram preenchidos pela fúria

das águas.

"Vou embora, Midas. Talvez para os Estados Unidos. Longe dessas ilhas,

isso é certo."

Midas ficou em silêncio.

"Acho que os lugares se apoderam da gente e nós nos tornamos meros

pedaços da paisagem, assumindo seus costumes e tolices. Há lugares no

continente - talvez você seja jovem demais para entender isso — a que não

posso retornar sem sentimento, sem me tornar, coisas que achei que havia

resolvido e finalizado. O campus da minha universidade, uma praia em

particular, um certo cinema. Apenas por causa de Freya Ingmarsson. Ela é o

motivo pelo qual me mudei para St. Hauda's Land, não vê? Mesmo que já

estivesse morta quando me mudei para cá. Freya era uma pessoa de sol e barcos

e este lugar não tem nada a ver com ela. Foi um bom lugar para fugir dela. Mas

eu trouxe pedaços de Freya comigo. Uma ferradura, um cartão de Natal. Tentei

começar de novo, mas trouxe pedaços dela. Quando Ida veio ficar... Midas, só

me serviu para lembrar quanto eu amava Freya." Ele grunhiu, cobrindo o rosto

com as mãos. Seus dentes estavam manchados de nicotina, tortos e serrilhados.

Midas se lembrava deles retos e brancos.

Midas olhou a forma monstruosa dos borrifos se erguendo de Wodenghyll

Deep, onde as cataratas haviam escavado um lago. Os borrifos traziam leves

flocos de neve quando caíam.

"Você é um covarde, Carl", ele disse, sentindo um nível de resolução que

mal conhecera dias antes. Perguntava-se se esse sentimento era aquele a que Ida

se referia quando falou sobre ansiar por sentar-se num barco em águas calmas.

Um sentimento firme no plano espiritual, sustentado pela grande profundidade

de pressão domesticada.

"Você tem medo demais de admitir que o mundo não gira ao seu redor.

Acha que até a paisagem é subordinada a você. Pode-se ir bem longe na vida

com uma atitude assim, posso dizer isso mesmo sem ter tido essa coragem. As

pessoas nos respeitam quando têm medo de nós. Mas não acho que se pode

amar e ser assim."

As mãos de Carl estavam tremendo quando ele as colocou na direção. "Eu

amava Freya."

"Mas ninguém pode dizer que vocês dois estavam apaixonados, Carl. Há

uma diferença e acho que, no final, a diferença era que ela tinha medo de você

como todos os outros."

Não havia mais nada a dizer e Midas se virou e caminhou de volta ao carro.

Jogou o buquê no chão e tomou o caminho de casa e de Ida.

★

Carl permaneceu no carro com a porta aberta. Os borrifos entravam, fazendo o

interior do carro parecer um quarto úmido de casa velha. Carl se sentiu como um

pedaço de mobília apodrecendo ali dentro. Olhou para o horizonte imediato, a

queda repentina de Wodenghyll Deep, sabendo que tudo o que seria necessário

era virar a ignição e pisar no acelerador.

Imaginou a água batendo ao redor dele, empurrando-o lago abaixo, o rosto

primeiro, sem ar, brita em sua boca e ossos de peixe. Era isso ou seguir em

frente, mudar-se para algum lugar novo, esperar que os sentimentos não

solucionados em seu interior regurgitassem. Não podia suportar nenhum dos

dois fins; e se fizesse o seu próprio, então? Carl não acreditava na vida após a

morte, mesmo que tivesse precisado disso quando Freya morrera. Ele foi mais

forte do que isso.

Mas, de repente, pareceu que a força foi o fracasso que Midas identificara.

Ser forte o havia iludido; como explicar que um fraco como Midas tivesse

rastejado em seu caminho para o amor e o encontrara? Ele riu alto e

amargamente, então parou de rir.

Essas emoções o haviam arruinado, essa ânsia por uma mulher há muito

falecida tornara-se poderosa como um poço sem fundo dentro dele, a ponto de

sua maior esperança parecer agora a desapropriação do próprio corpo.

Considerou que dirigir para Wodenghyl Force seria ir além dos corpos, ao nada

onde Freya estava. Onde pelo menos Charles Maclaird não estava. Ainda.

Ligou a ignição. O motor chiou e morreu. Tentou de novo, mas não deu

certo. Saiu, levantou o capô e checou as partes mecânicas. O motor não dava

partida. Carl fechou a jaqueta e sentiu o borrifo da cachoeira infiltrando-se em

suas roupas. Estava com frio. Tentou dar partida novamente, em desespero.

Xingando o carro, pegou seu telefone celular do porta-luvas e o ligou. A bateria

havia acabado. Ele estava dormindo em seu carro e não a havia recarregado.

Uma fúria repentina se apoderou dele. Rosnou, a saliva voando na água e na

neve e voando de volta no vento para acertar seu queixo. O barulho de sua

explosão foi engolido pela batalha incessante das quedas-d'água.

Andaria até a porra de Tinterl, pegaria pela gola o pastor da igreja lá, ou

arrombaria a porta de alguma cabana e exigiria abrigo do frio. Estava disposto a

usar força e ameaças se fosse necessário.

Saiu, cambaleando levemente num vento que havia começado a uivar sobre

a lateral do penhasco e que o acertava com borrifos maiores e gotas congelantes.

Continuou caminhando e praguejando pela estrada, pisando na água das quedas

menores, saltando sobre córregos. Calculou mal um passo e molhou os pés. Seus

dedos ficaram instantaneamente frios e pensou em Ida fugindo dele em Enghem

Stead. Sentiu-se enjoado de ser quem era, enjoado de ter feito todas as coisas que

fez. Ainda bem que o garoto Crook a tinha encontrado.

Um brilhante céu branco feriu seus olhos.

A estrada fez uma curva. Ele sentiu o vento tentando abrir suas pálpebras.

Chuva e neve o atingiam e andou com os ombros caídos contra o gelo que

espirrava. Fatigava-se, achando impossível prosseguir, deslizando em trilhas de

água congelada do asfalto. Virou-se para outra curva e parou. À sua esquerda, o

morro descia um longo trecho, à direita se erguia alto, e uma grande camada de

neve havia deslizado para cobrir a rua. Respirou profundamente e tentou passar

pela camada, mas seu pé afundou e ele caiu. Seguiu em frente de quatro, cada

braço e perna afundando mais do que esperava. Quando finalmente saiu da neve,

seus dentes batiam e o hálito cristalizava no ar. Limpando a umidade do rosto,

tentou adivinhar até onde teria de ir. A estrada descia à sua frente, serpenteando

por rochas e penhascos na distância obscurecida pela chuva com neve. Nenhum

sinal da igreja de Tinterl ou de qualquer outra construção.

Um pânico doentio se apoderou dele. Teria ido para o lado errado? Não

conseguia ver atrás do monte de neve. Prosseguiu cambaleando.

A chuva ficou mais densa, fechando-se numa parede de plumas. Por um

momento, Carl pensou ter visto uma figura de mulher feita das partículas de

neve, seu cabelo ártico a flutuar na ventania, mas ela estava de costas para ele e

ele não podia dizer se era Freya. Ela desapareceu tão rápido quanto apareceu.

Seus membros estavam duros e não respondiam ao comando. Convenceu-se de

que não conseguiria chegar à igreja de Tinterl. Perguntou-se se as pernas de Ida

estavam tão anestesiadas como as dele lhe pareciam. Deitou-se na neve no meio

da estrada.



{37}

la observava os vapores se erguerem de turfas, tornados visíveis pelo

frio. O branco leitoso do céu refletia-se nos canais e num rato morto no

E acostamento, com o rabo e as pernas traseiras crucificados por marcas

de pneu.

Num confortável silêncio, eles passaram por árvores enroladas em malhas

de musgo verde, por poças densas e trilhas de turfa congelada.

Toda vez que ela se esquecia da ausência da pele por baixo das meias, se

esquecia do vidro preso em suas pernas por fechos feitos por seus próprios

ossos, parecia que a tentativa de alguém no sentido de curá-la perturbava aquela

serenidade. Midas insistia em visitar Henry novamente, em cruzar os pântanos

enquanto os preciosos dias dela se esvaíam.

Cura e preservação haviam sido a conversa de Carl. Toda essa baboseira que

ele lhe mostrara sobre Saffron Jeuck, falando em termos vagos sobre frear a

transformação.

A cabana se aproximava, com folhas de hera nas paredes parecendo algemas

na brisa. Ela forçou um sorriso fraco para Midas, querendo apenas ficar sentada

com ele e passar por paisagens sem fim.

Henry não estava em casa.

Olhando através da janela suja, viram uma bagunça na cabana.
Livros se

espalhavam abertos no chão da sala, entre pilhas de papel.

Midas coçou a cabeça. "E agora?"

Um pássaro gritou agudamente em algum canto do pântano.

"Midas", ela disse, quando estavam parados lado a lado no jardim de Henry,

"para dizer a verdade, estou feliz por não encontrar Henry aqui. Não quero mais

procurar uma cura."

"Mas..."

"Shhhh", ela disse gentilmente. "Quero te mostrar uma coisa."

Ela o levou ao curral do gado de asas de borboleta. Tentou abrir.
Não

estava trancado. Ele a seguiu pela porta e sentiram o cheiro forte de estrume. Ela

abriu a porta interior para revelar o quarto das gaiolas balançando.

Ida encostou uma muleta na parede e usou a mão livre para pegar a mão de

Midas. Ela foi ao centro do curral e lhe disse para ficar bem parado.

O rebanho ajustou o voo ao redor deles, uma cascata de odor

{

embolorado,

de pelos e asas. Ida arfou quando um touro pousou em sua cabeça e esfregou os

chifres em seu cabelo. Outro se sentou ao lado desse e um no ombro de Midas, e

outro e outro, até que o rebanho todo tomava ombros e cabeças, roncando e

balançando as cabecinhas, batendo as asas e pisando com seus pés de palito.

Então, os dois começaram a se abaixar musicalmente no espaço entre eles.

Ela o puxou mais perto até que ficaram a centímetros um do outro, com as vacas

zumbindo e os touros bufando em sinfonia. Um bezerro com asas azuis

encostado em sua mão levantou a cabeça e mugiu como uma nota de flauta.

"Não vou ser curada", ela sussurrou. "Vamos esquecer isso por um momento."



os mapas das ilhas, as areias ao norte de Clammum-on-Drame eram

uma mão esticada tentando em vão espantar ventos árticos.

N Geólogos alegavam que as areias, muito tempo atrás, tinham sido

duras planícies montanhosas que um terremoto na Antiguidade havia rebaixado

ao nível do mar. Uma evidência disso era que cuboides de granito se erguiam das

praias cinzentas, achatados ou partidos em diagonais.

O carro com Ida e Midas rodava pela rua de concreto que atravessava as

areias movediças, deixando marcas de pneu na camada profunda da areia sobre o

caminho. O destino deles era Clammum Knoll, um pequeno morro que descia

levemente na parte mais ao norte das areias.

Aconchegaram-se próximos, num banco no alto da colina, vendo o mar ou

olhando para as praias que brilhavam cortadas pela rua e pelos canais inundados

de água salgada. Tristes cegonhas e maçaricos tomavam esse e aquele caminho,

um cormorão grasnava da casca de um barco naufragado que ficava na praia

como um esqueleto de baleia.

Ao norte havia um horizonte opaco. Essa era a primeira parada do vento

desde que varrera as geleiras e massas de gelo flutuantes. Hoje ele simplesmente

sussurrava e não penetrava a face da água.

"Eu sempre quis ir ao Polo Norte", disse Ida, apontando ao longe.

"Você irá."

"Eu não duraria dois segundos."

"Você não sabe..."

O sal do oceano secou e sumiu com as lágrimas salgadas nos olhos dela. Ida

evocou seu pai salgando um filé de bacalhau com suas recordações distantes,

quando o clima ruim entre eles estava na pior fase. Buscou o mar infinito diante

dela e se perguntou quanto sal se encontraria se fosse fervida toda a água.

"Já viu o fundo do mar?", ela perguntou, sabendo que a resposta seria não.

Queria falar disso e reviver a experiência. "Bem no fundo, é como o crepúsculo.

Você pode ver trilhas de sal na água, como fantasmas."

Midas balançou a cabeça, sorrindo. "Nunca vi nada disso. Sempre me

surpreende tudo o que você já fez mais que eu."

"Não por muito tempo."

"Não fale assim."

"Só estou dizendo que... adoro ficar sentada com você, assim."

O mundo era monocromático à semelhança do dia em que se conh

"Na verdade, ainda morro de medo, mas... muitas coisas. Rasgar o l
{

eceram,

o mar negro como vinil. O cormorão no casco naufragado decolou e
voou sobre

a água.

"Midas... Eu adoraria me sentar assim com você num barco."

"Tudo bem."

"O quê?" Ela não esperava que ele dissesse isso.

"Tudo bem", ele disse, mais devagar dessa vez.

Ela continuou, antes que ele tivesse chance de voltar atrás. "A
previsão do

tempo é de que estará bom amanhã. Vamos alugar um barco e ir o
mais longe

que pudermos. Desde que o mar esteja manso, creio que consigo remar um

pouco."

Ele engoliu seco. "O.k."

"Midas! O que despertou o desbravador dos mares em você?"

ivro do

meu pai foi... libertador. Te devo isso."

"Ah, então quer me pagar."

"Não. Hum, bem, sim, mas não assim."

"Como?"

"Acho que não há como eu lhe pagar o suficiente."

Ela virou os olhos. "Não seja tão sério."

"Mas..." Ele abaixou a cabeça.

Ida o empurrou de brincadeira. Midas se sentou, com um olhar magoado,

então ela o empurrou novamente. Dessa vez, ele a empurrou e ela gritou caindo

na grama.

"Jesus", ela gritou, "não consigo nem me sentar."

"Desculpe."

"Não, não, só me ajude a ficar de pé. Minha barriga está fria. Congelando.

Por toda a cintura."

Ele a ajudou.

O lugar onde estavam era um nível de concreto elevado que a maré teria de

levantar seis pés para cobrir, então a colina estava segura quanto à invasão da

água. O pôr do sol, como um ferreiro, estava moldando o céu em lâminas

vermelhas brilhantes.

Sentaram-se em silêncio e viram o sol brilhar. Ela pousou a cabeça no

ombro dele. Ele colocou a sua no alto da cabeça dela.

"Eu deveria tirar uma foto."

"Não. Apenas se lembre disso, de nós aqui."

Ele engoliu seco.

Ela sorriu. Era o tempo e o local exatos.

Então, beijaram-se. O vento soprava sobre eles.



{39}

ntes de seu próximo turno na floricultura Catherine's, ele deixou

A para Ida um ramo de narcisos amarelo-claros na mesa. Ela se sentou com eles escrevendo em cartões de Natal que pedira para Midas escolher, já que se cansava só de pensar em fazer compras.

Midas tentou escolher cartões de que ela gostaria. Ida sabia, pelos antigos

que ele guardava, quais eram seus gostos. Fotos em preto e branco de natais do

passado. Mães de rosto fechado segurando as mãos de crianças arrumadas em

ruas de pedra. Postes com lampiões a gás brilhando sobre a neve. Portas de igreja

adornadas com coroas de azevinho. Apesar dessas fotos monocromáticas que

amava, aquelas que Midas escolheu para ela eram lindas e coloridas. Um

conjunto de quatro mostrava imagens de renas em vales nevados. Um fauno

malhado olhava com olhos esbugalhados de um ramo grosso em que amoras

vermelhas traziam o tom vermelho de sua pele. Uma corça ficava entre os galhos

horizontais de um carvalho caído, usando um cômico chapéu de neve azulada.

Um veado e sua companheira esfregando o elegante pescoço sob ramos de visco

verde pendurados.

Ela abriu o primeiro cartão de Natal e pôs um cartucho de tinta na caneta-

tinteiro. Distraidamente, escreveu Mãe e Pai, então rasgou o cartão e abriu outro

para escrever apenas Pai. Abaixou a caneta, respirando pesadamente. Uma onda

quente apertou seus intestinos e fez o sangue correr para a cabeça. Ela se

concentrou em respirar.

Antes de Midas sair, ela lhe disse que estava se sentindo melhor. Não

mencionou que sua cintura estava cheia de um novo tipo quente de paralisia.

Como uma borbulha insaciável no interior da sua pele. Uma lanosidade em seus

másculos era interrompida regularmente por essa queimadura. Ela podia

imaginar o que significava.

Seus dedos arranharam a tinta da mesa enquanto a dor flamejou novamente.

Ela rangeu os dentes. A agonia diminuiu e ela suspirou. Quando contou a Midas

sobre se sentir melhor, o alívio no rosto dele provocou o maior dos seus sorrisos

e ele a beijou sem hesitar.

Apesar de tudo, era verdade, mesmo com seu corpo podendo doer mais do

que nunca, por causa dele. Dele e dela.

Suspirou. Imaginar tornando-se vidro a fazia se sentir c

dividindo a sua primeira respiração no mundo. Então isso {

omo se um alçapão

tivesse aberto dentro dela e toda a sua coragem houvesse escorrido. Ela pensou

em quão jovem era para estar sofrendo assim, e como isso fazia tudo parecer

menos merecido. Ainda assim havia feito todas as coisas da juventude, e mesmo

quando saltara (o ar assobiando no ouvido, o cabo de *bungee jump* espiralando

atrás de si) não sentira nada tão compulsivo como a vontade que tinha agora de

se agarrar a Midas. Seria impossível para ela dar-lhe a notícia de que não estava

melhorando. Ela podia sentir a invasão do vidro como um animal sente o tremor

antes do terremoto. Ele não entenderia se ela lhe contasse.

Ela sentira uma colisão com ele e sabia que quisera isso a vida toda: trombar

com alguém em tal velocidade que se fundisse nele.

O momento viera não no pico da paixão de uma noite, como ela esperava,

mas na manhã, quando os olhos de ambos se abriram ao mesmo tempo e

buscaram foco um no outro. Eram recém-nascidos, de olhos esbugalhados,

acabou tão rápido

quanto tinha vindo. Midas corou e afastou o olhar dela. Ida se estendeu para

segurar o rosto dele.

Agora que ela havia sentido o momento, tudo o que queria fazer era senti-lo

de novo. Quando ele saiu pela porta para trabalhar naquela manhã, ela sentiu a

temperatura do quarto diminuir, a dor em sua pélvis redobrar, a pele em sua

cintura se ferir. Imaginara que seria prazeroso fingir que haveria um futuro.

Escreveu *Feliz Natal, pai*, de Ida, colocou o cartão no envelope, e hesitou

com a língua a um centímetro de lamber a cola. Tirou o cartão de novo, abriu a

caneta e escreveu:

... além disso, pai, há uma chance de que não nos vejamos por um tempinho. Quero lhe

dizer quão feliz tenho estado ultimamente. Conheci um cara. Não sei se você vai querer

conhecê-lo em breve, então deixe-me falar dele. Ele era muito tímido no começo, mas consegui

entendê-lo. Ele tem uma casinha numa pequena cidade da ilha. Você iria gostar daqui. Como

você costuma dizer: dá para ouvir seus pensamentos de noite. Ele é fotógrafo. E,

principalmente, você deve saber que estou apaixonada. Acho que você disse uma vez que o amor

é o que importa. Eu concordo de todo o meu coração.

Tendo acabado o espaço no cartão, ela soprou a tinta. Colocou-o no envelope, selou-o e

saboreou o gosto do selo na língua.



Durante a noite, o botão de uma rosa gorda da loja havia derrubado pétalas

como pedaços queimados de fita num vaso de vidro. Midas olhou tristemente

para os planetas vermelhos perdidos no cosmo da água e pensou nas pernas de

Ida. Naquela manhã, haviam acordado juntos e ele não reconheceu a própria

cama ou o barulho da rua lá fora. Não reconheceu a sensação de seus velhos

cobertores em sua pele. Não reconheceu Ida; era como se a visse pela primeira

vez. Como se ela fosse a primeira coisa que ele via.

Colocou as rosas saudáveis num vaso novo e jogou o conteúdo do primeiro

na pia. As pétalas rodopiaram no aço inox e se prenderam no ralo. Ele foi à

janela e arranjou bulbos de madeira entre tulipas. Havia algo conspiratório nas

plantas. Frequentemente sentia, quando estava sozinho numa sala com elas, as

pétalas sussurrando numa frequência abaixo da audição humana. Lá fora, uma

neblina fraca dominava a rua e a fazia parecer um palco de show cheio de gelo

seco. A cidade além era apenas imaginação.

Ele suspirou. Queria que seu turno acabasse logo. Queria voltar para Ida.

Mesmo que naquela tarde eles devessem sair de barco (um passeio que o enchia

de medo).

Sentiu-se paranoico o dia todo. A primeira coisa que fez de manhã foi

apagar todas as fotos que tinha de Ida. Observou-a dormindo enquanto ligava o

laptop. O cabelo dela estava frisado, seus lábios quentes. Esperava que ela

estivesse dormindo bem. Não queria que acordasse de novo agarrando-lhe os

tornozelos como se tentasse espantar um pesadelo.

Todas as fotos que ele havia tirado dela eram de seus pés. Não eram Ida. Foi

por isso que as apagou.

A luz não conduzia a verdade como ele pensara outrora. Não havia nada

que se pudesse fazer para preservar a verdade. A luz era útil apenas como uma

metáfora do momento intangível. Até que houvesse um tipo de câmera que

pudesse colocá-lo de volta inteiramente num momento do seu passado, fotos

como aquelas não serviam para nada. Primeiro, sentiu um arrepio ao apagá-las.

Sem elas, tinha apenas o corpo dela, cabelos, vidro. A realidade era libertadora.

Apenas agora, cercado pelo ar familiar repleto de pólen, lidando com os pedidos

monótonos dos clientes, ele começava a duvidar de sua visão.

O sino tocou com a porta se abrindo. Uma lufada de vento estremeceu as

tulipas. Midas se lembrou de Ida ao entrar na loja não havia muito tempo, com

uma bengalinha fina de apoio. Dessa vez era Gustav, o que significava que seu

turno acabara.

Gustav pareceu espantado. "O que há com você?"

Midas, em seu lugar, estava tremendo. "Vou ao mar. Num barco com a

Ida", disse.

"Essa menina fez mesmo maravilhas por você. Nunca em um milhão de

anos pensei que veria o dia em que você entraria num barco. Era mais provável

que entrasse numa espaçonave."

Midas, vestindo a jaqueta enquanto ia para a porta, riu com uma mistura de

alegria e terror e foi porta afora para a sua casa.

Gustav balançou a cabeça e assumiu o lugar no balcão, desembulhando um

sanduíche de salsicha com molho barbecue e o jornal do dia. Lera o jornal página

por página e estava na seção de esportes quando bateram à porta e uma mulher

numa elegante capa de chuva preta entrou timidamente. Tinha um longo cabelo

escuro e não usava nenhuma maquiagem para cobrir as bolsas sob os olhos.

"Estou procurando Ida Maclaird", ela disse com urgência. "Sabe onde posso

encontrá-la?"

★

Emiliana Stallows passara os últimos dias no continente. Depois de deixar

Enghem, ela telefonou para um hotel à beira-mar em Glamsgallow para reservar

uma noite, mas mudou de ideia no momento em que nele deu entrada. Ficou

parada por um minuto ou dois na recepção do confortável saguão, ignorando as

perguntas da recepcionista, incapaz de pensar em ninguém mais senão em Ida

Maclaird. Então pediu o cartão de crédito de volta, pegou a bolsa e foi para o

calçadão molhado de chuva do terminal da balsa.

Não aproveitara a viagem. A balsa havia balançado tanto que, olhando pela

janela, o mar negro parecia perpendicular ao vidro. O que salvou foi o

sentimento de propósito que a jornada lhe deu. O tempo todo ela segurava,

firme em seu pulso, o endereço amarrotado da família de Saffron Jeuck.

Foi difícil encontrar a casa, uma propriedade residencial numa cidade recém-

construída de ruas estreitas e moradias comprimidas em fileiras ordenadas de

tijolos aparentes. Houve um momento desconfortável em que o sr. Jeuck

atendeu à porta, o primeiro dessa tarde inteiramente desconfortável para ela.

Emiliana sabia que Saffron se matara por causa do vidro. Isso sempre

parecera um fim suficientemente assustador para a história, e entrar nos detalhes

dos atos finais da garota era cruel. Apenas agora Emiliana fora tomada pela

esperança de que algo pudesse ser aprendido com a história toda. Algo em favor

de Ida.

Deixando a casa dos Jeuck, tendo ouvido o oposto do que esperava, ela caiu

em prantos. Nas últimas horas de sua vida, Saffron gritou por seu pai e ele

correu para se sentar com o corpo dela encostado no dele. Juntos, assistiram a

uma inesperada fase final na transformação do vidro. Nos dias anteriores,

Saffron tinha se queixado de fraqueza, como se seu corpo estivesse numa longa

batalha à qual agora se rendia por simples exaustão. Quando a pele se entregou,

o vidro tomou uma velocidade inesperada. Pouco antes, pai e filha haviam

discutido o que fariam nessas circunstâncias, mas as mãos do sr. Jeuck tremiam

demais para abrir a tampa do frasco de pílulas brancas. Saffron teve de abri-lo ela

mesma, colocar as pílulas na língua e engoli-las a seco.

"Você tem de me contar onde Ida está", insistiu Emiliana, debruçando-se no

balcão da floricultura. "E urgente. Ou Midas. Posso falar com Midas?"

"Calma aí", disse Gustav calmamente. "Eles acabaram de sair de barco para

o mar. Podem estar em qualquer lugar, desde que seja no oceano."

Ela bateu no balcão. "É que...", disse desesperada, "ela está muito mal. E

trago notícias terríveis de que ela precisa saber..."

"Não há como contar. E, mesmo se houvesse, tem certeza de que ela ia

querer ouvir?"

★

Os penhascos dali haviam sido abertos recentemente, deixando cavernas onde

blocos de pedra caíram na praia. Duas rochas dilapidadas mergulharam na água,

uma das quais quebrada em duas, tendo um barco baleeiro com o casco furado

ao seu lado. Camadas do seu casco jaziam recortadas pela água acima do mastro

partido.

Ida reclinava-se num bote e via Midas andar por todo o cais intacto, as

tábuas rangendo a cada passo. Ela o observava admirada. As neuroses dele ainda

estavam lá, só que agora ele iria desafiá-las. Só precisava se esquentar. Ele

grunhiu, abaixou-se para encarar o barco e abaixou-se de novo, assustado por ter

de cruzar a água. Ela estendeu a mão. Ele respirou tão fundo que ela jurou ver o

ar entortando para entrar nele. Então Midas saltou e o barco estremeceu quando

ele mergulhou com estrondo. Agarrou-se à madeira com as unhas, como um

gato encharcado, sem perceber que era com isso que lutava, com o fato de não

confiar o suficiente na água para deixá-la manter o barco na superfície. Só

quando a embarcação começou a flutuar pacificamente, como uma folha de

papel numa bacia, ele experimentou tirar as mãos da lateral.

Depois disso, sentou-se em silêncio com os joelhos no peito enquanto Ida

remava. Ela receara não conseguir se segurar sem as pernas, mas o vidro a

ancorava e deu-lhe um centro de equilíbrio. Eles seguiram para o mar. A praia se

tornou uma risca de giz num muro de pedra.

O leito arenoso parecia derreter-se na água e o arco claro transformar-se em

profundidades turvas conforme eles remavam para mais longe. Uma fina neblina

oceânica nublava o horizonte numa atmosfera branca com cheiro de sal.

Ida estava satisfeita só de olhar para Midas, enquanto ele, tolamente

agradecido, respondia do mesmo modo. Ela suspeitou que as irmandades de

monges nas abadias soturnas sentiam a mesma ligação elétrica no ar.

Para usar uma analogia de seu pai, que Carl repetira para ele num dia recente

quando a neve os havia levado para dentro de seu chalé: ainda há vestimentas a

ser despidas. Ela sorriu com a ideia de ter deixado Midas pelo menos de meias e

cueca. Havia mais camadas numa pessoa do que a analogia das vestes e capas

poderia sustentar, e ela suspeitou que, enquanto se tiram as outras camadas,

novas são costuradas em seu interior.

Manchas de espuma se formavam nos remos, flutuando atrás do barco

como um vestido de noiva. Ela se perguntava se teria se casado com ele, e isso a

surpreendeu tanto, que ter tal ideia quase a jogou fora do barco. Ida nunca

pensara em casamento dessa forma antes, nunca se sentira confortável

imaginando-se num vestido com uma chuva lá fora e um noivo oferecendo uma

aliança.

"O que há de errado?", perguntou Midas.

"Nada."

Não poderia ser daquele jeito, claro, já que ela nunca ficaria de pé num altar

sentindo o sangue bombear em seus dedinhos. Mas fingir que as coisas estavam

apenas começando a fazia sentir-se pra-zerosamente leve.

"O que foi?", ele sussurrou.

"Nada." Ela segurou a lateral do barco. "Só estou um pouco mareada. Só

isso."

"Você me disse que nunca sentiu enjoo do mar na sua vida."

Ela esfregou os olhos. "Acho que há uma primeira vez para tudo."

Na verdade, suas coxas doíam com um novo tipo de anestesia latente. Não

podia sentir nada nas pernas, mas desconfiava que havia algo lá, algo se

formando. Balançou a cabeça e olhou o mar buscando distração. Viu algo

imediatamente.

Na água, corpos enormes e elegantes se moviam. Um bando de baleias.

Engraçado, ela pensou, quão invisíveis essas criaturas poderiam se tornar apenas

sob um pouco de água. Lembrou-se de ter mergulhado certa vez entre uma

baleia jubarte mãe e seu filhote. Em águas azuis equatorianas.

Os corpos das baleias ficavam mais definidos quando elas nadavam rente à

superfície da água.

"Obrigada", ela disse, "por vir comigo."

Ele a estava observando ansiosamente.

Não muito longe, uma ponta espiralada partiu a água e se ergueu como uma

lança. Outra perfurou a superfície e acenou ao lado dessa. Os dois dentes se

tocavam cegamente.

"Não tenha medo", ela disse.

"Não tenho. Bem... um pouco."

Os dentes foram seguidos de cabeças ásperas com olhos viajantes, infantis.

Corpos de baleia abriam o mar como se fosse papel de embrulho. Elas surgiam à

superfície enroladas como cracas, sua massa manchada de *flashes* de preto e

branco como obsidiana e quartzo. Desafiavam o peso da água por alguns

momentos antes de, emburradas, afundar novamente no mar, desaparecendo em

crateras do oceano, deixando apenas um jorro de respiração pendurado no ar

frio.

Então, caudas varreram a água. Bolhas subiram à superfície.

Midas estava absorto. Ocorria-lhe que nunca pensara no mar desse modo

quando estava na terra. Era outro planeta.

O último e maior rabo de baleia acenou e estendeu sua forma de coração

contra o céu antes de afundar. O grupo estava mergulhando mais fundo,

desaparecendo aonde a luz não podia chegar.

Midas se voltou novamente para Ida com um sorriso aterrorizado.

Ela estava inclinada numa lateral do barco, fazendo-o balançar mais perto da

água. Ele se adiantou e pegou os remos que ela deixara descansando.

"Estou bem", ela murmurou, contra as evidências.

"Apenas... ahn... tente respirar. Respire calmamente. Isso vai passar."

Ela descansou a testa na madeira. Correu as mãos nas coxas e apertou os

joelhos.

"Devemos voltar para terra", ele disse.

Tentou remar como ela tinha feito. O barco girava. Os remos batiam inutilmente e jogavam pingos de água no ar.

"Pare", ela implorou.

Ela levantou a saia. Meia polegada de um vidro perfeito lhe cobria as coxas.

Por baixo, camadas de músculos feridos lutavam. Ele soltou os remos, que

ficaram nas anilhas.

Ela apertou Midas tão forte que seus dedos perfuraram a pele dele. Juntos,

olharam mudos para os joelhos dela. As articulações estavam travadas.

Ida abriu o casaco e tirou a malha. A superfície de sua barriga ia perdendo

os detalhes de manchas e folículos à medida que eles olhavam. A pele estava se

contraindo, deixando uma tela lisa no lugar. Ligamentos roxos desapareciam

como manchas espalhadas por um pincel. A luz atingia seu umbigo de vidro.

Iluminava a silhueta da massa de seus intestinos que se movia por trás de

camadas de gordura que endureciam.

"Vamos para a praia", gritou Midas, buscando os remos.

Ida pôs as mãos nos braços dele e os segurou firme. Quando ele entendeu a

mensagem, ela se aproximou com cuidado de seu pescoço e da face. Beijaram-se,

com os olhos um no outro. Midas sentiu que os cotovelos e braços dela

endureciam. O abraço afrouxou. As costelas dela nas mãos dele ficavam mais

frias.

Sua pele macia ficou inerte. Ele passou as mãos no seu cabelo. Segurou seu

rosto.

Os lábios dela trilhavam os de Midas. Sua língua contou os dentes dele. Seu

cílios derramaram lágrimas no rosto dele.

A força de seus braços se desfez. Seus lábios desapareciam. Encostou a

cabeça na dele. As lentes de seus olhos se solidificaram.

Os pontos pretos das pupilas se tornaram pontinhos minúsculos, fechados

como cadeados; foram-se. Por um momento, a cabeça dela virou uma rosa

congelada, e ficou vazia.

Midas começou a tremer e gritou: "Socorro!". Era só o que podia fazer.

Ainda estava preso no abraço de Ida. Quando tirou a mão dos cachos dela,

incapaz de olhá-la no rosto, ele ouviu um ruído de cacos. Fibras do que era o

cabelo de Ida prendiam-se aos dedos de Midas e lhe cortavam a pele. Os braços

dela ainda se agarravam a seu ombro. Ele teria de se contorcer para afastá-la.

★

Escondido num círculo apertado de neblina do mar, ele perdeu a conta de

quanto tempo estava passando, apesar de cada momento parecer longo e

doloroso, com cada respiração sendo como o levantar de um grande peso. A

neblina ficou mais cinzenta e escura. Ele não tomava conhecimento disso. Só

percebia os movimentos de seu corpo em contraste com a imobilidade dela. Seu

estômago roncava e ele o odiava por isso. Seu olhar permaneceu abaixado para o

colo, e apenas depois do que deveriam ser horas ele conseguiu reunir a coragem

requerida para olhar Ida novamente.

O rosto de vidro da garota, transfixado num beijo, era uma máscara sobre o

nada. Ele se aproximou, sentindo o barco balançar e a água bater embaixo. Podia

ver através dos olhos vazios dela no vidro sólido. "Para onde você foi?",

perguntou, avançando com desespero e tocando-lhe novamente a superfície

laminada do rosto. Nesse bloco frio de sílica estiveram os pensamentos e

vontades de uma pessoa. Uma vontade que Midas sentira convocar a sua própria

contra a inércia e torná-lo mais forte do que jamais fora. Não podia entender isso

agora. A força não estava no corpo dela... a não ser que os ligamentos de

pensamento e sentimento que fazem uma pessoa sejam mantidos em outro lugar,

mais profundo, no coração ou no estômago, como ele já havia sentido tantas

vezes.

Ele pegou a barra da malha dela e a levantou, expondo a cintura de vidro. O

azul do top que ela usava era aparente nas suas costas e na barriga transparente.

Sua barriga estava vazia como a cabeça.

Ele soltou a malha e esfregou os olhos. Lágrimas, transparentes como Ida,

escorriam por seus dedos.

As mãos dela ainda estavam erguidas para segurar os ombros dele num

abraço. Sentindo-se pesado, ele se ajoelhou na frente de Ida e se contorceu para

o abraço dela, readentrando o círculo de seus braços para descansar a cabeça na

cabeça dela.

Permaneceu assim, chorando tristemente em sintonia com as ondas, até que

viu um brilho amarelo através da neblina.

Relutante, soltou-se de Ida para espiar pela água. Um barco cor de laranja

rumava em sua direção. Um laranja de salva-vidas.

Ele olhou novamente para os traços brilhantes e anteviu um futuro de

interrogações. O exame e contraexame do corpo de Ida. Relatos em jornais,

fotos na televisão. A garota de vidro de St. Hauda's Land.

Seu casaco estava sobre ela como um pano cobrindo um móvel antigo. O

raio de luz do barco salva-vidas atravessava a cabeça dela e encontrava

impurezas, pontos de descoloração coagulados no vidro. Ele se inclinou para

beijá-la nos lábios uma última vez, mas se afastou do toque duro e frio dos seus

lábios. A boca de Ida pareceu úmida por um momento, mas tinha sido um

truque da luz. Sua cabeça sem cabelo não tinha profundidade, era apenas a

superfície raspada de um bloco de vidro. Ela não era mais Ida, ele percebeu. O

que tornava o que ele tinha de fazer, com o barco salva-vidas se aproximando,

muito mais suportável. Suportável o bastante para permitir-lhe pôr as mãos

fracas nos ombros dela e empurrá-la com toda a força. Ela balançou, virou-se e

atingiu a água com estrondo. O ato fez o barco balançar precariamente, e a

madeira escorregadia oscilou sob os seus pés. Midas estava cambaleando atrás

dela.

O mar passou por cima dele e a água gelada substituiu o ar. Havia uma

eternidade líquida embaixo, na qual ela afundava. Uma bolha presa na cavidade

de sua boca (uma boca quente e macia que ele havia beijado) escapou como

mimetismo de uma respiração derradeira. Ele deixou um rugido involuntário

escapar, que atraiu água salgada direto para a boca. A correnteza virou-o de

costas embaixo da água e ele fez a trilha de sua própria respiração final seguindo

a dela em direção à luz derretida da superfície. Tentou virar-se e nadar até ela

enquanto ela afundava, seu corpo claro e as roupas ondulantes desaparecendo.

Mas nadar era impossível, fosse para cima ou para baixo. Apenas conseguiu

virar-se e afundar na velocidade da gravidade, com uma estranha calma se

apoderando dele. Sua visão se duplicou, quadruplicou. O mar era uma centena de

círculos brilhantes.

Sentia uma terrível falta dela.

Então ele estava voltando-se para cima ou para baixo, não tinha ideia. Tudo

o que sabia era que estava sendo arrancado para longe dela, e isso o fez gritar

(mas não havia ar) e o fez chorar (mas as lágrimas não se formavam debaixo da

água.)

Houve uma explosão de luz e cacofonia. Suas costas acertaram uma

superfície dura. Seu corpo teve um espasmo e ele pensou que estava sendo

eletrocutado. Lábios ásperos estavam nos dele, quentes e com gosto de suor,

forçando o ar em cada alvéolo como um alfinete. Tentou afastá-los, mas não

tinha força. Quando terminaram, ele se virou para um lado e ficou chorando,

vendo suas lágrimas que escorriam para o convés e se misturavam com a

umidade de lá.

Permaneceu nesse estado por algum tempo, com cobertores sobre o corpo

e o cabelo caído congelado sobre o rosto. Ele sentia o golfo que se abria entre

Ida Maclaird e Midas Crook. A batida de cada onda no casco do salva-vidas

soava como o apocalipse. Acabou distinguindo vozes entre os sons opressores

do mar e das gaivotas. Podia sentir uma mão em seu ombro e uma voz familiar.

Midas levantou o olhar.

Gustav estava vermelho de preocupação. "Agente firme, amigo. Você vai

ficar bem."

Atrás dele, alguns guardas costeiros observavam com preocupação profissional. A mão de Gustav estava presa ao ombro de Midas. Depois de um

tempo, o toque inerte fez Midas se levantar, passar os braços em volta do

pescoço de Gustav e segurar-se frouxamente. Os braços largos de Gustav se

fecharam ao redor dele e o apertaram. Midas enterrou o rosto na pele quente e

vermelha do pescoço de seu amigo e chorou. O ruído desapareceu na expansão

do oceano.



{40}

uma manhã cheia de vento, pouco depois, Henry Fuwa atendeu à porta em que Midas batia.

N A cabana de Henry tinha cheiro de mofo. Um arrepio úmido no

ar fez Midas cruzar bem os braços (ele ainda podia sentir a pegada petrificada de

Ida: tinha cinco ferimentos da marca dos dedos em cada ombro).

Henry voltou com um pote de chá verde e duas xícaras de porcelana sem

alça. Beberam cuidadosamente, sem olhar um para o outro.

"Você a amava?", perguntou Henry, com voz baixa.

Quando Midas falou, percebeu que as palavras vinham de dentro, talvez de

alguma aliança de órgãos que não tinham nome. "Nunca achei que fosse amar

alguém. Mas, sim, eu a amava."

Henry assentiu. Havia honestidade entre eles depois da suspeita que marcara

alguns dos encontros anteriores, trazida do conhecimento de que o que

aconteceria nunca poderia ser discutido com mais ninguém além deles mesmos, e

que, a partir de agora, nunca suportariam encontrar-se para discutir isso

novamente.

O vento esfriou as paredes da cabana. Midas fechou os olhos.

"Quero dizer

que sempre esperei que as coisas funcionassem para você. Com relação a minha

mãe e a tudo o mais. E quero dizer que estou indo."

"Indo agora?"

"Indo embora de St. Hauda's Land."

"Ah. Para onde?"

"Ainda não sei ao certo. Mas já fiz as malas."

Tocaram suas xícaras. As mãos de Midas doíam no lugar em que o cabelo de

Ida as cortara. Os ferimentos estavam deixando leves cicatrizes, como a textura

de uma casca de árvore.

A perna da cadeira raspou no chão quando ele se levantou. Ele estendeu a

mão. Cumprimentaram-se rapidamente. Midas saiu andando no solo do pântano

coberto por uma neve fina.

{

{41}

eses depois, o mar turquesa carregava um barco rangente e Midas Crook para longe de seu arquipélago familiar, longe das terras

M arenas cujas oliveiras e vilas barulhentas se aqueciam todo verão

num calor que dava à pele de Midas um tom mais vivo e a seu cabelo preto um

marrom profundo.

Ele estava usando vermelho pela primeira vez, segundo se lembrava. A cor

feroz o ofuscava quando olhava o próprio corpo. Todo de vermelho, com um

macacão de mergulho que exagerava a ossatura de seus joelhos.

Peixes-voadores saltavam da água, com as barbatanas batendo como asas de

borboleta antes de submergir novamente. Um cardume inteiro pulou para fora e

mergulhou sob aplausos.

O instrutor bateu em suas costas. "Está pronto?"

Midas assentiu e colocou sua apertada máscara plástica. Enfiou o tubo de

oxigênio nos lábios.

Mergulharam. Ele ainda não podia superar o medo, não apenas do mundo

fluido ao seu redor, mas dos fluidos em sua mente, que borbulhavam para se

ajustar à pressão. A água azul era um lar de peixes brilhantes cortando entre

torres de coral. Ele nadou para mais longe, chutando com as pernas no ritmo

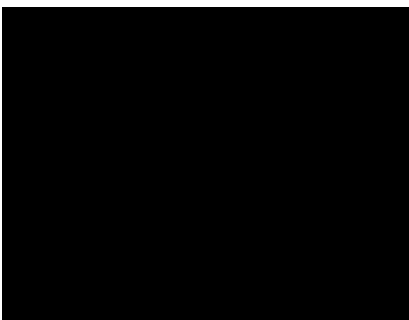
que lhe haviam ensinado, constantemente se esquecendo de que não precisava

segurar o fôlego. Logo, no fundo, deslizando num leito enriquecido por conchas

e anêmonas ondulantes, ele criou coragem de nadar um pouco mais distante de

seu instrutor do que fizera no dia anterior.

Este era seu plano: nadar mais e mais longe a cada dia, até que pudesse



mergulhar sozinho em segurança.

Até que pudesse mergulhar em oceanos mais nublados. Em cantos
mais

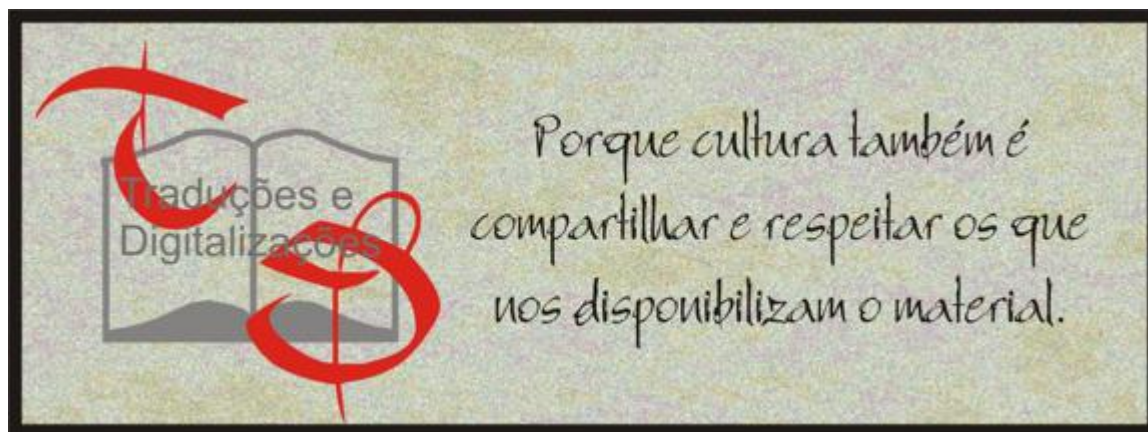
pálidos, mais imóveis do mundo.

{



} {Fim}

{





Esta obra foi digitalizada/traduzida pela Comunidade Traduções e Digitalizações para proporcionar,

de maneira totalmente gratuita, o benefício da leitura àqueles que não podem pagar, ou ler em

outras línguas. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca é totalmente

condenável em qualquer circunstância.

Você pode ter em seus arquivos pessoais, mas pedimos **por favor que não hospede o livro em**

nenhum outro lugar. Caso queira ter o livro sendo disponibilizado em arquivo público, pedimos

que entre em contato com a Equipe Responsável da Comunidade – tradu.digital@gmail.com

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará

incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Traduções e Digitalizações

Orkut - <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Blog – <http://tradudigital.blogspot.com/>

Fórum - <http://tradudigital.forumeiros.com/portal.htm>

Twitter - http://twitter.com/tradu_digital

Skoob - <http://www.skoob.com.br/usuario/mostrar/83127>